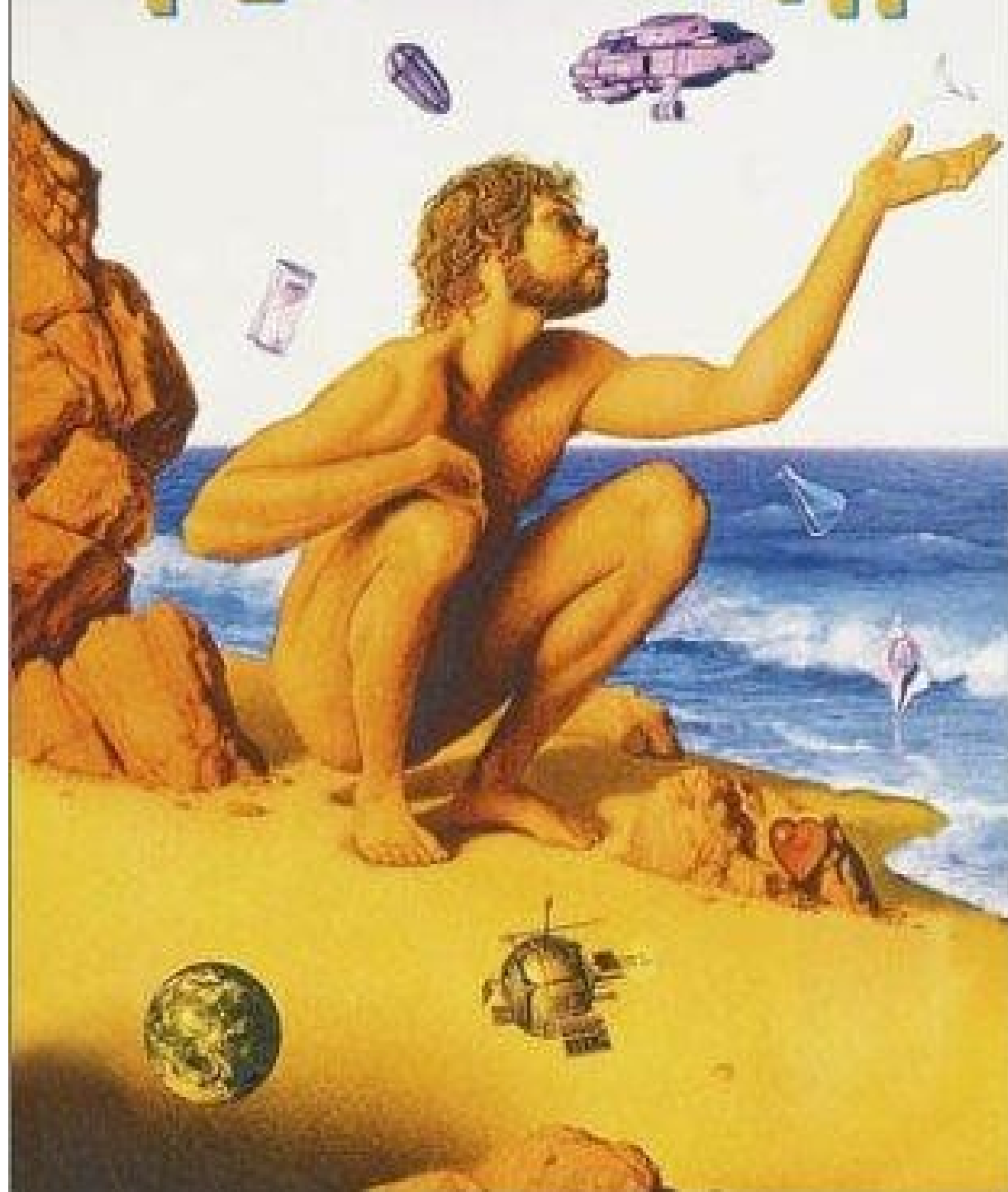


ARTHUR C. CLARKE

TALES FROM PLANETEARTH





Tales from the Planet Earth

© 1990 By **Arthur C. Clarke**

Ilustrador Michael Whelan

Cover artist Michael Whelan

Origem United States

Gênero Ficção Científica - Contos Curtos

Editora Bantam Books

Publicação 1990

Contos:

- *The Road to the Sea*, 1950. *Year's Best SF Novels* 1952.
- *Hate*, 1961. *Tales from Planet Earth*.
- *Publicity Campaign*, 1956. *The Other Side of the Sky*.
- *The Other Tiger*, 1953. *Portals of Tomorrow*.
- *The Deep Range*, 1958. *Star Science Fiction Stories* No. 3.
- *...If I forget Thee, Oh, Earth...*, 1953. *Future Combined with Science Fiction Stories*, September 1951.
- *The Cruel Sky*, 1962. *The Wind from the Sun*.
- *The Parasite*, 1953. *Avon Science Fiction and Fantasy Reader*, April 1953.
- *The Next Tenants*, 1957. *Tales from the White Hart*
- *Saturn Rising*, 1961. *The Magazine of Fantasy and Science Fiction*, March 1961.
- *The Man Who Ploughed the Sea*, 1957. *Tales from the White Hart*.
- *The Wall of Darkness*, 1949. *Super Science Stories*, July 1949.
- *The Lion of Comarre*, 1968. *Thrilling Wonder Stories*, August 1949.
- *On Golden Sea*, 1987. *Omni*.

PRÓLOGO

Arthur Charles Clarke (n.1917), de todos os escritores de Ficção Científica, ele é o que eu mais gosto.

Claro que ele o negaria acaloradamente. Observaria – acertadamente – que é dois anos mais velho que eu, que é muito mais calvo que eu e que é muito menos bonito que eu. Mas que importância tem isto? Não é uma desgraça ser velho, calvo e feio.

Somos parecidos, porque Arthur tem, como eu, uma educação científica completa e a emprega para escrever o que chama de “Ficção Científica Hard”. Seu estilo também é um pouco parecido ao meu e frequentemente nos confundem. Ou ao menos, confundem nossas obras.

O primeiro livro de Ficção Científica que minha querida esposa Janet leu, foi “O Fim da Infância”, de Arthur. O segundo foi o meu “Fundação e Império”. Incapaz de recordar com clareza quem era quem, acabou casando-se comigo, quando eu acreditava que ela ia atrás de Arthur.

Mas aqui está uma coleção de contos de ficção científica de Arthur, uma ficção científica que tem muito a ver com a ciência, extrapolada de modo inteligente. Vocês gostarão muito.

Devo dizer algo mais sobre Arthur. Nos conhecemos a uns quarenta anos e, durante todo esse tempo, nunca deixamos de nos lançar insultos carinhosos. (Isto também acontece com Harlan Ellison e com Lester del Rey). É uma forma de vínculo masculino. Temo que as mulheres não o compreendam.

Quando dois cavalheiros da classe baixa se conhecem (dois vaqueiros, dois caminhoneiros, etc) o mais provável é que um deles dê uma palmada no ombro do outro e lhe diga: Como estás, filho da puta? Isto equivale aproximadamente a: Estou muito contente de te ver. Como vais?

Bem, Arthur e eu fazemos o mesmo, mas é claro que em um inglês formal no qual tentamos introduzir uma centelha de gênio. Por exemplo: no ano passado caiu um avião em Iowa; aproximadamente metade dos passageiros morreu e a outra metade se salvou. Um dos sobreviventes permaneceu tranquilo lendo uma novela de Arthur C. Clarke. Isto foi comentado em um artigo jornalístico.

Como de costume, Arthur mandou imediatamente tirar cinco milhões de cópias do artigo e as enviou a todas as pessoas a quem conhecia ou de quem tinha ouvido falar. Eu recebi uma delas, com uma nota de pé de página de sua autoria, que dizia: “Pena que ele não estivesse lendo uma das tuas novelas. Ele teria dormido durante todo o terrível acidente”.

Na volta do correio, enviei a Arthur uma carta em que lhe dizia: “Ao contrário. A razão porque ele estava lendo tua novela era porque, caso o avião caísse, a morte seria uma bendita libertação”.

Dei a conhecer este intercâmbio de carinhosos comentários na Convenção Mundial de Ficção Científica celebrada em Boston durante o fim de semana do Dia do Trabalho, em 1989. Uma mulher que informava sobre a convenção escutou o relato com visível desagrado. Não a conheço, mas imagino que ela é destituída quimicamente de todo sentido do humor e que não sabe nada sobre as relações entre amigos. Em todo caso, minha observação a tirou do anonimato e ela escreveu sobre o fato, em tom de censura, na Locus.

É claro, não estou disposto a que qualquer boba se interponha nos carinhosos intercâmbios que possamos sustentar Arthur e eu, portanto, encerro o assunto. E agora começo eu:

Escrevo esta introdução gratuitamente e porque gosto de Arthur. Claro, a ele nunca ocorreria corresponder este favor, porque economiza até o último centavo e não tem a minha excelente capacidade de colocar a arte e a benevolência acima do vil metal.

Finalizando, espero com certo temor a resposta de Arthur.

*Isaac Asimov
Nova York*

Me encantou ler a introdução de Isaac para "Contos do Planeta Terra". Como ele mesmo disse, sou o escritor que mais se parece com ele. Repetindo uma observação que eu fiz há pouco, nós dois somos quase tão bons como acreditamos.

Uma pequena correção: não enviei cinco milhões de cópias do artigo do Time, como disse Isaac. Só enviei uma... ao próprio Isaac, sabendo muito bem que ele daria a conhecer a notícia ao resto do mundo.

Por último, esta é minha resposta ao seu desafio final, em termos que lhe produzirão um certo temor: Me ofereço a escrever o prólogo do seu próximo livro.

*Arthur C. Clarke
Colombo, Sri Lanka*

O Caminho do Mar.

(The Road to the Sea, 1950. Year's Best SF Novels 1952.)

Repassando meus arquivos, descubro que terminei O Caminho do Mar há mais de quarenta anos. Pouco mais preciso dizer sobre ele, exceto que antecipa ou resume todos o "A Cidade e as Estrelas" e em "Canções da Terra Distante".

Uma questão menor: É engraçado ver que eu predisse não só a invenção dos músicos ultra-transportáveis, mas também que se transforma rapidamente em tal ameaça pública, que deveriam proibi-los. A segunda parte desta profecia infelizmente não foi cumprida ainda.

Caíam as primeiras folhas de outono quando Durven se encontrou com seu irmão no promontório junto à Esfinge Dourada. Deixando o voador entre os arbustos, à borda do caminho, subiu ao topo da colina e olhou o mar. Um vento amargo soprava nos páramos, ameaçando com gelados temporais, mas abaixo, no vale, *Shastar a Formosa* permanecia morna e protegida na meia luz de suas colinas. Seus desertos moles sonhavam na pálida e minguada luz solar, enquanto o azul profundo do mar lhe lambia brandamente os flancos de mármore. Ao olhar uma vez mais as ruas e jardins obsessivamente familiares de sua juventude, Durven sentiu que sua resolução se debilitava. Alegrava-lhe encontrar-se ali com Hannar, a um quilômetro da cidade, e não entre as paisagens e sons que lhe recordariam sua juventude.

Hannar era uma diminuta mancha na costa, subindo com sua habitual lentidão. Durven poderia tê-lo alcançado em um momento com o voador, mas sabia que esse gesto não seria bem-vindo. Assim esperou a sotavento da grande Esfinge, às vezes caminhando rapidamente de um lado para outro, para manter-se quente. Em uma ou duas ocasiões foi à cabeça do monstro e olhou para o rosto erguido pensativamente sobre a cidade e o mar. Recordou como, quando menino nos jardins do Shastar, tinha visto a forma escondida sobre a linha do horizonte, e se tinha perguntado se estava viva.

Hannar não parecia mais velho que no último encontro, vinte anos antes. Seu cabelo ainda era escuro e seu rosto não tinha rugas, pois poucas coisas alteravam a tranquila vida do Shastar e de seu povo. Parecia amargamente injusto e Durven, grisalho por causa dos anos de trabalho infatigável, sentiu um rápido espasmo de inveja.

Saudaram-se breve, mas afetosamente. Logo Hannar caminhou para a nave, instalada em seu leito de urzes. Golpeou o curvo metal com força e se voltou para Durven.

- É muito pequeno. Fez toda a viagem nisso?

- Não; só da Lua. Vim do Projeto em um voo regular; a nave era cem vezes maior que esta.

- E onde está o Projeto... ou não quer que saibamos?

- Não é um segredo. Estamos construindo as naves no espaço, além de Saturno, onde a inclinação gravitacional do Sol é quase plana e se necessita pouco impulso para enviá-las para fora do Sistema Solar.

Hannar assinalou com o braço as águas azuis, os mármore coloridos das torrezinhas, e as amplas ruas de trânsito lento.

- Longe de tudo isto, para a escuridão e a solidão? Em busca do que?

Os lábios de Durven se apertaram em uma linha fina e decidida.

- Recorda - disse tranquilamente - que já passei toda uma vida fora da Terra.

- E isso te deu felicidade? - continuou Hannar sem piedade.

Durven não falou durante um momento.

- Deu-me mais - respondeu finalmente. - Utilizei meus poderes ao máximo e saboreei triunfos que nunca poderá imaginar. O dia que a Primeira Expedição retornou ao Sistema Solar valeu toda uma vida no Shastar.

- Acredita - perguntou Hannar - que construirão cidades mais formosas que esta debaixo desses sóis estranhos, quando tiverem deixado nosso mundo para sempre?

- Se sentirmos a necessidade, sim. Se não, construiremos outras coisas. Mas devemos construir. E o que criou seu povo nos últimos cem anos?

- Não pense que porque não tenhamos construído máquinas, porque tenhamos dado as costas às estrelas, nos conformando com nosso próprio mundo, tenhamos estado ociosos. Aqui no Shastar desenvolvemos uma forma de vida que não acredito que tenha sido superada jamais. Estudamos a arte de viver; a nossa é a primeira aristocracia sem escravos. Esse é nosso lucro, pelo qual a história nos julgará.

- Lhe concedo isso - replicou Durven - mas nunca esqueça que seu paraíso foi construído por cientistas que tiveram que lutar como nós fizemos para converter seus sonhos em realidade.

- Nem sempre triunfaram. Os planetas os derrotaram uma vez. Por que devem ser mais hospitaleiros os mundos de outros sóis?

Era uma boa pergunta. Mesmo depois de quinhentos anos a lembrança do primeiro fracasso ainda era amargo. Com quantas esperanças e sonhos se lançou o homem para os planetas, nos últimos anos do século XX, para encontrá-los não só estéreis e mortos, mas também ferozmente hostis! Dos lentos fogos dos mares de lava de Mercúrio às pavorosas geleiras de nitrogênio sólido de Plutão, não havia onde pudesse viver desprotegido fora de seu próprio mundo; e ao seu próprio mundo, logo depois de um século de luta infrutífera, tinham retornado.

Entretanto a visão não tinha morrido por completo; logo depois de abandonar os planetas, alguns ainda ousaram sonhar com as estrelas. Desse sonho nasceu o *Impulso Transcendental*, a Primeira Expedição, e agora o embriagador vinho do êxito longamente adiado.

- Há cinquenta estrelas de tipo solar a dez anos de voo da Terra - respondeu Durven - e quase todas elas têm planetas. Agora acreditam que a posse de planetas é quase tão característica de uma estrela de tipo G como seu espectro, embora não saibamos por que. Assim a busca de mundos como a Terra estava destinada a ter êxito no seu devido tempo; não acredito que tenhamos sido especialmente afortunados ao encontrar tão logo o Éden.

- Éden? É assim que chamaram a seu novo mundo?

- Sim; parecia adequado.

- Os cientistas são uns românticos incuráveis! Possivelmente o nome esteja muito bem eleito; nem toda a vida daquele primeiro Éden foi propícia ao Homem, recorda?

Durven sorriu friamente.

- Também isso depende do ponto de vista - respondeu, assinalando Shastar, onde começavam a brilhar as primeiras luzes. - Se nossos antecessores não houvessem comido da Árvore do Conhecimento, nunca terias isto.

- E o que supõe que acontecerá a isso agora? - perguntou Hannar amargamente. - Quando tiverem aberto o caminho para as estrelas, toda a força e o vigor da raça escaparão da Terra como de uma ferida aberta.

- Não o nego. Aconteceu antes e voltará a acontecer. Shastar seguirá o caminho de Babilônia e Cartago e Nova Iorque. O futuro está construído sobre os escombros do passado. A sabedoria reluta em enfrentar esse fato, não em lutar contra ele. Amei Shastar tanto quanto você; tanto que agora, mesmo sabendo que nunca voltarei a vê-la, não me atrevo a descer uma vez mais a suas ruas. Pergunte-me o que lhe acontecerá e lhe direi isso: O que estamos fazendo agora somente apressará o fim. Faz vinte anos, quando estive aqui pela última vez, senti que o ritual sem objetivo de suas vidas me arruinava a vontade. Logo acontecerá o mesmo em todas as cidades da Terra, pois cada uma delas imita Shastar. Acredito que o Impulso não foi prematuro; possivelmente me acreditaria se tivesse falado com os homens que voltaram das estrelas, e sentiram o sangue agitar-se novamente nas veias, logo depois de todos estes séculos de sonho. Pois seu mundo está morrendo, Hannar; o que tem agora poderá mantê-lo ainda durante séculos, mas no final escorrerá entre seus dedos. O futuro nos pertence; lhe deixaremos seus sonhos. Nós também sonhamos e agora vamos converter nossos sonhos em realidade.

A última luz caía sobre o rosto da Esfinge, enquanto o sol afundava no mar e deixava Shastar na noite, mas não na escuridão. As ruas largas eram rios luminosos que levavam infinidade de manchas animadas; as torres e os pináculos estavam adornados com luzes de cores, e uma débil música soava no vento, enquanto um bote de passeio se fazia lentamente ao mar. Sorrindo, Durven olhou como se afastava do curvo ancoradouro. Fazia quinhentos anos ou mais que o último navio mercante tinha descarregado suas mercadorias, mas enquanto houvesse mar os homens continuariam navegando.

Pouco ficava por dizer; e logo Hannar ficou sozinho sobre a colina, a cara volta para as estrelas. Nunca mais veria seu irmão; o sol, que por umas horas tinha desaparecido de sua vista, logo se desvaneceria para sempre da vista de Durven quando este se afastasse no abismo espacial.

Aprazível, Shastar resplandecia à beira do mar. Para Hannar, cheio de pressentimentos, o fim dessa cidade parecia já iminente. As palavras de Durven eram certas; o êxodo estava a ponto de começar.

Dez mil anos antes, outros exploradores tinham saído das primeiras cidades dos homens para descobrir novas terras. Tinham-nas encontrado e nunca haviam voltado, e o tempo tinha devorado seus lugares desertos. Isso ocorreria com Shastar, a Formosa.

Apoiando-se fortemente, Hannar desceu lentamente pela costa para as luzes da cidade. A Esfinge olhou desapassionadamente como sua figura se desvanecia na distância e a escuridão.

Ainda olhava cinco mil anos depois...

Brant ainda não tinha vinte anos quando expulsaram a seu povo de seus lares e o

levaram para o oeste através de dois moderados e um oceano, cheio de éter com gritos lastimosos de ofendida inocência. O resto do mundo mostrou por eles pouca compaixão, pois só eles eram culpados e não podiam pretender que o Conselho Supremo tivesse atuado duramente. O conselho tinha lhes enviado uma dúzia de avisos preliminares e não menos de quatro ultimatos absolutamente definitivos antes de atuar a contragosto. Então, um dia, uma pequena nave com um grande emissor acústico estacionou repentinamente a quatrocentos metros sobre o povo e começou a emitir vários quilowatts de ruído puro. Logo depois de umas poucas horas os rebeldes capitularam e começaram a empacotar suas coisas. A frota de transporte se apresentou uma semana mais tarde e os tinha levado, protestando ainda, a seus novos lares no outro lado do mundo.

E assim se cumpriu a Lei; a Lei que dispunha que nenhuma comunidade podia permanecer no mesmo lugar por mais de três gerações. A obediência implicava mudança, destruição de tradições, e desarraigamento de antigos e muito amados lares. Esse foi o propósito da Lei quando foi idealizada, quatro mil anos atrás; mas o estancamento que procurava impedir não podia ser detido por muito tempo. Um dia não haveria organização central para fazê-la cumprir e as aldeias disseminadas ficariam onde estavam, até que o tempo as devorasse como tinha feito com as civilizações anteriores, das quais eram herdeiros.

O povo de Chaldis levou três meses inteiros para construir novos lares, eliminar dois quilômetros quadrados de bosques, plantar desnecessários frutos exóticos, trocar o curso de um rio, demolir uma colina que lhes ofendia a sensibilidade estética. Foi um trabalho impressionante, e tudo foi perdoado quando, pouco depois, o Supervisor local fez uma excursão de inspeção. Então Chaldis observou com grande satisfação como os transportes, as máquinas escavadoras, e toda a parafernália de uma civilização móvel e mecanizada foram embora. Apenas se tinha apagado o ruído de sua partida quando, como um só homem, a aldeia descansou uma vez mais na preguiça da qual esperava sinceramente que nada a tirasse durante pelo menos outro século.

Brant tinha desfrutado bastante de toda a aventura. Lamentava, naturalmente, ter perdido o lar que tinha formado sua infância; e agora nunca escalaria a orgulhosa e solitária montanha que tinha vigiado sua aldeia natal. Não havia montanhas nesta terra; somente colinas e vales férteis, onde os bosques se estenderam sem limite durante milênios, pois já não existia a agricultura. Fazia mais calor, também, que no velho país, pois estavam mais perto do Equador e tinham deixado para trás os ferozes ventos do norte. Em quase todos os aspectos a mudança era positiva; mas durante um ano ou dois, o povo do Chaldis sentiria um incômodo halo de martírio.

Estes assuntos políticos não preocupavam Brant nem um pouco. Toda a extensão da história humana, da Idade Média até o futuro desconhecido, era muito menos importante, nesse momento, que o problema de Yradne e seus sentimentos por ele. Perguntou-se o que estaria fazendo Yradne e tratou de idealizar uma desculpa para ir vê-la. Mas isso significaria encontrar os pais dela, que o turvariavam com a cordial simulação do fato que sua visita era simplesmente social.

Decidiu então ir à ferraria, embora só fosse para verificar os movimentos de Jon. Tinha pena do Jon; tinham sido muito bons amigos até fazia pouco tempo. Mas o amor era o pior inimigo da amizade e até que Yradne escolhesse entre ambos, não sairiam de um estado de armada neutralidade.

A aldeia se estendia perto de um quilômetro com perto do vale, as novas casas dispostas em calculada desordem. Algumas pessoas caminhavam por ali sem pressa ou conversavam em pequenos grupos sob as árvores. A Brant pareceu que todos o

seguiram com o olhar e falavam dele enquanto passava. Hipótese que, em realidade, era correta. Em uma comunidade fechada de menos de mil pessoas de grande inteligência, a vida privada era impossível.

A ferraria estava em uma clareira, no extremo da aldeia, onde sua desordem geral causaria o menor dano possível. Estava rodeada de máquinas velhas e meio desarmadas, que o velho Johan não tinha chegado a arrumar. Um dos três voadores da comunidade, as nuas costelas expostas ao sol, estava no mesmo lugar onde o tinham deixado semanas atrás com um pedido de reparação imediata. O Velho Johan o arrumaria algum dia, mas sem pressa.

A larga porta da ferraria estava aberta e do interior brilhantemente iluminado saíam os chiados do metal, enquanto as máquinas inventavam alguma nova forma, seguindo a vontade de seu amo. Brant abriu espaço cuidadosamente entre as atarefadas máquinas e saiu para a relativa tranquilidade do fundo da oficina.

O Velho Johan estava sentado em uma poltrona excessivamente cômoda, fumando um cachimbo e com o aspecto de não ter trabalhado nem um só dia em toda sua vida. Era um pulcro [gentil-N. do Digitaliz.] homenzinho de barba pontuda e só seus olhos inquietos e brilhantes mostravam sinais de animação. Podia-se tomá-lo por um poeta menor, que era o que ele mesmo acreditava, mas nunca pelo ferreiro da aldeia.

- Procura o Jon? - disse o velho entre baforadas. - Anda por aí, fazendo alguma coisa para aquela jovem. Não entendo o que vêem nela, vocês dois.

Brant se ruborizou e estava a ponto de responder quando uma das máquinas começou a fazer um potente ruído. O Velho Johan saiu como um raio do quarto, e durante um minuto se ouviram através da porta uns estranhos estrépitos, e golpes e palavrões. Mas muito em breve o velho estava de volta em sua poltrona, sem dúvida esperando que não o incomodassem por um bom momento.

- Me deixe te dizer algo, Brant - continuou, como se não tivesse havido interrupção alguma. Em vinte anos ela será exatamente igual à sua mãe. Pensou nisso?

Brant não tinha pensado, e titubeou. Mas vinte anos é uma eternidade para a juventude; se podia ter Yradne no presente, que o futuro se arrumasse sozinho. Assim respondeu ao Johan.

- Lá você - disse o ferreiro cordialmente. - Suponho que, se todos nós tivéssemos sido cuidadosos tão longe, o gênero humano teria morrido faz um milhão de anos. Por que não jogam uma partida de xadrez, como gente razoável, para decidir quem a terá primeiro?

- Brant faria armadilhas - respondeu Jon, aparecendo subitamente na entrada e enchendo-a quase completamente.

Era um jovem grande, fornido, em contraste com seu pai, e levava uma folha de papel coberta de desenhos de engenharia. Brant se perguntou que tipo de presente estaria construindo para Yradne.

- O que está fazendo? - perguntou-lhe, com curiosidade que estava longe de ser desinteressada.

- Por que lhe deveria dizer isso? - perguntou Jon de bom humor. - Me dê uma boa razão.

Brant elevou os ombros.

- Estou certo que não é importante; só queria ser cortês.

- Não exagere - disse o ferreiro. - A última vez que foi cortês com o Jon teve um olho negro durante uma semana. Recorda? - voltou-se para seu filho e disse bruscamente: - Vejamos esses desenhos, para que te diga por que não pode fazer-se isso.

O velho examinou os rascunhos criticamente, enquanto atrás dele Jon mostrava crescentes sinais de desassossego. Em seguida, Johan bufou com desaprovação e disse:

- De onde pensa tirar os componentes? Nenhum deles é produzido em série, e a maioria são sub-microscópicos.

Jon olhou para a oficina ao redor, esperançoso.

- Não são muitos - disse. - É um trabalho simples, e me perguntava...

- ... se te deixaria fazer uma confusão com os integradores para tratar de construir as peças. Bom, já veremos. Meu talentoso filho, Brant, trata de provar que tem cérebro além de músculos, construindo um brinquedo que foi obsoleto durante uns cinquenta séculos. Espero que possa fazer algo melhor que isso. Quando eu tinha sua idade...

A voz e as lembranças do velho Johan se perderam no silêncio.

Yradne tinha entrado, deslizando entre o bulício da oficina e os observava da porta com um débil sorriso entre os lábios.

É provável que se Brant e Jon tivessem tido que descrever Yradne, teria parecido que estavam falando de duas pessoas completamente diferentes. Existiriam superficiais pontos de semelhança, é obvio. Ambos teriam concordado em que seu cabelo era castanho, seus olhos grandes e azuis, e sua pele da mais rara cor: um branco quase perolado. Mas para Jon parecia uma criatura frágil, para ser mimada e protegida; enquanto que para Brant, sua confiança em si mesma e sua completa segurança eram tão óbvias que não esperava lhe ser útil alguma vez. Parte dessa diferença na atitude, devia-se aos quinze centímetros de altura e vinte de torso com que se avantajava Jon, mas principalmente nascia de causas psicológicas mais profundas. A pessoa que alguém ama nunca existe: é uma imagem projetada pelas lentes da mente sobre a tela que produz a menor distorção. Brant e Jon tinham ideais muito diferentes e cada um deles acreditava que Yradne os encarnava. Isto a ela não teria surpreendido nem um pouco, pois poucas coisas a surpreendiam.

- Vou ao rio - disse. - Passei para te buscar no caminho, Brant, mas tinha saído.

Esse era um golpe para o Jon, mas ela logo igualou as coisas.

- Pensei que teria saído com Lorayne ou alguma outra garota, mas sabia que encontraria Jon em casa.

Jon pareceu um pouco feliz por essa afirmação tão inexata e gratuita. Enrolou os desenhos e correu para a casa, gritando feliz por cima do ombro:

- Me esperem; não demorarei!

Brant não afastou os olhos do Yradne enquanto se balançava incomodamente de um pé ao outro. Na realidade, ela não tinha convidado ninguém para ir com ela e até que o dissesse explicitamente, se manteria em seu lugar. Mas recordou um antigo refrão que dizia que se dois eram companhia, três eram o oposto.

Jon retornou, resplandecente em uma assombrosa capa verde com explosões diagonais de vermelho nos lados. Só um homem muito jovem podia usar algo assim com êxito, e apenas Jon o conseguia. Brant se perguntou se teria tempo de ir em casa e ficar um pouco mais surpreendente ainda, mas esse seria um risco muito grande. Seria fugir ante o inimigo; a batalha poderia ter terminado antes que ele conseguisse seus reforços.

- Toda uma multidão - falou o velho Johan. - Se importariam se eu os acompanhasse?

Os moços emudeceram, mas Yradne lançou uma risada alegre que tornou difícil o velho sentir antipatia para ela. Johan ficou na porta um momento, sorrindo enquanto eles se afastavam entre as árvores e desciam correndo a encosta coberta de pasto

que levava ao rio. Mas logo seus olhos deixaram de segui-los e se perdeu nos sonhos mais inúteis que possa ter o homem: os sonhos da perda juventude. Logo deu as costas ao sol e já sem sorrir se afundou no atarefado tumulto da oficina.

Agora o sol se elevava para o norte, passando o Equador; os dias logo seriam mais compridos que as noites, e o inverno estava definitivamente em fuga. As incontáveis aldeias do hemisfério se preparavam para receber a primavera. Com a morte das grandes cidades e o retorno aos campos e aos bosques, o homem tinha retornado também a muitos dos antigos costumes, latentes durante mil anos de civilização urbana. Alguns desses costumes tinham sido revividos deliberadamente pelos antropólogos e engenheiros sociais do terceiro milênio, cujo talento tinha preservado tantos modelos de conduta através dos séculos. Assim, recebiam o equinócio da primavera ainda com rituais que, apesar de toda sua sofisticação, tinham parecido menos estranhos ao homem primitivo que ao povo das cidades industriais cuja fumaça tinha manchado uma vez os céus da Terra.

Os preparativos para o Festival da Primavera eram sempre objeto de muita intriga e disputas entre as aldeias vizinhas. Embora significassem a interrupção de toda outra atividade pelo menos durante um mês, qualquer aldeia se sentia muito honrada se fosse escolhida como anfitriã das celebrações. É obvio que não se esperaria que uma comunidade recém-instalada, que ainda estava se recuperando de seu transplante, tomasse semelhante responsabilidade. O povo do Brant, não obstante, tinha idealizado uma forma engenhosa de recuperar o favor e de apagar a mancha de sua recente desonra. Em um raio de cento e cinquenta quilômetros havia outras cinco aldeias, e todas tinham sido convidadas a Chaldis para o Festival.

O convite tinha sido redigido cuidadosamente. Sugeriu delicadamente que, por razões óbvias, Chaldis não podia preparar um cerimonial tão elaborado como queria; isto significava que, se os convidados desejavam realmente divertir-se, seria melhor que fossem a outra parte. Chaldis esperava, como muito, uma só presença, mas a curiosidade dos vizinhos venceu seu sentimento de superioridade moral. Todos aceitaram encantados; e agora Chaldis não podia fugir de sua responsabilidade.

No vale não havia noite e se dormia pouco. Por cima das árvores, muito alta, ardia uma fila de sóis artificiais, com um constante brilho branco azulado, que desterrava às estrelas e à escuridão, desequilibrando a rotina natural de todas as criaturas selvagens quilômetros à volta. Durante dias cada vez mais longos e noites cada vez mais curtas, homens e máquinas lutavam para terminar o grande anfiteatro, necessário para receber umas quatro mil pessoas. Em um sentido, ao menos, eram afortunados: nesse clima não fazia falta teto ou calefação. Na terra que tinham deixado de tão má vontade, a neve cobriria ainda o chão até fins de março.

No grande dia, o estrondo da frota aérea cedo despertou Brant. Desesperou-se, cansado, querendo se deitar de novo, e depois se vestiu. Um chute a um computador escondido e o retângulo de borracha espumosa, dois centímetros sob o nível do piso, foi completamente escondido por uma lâmina plástica que saiu da parede. Não havia lençóis pelos quais preocupar-se, porque o quarto se mantinha automaticamente à temperatura do corpo. Em muitos sentidos, a vida de Brant era mais fácil que a de seus remotos antepassados, graças aos esforços incessantes e quase esquecidos de cinco mil anos de ciência.

A luz que entrava através de uma parede translúcida iluminava brandamente o

quarto, incrivelmente despojado. O único espaço livre no espaço era o que ocultava a cama, e possivelmente teria que limpá-lo outra vez ao anoitecer. Brant era um grande entesourador, e odiava jogar alguma coisa fora, característica bastante incomum em um mundo onde poucas coisas tinham valor, pois podiam ser fabricadas facilmente. Mas os objetos que Brant juntava não eram os que os integradores costumavam criar. Em um canto havia um pequeno tronco de árvore, apoiado contra a parede, parcialmente esculpido em forma vagamente antropomórfica. Espalhados no chão se viam grandes pedaços de arenito e mármore esperando o momento em que Brant decidisse trabalhá-los. As paredes estavam completamente cobertas de pinturas, a maioria abstratas. Necessitava-se pouca inteligência para deduzir que Brant era um artista; mas não era tão fácil decidir se era um artista bom.

Caminhou entre os escombros e foi procurar comida. Não havia cozinha; alguns historiadores sustentavam que tinha sobrevivido até 2500 d. C., mas muito antes a maioria das famílias fazia suas próprias comidas tão frequentemente como suas roupas. Brant entrou na sala principal e se aproximou de uma caixa metálica colocada na parede à altura do peito. No centro havia algo familiar a qualquer ser humano dos últimos cinco séculos: um dial de dez números. Brant clicou um número de quatro cifras e esperou. Não aconteceu absolutamente nada. Algo incomodado, apertou um botão oculto, e a frente do aparelho se abriu, mostrando um interior onde, segundo todas as regras, deveria haver um apetitoso café da manhã. Estava completamente vazio.

Brant podia chamar a máquina central de alimentação e pedir que lhe explicassem o acontecido, mas provavelmente não obteria resposta. O que tinha se passado era óbvio: o departamento de provisões estava tão ocupado preparando-se para o sobrepeso do dia, que teria sorte se conseguisse um pouco de café da manhã. Limpou o circuito e tentou outra vez com um número pouco usado. Desta vez houve um suave zumbido, um estalo surdo, e as comportas deslizaram mostrando uma taça onde havia uma bebida escura e fumegante, uns sanduíches pouco alentadores e uma grande fatia de melão. Enrugando o nariz e perguntando-se quanto tempo demoraria a humanidade para deslizar de novo para a barbárie, Brant engoliu rapidamente o desjejum não substitutivo.

Os pais de Brant dormiam ainda quando ele saiu silenciosamente da casa para a ampla praça coberta de grama, no centro da aldeia. Era ainda muito cedo e o ar estava frio, mas o dia era diáfano e formoso, com essa frescura que raramente fica depois do verão. Sobre a grama, várias naves vomitavam passageiros que se reuniam em círculos ou saíam em várias direções, a olhar Chaldis com olhos críticos. Enquanto Brant olhava, uma das máquinas voltou rapidamente para o céu, deixando um débil rastro de ionização. Um momento depois a seguiram as outras; só podiam transportar umas poucas dúzias de passageiros, e deveriam fazer várias viagens antes que finalizasse o dia.

Brant caminhou até onde estavam os visitantes, tratando de parecer seguro de si mesmo, embora não tão distante para desalentar todo contato. A maioria daqueles estrangeiros era de sua idade; os mais velhos chegariam a uma hora mais razoável.

Olhavam-no com uma curiosidade franca, que ele devolvia com interesse. Notou que a pele deles era muito mais escura que a sua, e as vozes mais suaves e menos moduladas. Alguns tinham um pouco de sotaque, pois apesar de uma linguagem universal e da comunicação foto-instantânea existiam ainda variações regionais. Pelo menos Brant supôs que eram eles quem tinha sotaque; mas uma ou duas vezes notou que sorriam quando ele falava.

Durante toda a manhã os visitantes se reuniram na praça e caminharam até a

grande areia cruelmente recortada no bosque. Havia ali brilhantes bandeiras e muitos gritos e risadas, pois a manhã era para a alegria dos jovens. Embora Atenas (como um farol que se consome lentamente, mas que não morre) tivesse sido arrastada pelo rio do tempo durante dez mil anos, as pautas esportivas tinham mudado pouco desde aqueles primeiros dias olímpicos. Os homens ainda corriam e saltavam e lutavam e nadavam; mas o faziam muito melhor que seus antepassados. Brant era bom em corridas de distâncias curtas, e conseguiu finalizar em terceiro nos cem metros. Seu tempo estava justo sobre os oito segundos, o que não era muito bom, pois o recorde era menos de sete. Brant teria ficado muito surpreso em saber que houve uma época em que ninguém no mundo poderia ter alcançado essa cifra.

Jon se divertia muito, atirando jovens até maiores que ele sobre a grama e quando se somaram os resultados da manhã, Chaldis tinha mais pontos que qualquer dos visitantes, embora tivesse sido primeiro em poucos eventos.

Ao se aproximar o meio-dia a multidão começou a fluir como uma ameba para a Clareira dos Cinco Carvalhos, onde os sintetizadores moleculares tinham estado trabalhando desde as primeiras horas, para cobrir centenas de mesas com comida. Investiu-se muito, destramente, em preparar os protótipos, reproduzidos com absoluta fidelidade até o último átomo; pois embora a mecânica da produção de mantimentos tivesse mudado completamente, a arte do *chef* sobrevivia ainda, obtendo inclusive vitórias nas quais a Natureza não participava.

A principal atração da tarde era um longo drama poético: um pastiche armado com considerável habilidade a partir das obras de poetas cujos nomes estavam esquecidos desde séculos. Brant o achou aborrecido, embora alguns versos belos ficassem em sua memória:

*Pois as chuvas e ruínas do inverno passaram,
e todas as estações de neves e pecados...*

Brant conhecia a neve, e se alegrava de havê-la deixado. O pecado, não obstante, era uma palavra arcaica, fora de uso desde uns três ou quatro mil anos, mas que tinha uma conotação sinistra e emocionante.

Não encontrou Yradne quase até o crepúsculo, quando tinha começado o baile. Por cima do vale ardiam agora umas luzes flutuantes, inundando os bosque de cambiantes desenhos azuis, vermelhos e dourados. Em grupos de dois, e três, e logo em dúzias e centenas, os bailarinos saíram para o grande ovaloide do anfiteatro, e o transformaram em muitas alegres e giratórias formas. Nisto, pelo menos, Brant podia vencer completamente Jon e se deixou arrastar pela maré do puro gozo físico.

A música abrangia todo o espectro da cultura humana. Em um momento, o ar vibrou com o batimento do coração de tambores que podiam ter chamado desde alguma selva primitiva quando o mundo era jovem; e pouco depois sutis instrumentos eletrônicos teciam intrincadas tapeçarias de quartos de tom. As estrelas olhavam palidamente do alto, cruzando o céu, mas ninguém as via e ninguém pensava no passado do tempo.

Brant dançou com muitas jovens antes de encontrar Yradne. Estava muito formosa, transbordante de alegria, e não demonstrava nenhuma pressa em reunir-se com ele, quando havia tantos outros para escolher. Mas finalmente dançaram juntos

no redemoinho e Brant sentiu muito prazer pensando que Jon estava possivelmente olhando de longe com raiva.

Saíram do baile durante uma pausa da música, porque Yradne anunciou que estava um pouco cansada. Isso pareceu muito bem ao Brant e logo estavam sentados debaixo de uma das grandes árvores observando o fluxo e vazante da vida ao redor, com a displicência que aparece em momentos de completa tranquilidade.

Foi Brant quem rompeu o encanto. Era necessário e podia passar muito tempo antes que aparecesse outra oportunidade.

- Yradne - disse - por que me estiveste evitando?

Ela o olhou com olhos grandes e inocentes.

- Oh, Brant - respondeu - que injusto é. Sabe que isso não é certo! Oxalá não fosse tão ciumento; não pode esperar que eu te siga todo o tempo.

- Oh, está bem! - disse Brant fracamente, perguntando-se se estaria se comportando como um parvo. Mas agora que tinha começado podia continuar.

- Sabe, algum dia terá que decidir entre nós. Se continua adiando, possivelmente ficará sozinha como suas duas tias.

Yradne soltou uma risada cristalina e sacudiu a cabeça, muito divertida pela ideia que alguma vez podia ser velha e feia.

- Embora você seja muito impaciente - replicou - acredito que posso confiar no Jon. Viu o que me deu de presente?

- Não - disse Brant, com o coração oprimido.

- Mas que pouco observador é! Não notaste este colar?

Sobre o peito, Yradne levava grande quantidade de joias, suspensas da nuca por uma fina cadeia de ouro. Era um pendente muito fino, mas não tinha nada de especial, e Brant não perdeu tempo em dizer isso. Yradne sorriu misteriosamente, levando os dedos ao pescoço; instantaneamente o ar foi invadido pela música, que primeiro se mesclou com a do baile e logo a cobriu completamente.

- Vê - disse orgulhosamente - em qualquer lugar que vá agora, terei música comigo. Jon diz que há aqui tantos milhares de horas de música que quando se repetir não saberei. Não é engenhoso?

- Possivelmente - disse Brant a contragosto - mas não é exatamente novo. Em outra época todos costumavam levá-lo, até que não houve silêncio em parte alguma da Terra e tiveram que proibi-los. Pensa que caos seria se todos o tivéssemos!

Zangada, Yradne se separou dele.

- Outra vez o mesmo; sempre ciumento de algo que você não pode fazer. O que você me deu onde haja a metade do talento ou da utilidade disto? Vou, e trate de não me seguir!

Brant ficou boquiaberto olhando como ela se afastava, desconcertado pela violência dessa reação. Logo a chamou:

- Yradne, não queria...!

Mas ela já se fora.

Brant saiu do anfiteatro de muito mau-humor. Racionalizar a causa da explosão de Yradne não o ajudava absolutamente. Suas observações, embora despeitadas, eram certas, e às vezes não há nada mais incômodo que a verdade. O presente do Jon era um brinquedo engenhoso, mas corriqueiro, interessante tão somente porque agora era único.

Ainda sentia raiva por algo que lhe havia dito. O que tinha dado em Yradne? Não tinha mais que as pinturas e realmente não eram muito boas. Ela não tinha mostrado

nenhum interesse nessas pinturas quando lhe ofereceu algumas das melhores, e foi muito difícil lhe explicar que não era um pintor de retratos e que preferiria não fazer um retrato dela. Yradne nunca tinha compreendido isso, e tinha sido muito delicado não ferir seus sentimentos. Brant gostava de inspirar-se na Natureza, mas nunca copiava o que via. Quando um de seus quadros estava terminado (o que acontecia às vezes) o título era frequentemente a única pista da fonte de inspiração.

A música do baile ainda vibrava ao redor, mas Brant tinha perdido o interesse. Ver outras pessoas que se divertiam era mais do que podia suportar. Decidiu afastar-se da multidão e o único lugar aprazível que pôde recordar, foi rio abaixo, onde terminava o brilhante tapete de musgo fosforescente que atravessava o bosque.

Sentou-se à borda da água, atirando raminhos à corrente e olhando como se afastavam rio abaixo. De vez em quando passavam por ali outros ociosos, mas geralmente eram casais e não lhe emprestavam atenção. Brant os olhava com inveja, e pensava com amargura no insatisfatório estado de seus assuntos.

Quase seria melhor, pensou, que Yradne escolhesse Jon e acabasse assim com seus sofrimentos. Mas ela não parecia preferir nenhum dos dois. Possivelmente, simplesmente se divertia nas costas deles, como diziam algumas pessoas, especialmente o velho Johan; embora também fosse provável que se sentisse seriamente incapaz de escolher. O que faltava, pensou Brant morosamente, era que um deles fizesse algo realmente espetacular, impossível de igualar para o outro.

- Olá - disse uma voz suave detrás dele.

Brant voltou a cabeça e olhou por cima do ombro. Uma menina de uns oito anos o olhava fixo, a cabeça ligeiramente inclinada, como um pardal curioso.

- Olá - respondeu Brant sem entusiasmo - por que não olha o baile?

- E você, por que não está lá? - replicou ela rapidamente.

- Sinto-me cansado - disse Brant, esperando que essa fosse uma desculpa adequada. Não deveria correr sozinha por aí. Poderia se perder.

- Estou perdida - respondeu a menina, feliz, sentando-se na borda, ao seu lado. - Gosto disso.

Brant se perguntou de que aldeia seria. Era uma formosa criatura, embora tivesse sido mais formosa ainda com menos chocolate na cara. Parecia que a solidão de Brant tinha terminado.

A menina o olhou com essa desconcertante franqueza que, possível e felizmente, raras vezes sobrevive à infância.

- Eu sei o que se passa - disse subitamente.

- Sim? - perguntou Brant com cortês ceticismo.

- Está apaixonado!

Brant deixou cair o ramo que estava a ponto de atirar ao rio, e se voltou para olhar a sua interlocutora. Ela o observava com uma compaixão tão solene que toda a piedade que Brant sentia por si mesmo se desfez de repente em uma gargalhada. Isso pareceu magoar a menina, e ele se controlou rapidamente.

- Como se deu conta? - perguntou Brant com grande seriedade.

- Tenho lido sobre o assunto - replicou solenemente. - E uma vez vi um filme em que havia um homem que descia ao rio e se sentava ali igual a você, e depois se jogava nele. Então se ouvia uma música muito bela.

Brant olhou pensativamente para essa menina precoce, e se sentiu aliviado pelo fato que não pertencesse à sua própria comunidade.

- Lamento não poder arrumar a música - disse gravemente - mas, de qualquer forma, o rio não é suficientemente fundo.

- É mais fundo adiante - foi a rápida resposta - aqui é tão somente um riacho; não

cresce até que deixa os bosques. Vi-o do voador.

- Como é lá? - perguntou Brant, agradecido porque a conversa tinha tomado um rumo mais inócuo. Chega ao mar?

A menina lançou um aborrecido bufo, pouco apropriado para uma dama.

- Claro que não, tolo! Todos os rios deste lado das colinas desembocam no Grande Lago. Sei que é tão grande como um mar, mas o verdadeiro mar está do outro lado das colinas.

Brant sabia muito pouco a respeito dos detalhes geográficos de seu novo lar, mas compreendeu que a menina tinha razão. O oceano estava a menos de trinta quilômetros ao norte, mas separado deles por uma barreira de colinas baixas. Cento e cinquenta quilômetros terra a dentro, se estendia o Grande Lago, que levava vida às terras que tinham estado desertas antes que os engenheiros geólogos tivessem remodelado esse continente.

A menina-gênio estava fazendo um mapa com raminhos e explicando pacientemente esses assuntos a seu preguiçoso aluno.

- Aqui estamos nós - disse - e aqui está o rio, e as colinas, e o lago está lá junto a seu pé. O mar se estende por aqui... e te contarei um segredo.

- O que é?

- Nunca adivinharia!

- Suponho que não.

A voz da menina se converteu em um sussurro confidencial.

- Se seguir a costa, que não está muito longe daqui, chegará a Shastar.

Brant tentou parecer impressionado, mas não conseguiu.

- Jamais escutou esse nome! - gritou a menina, profundamente desiludida.

- Lamento - replicou Brant. - Suponho que foi uma cidade e ouvi falar dela em alguma parte. Mas existiram tantas, sabe? Cartago e Chicago e Babilônia e Berlim. Não posso recordar todas. Igual já não existem.

- Shastar sim. Ainda está ali.

- Bom, algumas das últimas ainda estão em pé, mais ou menos, e o pessoal as visita frequentemente. A uns oitocentos quilômetros de meu antigo lar houve uma vez uma grande cidade, chamada...

- Shastar não é qualquer cidade antiga - interrompeu a menina misteriosamente. - Meu avô me contou: ele esteve ali. Não foi arruinada absolutamente e ainda está cheia de coisas maravilhosas que já ninguém tem.

Brant sorriu para si mesmo. As cidades desertas da Terra tinham originado lendas durante séculos. Faria quatro, não, perto de cinco mil anos, que Shastar tinha sido abandonada. Se seus edifícios se mantinham ainda em pé, certamente já não tinham nada de valor neles. Parecia que o avô tinha estado inventando alguns contos de fadas para entreter à criatura. Tinha toda a simpatia de Brant.

Sem notar o ceticismo do moço, a menina seguiu tagarelando. Brant lhe emprestava pouca atenção, intercalando um cortês "sim" ou "imagine isso" segundo a ocasião. De repente, silêncio.

Ergueu os olhos e viu que sua companheira observava com grande desgosto a avenida de árvores que dominava a paisagem.

- Adeus - disse a menina, abruptamente. - Tenho que esconder-me em outro lugar: aí vem minha irmã.

Foi-se tão subitamente como tinha chegado. Para sua família deve ser difícil cuidar dela, pensou Brant. Mas lhe tinha feito um favor, dissipando-lhe a melancolia.

Em poucas horas compreendeu que tinha feito muito mais que isso.

Simon estava apoiado contra a ombreira da porta, olhando passar as pessoas, quando Brant chegou, buscando-o. Todo mundo acelerava quando tinha que passar frente à porta do Simon, pois este era um conversador infatigável e, uma vez que apanhava uma vítima, não havia escape durante uma hora ou mais. Era muito estranho que alguém se dirigisse voluntariamente às suas garras, como Brant agora.

O problema de Simon era que tinha uma mente de primeira classe e era muito preguiçoso para usá-la. Possivelmente teria sido mais afortunado se tivesse nascido em um século mais enérgico; tudo o que podia fazer em Chaldis era afiar a memória nas costas de outra pessoa, ganhando por isso mais fama que popularidade. Mas era indispensável, pois constituía um armazém de conhecimentos, em sua maior parte, muito exatos.

- Simon - começou Brant sem preâmbulos - Quero aprender algo sobre esta região. Os mapas não me dizem muito; são muito novos. O que havia aqui nos velhos tempos?

Simon coçou a barba áspera.

- Não acredito que fosse muito diferente. A quanto tempo atrás te referes?

- Oh, à época das cidades.

- Não havia tantas árvores, é obvio. Esta foi provavelmente uma zona agrícola utilizada para produzir mantimentos. Viu a máquina de lavoura que desenterraram quando se construiu o anfiteatro? Deve ter sido muito antiga; nem sequer era elétrica.

- Sim - disse Brant impacientemente. - Eu a vi. Mas me diga algo sobre as cidades da região. De acordo com o mapa houve um lugar chamado Shastar, umas centenas de quilômetros ao oeste, sobre a costa. Sabe algo disso?

- Ah, Shastar - murmurou Simon, se dando um tempo. - Um lugar muito interessante; acredito que, inclusive, tenho uma foto em alguma parte. Espera um momento, vou ver.

Simon desapareceu dentro da casa por uns cinco minutos. Nesse tempo efetuou uma busca intensiva na biblioteca, embora um homem da época dos livros dificilmente o tivesse adivinhado. Todos os arquivos que Chaldis possuía estavam em uma caixa-forte metálica de um metro de comprimento; continha, encerrado perpetuamente em moldes subatômicos, o equivalente a um bilhão de volumes impressos. Quase todos os conhecimentos da humanidade e toda a literatura sobrevivente, escondiam-se ali.

Não era um simples armazém de sabedoria, pois tinha uma bibliotecária. Simon fez seu pedido à incansável máquina e, capa por capa, começou a busca através de uma rede quase infinita de circuitos. Levou só uma fração de segundo para localizar a informação que necessitava, pois tinha dado o nome e a data aproximada. Então descansou sob uma suave auto-hipnose, enquanto as imagens mentais lhe inundavam o cérebro. O conhecimento permaneceria em sua posição umas poucas horas somente, o tempo que o necessitava, e logo se desvaneceria. Simon não desejava alvoroçar seu bem organizado cérebro com minúcias e para ele toda a história do apogeu e a queda das grandes cidades era uma digressão histórica sem importância. Era um episódio interessante, embora lamentável, e pertencia a um passado irreparavelmente morto.

Brant esperava pacientemente quando Simon saiu com aspecto de sábio.

- Não pude encontrar nenhuma foto - disse. - Minha mulher esteve arrumando outra vez. Mas te direi o que posso recordar sobre Shastar.

Brant se instalou o mais comodamente que pôde; era provável que tivesse que

ficar ali durante um tempo.

- Shastar foi uma das últimas cidades que o homem construiu. Já sabe que as cidades apareceram muito tarde na cultura humana: fará uns doze mil anos. Cresceram em número e importância durante vários milhares de anos, até que finalmente algumas alojaram milhões de pessoas. É muito difícil para nós imaginar o que deve ter sido viver em lugares semelhantes: desertos de aço e pedra sem uma fibra de grama em quilômetros. Mas eram necessárias antes que os transportes e as comunicações fossem aperfeiçoados, e as pessoas tinham que viver umas perto das outras para levar a cabo as complicadas operações de comércio e fabricação das quais dependiam suas vidas. As cidades realmente grandes começaram a desaparecer quando o transporte aéreo se tornou universal. A ameaça de ataque naqueles dias longínquos e bárbaros ajudou também a dispersá-las. Mas durante longo tempo...

- Eu estudei a história desse período - interrompeu Brant, mesmo não sendo muito verdadeiro - Sei tudo sobre...

-... durante longo tempo foram muitas as cidades pequenas unidas por vínculos bem mais culturais que comerciais. Tinham populações de vários milhares e duraram séculos, logo depois da morte das gigantes. É por essa razão que Oxford e Princeton e Heidelberg ainda significam algo para nós, enquanto que cidades maiores não são mais que nomes.

Mas até mesmo essas foram condenadas quando a invenção do *integrador* tornou possível a qualquer comunidade, por pequena que fosse, poder fabricar sem esforço o que necessitava para a vida civilizada. Shastar foi edificada quando já não havia mais necessidade, tecnicamente, de cidades, mas antes que as pessoas compreendessem que a cultura das cidades estava chegando a seu fim. Parece ter sido uma obra de arte concebida e desenhada como um todo, e aqueles que a habitaram foram em sua maioria artistas. Mas não durou muito; o que finalmente a matou foi o êxodo.

Simon se calou subitamente, como se pensasse com melancolia naqueles séculos tumultuados, quando se tinha aberto o caminho para as estrelas e o mundo se dividiu em dois. Ao longo desse caminho, a flor da raça se foi, deixando o resto para trás; e logo pareceu que a história tinha chegado a seu fim na Terra. Durante mil anos ou mais, os exilados retornaram fugazmente ao Sistema Solar, ansiosos em falar sobre sóis estranhos e planetas longínquos, e do grande império que algum dia abrangeria toda a galáxia. Mas há abismos que nem sequer as naves mais velozes podem cruzar; e um abismo semelhante estava se abrindo agora entre a Terra e suas errantes criaturas. Tinham cada vez menos em comum. As naves retornavam cada vez com menos frequência, até que por fim passaram gerações inteiras entre as visitas do exterior. Simon não tinha ouvido falar de nenhuma, pelo menos durante os últimos trezentos anos.

Não era habitual ter que aguilhoar Simon para que falasse. Brant comentou:

- De toda forma, estou mais interessado no lugar mesmo que em sua história. Acredita que ainda esteja em pé?

- Estava a ponto de chegar a isso - disse Simon, voltando de seus sonhos com um sobressalto. - É obvio que sim; construíam bem naquela época. Mas por que está tão interessado, pode-se saber? Terá desenvolvido repentinamente uma entristecedora paixão pela arqueologia? Oh, acredito que entendo!

Brant compreendeu a inutilidade de esconder algo a um fofoqueiro profissional como Simon.

- Tinha a esperança - disse na defensiva - que ainda houvesse coisas ali que

valesse a pena ir procurar, mesmo depois de todo este tempo.

- Possivelmente - disse Simon dubiamente. - Devo visitá-la algum dia. Está quase à porta. Mas como conseguirá isso? A aldeia dificilmente te emprestará um voador. E não pode ir caminhando. Levaria pelo menos uma semana para chegar lá.

Mas isso era exatamente o que Brant pensava fazer. Como tomou cuidado em falar a quase todo mundo na aldeia durante os dias seguintes: uma coisa não valia a pena se não se fazia da forma difícil. Não havia nada como fazer uma virtude de uma necessidade.

Brant realizou os preparativos em um segredo sem precedentes. Não desejava ser muito explícito quanto a seus planos, se por acaso alguma das doze pessoas que tinham direito a usar um dos voadores de Chaldis decidisse ver Shastar primeiro. Que isso sucedesse era naturalmente questão de tempo, mas a febril atividade dos últimos meses tinha impedido esse tipo de explorações. Nada seria mais humilhante que entrar cambaleando em Shastar, depois de uma semana de viagem, só para ser friamente saudado por um vizinho que tivesse feito a excursão em dez minutos.

Por outro lado, era igualmente importante que a aldeia em geral, e Yradne em particular, compreendessem que estava realizando um esforço excepcional. Só Simon sabia a verdade, e a contragosto aceitou calar-se no momento. Brant esperava haver distraído a atenção de seu objetivo verdadeiro, mostrando grande interesse no território a leste de Chaldis, que também continha várias relíquias arqueológicas de certa importância.

Era surpreendente a quantidade de comida e equipamento que se necessitava para uma ausência de duas ou três semanas, e os primeiros cálculos o jogaram em um estado de profunda tristeza. Durante um tempo pensou inclusive em pedir emprestado um voador, mas certamente seu pedido seria rechaçado, e isso frustraria a finalidade da empresa. E, entretanto, quase lhe parecia impossível levar tudo o que necessitava para a excursão.

A solução teria sido óbvia em uma era menos mecanizada, mas Brant demorou algum tempo em pensar nela. A máquina voadora tinha matado todas as formas de transporte por terra, salvo uma, a mais antiga e versátil de todas; a única que se perpetuava a si mesma e que podia se arrumar muito bem, como já o tinha feito antes, sem ajuda alguma da parte do homem. Chaldis possuía seis cavalos, um número bem pequeno para uma comunidade desse tamanho. Em algumas aldeias havia mais cavalos que seres humanos, mas o povo do Brant, vivendo em uma região selvagem e montanhosa, tinha tido muito poucas oportunidades de fazer equitação. Mesmo Brant tinha montado a cavalo só duas ou três vezes em sua vida, por muito breves períodos.

O reprodutor e as cinco éguas estavam a cargo do Treggor, um homenzinho que não tinha outro interesse na vida além dos animais. Não era um dos intelectos que se sobressaíam em Chaldis, mas parecia muito feliz manejando seu zoológico privado, o qual incluía cães de formas e tamanhos diversos, um par de castores, vários macacos, um filhotinho de leão, dois ursos, um crocodilo jovem e outros animais mais usualmente admirados de longe. Só um pesar lhe obscurecia a vida: até o momento não tinha podido conseguir um elefante.

Brant encontrou Treggor, como esperava, apoiado na porta do pasto. Com ele estava um estranho, que foi apresentado como um aficionado por cavalos de uma aldeia vizinha. A curiosa semelhança entre ambos os homens, da forma de vestir-se até as mesmas expressões faciais, fazia essa explicação desnecessária.

Sempre se sente um certo nervosismo frente a peritos inegáveis e Brant esboçou seu problema com certo acanhamento. Treggor escutou gravemente e se calou por um longo momento antes de responder.

- Sim - disse lentamente, apontando o polegar para as éguas - qualquer delas serviria... se soubesse como dirigi-las. - Olhou Brant com certa dúvida.

- São como seres humanos; sabe; se não gostarem, não pode fazer nada com eles.

- Absolutamente nada - repetiu o estranho, com evidente frustração.

- Mas poderia me ensinar a guiá-las?

- Possivelmente sim, possivelmente não. Recordo um jovem igual a você que queria aprender a montar. Os cavalos simplesmente não o deixavam aproximar-se. Não gostavam, e não pudemos fazer nada.

- Os cavalos sabem - interveio o outro bruscamente.

- Assim é - adicionou Treggor. - Tem que compreendê-los. Sendo assim, não tem por que preocupar-se.

Certamente havia muito que dizer a favor da máquina menos temperamental, pensou Brant.

- Não quero montar - respondeu com certo temor. - Só quero um cavalo que leve meu equipamento. O cavalo pode se expor a isso?

O leve sarcasmo foi completamente desperdiçado. Treggor assentiu solenemente.

- Isso não seria problema - disse. - Todos deixarão que os leve com um cabresto; todos menos Daisy. Nunca deixaria que a apanhasse.

- Então pensa que poderia me emprestar um dos mais dóceis..., durante um tempo?

Treggor deu uns passos, atormentado por dois desejos em conflito. Estava encantado pelo fato que alguém querer usar seus amados animais, mas temia que pudessem sofrer algum dano. Todo prejuízo que pudesse sobrevir a Brant era de importância secundária.

- Bom - começou, inseguro - é um pouco delicado neste momento...

Brant olhou as éguas com mais vagar, e compreendeu por que. Só uma estava acompanhada por um potro, mas era óbvio que essa deficiência seria corrigida logo. Aqui havia outra complicação que não tinha previsto.

- Quanto tempo estará fora? - perguntou Treggor.

- Três semanas no máximo; possivelmente só duas.

Treggor fez uns rápidos cálculos ginecológicos.

- Então pode levar Sunbeam - decidiu. - Não lhe criará problemas; é o animal melhor que tive.

- Muito obrigado - disse Brant. - Prometo que cuidarei dela. Se importaria de nos apresentar?

- Não vejo por que devo fazer isto - resmungou Treggor, de bom humor, enquanto ajustava as cestas sobre as suaves ancas de Sunbeam - já que nem sequer me diz aonde vai ou o que espera encontrar.

Brant não poderia ter respondido à última pergunta, mesmo se tivesse querido. Nos momentos mais racionais sabia que não haveria nada de valor em Shastar. Além disso, era difícil pensar em algo que seu povo já não possuísse, ou que não pudesse obter instantaneamente se assim o desejasse. Mas a excursão em si mesma seria a prova, a mais convincente que pôde conceber, de seu amor por Yradne.

Não havia dúvida que ela estava muito impressionada por seus preparativos, e ele sublinhou os perigos que estava a ponto de enfrentar. Seria muito incômodo dormir em campo aberto e teria uma dieta muito monótona. Até podia perder-se e não

voltar a ser visto. E se ainda existissem bestas selvagens, perigosas, nas colinas ou nos bosques?

O Velho Johan, a quem não interessavam as tradições históricas, protestou: era indigno que um ferreiro tivesse algo que ver com um sobrevivente tão primitivo como um cavalo. Por causa disso Sunbeam o mordeu delicadamente, com grande habilidade e precisão, enquanto ele se inclinava para examinar as ferraduras. Mas Johan confeccionou rapidamente um jogo de cestas, nas quais Brant poderia colocar tudo o que necessitava para a viagem; inclusive os materiais de desenho, dos quais não quis separar-se. Treggor lhe assessorou no que se referia aos detalhes técnicos do arnês, mostrando antigos protótipos que consistiam principalmente em cordas.

Ainda era de manhã cedo quando terminaram os preparativos. Brant quis que a partida fosse o mais discreta possível, e o êxito completo o mortificou um pouco. Só Jon e Yradne foram despedir-se.

Caminharam em pensativo silêncio até o fim da aldeia e atravessaram a fina ponte metálica que cruzava o rio. Então Jon disse asperamente:

- Bom, não vá quebrar a cabeça.

Deu-lhe um apertão de mãos e se foi, deixando-o sozinho com Yradne. Foi um belo gesto, e Brant o apreciou.

Aproveitando as preocupações do amo, Sunbeam começou a mastigar ruidosamente entre os largos pastos da ribeira. Brant se balançou indeciso sobre os pés. Depois disse sem entusiasmo:

- Suponho que seja melhor que vá.

- Quanto tempo estará fora? - perguntou Yradne. Não usava o presente de Jon; possivelmente já se cansara de usá-lo. Brant assim o esperava; logo compreendeu que com a mesma velocidade ela poderia perder interesse naquilo que lhe trouxesse para a volta.

- Oh, um par de semanas, se tudo correr bem - acrescentou.

- Tome cuidado - disse Yradne, um pouco preocupada - e não faça nada imprudente.

- Tentarei - respondeu Brant, sem fazer ainda nenhum movimento para partir - mas às vezes terei que arriscar-me.

Essa desarticulada conversação poderia ter durado muito mais, se Sunbeam não tivesse se metido. Brant recebeu um súbito puxão no braço, e foi empurrado a um trote veloz. Tinha recuperado o equilíbrio e ia despedir-se, quando Yradne se aproximou correndo, deu-lhe um grande beijo e desapareceu para a aldeia antes que ele se recuperasse.

Quando Brant já não podia vê-la, Yradne caminhou mais lentamente. Jon ainda ia muito adiante, mas não tentou alcançá-lo. Invadia-a um estranho sentimento de solenidade, que não combinava com essa manhã da primavera. Era muito agradável ser amada, mas tinha suas desvantagens se se pensava mais à frente do momento imediato. Por um instante Yradne se perguntou se teria sido justa com Jon, com Brant... até consigo mesma. Alguma vez teria que decidir-se; não podia postergá-lo indefinidamente. Entretanto lhe parecia impossível, embora apostasse a vida nisso, decidir qual dos moços preferia; e tampouco sabia se amava a algum dos dois.

Ninguém lhe havia dito e ela ainda não tinha descoberto que, *quando se precisa perguntar* "Estou realmente apaixonada?", a resposta sempre é "Não".

Além de Chaldis, o bosque se estendia uns oito quilômetros para o leste, depois se perdia na grande planície que atravessava o resto do continente. Seis mil anos atrás esse território tinha sido um dos maiores desertos do mundo, e sua transformação constituiu um dos primeiros lucros da Era Atômica.

Brant se propunha ir para o leste até sair do bosque, e logo virar para as terras altas do norte. De acordo com os mapas, tinha havido uma vez uma estrada passando pelo espinhaço das colinas, que unia todas as cidades da costa, formando uma cadeia que terminava em Shastar. Devia ser fácil seguir os rastros dessa estrada, embora Brant não esperasse que muita coisa da estrada tivesse sobrevivido aos séculos.

Mantinha-se perto do rio, esperando que não houvesse mudado seu curso desde que foram feito os mapas. Era seu guia e também seu caminho através do bosque; quando o bosque era muito espesso, ele e Sunbeam podiam sempre vadear a água pouco profunda. Sunbeam cooperava muito; não havia pasto ali que a distraísse, de modo que trabalhava em excesso, metodicamente, sem necessidade de empurrá-la muito.

Depois do meio-dia as árvores começaram a escassear. Brant chegou à fronteira que, século após século, tinha partido através das terras que o Homem já não desejava conservar. Pouco depois o bosque ficou atrás e saiu à planície aberta.

Confirmou sua posição no mapa e notou que as árvores tinham avançado uma distância apreciável para o leste desde que aquele mapa fora desenhado. Mas havia uma rota claramente marcada para o norte pelas colinas baixas, ao longo da quais corria a antiga estrada, e deveria poder alcançá-la antes do anoitecer.

A esta altura apareceram certas dificuldades de natureza técnica. Sunbeam, ao encontrar-se rodeada do mais apetitoso pasto que vira em muito tempo, detinha-se a cada três ou quatro passos para arrancar um bocado. Como Brant ia sujeito à brida por uma corda bem mais curta, as sacudidas quase lhe deslocavam o braço. Alongar a corda piorou ainda mais as coisas, porque já então não tinha controle.

Brant gostava de muito os animais, mas logo ficou claro que Sunbeam simplesmente se aproveitava de sua bondade. Suportou durante um quilômetro e logo foi até uma árvore que parecia ter ramos particularmente finos e flexíveis. Sunbeam olhou cautelosamente da extremidade de seus limpos olhos marrons enquanto ele cortava uma varinha fina e elástica e a colocava ostensivamente no cinturão. Então se pôs a andar tão velozmente que Brant quase não pode segui-la.

Como dizia Treggor, era um animal muito inteligente.

A cadeia de colinas, que era o primeiro objetivo de Brant, tinha menos de setecentos metros de altura, e o declive era muito suave. Mas havia numerosas colinas e vales menores que atravessavam o caminho para o topo e era quase noite quando chegaram ao ponto mais alto. Ao sul, Brant podia ver o bosque que tinham atravessado e que já não lhe opunha mais obstáculos. Chaldis estava no meio, embora só tivesse uma ideia aproximada de sua localização. Surpreendeu-lhe não poder distinguir as grandes clareiras que seu povo tinha feito. Para o sudeste, a planície se estendia sem fim, um mar plano, de grama manchada de florzinhas. Perto do horizonte, Brant viu uns pontos diminutos e móveis e pensou em uma grande manada de animais selvagens.

Para o norte, só a vinte quilômetros, descendo o longo declive e do outro lado das terras baixas, estava o mar. Parecia quase negro à luz do crepúsculo, exceto onde uns minúsculos escolhos o manchavam de espuma.

Antes da queda da noite, Brant encontrou um oco contra o vento, amarrou Sunbeam a um vigoroso arbusto e arrumou a pequena barraca que o velho Johan tinha inventado para ele. Nesta teoria era uma operação muito simples, mas como muita gente tinha descoberto antes, podia por à prova, a fundo, a destreza e a paciência. Por fim tudo estava preparado e ele se instalou para passar a noite.

Há coisas que ninguém, por mais inteligente que seja, pode antecipar, e que só

podem ser aprendidas pela amarga experiência. Quem teria imaginado que o corpo humano fosse tão sensível à quase imperceptível inclinação do chão? Mais incômodas ainda eram as minúsculas diferenças térmicas entre um ponto e outro, ocasionadas possivelmente pelas correntes de ar que pareciam mover-se livremente através da barraca. Brant poderia ter suportado uma temperatura mais ou menos uniforme, mas as imprevistas variações o enlouqueciam.

Uma dúzia de vezes despertou do espasmódico sonho, ou assim lhe pareceu e, lá para a alvorada, seu estado de ânimo tinha alcançado o ponto mais baixo. Sentia-se desgraçado e transido, como se não tivesse dormido bem durante dias, e não teria sido necessária muita persuasão para fazê-lo abandonar toda a empresa. Estava disposto, e o teria feito com gosto, enfrentar perigos pela causa do amor; mas o lumbago era algo muito diferente.

Os desconfortos da noite foram logo esquecidos na glória do novo dia. Nas colinas o ar fresco tinha um sabor de sal, que chegava com o vento do mar. O orvalho cobria tudo, pendurado espesso de cada fibra de grama; mas logo seria destruído, quando subisse o sol. Era bom estar vivo; era melhor ser jovem, e melhor ainda estar apaixonado.

Puseram-se a andar e em seguida chegaram à estrada. Brant não a tinha encontrado antes porque estava mais abaixo no declive que levava ao mar, e ele esperava encontrá-la no topo da colina. Estava soberbamente construída e os milênios quase não a haviam estragado. A natureza tinha tratado inutilmente de destruí-la; aqui e lá tinha conseguido enterrar uns poucos metros com um ligeiro manto de terra, mas logo seus servos fizeram o contrário: o vento e a chuva a tinham limpado de novo. Em uma grande linha ininterrupta, seguindo a borda do mar, mais de mil e quinhentos quilômetros, a estrada ainda unia as cidades que o homem amara em sua infância.

Era uma das grandes estradas do mundo. Uma vez tinha sido só um caminho pela qual as tribos selvagens desciam ao mar para permutar com ardilosos negociadores de olhos brilhantes, vindos de terras longínquas. Logo tinha conhecido amos novos e mais exigentes; os soldados de um poderoso império tinham dado forma à estrada ao longo das colinas, com tanta destreza que o percurso que lhe deram permaneceu inalterado através dos séculos. Haviam-na pavimentado com pedras, para que seus exércitos pudessem mover-se mais rapidamente que qualquer dos exércitos que o mundo tinha conhecido; e, ao longo da estrada, suas legiões tinham sido arrojadas como centelhas à cidade cujo nome levavam. Séculos depois, essa cidade os tinha chamado em sua agonia e a estrada tinha descansado então durante quinhentos anos.

Mas haveria ainda outras guerras; sob as bandeiras da meia-lua, os exércitos do Profeta se lançariam para o Ocidente, sobre a cristandade. Séculos mais tarde ainda, a maré dos últimos e maiores conflitos se apresentaria aqui, quando monstros de aço se chocaram no deserto, e do mesmo céu se derramou a morte.

Os centuriões, os paladinos, as divisões encouraçadas, até mesmo o deserto: tudo desapareceu. Mas a estrada permanecia, pois de todas as criações humanas era a mais duradoura. Muitos séculos tinha suportado cargas; e agora, ao longo de seus mil e quinhentos quilômetros, não tinha mais trânsito que um moço e um cavalo.

Brant seguiu a estrada durante três dias, mantendo-se sempre à vista do mar. Havia se acostumado aos pequenos desconfortos da existência nômade e as noites já não lhe pareciam intoleráveis. O tempo estava perfeito: dias longos, quentes, e noites temperadas. Mas o encanto desapareceria logo.

Na tarde do quarto dia, calculou que estava a menos de oito quilômetros de

Shastar. A estrada se afastava agora da costa, para evitar um grande promontório que aparecia perto do mar. Mais à frente estava a protegida baía, ao longo da qual tinham construído a cidade; depois das terras altas, a estrada dobrava para o norte, riscando uma grande curva e baixando das colinas sobre Shastar.

Perto do crepúsculo Brant compreendeu que não poderia esperar ver seu objetivo durante o dia. O tempo piorava e ameaçadoras nuvens se acumulavam velozmente do oeste. Agora caminharia costa acima, pois a estrada subia lentamente depois de cruzar a última colina, nas garras de uma ventania. Se tivesse encontrado um lugar protegido teria acampado, mas às suas costas, a colina estava nua por vários quilômetros, e a única saída era seguir adiante.

Frente a ele, ao longe, sobre o topo mesmo da colina, algo chato e escuro se desenhava no céu. A esperança de encontrar amparo fez Brant respirar. Sunbeam, a cabeça baixa contra o vento, trabalhava em excesso a seu lado com igual determinação.

Estavam ainda a um quilômetro da cúpula quando começou a cair a chuva, primeiro em fortes gotas, logo em quantidades cegadoras. Só se via uns poucos passos e isso quando se podia abrir os olhos na atormentadora chuva. Brant estava tão molhado que já nenhuma umidade mais podia incomodá-lo; tão empapado estava que o contínuo aguaceiro produzia um prazer quase masoquista. Mas o esforço físico de lutar contra a ventania estava esgotando-o rapidamente.

Parecia que tinham decorridos séculos quando a estrada se nivelou e soube que tinha chegado à cúpula. Forçou os olhos na escuridão e pôde ver, não muito longe, uma grande forma escura, que confundiu com um edifício. Embora estivesse em ruínas, aquilo podia protegê-lo da tormenta.

A chuva começou a diminuir enquanto ele se aproximava do objeto; as nuvens se afastavam, deixando ver a última luz do céu ocidental. Isso foi suficiente para mostrar a Brant que o que estava diante dele não era um edifício e sim uma grande besta de pedra, escondida na cúpula da colina, olhando fixamente para o mar. Não tinha tempo de examiná-la com mais demora e rapidamente cravou a barraca no chão, longe do alcance do vento que ainda bramava furioso. Depois de secar-se, preparou a comida. A escuridão era completa. Durante um momento descansou naquele oásis pequeno e quente, no estado de ditoso esgotamento que segue a um duro e bem-sucedido esforço. Logo se animou, pegou uma tocha e saiu na noite.

A tormenta tinha afastado as nuvens e as estrelas brilhavam na noite. A oeste ficava uma magra lua crescente, seguindo os passos do sol. Ao norte, Brant pressentia a insone presença do mar. Abaixo, na escuridão, estava Shastar, sempre golpeada pelas ondas. Mas por mais que forçasse os olhos, não pôde ver nada.

Caminhou ao longo dos flancos da grande estátua, examinando o trabalho de alvenaria à luz de sua tocha. Era uma construção uniforme, sem interrupções de juntas ou gretas e, embora manchada e descolorida pelo tempo, não mostrava sinais de deterioramento. Era impossível adivinhar a idade daquele modo, podia ser mais velha que Shastar, ou podia ter sido construída fazia só uns séculos. Não havia forma de adivinhá-lo.

O penetrante feixe branco-azulado da tocha revoou sobre os úmidos e resplandecentes costados e descansou sobre o grande rosto calmo e os olhos vazios. Poderia descrevê-lo como um rosto humano, mas depois não havia palavras. Nem homem nem mulher, à primeira vista parecia indiferente a todas as paixões da humanidade. Logo Brant viu que as tormentas dos séculos tinham deixado seus rastros. Incontáveis gotas de chuva tinham percorrido as duras bochechas, até marcarem umas lágrimas olímpicas. Lágrimas, possivelmente, pela cidade cujo

nascimento e morte pareciam agora igualmente remotos.

Brant estava tão cansado que quando despertou o sol já estava alto. Durante um momento permaneceu imóvel na meia-luz, enquanto recuperava os sentidos e recordava onde estava. Logo se levantou e saiu piscando de volta à luz do dia, protegendo os olhos do resplendor.

A Esfinge parecia menor que durante a noite, embora continuasse sendo impressionante. Brant viu pela primeira vez que era colorida, de um rico e outonal dourado, uma cor não natural em uma rocha. Por isso compreendeu que não pertencia, como tinha suspeitado, a uma cultura pré-histórica. Tinha sido construída pela ciência, a partir de alguma substância sintética inquebrável, e Brant adivinhou que a criação daquilo devia estar a meio caminho entre ele e o fabuloso original que a tinha inspirado.

Lentamente, meio assustado do que podia descobrir, deu as costas à Esfinge e olhou ao norte. A colina descia e a estrada seguia o pronunciado declive, como se estivesse impaciente para saudar o mar. E lá no final estava Shastar.

Recebia o sol e o refletia tingido de todas as cores que tinham sonhado seus arquitetos. Os edifícios espaçosos, alinhados ao longo das ruas amplas, pareciam não tocados pelo tempo. A grande linha de mármore que continha o mar estava intacta. Os parques e jardins, embora cobertos de urzes, não eram selvas ainda. A cidade seguia a curva da baía uns três quilômetros, e se estirava um quilômetro terra adentro. Segundo as normas do passado era bastante pequena, mas a Brant pareceu enorme, um labirinto inextricável de ruas e praças. Logo começou a discernir a oculta simetria de seu desenho, a distinguir as principais avenidas, e a compreender o talento com que seus construtores tinham evitado a monotonia e a discórdia.

Durante um longo momento Brant permaneceu imóvel na cúpula, só consciente do milagre que se estendia ante seus olhos. Estava só nessa paisagem, uma figura diminuta e humilde ante as conquistas de homens mais grandiosos. A sensação de história, de visão da longa costa que o homem tinha escalado tão corajosamente durante um milhão de anos ou mais, era quase entristecedora. Nesse momento pareceu a Brant que do topo olhava sobre o Tempo e não sobre o Espaço: e em seus ouvidos sussurravam os ventos da eternidade que sopraram para o passado.

Sunbeam parecia muito nervosa quando chegaram aos subúrbios da cidade. Em toda sua vida Brant não tinha visto nada parecido e não podia evitar compartilhar esse desassossego. Por menos imaginativo que alguém seja, sempre há algo sinistro em edifícios que estiveram abandonados durante séculos; e os de Shastar tinham estado vazios durante quase cinco mil anos.

A estrada corria reta como uma flecha entre dois altos pilares de metal branco; como a Esfinge, eles estavam manchados, mas intactos. Brant e Sunbeam passaram por baixo dos silenciosos guardiões e se encontraram diante de um edifício comprido e plano que deve ter servido como ponto de recepção aos visitantes.

Na distância, parecia que Shastar tinha sido abandonada tão somente no dia anterior, mas agora Brant via mil sinais de desolação e descuido. A colorida pedra dos edifícios estava manchada com a pátina dos séculos; as janelas bocejavam com olhos de sujeira; aqui e ali havia fragmentos de vidro milagrosamente preservados.

Brant atou Sunbeam fora do primeiro edifício e caminhou para a entrada, atravessando o tapete de escombros e sujeira. Não havia porta, se é que alguma vez tinha existido, e passou sob o arco alto e abobadado, entrando em uma sala que parecia estender-se ao longo de toda a estrutura. A intervalos regulares, se abriam portas para outras salas, e lá adiante uma ampla escada subia ao único piso.

Levou quase uma hora para explorar o edifício e quando terminou estava

tremendamente deprimido. Sua cuidadosa busca não revelou nada. Todos os quartos, grandes e pequenos, estavam completamente vazios. Havia se sentido como uma formiga caminhando sobre os ossos de um esqueleto perfeitamente limpo.

Fora, à luz do sol, reanimou-se um pouco. Esse edifício tinha sido possivelmente só um escritório administrativo e nunca tinha contido outra coisa além de arquivos e máquinas de informação. Em outros lugares da cidade as coisas podiam ser diferentes. Ainda assim, a magnitude da busca o aterrava.

Lentamente caminhou para o passeio próximo, percorrendo as amplas avenidas, admirando as altas fachadas dos edifícios. Perto do centro da cidade encontrou um dos muitos parques. Embora coberto de mato e arbustos, ainda havia consideráveis extensões de grama, e decidiu deixar Sunbeam ali, enquanto continuava suas explorações. Não era provável que se afastasse enquanto tivesse o que comer.

O parque era tão aprazível que lhe custou deixá-lo para inundar-se outra vez na desolação da cidade. Havia plantas diferentes de todas as que conhecia. Eram as descendentes silvestres das que o povo do Shastar tinha plantado séculos atrás. De pé entre as ervas altas e as flores desconhecidas, Brant escutou pela primeira vez, transpassando a quietude da manhã, o som que sempre associaria com Shastar. Vinha do mar, e embora nunca o tivesse ouvido antes, levou a seu coração uma dolorosa sensação de reconhecimento. Onde agora não soavam outras vozes, as solitárias gaivotas gritavam ainda tristemente sobre as ondas.

Era claro que se necessitariam muitos dias para fazer um simples exame superficial da cidade, e a primeira coisa que teria que fazer era encontrar onde viver. Brant dedicou várias horas procurando o distrito residencial, até que começou a compreender que em Shastar havia algo muito estranho. Todos os edifícios que visitava estavam, sem exceção, concebidos para o trabalho, a diversão ou fins similares. Mas nenhum tinha sido concebido para ser habitado. A solução lhe ocorreu lentamente. Quando começou a conhecer a distribuição da cidade notou que em quase todas as esquinas havia estruturas baixas, de um só piso, quase idênticas. Eram circulares ou ovais, e tinham muitas aberturas que permitiam entrar de todas as direções. Quando Brant se meteu por uma delas, encontrou-se frente a uma fila de portas metálicas, cada uma com uma fileira de abajures indicadores a seu lado. E assim soube onde havia vivido o povo de Shastar.

No princípio, a ideia de casas subterrâneas lhe produziu repulsa. Logo superou o asco, e compreendeu que todo isso era muito razoável e inevitável. Não havia necessidade de abarrotar a superfície nem de tapar a luz do sol com edifícios desenhados para os simples processos mecânicos de comer e dormir. Pondo tudo isso clandestinamente, o povo de Shastar tinha podido construir uma cidade nobre e espaçosa, mantendo-a, entretanto, tão pequena que podia ser percorrida em uma hora.

Os elevadores não funcionavam, naturalmente, mas havia escadas de emergência que baixavam para a escuridão. Alguma vez todo esse mundo subterrâneo deve ter sido de uma luminosidade cegadora, mas Brant ficou em dúvida, antes de descer os degraus. Tinha a coragem, mas nunca antes tinha estado debaixo da terra e o horrorizava a ideia de perder-se em alguma das catacumbas subterrâneas. Logo encolheu de ombros e começou a descer. Afinal não havia perigo se tomasse as precauções mais elementares. E mesmo que se perdesse, havia centenas de outras saídas.

Desceu ao primeiro nível e se encontrou ante um comprido e amplo corredor que se estendia até onde penetrava o raio de luz. De ambos os lados havia fileiras de portas numeradas e Brant testou quase uma dúzia antes de encontrar uma que se

abrisse. Lenta, quase reverentemente, entrou no pequeno lar.

Estava limpo e ordenado, pois não havia pó ou sujeira que pudesse assentar ali. Os quartos, harmoniosamente proporcionados, careciam de móveis. Depois de um século de êxodo, não tinha ficado nada de valor. Alguns acessórios semi-permanentes se encontravam ainda em seu lugar: o distribuidor de mantimentos, com seu familiar dial seletivo, era tão notavelmente parecido ao do seu próprio lar, que sua visão quase aniquilou os séculos. O dial girava ainda, embora rigidamente, e ter aparecido uma comida na câmara de materialização quase não o surpreenderia.

Brant explorou outros lares antes de retornar à superfície. Embora não encontrasse nada de valor, sentia um crescente parentesco com a gente que tinha vivido ali. Entretanto ele ainda os considerava inferiores, pois o fato que eles habitassem uma cidade, por mais bela e esplendidamente desenhada que fosse, significava para Brant um símbolo de barbárie.

No último lar que visitou havia um quarto vividamente colorido, com um afresco de animais dançando ao redor das paredes. As pinturas eram de um humor que devia ter deleitado os corações dos meninos. Brant examinou as pinturas com interesse, pois era a primeira obra de arte representativo que encontrava em Shastar. Estava a ponto de partir quando notou uma diminuta pilha de pó em um canto do quarto e, ao inclinar-se, ficou a olhar os fragmentos ainda reconhecíveis de uma boneca. Não ficara nada sólido, salvo uns poucos botões coloridos, que se converteram em pó quando os levantou nas mãos. Perguntou-se por que essa triste relíquia teria sido abandonada pela sua proprietária; logo saiu na ponta dos pés para a superfície e para as ruas solitárias, mas luminosas. Nunca mais voltou para a cidade subterrânea.

No entardecer retornou ao parque para ver se Sunbeam não tinha cometido diabruras e se dispôs a passar a noite em uma das casinhas disseminadas nos jardins. Ali, entre flores e árvores, quase podia imaginar que estava outra vez em sua casa. Dormiu melhor que nunca desde que tinha abandonado Chaldis, e pela primeira vez em muitos dias, seus últimos pensamentos não foram para Yradne. A magia de Shastar já estava trabalhando em sua mente; a infinita complexidade da civilização que tinha simulado desprezar estava mudando-o mais velozmente do que imaginava. Quanto mais ficasse na cidade, mais se afastaria do moço ingênuo, embora seguro de si mesmo, que entrara nela tão somente umas horas antes.

O segundo dia confirmou as impressões do primeiro. Shastar não tinha morrido em um ano, nem sequer em uma geração. Seu povo foi-se lentamente, quando se desenvolveram novas formas sociais, (quão antigas agora!), e a humanidade retornou às colinas e aos bosques. Não tinham deixado nada para trás, salvo esses monumentos de mármore a uma forma de vida desaparecida para sempre. Se tivesse ficado algo de valor, os milhares de exploradores curiosos que a tinham visitado nos cinquenta séculos transcorridos, já o teriam levado. Brant encontrou muitos rastros de seus predecessores; seus nomes estavam esculpidos nas paredes, por toda a cidade, pois este é um tipo de imortalidade a que os homens nunca puderam resistir.

Por fim, cansado da infrutífera busca, desceu à costa e se sentou no longo quebra-mar. O mar, poucos centímetros abaixo, estava completamente sereno e era de um azul cerúleo. Estava tão limpo e tranquilo que se viam os peixes nadando na profundidade: em um lugar viu os restos de um casco de navio, estendido de flanco, enquanto as algas marinhas ondeavam como longos cabelos verdes. Entretanto, pensou, deve haver ocasiões nas quais as ondas trovejam sobre estas paredes maciças. Pois detrás dele, o largo parapeito estava coberto por um espesso tapete de pedras e conchas, lançadas ali pelas ventanias dos séculos.

A paz da cena lhe deu uma lição inesquecível: compreendeu a futilidade da ambição que o rodeava. Desapareceu assim todo sentimento de desilusão ou fracasso. Embora Shastar não lhe tivesse dado nada de valor material Brant não se queixava da viagem. Sentado ali, no molhe, de costas para a terra, os olhos deslumbrados pelo azul cegante, sentia-se afastado dos velhos problemas e recordava sem dor, com desapaixonada curiosidade, todos os pesares e a ansiedade que o haviam angustiado nos últimos meses.

Voltou lentamente para a cidade, logo depois de caminhar um momento com o passo do mar, e retornou por uma nova rota. Logo se achou ante um grande edifício circular, cujo teto era uma baixa cúpula de algum material translúcido. Olhou o edifício com pouco interesse, pois estava emocionalmente exausto, e decidiu que provavelmente era outro teatro ou outra sala de concertos. Quase tinha passado a entrada quando algum obscuro impulso o desviou, e atravessou a soleira aberta.

Dentro dele a luz se filtrava pelo teto com tanta facilidade que Brant quase teve a impressão de estar ao ar livre. Todo o edifício estava dividido em numerosos salões, cuja finalidade compreendeu com súbita emoção. Os delatores retângulos sem cor mostravam que as paredes tinham estado uma vez cobertas de quadros; era possível que tivesse ficado algum. Brant, ainda seguro em seu sentimento de superioridade, não esperava impressionar-se muito... e por isso o golpe foi enorme.

A labareda de cor ao longo de toda a grande parede o sacudiu como uma fanfarra de trompetistas. Durante um momento ficou paralisado na soleira, incapaz de compreender o significado do que via. Logo, lentamente, começou a desenredar os detalhes do tremendo e intrincado mural que tão subitamente tinha explodido diante de seu olhar.

Tinha quase trinta metros de comprimento e era, sem comparação alguma, a coisa mais formosa que Brant tinha visto em sua vida. Shastar o tinha assustado e afligido e, entretanto, estranhamente, aquela tragédia não o tinha comovido. Mas isto lhe golpeava diretamente o coração, e falava uma linguagem que ele podia entender; então os últimos vestígios de sua condescendência para com o passado se dispersaram como folhas em uma ventania.

Os olhos se moviam naturalmente da esquerda para a direita, percorrendo a pintura, para seguir a curva de tensão até seu momento de clímax. À esquerda estava o mar, de um azul tão profundo como a água que golpeava Shastar. E uma frota de estranhas naves, conduzidas por fileiras de bancos de remos e por ondulantes velas, esforçava-se por chegar à terra distante. A pintura não só cobria quilômetros de espaço, mas também possivelmente anos de tempo. Agora as naves tinham chegado à costa, e ali, na vasta planície, acampava um exército; os muros da cidade-fortaleza que estava sitiando diminuía as bandeiras e as lojas e os carros. Os olhos escalavam esses muros ainda inviolados e pousavam, como estava calculado, na mulher que olhava dali de cima para o exército que a tinha seguido através do oceano.

Inclinada para diante para esquadriñar as muralhas, o vento jogava com seu cabelo, lhe envolvendo a cabeça em uma névoa dourada. Lia-se em seu rosto uma tristeza tão profunda que nenhuma palavra podia expressar, mas que, entretanto, não afetava aquela incrível beleza; uma beleza que manteve Brant enfeitiçado durante longo tempo, impedindo-o de afastar os olhos. Quando finalmente o fez, seguiu o olhar da mulher, descendo para os muros aparentemente inexpugnáveis, até o grupo de soldados que trabalhava sob sua sombra. Os soldados estavam reunidos ao redor de algo tão reduzido pela perspectiva, que passou um tempo antes que Brant compreendesse do que se tratava; era uma imagem imensa de um cavalo,

montado sobre rodas para movê-lo facilmente. Não recordou nada a Brant, que rapidamente voltou para a solitária figura do muro. Agora via que essa figura era o eixo ao redor do qual estava balançado todo o grande desenho. Pois, enquanto seus olhos percorriam a pintura, levando-o ao futuro, encontrava-se com aldeias em ruínas, a fumaça da cidade incendiada manchando o céu, e a frota voltando para seu lar, cumprida a missão.

Brant ficou ali até que quase não podia ver pela falta de luz. Desaparecido o impacto inicial, examinou a grande pintura mais atentamente, e procurou em vão a assinatura do artista. Também procurou algum encabeçamento ou título, mas estava claro que não o tinha havido nunca..., possivelmente porque a história era demasiado conhecida e não fazia falta. Nos séculos intermediários, entretanto, algum outro visitante arranhou duas linhas de poesia na parede:

*É este o rosto que lançou mil navios
e acendeu as torres de Ilium?*

Ilium! Era um nome estranho e mágico... mas não significava nada para ele. Perguntou-se se pertenceria à história ou à fábula, sem saber quantos antes dele tinham lutado com o mesmo problema.

Ao sair à luz crepuscular, ainda levava nos olhos essa triste e etérea beleza. Possivelmente, se Brant não fosse um artista, e não tivesse estado tão suscetível, a impressão não o teria afligido tanto. Entretanto, essa era a sensação que o desconhecido professor tinha pretendido criar, como a Fênix, com as cinzas de uma grande lenda. Tinha capturado, e a mostrava aos séculos futuros, essa beleza cujo serviço é a finalidade da vida, e sua única justificativa.

Brant ficou um longo momento sentado sob as estrelas, olhando como a lua crescente afundava atrás das torres da cidade e acossado por perguntas cuja resposta não saberia nunca. Todos os outros quadros da galeria tinham desaparecido; estariam tão pulverizados que era inútil buscá-los, não só em todo mundo, mas também em todo o universo. Como seriam, comparados com a única obra de gênio que agora devia representar para sempre a arte de Shastar?

Brant voltou no dia seguinte, logo depois de uma noite de sonhos estranhos. Em sua mente se formou um plano tão desatinado e ambicioso que, no princípio, tratou de não tomá-lo muito a sério; mas não o deixava em paz. Quase a contragosto armou o pequeno cavalete e preparou as tintas. Tinha encontrado em Shastar uma coisa que era, ao mesmo, tempo única e formosa. Possivelmente tivesse o talento de levar um débil eco dessa coisa de volta para Chaldis.

Era impossível, é obvio, copiar mais que um fragmento do grande afresco, mas o problema da seleção era fácil. Embora nunca tivesse tentado um retrato de Yradne, agora pintaria uma mulher que, se realmente tivesse existido, era pó há cinco mil anos.

Várias vezes ele se deteve considerar esse paradoxo e, no final, pensou que o havia resolvido. Nunca havia pintado Yradne porque duvidava de seu próprio talento e porque temia as críticas dela. Aqui não teria esses problemas, disse-se Brant. Não se deteve a pensar como Yradne reagiria quando voltasse para Chaldis levando como único presente o retrato de outra mulher.

A verdade era que pintava para si e para ninguém mais. Pela primeira vez em sua vida se encontrava diretamente com uma grande obra de arte clássica e estava um

pouco aturdido. Até então tinha sido um aficionado; talvez nunca chegasse a ser mais que isso, mas pelo menos faria um esforço.

Trabalhou todo o dia sem descanso, e a total concentração no trabalho lhe deu certa paz espiritual. Ao anoitecer tinha esboçado os muros do palácio e as ameias e estava a ponto de começar o próprio retrato. Nessa noite dormiu bem.

Na manhã seguinte perdeu quase todo o otimismo. Restavam poucas provisões e possivelmente o pensamento de estar trabalhando contra o relógio o inquietou. Tudo parecia estar mal: as cores não coincidiam e a pintura, que se tinha mostrado tão promissora no dia anterior, tornava-se menos satisfatória cada minuto que passava.

Para piorar as coisas, faltava luz, embora fosse meio-dia e Brant supôs que fosse o céu ficando nublado. Descansou um momento, com a esperança que clareasse novamente, mas como isso não acontecia, começou novamente o trabalho. Era agora ou nunca: a menos que pudesse fazer bem esse cabelo, abandonaria todo o projeto...

A tarde se desvaneceu rapidamente, mas em sua furiosa concentração, Brant nem notou o passar do tempo. Uma ou duas vezes lhe pareceu ouvir sons distante, e se perguntou se estaria se preparando uma tormenta, pois o céu estava ainda muito escuro.

Não há experiência mais arrepiante que o súbito pressentimento de já não estar sozinho. Seria difícil dizer o que impulsionou Brant a deixar lentamente o pincel e voltar-se, mais lentamente ainda, para a grande porta de entrada, a dez metros de suas costas. O homem tinha entrado quase imperceptivelmente e a Brant foi impossível adivinhar quanto tempo fazia que o observava. Um momento mais tarde a esse homem se uniram outros dois, que tampouco tentaram passar da porta de entrada.

Brant se levantou lentamente, com o cérebro feito um torvelinho. Durante um momento quase pensou que fantasmas do passado de Shastar tinham retornado para persegui-lo. Logo prevaleceu a razão.

Depois de tudo, por que não podia encontrar outros visitantes ali, se ele mesmo era um?

Deu uns passos adiante e um dos estrangeiros fez o mesmo. Quando estavam a poucos metros de distância, o outro disse em voz muito clara, falando com bastante lentidão:

- Espero não tê-lo incomodado.

Não era um começo muito dramático. Brant estava um pouco perplexo pelo sotaque do homem; quer dizer, pelo excessivo cuidado com que pronunciava as palavras. Quase parecia como se esperasse que, de outro modo Brant, não o entendesse.

- Está bem - replicou Brant, falando também lentamente. - Mas me deram uma surpresa; não esperava encontrar ninguém aqui.

- Nós tampouco - disse o outro com um ligeiro sorriso, - Não tínhamos ideia que ainda vivesse alguém em Shastar.

- Mas eu não vivo em Shastar - explicou Brant. - Sou um visitante, igual a vocês.

Os três trocaram olhares, como se compartilhassem alguma brincadeira secreta. Logo um deles tirou um objeto metálico do cinturão e disse umas poucas palavras, muito brandamente para que Brant as ouvisse. Brant pensou que, possivelmente, outros membros do grupo estavam a caminho, e lhe incomodou que lhe interrompessem tão completamente a solidão.

Dois dos estrangeiros se aproximaram do grande mural e começaram a examiná-lo criticamente. Brant se perguntou o que pensariam. Incomodava-lhe compartilhar o tesouro com quem não sentia a mesma veneração, com quem o consideraria só uma bela pintura. O terceiro homem ficou a seu lado e comparou, o mais discretamente possível, a cópia que Brant fazia do original. Os três pareciam evitar a conversa, deliberadamente. Houve um longo e embaraçoso silêncio; logo os outros dois se aproximaram.

- Bom, Erlyn, o que te parece? - disse um, gesticulando para a pintura com a mão. Parecia que, no momento, tinham perdido todo interesse no Brant.

- É um primitivo muito bom, do fim do terceiro milênio; tão bom como qualquer dos que temos. Não está de acordo, Latvar?

- Não exatamente. Não diria que é de fins do terceiro milênio. Por exemplo, o tema...

- Oh, você e suas teorias! Mas possivelmente tenha razão. É muito bom para esse último período. Pensando bem, eu situaria ao redor de 2500. O que diz, Trescon?

- Estou de acordo. Provavelmente Arcon ou algum de seus alunos.

- Tolices! - disse Latvar.

- Disparates! - soprou Erlyn.

- Oh, está bem - replicou Trescon de bom humor. - Só estudei esse período durante trinta anos, enquanto que vocês o olham agora pela primeira vez. De modo que me inclino ante sua sabedoria.

Brant tinha seguido a conversação, cada vez mais desconcertado.

- Acaso vocês três são artistas? - perguntou finalmente.

- É obvio - replicou Trescon majestosamente. - Por que outro motivo estaríamos aqui?

- Não seja um maldito mentiroso - disse Erlyn, sem sequer levantar a voz. - Não será um artista mesmo que vivas mil anos. É só um perito, e sabe disso. Os que podem, criam. Os que não podem, criticam.

- De onde vieram? - perguntou Brant, um pouco fracamente.

Nunca tinha conhecido gente como esses homens extraordinários. Eram de meia-idade, mas pareciam ter um gosto e um entusiasmo infantis. Todos seus movimentos e gestos eram empolados e, quando falavam entre eles, o faziam tão rapidamente que Brant achava difícil compreendê-los.

Antes que pudessem responder, houve outra interrupção. Na soleira apareceram uma dúzia de homens que, ao ver a grande pintura, se detiveram momentaneamente. Logo se apressaram em reunir-se com o pequeno grupo que rodeava Brant.

- Aqui está ele - disse Trescon, assinalando Brant. - Encontramos alguém que pode responder às suas perguntas.

O homem ao qual se dirigiu Trescon olhou Brant atentamente, deu uma olhada à pintura inconclusa, e sorriu um pouco. Logo se voltou para Trescon e elevou as sobrancelhas interrogativamente.

- Não - disse Trescon sucintamente.

Brant começava a sentir-se incomodado. Não compreendia o que estava correndo e isso era desagradável.

- Importar-se-iam de me dizer do que se trata tudo isto? - disse.

Kondar o olhou com expressão insondável. Depois disse tranquilamente:

- Possivelmente poderia te explicar melhor as coisas se visse comigo.

Falou como se nunca tivesse que pedir uma coisa duas vezes; e Brant o seguiu sem dizer uma palavra, enquanto os outros se aglomeravam atrás dele. Na entrada,

Kondar se colocou de lado e indicou a Brant que passasse.

Ainda estava estranhamente escuro, como se uma nuvem de tormenta tivesse abafado o sol. Mas a sombra que cobria completamente Shastar não era a de uma nuvem.

Uma dúzia de pares de olhos observou Brant à medida que ele olhava o céu, tratando de calcular o tamanho real da nave que flutuava sobre a cidade. Estava tão perto que se perdia o sentido de perspectiva; a gente só ficava consciente das vastas curvas metálicas que se perdiam no horizonte. Deveria ouvir-se algum som, alguma indicação da energia que mantinha a essa estupenda massa em repouso sobre Shastar; mas só havia o silêncio mais profundo que Brant jamais tinha conhecido. Até o grito das gaivotas tinha cessado, Como se também elas se sentissem intimidadas pelo intruso que usurpava seus céus.

Finalmente Brant se voltou para os homens reunidos detrás dele. Sabia que esperavam sua reação, e então compreendeu aquele comportamento curiosamente distante, embora não hostil. Para esses homens que gozavam de poderes divinos, ele não era mais que um selvagem que casualmente falava o mesmo idioma. Era um sobrevivente de seu próprio e quase esquecido passado, e lhes recordava a época em que seus antepassados haviam compartilhado a Terra com os dele.

- Agora compreende quem somos? - perguntou Kondar.

Brant assentiu.

- Estiveram fora longo tempo - disse. - Quase os tínhamos esquecido.

Brant voltou a olhar para o grande arco metálico que cobria o céu e pensou que era muito estranho que o primeiro contato, logo depois de tantos séculos, fosse ali, nessa perdida cidade dos homens. Mas parecia que Shastar era muito bem recordada entre as estrelas, pois certamente Trescon e seus amigos pareciam conhecê-la muito bem.

E então, longe, para o norte, os olhos do Brant foram atraídos por um súbito reflexo. Atravessando a franja de céu que havia sob a nave passou outro gigante metálico que poderia ter sido seu gêmeo, embora reduzido pela distância. Cruzou velozmente o horizonte e, em poucos segundos, desapareceu da vista.

De modo que esta não era a única nave. Quantas mais haveria? De alguma forma este pensamento o recordou da grande pintura, e a frota invasora movendo-se com tão letal propósito para a cidade condenada. E quando esse pensamento chegou à sua alma, arrastando-se desde as profundidades da memória racial, o medo desses esses estranhos que, em uma época, tinham sido a maldição de toda a humanidade. Brant se voltou para Kondar e gritou em forma acusadora:

- Vocês estão invadindo a Terra!

Durante um momento ninguém falou. Logo Trescon disse, com um pouco de malícia na voz:

- Prossiga, comandante; terá que explicá-lo cedo ou tarde. Esta é uma boa ocasião para praticar.

O comandante Kondar exibiu uma preocupada risada que primeiro tranquilizou Brant e depois o encheu de horríveis pressentimentos.

- Faz-nos uma grande injustiça, jovem - disse gravemente. - Não estamos invadindo a Terra. Estamos evacuando-a.

- Espero - disse Trescon, que tinha tomado um interesse protetor em Brant - que desta vez os cientistas tenham aprendido uma lição, embora o duvide. Dizem simplesmente "ocorrerão acidentes", e logo depois de arrumar uma confusão provocam outro. O *Campo Sigma* é até o momento seu fracasso mais espetacular, mas o progresso nunca se detém.

- E o que acontecerá se se chocar com a Terra?

- O mesmo que ocorreu com o aparelho de controle ao liberar o Campo: se disseminará uniformemente através do cosmos. E o mesmo ocorrerá com vocês, a menos que os tiremos a tempo.

- Por que? - perguntou Brant.

- Não espera uma resposta técnica, não é certo? É algo que tem a ver com a Indeterminação. Os antigos gregos, ou possivelmente foram os egípcios, descobriram que não se pode definir a posição de um átomo com precisão absoluta. O átomo tem uma pequena, mas finita probabilidade de estar em qualquer parte do universo. O povo que criou o Campo esperava usá-lo para propulsão. Mudaria as probabilidades atômicas, tal como se apresentavam então, de modo que uma espaçonave em órbita ao redor de Vega decidiria subitamente que, na realidade, devia estar girando ao redor de Betelgeuse. Bom, parece que o *Campo Sigma* só faz a metade do trabalho. Simplesmente multiplica as probabilidades: não as organiza. E agora se move ao acaso entre as estrelas, alimentando-se de pó interestelar e de ocasionais raios de sol. Ninguém conseguiu inventar uma forma de neutralizá-lo, embora exista uma horrível sugestão de criar um gêmeo e preparar uma colisão. Se tentarem isso, sei exatamente o que acontecerá.

- Não vejo por que deveríamos nos preocupar - disse Brant. - Ainda está a dez anos luz de distância.

- Dez anos luz é muito perto para algo como o *Campo Sigma*. Está descrevendo ziguezagues ao acaso, no que os matemáticos chamam o "Passo do Bêbado". Se tivermos azar estará aqui amanhã. Mas as probabilidades para que a Terra não seja tocada são de vinte a um. Em poucos anos poderão voltar para o seu lar, como se nada tivesse acontecido.

Como se nada tivesse acontecido! Seja lá o que proporcionasse o futuro, a velha forma de vida teria desaparecido para sempre. O que ocorria em Shastar devia estar se passando, de uma forma ou outra, em todo mundo. Brant olhou assombrado para as estranhas máquinas que rodavam sobre as esplêndidas ruas, limpando os escombros de séculos e preparando a cidade para ser habitada novamente. Como uma estrela quase extinta pode acender-se de repente em uma última hora de glória, assim, durante uns poucos meses, Shastar seria uma das capitais do mundo, alojando o exército de cientistas, técnicos e administradores que tinham descido do espaço.

Brant começava a conhecer muito bem aos invasores. O vigor desses homens, sua prodigalidade, e o deleite quase infantil com que tomavam seus poderes super-humanos, não deixavam nunca de surpreendê-lo. Estes seus primos eram os herdeiros de todo o universo; e ainda não tinham esgotado suas maravilhas nem se cansaram de seu mistério. Apesar de toda sua sabedoria, em muitas das coisas que faziam havia ainda sentimento de experimentação, de alegre irresponsabilidade. O *Campo Sigma* era um exemplo. Haviām cometido um engano, não parecia lhes preocupar absolutamente, e estavam completamente certos que, tarde ou cedo, ajeitariam as coisas.

Apesar do tumulto que desatou sobre Shastar e certamente sobre todo o planeta, Brant havia continuado teimosamente com sua tarefa. Dava-lhe algo fixo e estável em um mundo de valores cambiantes e como tal se aferrava a ela desesperadamente. De vez em quando Trescon ou seus colegas o visitavam e aconselhavam; em geral, esses conselhos eram excelentes, embora não os seguisse

sempre. E, ocasionalmente, quando estava fatigado e desejava descansar os olhos ou a mente, deixava as amplas galerias e saía às transformadas ruas da cidade. Os novos habitantes tinham uma característica: embora não fossem estar ali mais que uns poucos meses, não tinham economizado esforços para fazer de Shastar uma cidade limpa e eficiente e para lhe dar uma certa beleza que teria surpreendido a seus construtores.

Depois de quatro dias, o tempo mais longo que jamais havia dedicado a um só trabalho, Brant se deteve. Podia seguir retocando indefinidamente, mas se o fizesse só pioraria as coisas. Não de todo descontente com seu trabalho, saiu em busca do Trescon.

Como sempre encontrou o crítico discutindo com seus colegas sobre o que se deveria salvar da arte acumulada pela humanidade. Latvar e Erlyn tinham ameaçado com a violência se subisse a bordo um só Picasso a mais, ou se chegasse outro Fra Angélico. Brant, que não tinha ouvido falar de nenhum dos dois, não teve escrúpulos em fazer seu próprio pedido.

Trescon permaneceu em silêncio ante o quadro, mirando de vez em quando o original. Sua primeira observação foi completamente inesperada.

- Quem é a jovem? - disse.
- Você me disse que se chamava Helena - começou Brant.
- Quero dizer, a que pintaste realmente.

Brant olhou sua pintura, e depois o original. Era curioso que não tivesse notado antes essas diferenças, mas indubitavelmente havia traços de Yradne na mulher que aparecia nos muros da fortaleza. Não era essa a cópia exata que tinha tentado fazer. Seu coração e sua mente tinham falado pelos seus dedos.

- Entendi o que quer dizer - respondeu lentamente. - Há uma jovem em minha aldeia; na realidade vim aqui para encontrar um presente para ela, algo que a impressionasse.

- Então estiveste perdendo o tempo - respondeu Trescon rudemente. - Se te quiser, dir-lhe-á isso e pronto. Se não, não a conseguirá. É simples assim.

Brant não considerava tão simples, mas decidiu não discutir.

- Não me disse o que pensa - se queixou.

- Promete - respondeu Trescon prudentemente. - Em outros trinta anos..., bom, vinte, pode chegar a algo, se continuar. É obvio que a pincelada é muito tosca, e que essas mãos parecem um cacho de bananas. Mas tem um desenho vigoroso e me parece muito bom que não tenha feito uma cópia exata. Qualquer parvo pode fazê-lo; isto mostra que tem alguma originalidade. O que precisa é mais prática e, sobretudo, mais experiência. Bom, acredito que isso nós podemos oferecer.

- Se significa ir para longe da Terra - disse Brant - não é a experiência que quero.

- Te fará bem. Não te emociona a ideia de viajar pelas estrelas?

- Não; só me assusta. Mas não posso considerá-lo seriamente, pois não acredito que possam nos obrigar a ir.

Trescon sorriu, meio ironicamente.

- Se moverão rapidamente quando o *Campo Sigma* aspirar a luz das estrelas do céu. E possivelmente seja uma boa coisa quando acontecer: Tenho o pressentimento de que chegamos bem a tempo. Embora muitas vezes nós briguemos com os cientistas, eles nos liberaram para sempre do estancamento que estava apoderando-se de sua raça. Deve sair da Terra, Brant; nenhum homem que tenha vivido toda sua vida sobre a superfície de um planeta viu as estrelas, só viu seu débeis fantasmas. Pode imaginar o que significa flutuar no espaço em meio de um dos grandes sistemas múltiplos, com sóis de cores que ondulam ao redor? Eu o tenho feito; e vi

estrelas flutuando em anéis de fogo carmesim, como seu planeta Saturno, mas mil vezes maiores. E pode imaginar a noite em um mundo perto do coração da Galáxia, onde todo o céu brilha por causa da névoa estelar que ainda não deu nascimento a sóis? Sua Via Láctea é só um punhado de sóis de terceira categoria; espere para ver a Nebulosa Central! Estas são as maravilhas, mas as pequenas coisas são belas também. Toma até a última gota do que o universo pode oferecer; e se assim o desejar, volta para a Terra com suas lembranças. Então pode começar a trabalhar; então, e não antes, saberá se é um artista.

Brant estava impressionado, mas não convencido.

- Segundo esse argumento - disse - a arte não poderia ter existido antes das viagens espaciais.

- Há toda uma escola crítica apoiada nessa tese; por certo que as viagens espaciais foram uma das melhores coisas que aconteceram à arte. Viajar, explorar, conhecer outras culturas: esses são os grandes estímulos para toda atividade intelectual. - Trescon assinalou o mural. - O povo que criou esta lenda era marinho e o tráfego de meio mundo passava através de seus portos. Mas logo depois de uns poucos milhares de anos, o mar foi muito pequeno para a inspiração ou a aventura, e chegou a hora de sair ao espaço. Bom, o momento chegou para ti também, goste ou não.

- Eu não gosto. Quero viver com Yradne.

- As coisas que as pessoas querem e as coisas que lhes convêm, são muito diferentes. Desejo-te sorte com sua pintura; não sei se te desejo sorte em teu outro empenho. A grande arte e a felicidade doméstica são mutuamente incompatíveis. Cedo ou tarde terá que escolher.

"Cedo ou tarde terá que escolher." Essas palavras ressoavam ainda na mente de Brant enquanto caminhava trabalhosamente para o topo da colina, contra o vento que descia pela grande estrada. Sunbeam estava zangada porque as férias tinham terminado e se movia ainda mais lentamente do que exigia a costa. Mas, pouco a pouco, a paisagem se abriu a seu redor, o horizonte se aproximou do mar, e a cidade começou a parecer mais e mais um brinquedo construído com tijolos coloridos. Um brinquedo dominado pela nave que se pendurava lá em cima sem esforço nem movimento.

Brant a viu em sua totalidade pela primeira vez, pois agora flutuava quase ao mesmo nível de seus olhos e podia abrangê-la de um único olhar. A forma da nave era quase cilíndrica, mas terminava em complexas estruturas poliédricas, cujas funções estavam além de toda conjectura. A grande parte curva posterior estava arrepiada de saliências, estrias, e cúpulas igualmente misteriosas. Ali havia potência e praticidade, mas nada de beleza, e Brant a olhou com desgosto.

Esse triste monstro que usurpava o céu... Se tão somente desaparecesse, como as nuvens que flutuavam a seu lado! Mas não se desvaneceria porque ele o quisesse. Brant sabia que ele e seus problemas não tinham importância ante as forças que agora estavam em jogo. Esta era a pausa em que a história continha o fôlego, o silencioso instante entre o relâmpago e a chegada do primeiro golpe. Logo soaria o trovão, dando a volta ao mundo; e logo poderia desaparecer o mundo, enquanto ele e seu povo seriam exilados sem lar entre as estrelas. Esse era o futuro que não queria enfrentar; o futuro que temia mais profundamente do que Trescon e seus companheiros, para quem o universo tinha sido um brinquedo durante cinco mil anos, podiam compreender.

Parecia injusto que tivesse que acontecer em sua época, logo depois de todos esses séculos de paz. Mas os homens não podem negociar com o destino, e escolher paz ou aventura segundo seu desejo. Outra vez tinham chegado ao mundo a Aventura e a Mudança, e ele deveria tirar disso o melhor proveito, como o tinham feito seus antepassados no começo da era espacial, quando as primeiras e frágeis naves tinham assaltado as estrelas.

Saudou Shastar por última vez. Logo deu as costas ao mar. O sol resplandecia ante seus olhos, e a estrada parecia velada por um brilhante e trêmulo resplendor, e tremia como uma miragem ou como o reflexo da lua sobre águas estremecidas. Durante um momento Brant se perguntou se seus olhos o tinham estado enganando; logo viu que não era ilusão.

Até onde podia ver, a estrada e o chão de ambos os lados estavam cobertos de incontáveis aranhas, tão frágeis e magras que só o brilho do sol revelava sua presença. Brant havia caminhado entre elas no último quilômetro, com tanta facilidade como se fossem espirais de fumaça.

Durante a manhã, as aranhas levadas pelo vento deveriam ter caído aos milhões do céu. E quando olhou para o azul, Brant pôde ver fugazes resplendores de luz solar sobre sedas flutuantes: viajantes tardios que passavam voando. Sem saber aonde ir, essas diminutas criaturas se aventuraram para um abismo mais hostil e insondável que nenhum dos que enfrentaria Brant quando chegasse o momento de despedir-se da Terra. Era uma lição que recordaria durante as semanas e os meses seguintes.

A esfinge afundou devagar no horizonte, unindo-se com Shastar, além da meia-lua das colinas. Brant se voltou uma só vez para olhar o monstro escondido, cuja vigília de séculos já chegava a seu fim. Depois caminhou lentamente para o sol, enquanto uns dedos impalpáveis lhe roçavam a cara uma e outra vez: os fios de seda arrastados pelo vento que soprava do lar.

Ódio

Hate, 1961. Tales from Planet Earth.

Esta vai ser inverossímil para um conto de ficção. Terão que aceitar minha palavra de que não estou inventando. Como quase havia esquecido a origem da história até que pequei meus amarelados blocos de notas, ainda me sinto um pouco incrédulo.

Em fevereiro de 1960 - trinta anos antes da impressão destas palavras - o distinto produtor de cinema William MacQuitty pediu-me que escrevesse um script para "O Mar e as Estrelas". Isto foi dois anos antes que o Sputnik I inaugurasse a era espacial (outubro de 1957); nenhum ser humano ainda havia viajado além da atmosfera e, apesar de Laika e outros astronautas animais, em alguns círculos ainda se duvidava de que fosse possível a sobrevivência prolongada em gravidade nula.

Na época, claro que ainda não sabíamos, Yuri Gagarin já estava se preparando para o primeiro voo orbital (12 de abril de 1961) e Bill e eu estávamos totalmente seguros de que a primeira pessoa no espaço seria um russo. Achamos que seria um filme fantástico se a cápsula afundasse na "Great Barrier Reef" e fosse descoberta, com o tripulante preso e vivo, por um mergulhador que... Não, não quero antecipar a história...

Nada resultou do script do filme, que é o que acontece a 99 por cento deles, contudo, achei que a ideia era demasiado boa para ser desperdiçada e, no mês seguinte, escrevi um conto com ele. A revista Ufo publicou em novembro de 1961, intitulando-a "At The End of the Orbit" (Ao Final da Órbita). Eu prefiro o título original, tem mais apelo

Quase ao mesmo tempo, conheci o primeiro homem que entraria em órbita. Uma das coisas que possuo e que mais aprecio é a autobiografia de Gagarin com esta dedicatória: «Recordação do nosso encontro no Ceilão, 11 de dezembro de 61». Anos mais tarde, em Star City, estive no gabinete de Gagarin, tal como ele o havia deixado antes daquele voo fatal de treinamento, com o relógio na parede parado no momento da sua morte.

Quando nos conhecemos, Bill MacQuitty acabava de produzir o filme definitivo sobre a catástrofe do Titanic: "A Night to Remember". O tema o interessava porque quando garoto havia presenciado o lançamento do navio. Mais tarde, fez um decidido, porém vão, esforço para levar à tela "Naufrágio no Mar Selenita". Por não poder filmar operações submarinas na Lua, voltou à Terra com "Above Us the Waves", ataque da Armada Britânica contra o encouraçado Turpitz. Também usou o Ceilão - onde havia trabalhado em um banco nos anos trinta - como cenário de "The Beachcomber", um conto de Somerset Maugham da época colonial, protagonizado por Robert Newton («O único filme - disse-me Bill, em que Bob esteve sério quase todo o tempo»)

Todos esses assuntos podem parecer um pouco irrelevantes, mas não são. Porque

o homem que havia observado o lançamento do Titanic em 1910, e poderia ter me pescado antes de Stanley Kubrick, acabava de entrar no meu gabinete com o primeiro volume da sua autobiografia. E estou quebrando uma das minhas regras mais severas ao escrever uma introdução...

Mas ainda não terminei. Uma semana depois que Bill MacQuitty abandonou Colombo, viria o homem que filmaria afinal (batam na madeira) “Naufrágio no Mar Selenita”, para discutir operações de salvamento na Lua.

E para tornar as coisas ainda mais complicadas, estou trabalhando em uma novela sobre o centenário do Titanic. Aproxima-se rapidamente o ano de 2012. Falei dele uma vez em Regresso a Titan, mas agora Robert Ballard e sua equipe o redescobriram, é hora de voltar aos Grand Banks.

Tibor não viu. Estava dormindo e imerso em seu inevitável e doloroso sonho. Só Joey estava acordado sobre a coberta, na fresca quietude antes da alvorada, quando o meteoro cruzou o céu de Nova Guiné, envolto em chamas. Olhou como subia pelo firmamento até que passou diretamente por cima, seguindo as estrelas e arrojando sombras velozes sobre a abarrotada coberta. A luz áspera delineou os nus arranjos, as cordas enroladas e os tubos de ar, os *cascos* de cobre para mergulhar, prontamente acomodados para a noite... até a ilha de pinheiros a meia milha de distância. Ao afastar-se para o sudoeste, sobre a vacuidade do Pacífico, começou a desintegrar-se. Estalou em glóbulos incandescentes que arderam, deixando um rastro de fogo através de um quarto de céu. Já se apagava quando desapareceu da vista, mas Joey não viu o fim.

Ardendo furiosamente, o meteoro afundou no horizonte, como se quisesse lançar-se contra a cara do sol já oculto.

Se a cena era espetacular, o silêncio, em troca, era enervante. Joey esperou e esperou e esperou, mas nenhum som chegou do céu. Quando, minutos mais tarde, escutou um súbito chapinho no mar, perto dele, teve um involuntário sobressalto. Logo se amaldiçoou por assustar-se de um peixe raia. (Um peixe enorme, sem embargo, para fazer tanto ruído quando saltava.) Não ouviu mais ruídos e logo voltou a dormir.

No estreito beliche, à popa do compressor de ar, Tibor não escutou nada. Dormia tão profundamente logo depois da jornada de trabalho que quase não ficavam energias para os sonhos; e quando os sonhos vinham não eram os que ele queria. Nas horas de escuridão sua mente dava voltas no passado e nunca descansava entre lembranças do desejo. Tinha mulheres no Sidney e Brisbane e Darwin e a Ilha Quinta-feira, mas em sonhos, nenhuma. Tudo o que recordava ao despertar, na fétida quietude da cabine, eram o pó e o fogo e o sangue quando os tanques russos entraram em Budapeste Seus sonhos não eram de amor, eram somente de ódio.

Quando Nick o sacudiu para despertá-lo, estava se esquivando aos guardas da fronteira austríaca. Demorou alguns segundos para percorrer dezesseis mil quilômetros até a Grande Barreira de Recifes; logo bocejou, apartou a patadas as baratas que lhe roçavam os pés e desceu do beliche.

O café da manhã, é obvio, era o mesmo de sempre: arroz, ovos de tartaruga e carne enlatada, tudo baixado com chá forte e adocicado. A única virtude da cozinha de Joey era a abundância. Tibor estava acostumado à dieta monótona; quando retornava a terra se ressarcia dessa e de outras privações.

Logo o sol aparecia no horizonte quando já os pratos estavam empilhados no pequeno fogão e o lugre ficou em movimento. Nick parecia alegre quando tomou o leme e se afastaram da ilha; o velho pescador de pérolas tinha todo o direito a está-lo, pois a zona em que trabalhavam era a mais rica que Tibor já tinha visto. Com sorte encheriam a adega em um ou dois dias, e navegariam de retorno à Ilha Quinta-feira com meia tonelada de valvas a bordo. E logo, com um pouco mais de sorte, poderia abandonar esse pestilento e perigoso trabalho para voltar para a civilização. Não é que se lamentasse; o grego o tinha tratado bem, e havia encontrado algumas pedras boas ao abrir as valvas. Mas agora compreendia, logo depois de nove meses nos Recifes, por que o número de mergulhadores brancos podia contar-se com os dedos de uma mão. Os japoneses, os havaianos e os ilhéus, podiam suportá-lo; mas não os europeus.

O motor diesel tossiu, calou, e o Arafura se deteve. Estavam a umas duas milhas da ilha, que se estendia verde e chata sobre a água, embora bruscamente delimitada pela estreita franja de praia deslumbrante. Não constituía mais que uma anônima faixa rodeada de um bosquezinho, e seus únicos habitantes eram miríades de estúpidos pássaros, que perfuravam o chão brando e enchiam a noite de espanto com seus ruídos agoureiros.

Falou-se pouco enquanto os três mergulhadores se vestiam; cada homem sabia o que tinha que fazer e não perdia tempo. Enquanto Tibor abotoava a grossa jaqueta de sarja, Branco, seu ajudante, lavou a placa de revestimento com vinagre, para que não se nublasse. Logo Tibor subiu à escada de corda, enquanto lhe colocavam a pesado escafandro e o corselete de chumbo sobre a cabeça. Além da jaqueta, que distribuía o peso em forma uniforme sobre seus ombros, levava as roupas de sempre. Nessas águas temperadas não eram necessários os trajes de borracha, e o escafandro atuava como um minúsculo sino de mergulhador, mantido em posição tão somente por seu peso. Em uma emergência, o portador podia (se tinha sorte) mergulhar-se fora da mesma e nadar de retorno para a superfície, sem estorvos. Tibor tinha visto como se fazia e não tinha desejo algum de levar a cabo o experimento.

Cada vez que chegava ao último degrau da escada, aferrando a bolsa de coleta com uma mão e a linha de segurança com a outra, o mesmo pensamento atravessava a mente de Tibor. Deixava o mundo que conhecia, mas era por uma hora ou era para sempre? Lá embaixo, no fundo do mar, estava a riqueza e a morte, e não se podia estar seguro de nenhuma. Era provável que este fosse outro dia fatigante e sem peripécias, como quase todos os dias na vida rotineira do mergulhador de pérolas. Mas Tibor viu morrer um de seus companheiros, quando o tubo de ar se enredou na escora do Arafura, e presenciou a agonia de outro cujo corpo se retorceu com câibras. No mar, nada era jamais seguro ou certo. Aceitavam-se os riscos com olhos abertos; se se perdia, servia lamentar-se?

Separou-se da escada e o mundo de sol e céu deixou de existir. Desequilibrado pelo peso de seu escafandro, devia pedalar furiosamente para trás, para manter o corpo em posição vertical. Só via uma vaga bruma azul enquanto afundava-se e esperou que Branco não largasse muito rapidamente a linha de segurança. Tragando e soprando, tratou de clarear os ouvidos ao aumentar a pressão; o direito "estalou" logo, mas uma penetrante e intolerável dor cresceu rapidamente no esquerdo, que o tinha incomodado durante vários dias.

Trabalhosamente levou uma de suas mãos debaixo do capacete, apertou o nariz e soprou com toda sua força. Houve uma súbita e silenciosa explosão em algum lugar dentro de sua cabeça e a dor desapareceu instantaneamente. Não teria mais

problemas durante essa imersão.

Tibor sentiu o fundo antes de vê-lo. Como não podia inclinar-se, a menos que se arriscasse a alagar o capacete aberto, sua visão para baixo era muito limitada. Podia olhar ao redor, mas não abaixo. O que viu era tranquilizador em sua debulhada monotonia: uma planície lamacenta brandamente ondulada, que desaparecia da vista a uns três metros de distância. Um metro a sua esquerda, um peixe diminuto mordiscava uma parte de coral do tamanho e a forma de um leque de mulher. Isso era tudo; ali não havia beleza, nem país encantado submarino. Mas havia dinheiro, e isso era tudo o que importava.

A linha de segurança deu um suave puxão e o lugre começou a deslizar para baixo, movendo-se de flanco sobre o terreno. Tibor caminhou para frente, com o passo saltitante e lento ao que o obrigavam a falta de gravidade e a resistência da água.

Como mergulhador Número Dois, trabalhava da proa; no meio do navio estava Stephen, ainda comparativamente inexperiente, enquanto que na popa estava o mergulhador principal, Billy. Os três homens raras vezes se viam durante o trabalho; cada um tinha sua própria zona de busca, enquanto o Arafura deslizava silenciosamente frente ao vento. Só nos extremos de seus ziguezagues podiam alguma vez vislumbrar-se uns aos outros: formas imprecisas que apareciam na bruma.

Necessitava-se um olho treinado para distinguir as ostras sob sua camuflagem de algas e de ervas, mas frequentemente os moluscos se traíam. Quando sentiam as vibrações do mergulhador que se aproximava, fechavam-se com um estalo, e havia um momentâneo e nacarino bater de asas na escuridão. Mas ainda assim escapavam algumas vezes, pois o navio, ao mover-se, arrastava ao mergulhador antes que este pudesse recolher o prêmio, que lhe escapava por centímetros. Nos primeiros dias de aprendizagem, Tibor perdeu vários dos grandes lábios chapeados e qualquer um deles podia conter alguma pérola fabulosa. Ou imaginou isso, antes que se desvanecesse o feitiço da profissão, e compreendesse que as pérolas eram tão estranhas que mais valia esquecê-las. A pedra mais valiosa que subiu foi vendida por cinquenta e seis dólares e as ostras que juntava durante uma boa manhã valiam muito mais que isso. Se a indústria dependesse das gemas e não das madrepérolas, teria quebrado anos atrás.

Não havia sentido do tempo nesse mundo brumoso. Caminhava-se sob o invisível casco de navio à deriva, com o batimento do coração do compressor de ar golpeando nos ouvidos, a névoa esverdeada movendo-se ante os olhos. A compridos intervalos encontrava-se uma ostra, a arrancava do fundo marinho e a guardava na bolsa. Com sorte podia-se juntar um par de dúzias em cada passagem.

Estava-se alerta ao perigo, mas não preocupado com ele. Os riscos reais eram coisas simples, nada espetaculares, como tubos de ar ou linhas de segurança enredadas; não o eram os tubarões, os meros, nem os polvos. Os tubarões corriam ao ver as borbulhas de ar e, em todas suas horas de mergulho, Tibor viu só um polvo. Quanto aos meros, bom, esses sim eram de inspirar cuidado, pois podiam tragar um mergulhador de um bocado, se estivessem famintos. Mas havia poucas probabilidades de encontrá-los nessa planície plana e desolada; não havia cavernas de coral como as que acostumavam habitar.

O susto não teria sido tão grande, portanto, se essa cinzenta uniformidade não o tivesse adormecido em um sentimento de tranquilidade. Em certo momento se viu caminhando para uma inalcançável parede de névoa que retrocedia à medida que ele se aproximava. E então, sem aviso, seu pesadelo privado o envolveu.

Tibor odiava as aranhas, e havia uma criatura marinha que parecia engenhar deliberadamente para aproveitar-se dessa fobia. Nunca tinha encontrado uma e sua mente sempre afastou o pensamento de um encontro, mas Tibor sabia que o caranguejo marinho japonês pode abranger três metros de ponta a ponta entre suas largas patas. Que fosse inofensivo não importava absolutamente; uma aranha tão grande como um homem não tinha direito a existir.

Logo que viu surgir a caixa de finas patas articuladas, vinda do mundo cinzento que o rodeava, Tibor começou a gritar com terror incontrolável. Não recordava ter atirado da linha de segurança, mas Branco reagiu com a instantânea percepção do ajudante ideal. Com seus gritos ainda ressonando no escafandro, Tibor se sentiu arrebatado do fundo do mar, levantado para a luz e o ar... e a prudência. Ao subir, viu o absurdo de seu engano, e recuperou um pouco o domínio de si mesmo. Mas quando Branco lhe levantou o capacete, ainda tremia tão violentamente que transcorreu algum tempo antes que pudesse falar.

- Que demônios se passa ali embaixo? - perguntou Nick. - Todo mundo abandona o trabalho cedo?

Então Tibor compreendeu que não foi o primeiro a subir. Stephen estava sentado no meio do navio, fumando um cigarro e com um aspecto de total indiferença. O mergulhador de popa, indubitavelmente sem saber que acontecia, estava sendo içado por seu ajudante, pois o Arafura se deteve e todas as operações foram suspensas até que se resolvesse o problema.

- Há algum tipo de naufrágio ali abaixo - disse Tibor. - Tropecei com ele. Tudo o que pude ver foi um montão de arames e varinhas.

Para sua irritação e desagrado, a lembrança o fez estremecer de novo.

- Não vejo por que isso deveria te fazer tremer - grunhiu Nick.

Tampouco o via Tibor; ali na coberta alagada de sol era impossível explicar como uma forma inofensiva vislumbrada através da bruma poderia aterrorizar a mente.

- Quase me enredei com ele - mentiu. - Branco me içou bem a tempo.

- Hum - disse Nick, obviamente não convencido. - De todo modo não é um navio. - Fez um gesto para o mergulhador do meio da nave. - Steve se encontrou com uma confusão de cordas e tecido, como náilon grosso, diz. Sonha como algum tipo de para-quedas. - O velho grego olhou com desgosto o empapado resto de seu charuto e logo o atirou pela amurada. - Assim que Billy subir, baixaremos para ver. Pode valer algo; recorda o que aconteceu ao Jo Chambers.

Tibor recordou. A história era famosa ao longo de toda a Grande Barreira de Recifes. Jo era um pescador solitário que nos últimos meses da guerra encontrou um DC-3 em águas pouco profundas, a poucas milhas da costa de Queensland. Logo depois de prodígios de salvamento, sem ajuda, conseguiu romper a fuselagem, e começou a descarregar caixas de ferramentas e matrizes, perfeitamente protegidas por seus envoltórios engordurados. Durante um tempo esteve metido em um florescente negócio de importação, mas quando a polícia o apanhou, revelou de má vontade sua fonte de provisões. Os policiais australianos podem ser muito persuasivos.

E foi então, logo depois de semanas e semanas de exaustivo trabalho submarino, que Jo descobriu o que seu DC-3 tinha transportado. Além das ferramentas, que ele esteve vendendo por umas miseráveis centenas de dólares a garagens e oficinas, as grandes caixas que nunca chegou a abrir continham o pagamento de uma semana para as forças dos Estados Unidos no Pacífico. A maior parte em peças de ouro de vinte dólares.

Aqui não havia tanta sorte, pensou Tibor ao afundar novamente; mas o avião, ou

o que fosse, podia conter instrumentos valiosos, e podia existir uma recompensa por seu descobrimento. Além disso, devia isso a si mesmo; queria ver exatamente que foi o que tanto o assustou.

Dez minutos mais tarde soube que não era um avião. Tinha outra forma, e era muito pequeno: só uns seis metros de comprimento e a metade de largura. Aqui e ali, no corpo brandamente cônico, havia escotilhas de acesso e diminutas frestas, através das quais instrumentos desconhecidos espiavam o mundo. Parecia intacto, embora um extremo tenha se fundido, provavelmente em consequência de um terrível calor. Do outro, brotava um matagal de antenas, todas quebradas ou dobradas pelo impacto com a água. Ainda agora tinham uma incrível semelhança com as patas de um inseto gigantesco.

Tibor não era tolo; imediatamente adivinhou o que era. Só ficava um problema, e resolveu com facilidade. Embora parcialmente chamuscadas pelo calor, ainda podiam ler-se algumas palavras marcadas nas escotilhas. As letras eram cirílicas e Tibor sabia suficiente russo para compreender referências a reposições elétricas e sistemas de pressurização.

- De modo que perderam um Sputnik - disse com satisfação.

Podia imaginar o acontecido: a coisa descendo muito velozmente e no lugar equivocado. Ao redor de um extremo estavam os restos andrajosos das bolsas de flutuação; tinham estalado com o impacto e o veículo afundou como uma pedra. A tripulação do Arafura deveria desculpar-se com o Joey; não tinha estado tomando grogue. O que tinha visto flamejando entre as estrelas tinha que ter sido o levafoguetes, separado de sua carga e caindo desenfreadamente na atmosfera terrestre.

Durante longo tempo Tibor andou pelo fundo, escondido, os joelhos dobrados, enquanto olhava essa criatura espacial apanhada agora em um elemento estranho. Sua mente estava cheia de planos meio cristalizados. Já não lhe importava o dinheiro do salvamento; muito mais importante era o projeto de vingança. Aqui estava uma das mais arrogantes criações da tecnologia soviética. E Szabo Tibor, de Budapeste, era o único homem no mundo que sabia.

Tinha que existir alguma forma de explorar a situação, de fazer mal ao país e à causa que agora odiava com tão furiosa intensidade. Nas horas de vigília raras vezes ficava consciente desse ódio, e menos ainda se detinha para analisar a causa real.

Aqui, neste solitário mundo de mar e céu, de fumegantes pântanos de mangues e deslumbrantes costas de coral, nada tinha que lhe recordasse o passado. Mesmo assim nunca podia escapar dele e algumas vezes os demônios da mente despertavam e o jogavam em uma destrutividade viciosa e desenfreada. Até agora fora afortunado; não tinha matado ninguém. Mas algum dia...

Um ansioso puxão de Branco lhe interrompeu os sonhos de vingança. Enviou um sinal tranquilizador ao ajudante, e começou um cuidadoso exame da cápsula. Quanto pesava? Poderia ser içada com facilidade? Havia muitas coisas por descobrir, antes de decidir-se por um plano definido.

Apoiou-se contra a parede metálica e empurrou cautelosamente. Houve um movimento e a cápsula se balançou no fundo marinho. Possivelmente pudesse ser içada até com os poucos arranjos do Arafura. Provavelmente era mais leve do que parecia.

Tibor apertou o capacete contra uma parte plana daquela superfície metálica e escutou atentamente. Possivelmente esperava ouvir algum ruído mecânico, como o zumbido de motores elétricos. Entretanto, o silêncio era completo. Com o cabo da faca, golpeou vivamente o metal, tratando de calcular a espessura e localizar algum ponto débil. Na terceira tentativa obteve resultados; mas não foram os que tinha

previsto.

Em uma furiosa e desesperada retreta, da cápsula saíram uns golpes em resposta.

Até o momento, Tibor nunca sonhara que pudesse haver alguém dentro; a cápsula parecia muito pequena. Então compreendeu que tinha estado pensando em termos de aviação convencional; aqui havia suficiente espaço para uma pequena cabine de pressão, na qual um devoto astronauta podia passar, apertado, umas poucas horas.

Como um caleidoscópio, que pode trocar completamente os desenhos em um instante, assim os planos meio formados na mente de Tibor se dissolveram e se cristalizaram logo em uma nova figura. Atrás do grosso vidro do capacete ele passou a língua pelos lábios. Se Nick tivesse podido vê-lo nesse momento se teria perguntado, como o tinha feito antes, se seu mergulhador Número Dois estava totalmente calmo. Todos os pensamentos de uma vingança remota e impessoal contra um ponto tão abstrato como uma nação ou uma máquina tinham desaparecido; agora seria homem contra homem.

- Tomou seu tempo, não é assim? - disse Nick. - O que encontrou?

- É russo - disse Tibor. - Algum tipo de Sputnik Se pudéssemos lhe passar uma corda ao redor, acredito que conseguiríamos levantá-lo do fundo. Mas é muito pesado para içá-lo a bordo.

Nick mascou pensativo seu eterno charuto. O capitão estava preocupado por algo que Tibor não tinha pensado. Se se realizassem operações de salvamento por ali, todo mundo saberia onde esteve navegando o Arafura. Quando a notícia chegasse à Ilha Quinta-feira, sua zona privada de ostras seria limpa imediatamente.

Teriam que calar o assunto, ou transportar a maldita coisa eles mesmos e não dizer onde a tinham encontrado. Acontecesse o que acontecesse, parecia mais uma moléstia que outra coisa. Nick, que compartilhava a desconfiança de todos os australianos pela a autoridade, já tinha decidido que tudo o que obteria por seus trabalhos seria uma amável carta de agradecimento.

- Os moços não querem descer - disse. - Pensam que é uma bomba. Querem deixá-la.

- Diga-lhes que não se preocupem - replicou Tibor. - Eu me ocuparei dele.

Tratou que sua voz parecesse normal e sem emoção; isto era muito bom para ser certo. Se os outros mergulhadores escutassem o tamborilar na cápsula, seus planos fracassariam.

Fez um gesto para a ilha, verde e formosa no horizonte.

- Podemos fazer uma coisa. Se conseguirmos elevá-la meio metro do fundo, poderemos ir para a costa. Uma vez que estejamos em águas pouco profundas não será muito difícil transportá-la até a praia. Podemos utilizar os botes e atar polias e um suporte a uma daquelas árvores.

Nick considerou a ideia sem muito entusiasmo. Duvidava que pudessem levar o Sputnik através dos recifes, até no lado a sotavento da ilha. Mas sim, estava a favor de puxá-lo para fora da zona de ostras; sempre poderiam jogá-lo em outra parte, assinalar o lugar e ainda obter reconhecimento por isso.

- Muito bem - disse. - Desce. Essa corda de cinco centímetros é a mais forte que temos; será melhor que a leve. Não fique todo o maldito dia; já que temos perdido muito tempo.

Tibor não tinha intenção de ficar todo o dia. Seis horas seriam mais que suficiente. Essa era uma das primeiras coisas que soube, graças aos sinais que escutou através da parede.

Era uma pena não escutar a voz do russo; mas o russo podia ouvi-lo e isso era o que realmente importava. Quando apoiava o capacete contra o metal e gritava,

quase todas suas palavras eram ouvidas. Até agora tinha sido uma conversa amigável; Tibor não tinha intenção de mostrar a mão até o momento psicológico adequado.

O primeiro passo consistiu em estabelecer um código; um golpe para "sim", dois para "não". Logo, era questão de idealizar as perguntas apropriadas; com tempo, não existia feito ou ideia que não pudessem ser comunicados mediante estes dois sinais. Teria sido mais árduo se Tibor tivesse tido que utilizar seu russo incipiente; alegrou-se de saber que o piloto apanhado compreendia inglês à perfeição, embora isso não o surpreendesse.

Na cápsula havia ar para outras cinco horas; o ocupante não estava ferido; sim, os russos sabiam onde caiu a cápsula. Esta última resposta fez Tibor vacilar. Possivelmente o piloto mentia, mas podia ser verdade. Embora obviamente algo tivesse dado errado na volta à Terra, os navios rastreadores no Pacífico deviam ter localizado o ponto de impacto; com quanta exatidão? Isso não podia adivinhá-lo e não importava muito. Poderiam demorar dias em chegar ali, mesmo se fossem diretamente a águas territoriais australianas, sem preocupar-se de solicitar permissão à Canberra. Ele era o dono da situação; todo o poderio da URSS não poderia interferir com seus planos... até que fosse muito tarde.

A corda pesada caiu em arcos sobre o leito marinho, levantando uma nuvem de lama que se elevou como fumaça na lenta corrente. Agora que o sol estava mais alto no céu, o mundo submarino não se achava mais envolto em uma bruma cinza e crepuscular. O leito marinho era incolor, mas brilhante, e o campo de visão abrangia agora quase quatro metros. Pela primeira vez, Tibor pôde ver a cápsula espacial em sua totalidade. Era um objeto tão singular (tinha sido desenhado para condições que estavam além de toda experiência normal) que parecia burlar-se da vista. Em vão se buscava a parte dianteira ou traseira; era impossível adivinhar para onde apontava ao voar em sua órbita.

Tibor apoiou o capacete contra o metal, e gritou:

- Estou aqui outra vez. Pode me ouvir?

Toc.

- Tenho uma corda e vou atar aos cabos do para-quedas. Estamos a uns três quilômetros de uma ilha e assim que o tenhamos amarrado iremos para lá. Não podemos içar você com a equipe do lugre, de modo que trataremos de arrastá-lo fora da água na praia. Compreende?

Toc.

Em mais uns momentos a corda estava presa; agora convinha afastar-se antes que o Arafura começasse a levantar a cápsula. Mas primeiro devia fazer algo.

- Olá! - gritou. - Já amarei a corda. Levantaremos você em um minuto. Me ouve?

Toc.

- Então pode escutar isto também. Nunca chegará lá com vida. Também arrumei isso.

Toc, toc.

- Tem cinco horas para morrer. Meu irmão demorou mais, quando tropeçou com seu campo minado. Compreende? Sou de Budapeste. Odeio a você e a seu país e a tudo o que significam. Apoderaram-se de meu lar, de minha família, escravizaram meu povo. Oxalá pudesse ver seu rosto agora; oxalá pudesse ver você morrer, como tive que ver o Theo. Quando estivermos na metade de caminho para a ilha, esta corda se romperá onde eu a cortei. Descerei e colocarei outra... que também se romperá. Pode sentar aí e esperar as porradas.

Tibor se calou de repente, agitado e exausto pela violenta emoção. Não existia

lugar para a lógica ou razão nesse orgasmo de ódio; não se deteve para pensar, pois não se atrevia. Entretanto, das profundidades da mente, a verdade abriu passo para a luz da consciência.

Não eram os russos quem ele odiava, em que pese tudo o que fizeram. Era a si mesmo, pois ele fez mais. O sangue do Theo e de dez mil compatriotas lhe manchavam as mãos. Ninguém foi melhor comunista que ele, nem acreditou mais completamente na propaganda de Moscou. Na escola e no colégio foi o primeiro a perseguir e denunciar os "traidores". (Quanto tinha enviado aos campos de trabalhos forçados ou às câmaras de tortura?) Quando viu a verdade era já muito tarde; e mesmo então não lutou: correu.

Correu através do mundo, tratando de fugir dessa culpa; e as duas drogas do perigo e da libertinagem o ajudaram a esquecer o passado. Os únicos prazeres que a vida lhe dava agora eram os abraços sem amor que tão febrilmente procurava quando estava em terra, e seu atual modo de existência provava que não bastava isso. Se agora tinha o poder de dispensar a morte era somente porque ele mesmo viera aqui procurá-la.

Da cápsula não saía som algum; o silêncio parecia depreciativo, zombador. Furioso, Tibor a golpeou com o cabo da faca.

- Ouviu-me? - gritou. - Me ouviu?

Não houve resposta.

- Maldito! Sei que me está escutando! Se não responder perfurarei a cápsula e deixarei entrar água!

Estava certo de poder fazê-lo, com a afiada ponta da faca. Mas não queria; seria um fim muito rápido, muito fácil.

Seguia sem escutar resposta. Possivelmente o russo se deprimira. Tibor esperava que não, mas não havia razão para ficar ali quieto. Deu um último golpe maligno à cápsula e fez sinal ao seu ajudante.

Nick tinha notícias para ele quando chegou à superfície.

- A rádio de Ilha Quinta-feira esteve protestando - disse. - Os russos pedem a todo o mundo que procure um de seus foguetes. Dizem que deveria estar flutuando em alguma parte, sobre a costa do Queensland. Parece que estão muito interessados em recuperá-lo.

- Disseram alguma outra coisa sobre ele? - perguntou Tibor ansiosamente.

- Oh, sim... deu a volta à Lua um par de vezes.

- Isso é tudo?

- Nada mais que eu recorde. Havia muito jargão científico que não compreendi.

Era muito dos russos calar tudo o que podiam a respeito de um experimento que tinha fracassado.

- Avisou a Ilha Quinta-feira que a encontramos?

- Está louco? De todo modo, o rádio anda ruim; não poderíamos mesmo que quiséssemos. Ajustou bem essa corda?

- Sim; veja se pode levantá-la do fundo.

Tinham enrolado a ponta da corda ao redor do mastro principal e em poucos segundos ela ficou tensa. Embora o mar estivesse calmo, havia uma ligeira marejada e o lugre se inclinava dez ou quinze graus. Com cada bamboleio, as amuradas se elevavam meio metro e voltavam a cair. Havia força para elevar várias toneladas, mas era necessário tomar cuidado ao utilizá-la.

A corda vibrava, o madeiramento gemia e corria, e por um momento Tibor teve medo que a debilitada linha se rompesse muito cedo. Mas resistiu e levantaram a cápsula. Na segunda e terceira quebra de onda a elevaram ainda mais. A cápsula

esteve então fora do leito marinho e o Arafura embicou ligeiramente para o porto.

- Vamos - disse Nick, tomando o leme. - Deveríamos poder arrastá-la meia milha antes que volte a se chocar com o fundo.

O lugre começou a navegar lentamente para a ilha, arrastando sua oculta carga.

Ao recostar-se nos corrimões, deixando que o sol secasse a umidade da empapada vestimenta, Tibor se sentiu em paz pela primeira vez em... quantos meses? Até mesmo seu ódio deixou de arder como um fogo em seu cérebro. Possivelmente, como o amor, era uma paixão que nunca podia satisfazer-se; mas no momento, ao menos, estava saciada.

Sua resolução não se debilitou; estava implacavelmente decidido a executar a vingança que tão estranhamente, tão milagrosamente, ficara ao seu alcance.

O sangue pedia sangue, e agora os fantasmas que o perseguiam podiam por fim descansar. Entretanto sentiu uma estranha compaixão, até mesmo piedade, pelo desconhecido graças ao qual agora podia devolver o golpe aos inimigos que uma vez foram seus amigos. Roubava-lhes muito mais que uma simples vida, pois o que era um homem, até um cientista altamente treinado, para os russos? O que lhes tirava era poder e prestígio e sabedoria, as coisas que valorizavam mais.

Começou a preocupar-se quando estavam a dois terços do caminho para a ilha e a corda ainda não se rompera. Ainda ficavam quatro horas e isso era muito tempo. Pela primeira vez lhe ocorreu que todo seu plano poderia deitar a perder e recair, inclusive, sobre sua cabeça. O que aconteceria se, apesar de tudo, Nick conseguisse levar a cápsula até a praia antes do prazo?

Com uma profunda vibração que comoveu toda a nave, a corda saiu se retorcendo da água, orvalhando espuma em todas as direções.

- Devia ter previsto - murmurou Nick. - Logo começara a rolar. Você gostaria de voltar a descer, ou mando algum dos moços?

- Eu desço - respondeu Tibor apressadamente. - Posso fazê-lo mais rapidamente que eles.

Isso era certo, mas demorou vinte minutos para localizar a cápsula. O Arafura tinha deslizado bastante longe antes que Nick conseguisse deter o motor e, por um momento, Tibor se perguntou se alguma vez voltaria a encontrá-la. Revisou o leito marinho descrevendo grandes arcos, e quando se enredou acidentalmente no para-quedas finalizou sua busca. Os equipamentos do barco ondulavam como um estranho e horrível monstro marinho. Mas Tibor já nada temia, exceto o fracasso, e seu pulso apenas se acelerou ao ver a massa branca e reluzente.

A cápsula estava arranhada e coberta de lodo, mas parecia intacta. Agora descansava sobre um flanco, e fazia pensar em uma gigantesca manteigueira inclinada. Com certeza, o passageiro tinha recebido algum golpe; mas se havia passado da Lua, tinha que estar bem protegido, e provavelmente estivesse ainda em boas condições. Tibor assim o esperava; seria uma pena que se desperdiçassem as três horas seguintes.

Novamente apoiou o cobre esverdeado do capacete contra o metal já não tão reluzente da cápsula.

- Olá! - gritou. - Pode me ouvir?

Possivelmente o russo trataria de contrariá-lo permanecendo silencioso, mas isso, certamente, era pedir muito do autocontrole de qualquer homem. Tibor tinha razão; quase imediatamente chegou o golpe agudo em resposta.

- Me alegro que esteja aí - respondeu. - As coisas estão saindo exatamente como eu disse, embora me pareça que terei que cortar a corda mais profundamente.

A cápsula não respondeu. Não voltou a responder, embora Tibor golpeasse e

golpeasse e golpeasse na imersão seguinte... e na seguinte. Mas então já não o esperava, pois tiveram que parar um par de horas para enfrentar uma borrasca e o prazo expirou muito antes que efetuasse sua descida final. Estava algo incomodado com isso, pois tinha planejado uma mensagem de despedida. Gritou-a igual, embora soubesse que estava esbanjando o fôlego.

Cedo na tarde, o Arafura já estava muito perto da ilha. Só havia uns metros de profundidade, e a maré estava baixando. Com cada onda a cápsula ficava descoberta; estava firmemente encalhada em um banco de areia. Não havia esperanças de movê-la mais à frente; estava encalhada até que a maré alta a arrastasse.

Nick olhou a situação com olhos peritos.

- Esta noite haverá uma maré de dois metros - disse. - Pela forma em que jaz, deverá ficar só a meio metro de profundidade. Poderemos chegar a ela com os botes.

Esperaram fora do banco de areia, enquanto o sol e a maré baixavam e a rádio transmitia relatórios intermitentes de uma busca que se aproximava, mas ainda estava longínqua. Por volta do fim da tarde, a cápsula estava quase fora da água; a tripulação, a contragosto (uma sensação que Tibor compartilhava, com desgosto), dirigiu para ela o pequeno bote.

- Tem uma porta ao flanco - disse Nick subitamente. - Caramba!... acreditam que haja alguém lá dentro?

- Poderia ser - respondeu Tibor, com voz não tão firme como pensava.

Nick o olhou com curiosidade. O mergulhador agira de forma estranha durante todo o dia, mas não pensava lhe perguntar o que andava mal. Nessa parte do mundo, logo se aprendia a não meter-se nos assuntos dos outros.

O bote, balançando-se ligeiramente no mar picado, chegou ao lado da cápsula. Nick ergueu a mão e pegou a ponta de uma antena torcida. Logo, com agilidade felina, subiu à curva superfcie metálica. Tibor não tentou segui-lo; observou silenciosamente do bote enquanto Nick examinava a escotilha.

- A menos que esteja travada - murmurou Nick. - deve existir alguma forma de abri-la de fora. Possivelmente terei que utilizar ferramentas especiais.

O temor do Nick não era justificado. A palavra "abrir" fora gravada em dez idiomas ao redor da fechadura funda e só foram necessários uns poucos segundos para deduzir seu funcionamento. O ar saiu vibrando e Nick disse "Oh" e empalideceu subitamente. Olhou para Tibor, como se procurasse ajuda, mas Tibor afastou o olhar. Então, a contragosto, Nick se meteu na cápsula.

Demorou um longo momento. De dentro chegaram primeiro uns golpes surdos, seguidos de uma fileira de palavras bilíngues. E logo um prolongado silêncio.

Quando a cabeça do Nick apareceu pela escotilha, seu rosto curtido e bronzeado estava cinza e sulcado de lágrimas. Tibor viu esse incrível espetáculo e teve um horrível pressentimento. Algo tinha saído muito mal, mas sua mente estava muito embotada para antecipar a verdade. Logo, quando Nick depositou sua carga, não maior que uma boneca, compreendeu.

Branco a pegou, enquanto Tibor retrocedia para a popa do bote. Quando olhou o tranquilo rosto de cera sentiu que uns dedos de gelo se fechavam não só ao redor do coração, mas também das costas. Nesse mesmo instante, ao conhecer o preço de sua vingança, nele morreram para sempre o ódio e o desejo.

A astronauta morta era possivelmente mais formosa na morte que na vida; embora pequena, devia ser forte e muito bem treinada para esta missão. Estendida aos pés de Tibor, não era nem russa nem o primeiro ser humano que viu a cara

oculta da Lua; era simplesmente a menina que ele assassinara.

Nick estava falando, muito longe.

- Ela levava isto - disse, com voz insegura. - Tinha-a firmemente apertada na mão; demorei um longo momento para poder tirá-la.

Tibor apenas o escutou, mas nem olhou para diminuta fita gravada na palma de Nick.

Não podia adivinhar, nesse instante além de todo sentimento, que as Fúrias dariam ainda procuração de sua alma, e que o mundo inteiro escutaria uma acusadora voz de além-túmulo, acusando-o ainda mais irrevogavelmente que a qualquer homem desde Caim.

.

Campanha Publicitária

Publicity Campaign, 1956. The Other Side of the Sky.

Escrevi este conto em março de 1953. Depois de aparecer rapidamente no Evening News de Londres, demorou três anos para cruzar o atlântico. Foi publicado no primeiro número de Satellite Science Fiction (outubro de 1956). Segunda a Science Fiction Encyclopaedia, em cada um dos cinco primeiros volumes apareceu um conto meu. Tenho vergonha de confessar que havia mesmo esquecido da existência daquela revista...

As referências do relato são um tanto antiquadas, os problemas que levanta, não são. E, por uma curiosa coincidência, eu o reli na mesma semana em que os meios de comunicação estavam celebrando tristemente o quinquagésimo aniversário da famosa irradiação da “Guerra dos Mundos”, de Orson Wells (Mercury Theatre of the Air da CBS, 31 de outubro de 1938)

Durante as primeiras décadas - depois que os marcianos fizeram baixar o valor dos imóveis em Nova Jersey - os alienígenas bons foram poucos e muito espaçados, sendo talvez Klatu, de “A Última Esperança da Terra”, o exemplo mais notável. Contudo, hoje em dia, graças sobretudo a E.T (O Extraterrestre), os alienígenas amigos e mesmo carinhosos são a regra. Onde está a verdade?

Nos últimos anos, a total ausência de provas contundentes de vida em outros mundos, levou muitos cientistas a sustentar que a inteligência é muito rara no universo. Alguns (como Frank Tipler) chegaram a afirmar que estamos completamente sós, uma proposição que nunca poderá ser provada, mas apenas desmentida. (Não foi Pogo quem disse: “De qualquer maneira, é uma ideia assombrosa”?)

Claro, os alienígenas hostis e maus se prestam muito mais para os contos apaixonantes que os bons. Além disto, como se diz muito frequentemente, as “Coisas que Você não Queria Encontrar” nos anos cinquenta e sessenta, eram reflexo da paranoia que imperava naqueles tempos, sobretudo nos Estados Unidos. Agora que a Guerra Fria deu um passo, afortunadamente, para a Trégua Morna, podemos contemplar os céus com menos apreensão.

Porque já conhecemos Darth Vader... e ele a nós.

O choque produzido pela última bomba atômica ainda parecia prolongar-se quando as luzes tornaram a se acender. Por longo tempo, ninguém se mexeu. Depois, o assistente de produção disse inocentemente:

- Bem, R. B., o que acha disso?

R. B. ergueu-se de seu assento enquanto seus assistentes esperavam para ver

para que lado o vento iria soprar. Foi então que perceberam que o charuto de R. B. se apagara. Assombroso, isso não acontecera nem mesmo na pré-estreia de E o vento levou.

- Rapazes - disse ele extasiado -, nós temos alguma coisa aqui! Quanto foi mesmo que você disse que custou, Mike?

- Seis milhões e meio, R. B.

- Ainda é barato. Vou lhes dizer uma coisa, comerei cada metro dessa película se não ultrapassar a bilheteria do *Quo Vadis*.

Ele girou tão rápido quanto se poderia esperar de uma pessoa com seu volume e olhou para um homenzinho agachado no assento, lá no fundo da sala de projeção.

- Acorda, Joe! A Terra está salva! Você já viu todos esses filmes espaciais. Como é que este aqui se compara com os anteriores?

Joe recuperou a fala com um esforço óbvio.

- Não existe comparação - disse ele. - Tem todo o suspense do *Monstro do Ártico* sem aquele terrível anticlímax no final, quando se descobre que o monstro é humano. O único filme que chega perto do nosso é *Guerra dos mundos*. Alguns dos seus efeitos eram quase tão bons quanto os nossos, mas é claro que George Pal não tinha a terceira dimensão. E evidentemente isso faz uma grande diferença! Quando a Golden Gate veio abaixo, pensei que aquela pilastra ia me atingir!

- O pedaço que gostei mais - opinou Tony Auerbach, da publicidade - é quando o prédio do Empire State se parte ao meio. Vocês não acham que os proprietários poderão nos processar, acham?

- É claro que não. Ninguém espera que prédio algum possa ficar de pé ante os... como é mesmo que o roteiro os chama? *Demolidores de cidades*. E além do mais arrasamos com o resto de Nova Iorque também. Puxa, aquela cena em que o teto do túnel Holland cede estava impressionante. Da próxima vez tomarei a barca.

- Sim, estava tudo muito bem-feito, quase bem demais. Mas o que realmente me deixou boquiaberto foram aquelas criaturas do espaço. A animação estava perfeita. Como foi que fizeram, Mike?

- Segredo profissional - respondeu o orgulhoso produtor. - Ainda assim, vou contar a vocês. A maior parte daquele material é genuíno.

- O quê?

- Oh, não me entenda mal! Não estivemos filmando em Sirius B. Mas eles desenvolveram uma microcâmara lá na Caltech e nós a usamos para filmar as aranhas em ação. Editamos as melhores tomadas e acho que vocês terão dificuldade em separar o que é microfotografia do que foi filmado em escala normal, no estúdio. Agora entende por que eu queria que os alienígenas fossem insetos, e não polvos, como o roteiro pedia no início?

- Há um bom ângulo publicitário aqui - comentou Tony. - Mas uma coisa me preocupa. Aquela cena em que os monstros sequestram a Gloria. Vocês não acham que a censura vai... quero dizer, do modo como fizeram, até parece que...

- Ora, deixe de se preocupar! Isso é o que as pessoas devem pensar. De qualquer modo, nós deixamos bem claro na sequência seguinte que "eles" realmente querem dissecá-la; portanto, tudo bem.

- Vai ser um alvoroço! - regozijou-se R. B. ávido, o olhar distante, como se já pudesse ouvir a avalanche de dólares derramando-se nas registradoras.

- Olhem, vamos destinar mais um milhão para a publicidade! Eu até posso ver os cartazes. Anote tudo, Tony: *OLHEM PARA O CÉU! OS HABITANTES DE SIRIUS ESTÃO CHEGANDO!* E faremos milhares de modelos de dar corda. Pode imaginá-los correndo com suas pernas peludas! As pessoas adoram ser assustadas e nós vamos

aterrorizá-las. Quando tivermos terminado, ninguém mais será capaz de olhar para o céu sem sentir arrepios! Deixo isso a cargo de vocês, rapazes. Este filme vai fazer história!

Ele estava certo. *Monstros do espaço* atingiu o público dois meses depois. Uma semana após a premiêre simultânea em Londres e Nova Iorque, não havia ninguém no mundo ocidental que ainda não tivesse visto os posters anunciando: CUIDADO, TERRA! Ou que não houvesse estremecido ante as fotos daquelas coisas horríveis e peludas, avançando ao longo de uma Quinta Avenida deserta, sobre pernas finas e multiarticuladas. Dirigíveis habilmente disfarçados de espaçonaves cruzavam o céu confundindo os pilotos que os encontravam, enquanto os modelos mecânicos dos invasores estavam por toda parte, assustando velhinhas até o pânico.

A campanha publicitária foi brilhante e o filme, sem dúvida, teria permanecido meses em cartaz, não fosse uma coincidência tão desastrosa quanto imprevisível. Enquanto o número de pessoas desmaiando a cada projeção ainda era notícia nos jornais, os céus da Terra de súbito se encheram de longas e esguias sombras a deslizarem com rapidez através das nuvens.

O príncipe *Zervashni* era de boa índole, mas inclinado a ser um tanto impetuoso, uma fraqueza bem conhecida de sua raça. Não havia razões que fizessem supor que sua atual missão, concernente a um contato pacífico com o planeta Terra, apresentasse qualquer problema. A técnica correta de aproximação fora testada através de muitos milhares de anos, enquanto o *Terceiro Império Galático* aos poucos expandia suas fronteiras, absorvendo planeta após planeta, sol após sol. Era raro ocorrer algum problema. Raças realmente inteligentes sempre podem cooperar, uma vez superado o choque inicial, ao aprenderem que não estão sozinhas no universo.

Era verdade que a humanidade emergira de seu primitivo estágio guerreiro há apenas uma geração, mas isso não preocupava o assessor-chefe do príncipe *Zervashni: Sigisnin II*, professor de *Antropolítica*

- É uma cultura típica da classe E - disse o professor. - Tecnicamente avançada, embora um tanto atrasada em termos morais. Eles já estão acostumados ao conceito de voo espacial e logo se habituarão conosco também. As precauções normais serão suficientes até que tenhamos conquistado sua confiança.

- Muito bem - disse o príncipe. - Diga aos enviados para partirem de imediato.

Infelizmente, as "precauções normais" não levavam em consideração a campanha publicitária de Tony Auerbach, que atingira agora novos cumes de xenofobia interplanetária. Os embaixadores pousaram no Central Park de Nova Iorque no mesmo dia em que um eminente astrônomo (em apuros financeiros e, portanto, sujeito a influências) anunciava em uma entrevista muito divulgada que qualquer visitante do espaço, com toda possibilidade, seria inamistoso.

Os infortunados embaixadores, dirigindo-se ao prédio das Nações Unidas, chegaram até a Rua 60, e não mais ao sul, antes de encontrarem a multidão. O encontro foi bem desigual e os cientistas do Museu de História Natural ficaram muito aborrecidos por ter sobrado tão pouco para que examinassem.

O príncipe *Zervashni* tentou uma vez mais, no outro lado do planeta, mas as notícias haviam chegado primeiro. Dessa vez, os embaixadores estavam armados e venderam bem caro suas peles antes de serem sobrepujados em número. Ainda assim, só quando as bombas e foguetes começaram a subir em direção à sua frota é que o príncipe afinal perdeu a calma e decidiu tomar medidas drásticas.

Estava tudo acabado em 20 minutos e de modo bem indolor. Então, o príncipe

voltou-se para seu assessor e disse, com considerável calma:

- Está acabado! E agora? Pode me dizer exatamente o que saiu errado?

Sigisnin II uniu suas dúzias de dedos flexíveis em aguda aflição. Não era apenas o espetáculo da Terra esterilizada que o perturbava, embora, como cientista, a destruição de tão lindos espécimes fosse sempre uma grande tragédia. Também era frustrante a demolição de suas teorias e, com elas, de sua reputação.

- Eu não entendo - lamentou ele. - É claro que raças desse nível cultural costumam mostrar-se desconfiadas e nervosas quando do primeiro contato. Mas nunca haviam recebido extraterrestres antes, portanto não havia razão para serem hostis.

- Hostis! Eles eram demônios! Acho que eram todos loucos.

O príncipe olhou para seu capitão, uma criatura trípode que parecia uma bola de lã equilibrada sobre três agulhas de tricô.

- A frota está reunida?

- Sim, senhor.

- Então vamos retornar à base na velocidade ideal. Este planeta me deprime.

Na Terra morta e silenciosa, os cartazes ainda gritavam seus avisos numa centena de tapumes. As malignas formas de insetos, mostradas a se derramarem dos céus, não tinham qualquer semelhança com o príncipe *Zervashni* que, à parte seus quatro olhos, poderia ser confundido com um urso panda de pelo arroxado. E que além do mais viera de Rígel, não de Sirius

Mas, evidentemente, era tarde demais para esse tipo de explicações.

O OUTRO TIGRE

The Other Tiger, 1953. Portals of Tomorrow.

Eu já havia esquecido esta história quando Byron Preiss a desenterrou. Não tinha cópia e não o havia re-editado em coletâneas.

Eu a escrevi em janeiro de 1951 e foi publicada nos primeiros números de Fantastic Universe, uma revista que apareceu entre 1953 e 1960 e que a inestimável Science Fiction Encyclopaedia qualifica ingenuamente de “Magazine of Fantasy and Science Fiction dos pobres”. Meu título original era “Refutação”, mas o diretor Sam Merwin mudou para “O Outro Tigre”. Mesmo depois, isto provavelmente teria significado muito pouco para a maioria dos leitores britânicos. Mas quantos dos seus próprios contemporâneos recordam agora o conto clássico de Frank Stockton “A Dama e o Tigre”?

Ao reler minha própria versão depois de mais de trinta anos, não estou certo de porque não a incluí no cânone Clarke. Talvez porque me assustou. E hoje me assusta ainda mais, por razões que explicarei depois que vocês a tenham lido...

- É uma teoria interessante, - opinou Arnold – mas não vejo como poderás demonstrá-la.

Haviam chegado à parte mais escarpada do monte e, por um momento, Webb não pôde contestar devido à fadiga.

- Não pretendo fazê-lo. - disse, quando tinha recobrado o fôlego – Só estou estudando as consequências.

- Tais como...

- Bem, sejamos lógicos e vejamos aonde isto nos conduz. Lembra que nossa única hipótese era que o universo é infinito.

- De acordo. Pessoalmente, não vejo que outra coisa poderia ser.

- Muito bem. Isto significa que deve haver um número infinito de estrelas e planetas. Por conseguinte, segundo a lei das probabilidades, cada evento possível deve ocorrer não somente uma vez, mas um número infinito de vezes. Correto?

- Suponho que sim.

- Então deve haver um número infinito de mundos exatamente iguais à Terra. Cada um deles com um Arnold e um Webb subindo esta montanha, como nós estamos fazendo, e pronunciando as mesmas palavras.

- Isto é bastante difícil de aceitar.

- Sei que é um conceito desconcertante, mas o infinito também o é. Mas o que me interessa é a ideia de todas as outras Terras que não são exatamente iguais a esta.

As Terras onde Hitler ganhou a guerra e a esvástica ondula no Buckingham Palace, a Terra onde Colombo não descobriu a América, a Terra onde o Império Romano existe até o dia de hoje. Em resumo, as Terras onde todas as grandes alternativas da História houvessem dado resultados diferentes.

- Voltando ao princípio, aquela na qual o homem macaco, que teria sido nosso pai, quebrou o pescoço antes de poder ter algum filho?

- Esta é a ideia. Mas não vamos nos ater aos mundos que conhecemos, os mundos em que nós estamos escalando esta montanha nesta tarde de primavera. Pense em todos nossos reflexos naqueles milhões de planetas. Alguns deles são exatamente iguais, mas também devem existir as possíveis variantes que não violem as leis da lógica.

«Poderíamos (ou deveríamos) usar todo tipo imaginável de roupa, ou nenhuma em absoluto. Aqui o Sol brilha, mas não em inumeráveis bilhões daquelas outras Terras. Em muitas delas será inverno ou verão, em vez de primavera. Mas consideremos também outras mudanças mais fundamentais.

«Pretendemos escalar este monte e descer pelo outro lado. Porém pense em todas as coisas que poderiam ocorrer conosco nos próximos minutos. Por muito improváveis que sejam, desde que são possíveis, têm que acontecer em alguma parte.

- Compreendo. - admitiu Arnold, assimilando a ideia com visível relutância. Uma expressão de um leve mal estar apareceu no seu semblante – Suponho então que cairás morto de um ataque de coração em algum lugar quando deres o próximo passo.

- Não neste mundo. - disse Webb com um sorriso – Isto já foi refutado. Talvez a vítima sejas tu.

- Ou talvez – replicou Arnold – ficarei farto desta conversa, sacarei uma pistola e te darei um tiro.

- Poderia ser, - admitiu Webb – se não fosse o caso que estou certo de que nesta terra se carregam armas. Mas não esqueça que em milhões daqueles mundos alternativos eu sacarei a arma primeiro que tu.

O caminho serpenteava agora em uma colina arborizada, com espessas árvores de ambos os lados. O ar era fresco e suave. Tudo estava tranquilo, como se as forças de natureza se houvessem concentrado, com silenciosa intensidade, em reconstruir o mundo após a destruição do inverno.

- Eu me pergunto – prosseguiu Webb dizendo – quão improvável pode se tornar uma coisa antes de se tornar impossível. Mencionamos alguns acontecimentos inverossímeis, mas não são completamente fantásticos. Aqui estamos em um lugar da Inglaterra, caminhando por um caminho que conhecemos perfeitamente. Contudo, em algum lugar do universo, aqueles... como poderia chamá-los?... “gêmeos” nossos dobrarão aquela curva e não encontrarão nada, absolutamente nada que a imaginação possa conceber. Pois, como falei no início, se o cosmos é infinito, devem dar-se infinitas possibilidades.

- Por conseguinte, - completou Arnold, dando uma risada não tão baixa como havia desejado – é possível que tropeçemos com um tigre ou com alguma outra coisa desagradável.

- Claro. - respondeu alegremente Webb, entusiasmando-se com o tema – Sim, é possível, tem que ocorrer com alguém, em alguma parte do universo. Então por que não a nós?

Arnoldo deu um grunhido de desgosto.

- Esta conversa está se tornando fútil. - protestou – Falemos de algo sensato. Se não encontrarmos um tigre após aquela curva, considerarei refutada tua teoria e mu-

darei de tema.

- Não sejas tonto. - disse alegremente Webb – Isto não refutaria nada. Não há forma alguma de...

Foram as últimas palavras que pronunciou.

Em um número infinito de Terras, um número infinito de Webbs e Arnolds encontraram-se com tigres amistosos, hostis ou indiferentes. Mas esta não era uma daquelas Terras; estava muito mais perto do ponto em que o improvável fazia fronteira com o impossível.

Contudo, não era totalmente inconcebível que, durante a noite, a ladeira encharcada pela chuva houvesse afundado, pondo a descoberto uma enorme fenda que conduzia ao mundo subterrâneo. Quanto ao que havia aberto trabalhosamente aquela fenda até a desconhecida luz do dia..., bem, na realidade não era mais improvável do que o calamar gigante, a boa constrictor ou os fantásticos lagartos da selva do Jurássico. Havia distendido as leis de probabilidades geológicas, mas não ao ponto de ruptura.

Webb havia dito a verdade. Em um cosmos infinito, tudo deve suceder em alguma parte, inclusive a sorte singularmente má daqueles homens, pois esta estava faminta, muito faminta. E um tigre ou um homem eram um pequeno porém aceitável bocado para qualquer das suas meia dezena de fauces abertas.

Epílogo

O conceito de que todo possível universo pode existir não é original. Claro, mas foi revisado recentemente em uma forma sofisticada, pelos físicos teóricos de hoje (na medida de que posso entender alguma coisa do que digo). Também está relacionado com o chamado Princípio Antrópico, que tanto interessa agora aos cosmólogos. (Vide The Anthropic Cosmological Principle, de Tipler e Barrow. Ainda que tenham que tocar de ouvido muitas páginas, os trechos entre elas são fascinantes e convidam ao exercício mental.)

Os antropistas têm observado o que parecem ser algumas peculiaridades do nosso universos. Muitas das constantes físicas fundamentais - às quais, pelo que podemos ver, Deus poderia dar o valor que desejasse - na realidade estão exatamente ajustadas, ou sintonizadas, para produzir o único tipo de universo que torna possível nossa existência. Uma pequena porcentagem em qualquer direção, e não estaríamos aqui.

Uma explicação deste mistério é que, de fato, todos os demais universos possíveis existem (em alguma parte), mas claro, carecem de vida, em sua maioria. Só em uma fração infinitesimal da criação total, permitem os parâmetros que exista a matéria, que se formem os astros e, em definitivo, que surja a vida. Estamos aqui porque não podemos estar em outra parte.

Porém todas estas partes estão em algum lugar, face ao que o meu conto pode estar muito perto da verdade. Por sorte, nunca haverá uma maneira de prová-lo.

Creio eu...

11. OS PASTOS SUBMERSOS

The Deep Range, 1958. Star Science Fiction Stories No. 3.

Escrevi o conto “The Deep Range” em 1954, muito antes do quase obsessivo interesse atual pela exploração e pela prospecção dos oceanos.

Um ano depois, fui à Great Barrier Reef (Grande Barreira de Recifes), tal como expliquei em “The Coast of Coral” (A Costa de Coral). Aquela aventura me deu ímpeto - e dados - para ampliar o conto em uma novela do mesmo título, que terminei depois de fixar residência no Ceilão (Hoje Sri Lanka)

Por esta razão, nunca voltei a publicar o conto original em nenhuma das minhas coleções e hoje ofereço aos esperançados aspirantes a doutores em Literatura Inglesa, a oportunidade de “comparar e contrastar”.

A ideia de reunir as baleias em manadas é algo que ninguém chegou a fazer, mas eu me pergunto se este dia chegará. No curso do último decênio, as baleias adquiriram tanto prestígio que a maioria dos europeus e dos americanos antes comiam hambúrgueres de cachorro ou de gato, que carne de baleia. Eu provei uma vez durante a segunda Guerra Mundial: tinha gosto de carne de vaca e era bastante dura.

Contudo, há um produto das profundezas que poderia ser consumido sem escrúpulos morais.

Que tal um milkshake de leite de baleia?

Havia um assassino à solta. Uma patrulha de helicópteros, a quinhentas milhas da Groenlândia, tinha visto o imenso cadáver tingindo o mar de vermelho, à medida que rolava nas ondas. Imediatamente, o intrincado sistema de alarma foi acionado; os homens debruçavam-se sobre o mapa do Atlântico Norte traçando círculos e movendo painéis - e Don Burley ainda estava esfregando seus olhos sonolentos quando desceu até a linha de vinte braças.

O diagrama de luzes verdes no mostrador era um símbolo vivo de segurança. Enquanto aquele diagrama permanecesse inalterado, e enquanto nenhuma daquelas estrelas verdes piscassem em vermelho, tudo estaria bem com Don e seu pequeno aparelho. Ar - combustível - potência - este era o triunvirato que guiava a sua vida. Se algum deles falhasse, ele estaria afundando num caixão de aço em direção ao lodo oceânico, como tinha acontecido a Johnnie Tyndall tempos atrás. Mas não havia nenhuma razão para que falhassem; os acidentes previstos, disse Don para si mesmo tranquilizadamente, nunca eram aqueles que aconteciam.

Ele se inclinou sobre o pequeno painel de controle e falou ao microfone. O subma-

rino 5 ainda estava perto demais para que o rádio funcionasse, mas dentro em breve ele teria que entrar em contato com os aparelhos sônicos.

- Estabelecendo curso 225, velocidade de 50 nós, profundidade de 20 braças, amplitude total do sonar... Tempo estimado para atingir a área do objetivo, 70 minutos. Transmitirei a cada 10 minutos. Isto é tudo... Desligo.

A confirmação, já enfraquecida pela distância, voltou imediatamente do Herman Melville.

- Mensagem recebida e entendida. Boa caçada. E sobre os cães de caça?

Don mordeu seu lábio inferior pensativamente. Este poderia ser um trabalho que ele teria que executar sozinho. Ele não tinha nenhuma ideia, numa área de cinquenta milhas, onde Benj e Susan estavam naquele momento. Eles certamente o seguiriam se ele fizesse um sinal para eles, mas não conseguiriam manter sua velocidade e logo ficariam para trás. Além disso, ele poderia estar se dirigindo para uma quadrilha de assassinos, e a última coisa que ele queria fazer era envolver os seus bôtos, cuidadosamente treinados, em encrencas. Isto era bom senso e bom trabalho. Ele também gostava muito de Susan e Benj.

- É longe demais e não sei onde estou me metendo - replicou. - Se eles estiverem na área de interceptação quando eu chegar lá, posso assoviar para eles subirem.

A confirmação do navio-mãe era quase inaudível, e Don desligou o aparelho. Estava na hora de inspecionar o local.

Ele diminuiu as luzes da cabina para que pudesse ver a tela do rastreador mais nitidamente, baixou os óculos "polaroide" sobre os olhos, e examinou as profundezas do oceano. Este foi o momento em que Don se sentiu como um deus, capaz de conter em suas mãos um círculo do Atlântico com vinte milhas de diâmetro, e ver as profundezas ainda inexploradas, a três mil braças abaixo do nível do mar. O raio luminoso de som inaudível girava lentamente sondando o mundo no qual ele flutuava, procurando amigo ou inimigo na escuridão eterna, onde a luz nunca poderia penetrar. O padrão de gritos silenciosos, agudos demais até mesmo para a audição dos morcegos, que haviam inventado o sonar um milhão de anos antes do homem, vibrava na noite úmida; os ecos fracos voltavam tinindo como se fossem pontas azul flu-tuantes, na tela.

Depois de longa prática, Don pôde ler a mensagem deles com facilidade. Uns 400 metros abaixo do nível do mar, estendendo-se até o horizonte submerso, estava a camada dispersa - o cobertor da vida que cobria metade do mundo. A campina submersa do mar erguia-se e caía com a passagem do sol, oscilando sempre no limiar da escuridão. Mas as profundezas do mar não eram sua preocupação. Os rebanhos que ele vigiava e os inimigos que os destruíam, pertenciam aos níveis superiores do mar.

Don ligou o botão seletor de profundidade, e o raio luminoso do sonar concentrou-se no plano horizontal. Os ecos vacilantes dos abismos do mar desapareceram, mas ele pôde ver mais claramente que estavam ao seu redor, aqui nas altitudes estratosféricas do oceano. Aquela nuvem brilhante duas milhas adiante era uma escola para peixes; ele ficou pensando se a Base sabia sobre ela, e registrou em seu diário de bordo. Havia alguns sons mais longos e isolados nas proximidades da escola - os carnívoros perseguindo o rebanho, garantindo a continuidade da roda da vida e da morte que nunca perde impulso. Mas este conflito não era da conta de Don; ele estava atrás de caça maior.

O submarino 5 dirigiu-se para o oeste, como uma agulha de aço, mais rápida e mortífera do que qualquer outra criatura que errava pelos mares. A minúscula cabina, iluminada apenas pelo bruxuleio das luzes do instrumental de bordo, vibrava com

a potência das turbinas de centrifugação que afastava a água. Don olhou para o gráfico e ficou imaginando como o inimigo tinha se salvado desta vez. Havia ainda muitos pontos fracos, pois cercar os oceanos do mundo tinha sido uma gigantesca tarefa. Os tênues campos elétricos, estendidos entre os geradores a muitas milhas de distância, não conseguiam manter sempre encurralados os monstros esfomeados do mar. Eles também estavam aprendendo. Quando as cercas fossem abertas, eles escapariam algumas vezes com as baleias e fariam estragos antes que fossem descobertos.

O receptor de longo alcance soava melancolicamente, e Don mudou para **TRANSCREVER**. Não era prático enviar um discurso de qualquer distância através de um raio luminoso ultra-sônico, e o código voltou à sua função. Don nunca tinha aprendido a decifrá-lo de ouvido, mas a fita de papel que saiu da fenda tirou-o do apuro.

HELICÓPTERO INFORMA ESCOLA 50-100 BALEIAS A 95 GRAUS REDE REFERÊNCIA XI86475 Y438034. MOVENDO-SE A TODA VELOCIDADE. MELVILLE. DESLIGO.

Don começou a ajustar as coordenadas na grade de plotagem, e então viu que não era mais necessário. No canto extremo de sua tela, apareceu uma flotilha de estrelas meio apagadas. Ele alterou ligeiramente o curso, e seguiu na direção do rebanho que se aproximava.

O helicóptero estava certo; eles estavam se movendo muito rápido. Don sentiu uma crescente excitação, porque isto podia significar que eles estavam fugindo e atraindo os assassinos para a sua direção. Na velocidade em que estavam, ele estaria entre eles em cinco minutos. Don cortou o motor e sentiu a tração da água puxando-o para trás, fazendo-o parar repentinamente.

Don Burley, um cavaleiro de armadura, sentou-se em seu pequeno quarto parcialmente iluminado a quinze metros abaixo das ondas claras do Atlântico, testando suas armas para o combate que estava para se desenrolar. Nestes termos de suspense, antes de começar a ação, sua mente rápida geralmente explorava tais fantasias. Ele sentiu uma certa afinidade com todos os pastores que tinham vigiado seus rebanhos em eras passadas. Ele era David, entre as antigas colinas palestinas, alerta contra os leões da montanha que devorariam se carneiros. Mas muito perto no tempo e no espírito, estavam os homens que conduziram os grandes rebanhos de gado nas planícies americanas, apenas há algum tempo atrás. Eles teriam entendido seu trabalho, embora seus instrumentos parecessem mágicos para eles. O diagrama permanecia o mesmo; apenas a escala tinha se alterado. Não fazia grande diferença o fato de que os animais que Don vigiava pesassem quase umas cem toneladas, e pastassem nas savanas sem fim do mar.

A escola estava agora menos de duas milhas de distância, e Don verificou que o círculo contínuo do seu rastreador concentrava-se no setor à sua frente. O quadro na tela se alterou, transformando-se numa cunha em forma de leque quando o raio luminoso do sonar começou a mover-se rapidamente de um lado a outro; agora ele podia contar cada baleia na escola, e até mesmo fazer uma boa estimativa de seu tamanho. Com um olho prático, ele começou a procurar as desgarradas.

Don nunca conseguiria explicar o que o atraiu imediatamente na direção daqueles quatro ecos na extremidade sul da escola. Era verdade que eles estavam um pouco afastados do resto, mas outros tinham ficado bem atrás. Existe algum sexto sentido que um homem adquire quando fica olhando por muito tempo numa tela de sonar - algum pressentimento que lhe permite extrair algo mais de pintas em movimento do que o direito que ele tem de fazê-lo. Inconscientemente, Don ligou o controle que acionaria as turbinas. O submarino 5 estava começando a se mover quando atrás

três ruídos surdos e pesados ressoaram no casco, como se alguém estivesse batendo na porta da frente e pedindo para entrar.

- Com a breca - disse Don. - Como vocês chegaram até aqui? - Ele não se deu ao trabalho de ligar a TV; ele conhecia o sinal de Benj em qualquer parte. Os bôtos deviam estar na região e o localizaram antes mesmo que ele desse o toque de caçada. Pela milésima vez, ele ficou maravilhado com a inteligência e lealdade deles. Era estranho que a Natureza tivesse pregado a mesma peça duas vezes - na terra, com o cachorro, no oceano, com o boto. Por que estes encantadores animais marinhos gostavam tanto do homem, a quem eles deviam tão pouco? Isto fazia a gente sentir que a raça humana, afinal, valia alguma coisa, se conseguia inspirar uma tão desinteressada devoção.

É sabido, há séculos, que o boto era, pelo menos, tão inteligente quanto o cão, e podia obedecer ordens verbais bastante complexas. A experiência ainda estava se desenvolvendo, mas se fosse bem sucedida, então a antiga associação entre pastor e cão-pastor teria um novo conceito.

Don ligou os alto-falantes embutidos no casco do submarino e começou a falar à sua escolta. A maior parte dos sons que ele emitiu não teria significado para outros ouvidos humanos; eles eram o resultado de longa pesquisa feita pelos psicólogos da raça animal do "World Food Administration". Ele deu suas ordens duas vezes, para certificar-se de que eles tinham entendido, e depois examinou na tela do sonar para ver se Benj e Susan estavam seguindo atrás como ele lhes tinha dito.

Os quatro ecos que tinham atraído sua atenção estavam mais nítidos e mais perto agora, e o corpo da baleia passou por ele em direção ao leste. Ele não temeu uma colisão; os grandes animais, mesmo em seu pânico, podiam sentir sua presença tão facilmente como ele podia detectar a deles, e por meios similares. Don ficou pensando se devia ligar o seu rádio-farol. Eles poderiam reconhecer seu som característico, e isto os tranquilizaria. Mas o inimigo ainda desconhecido também poderia reconhecê-lo.

Ele decidiu por uma interceptação, e debruçou-se sobre a tela, como se fosse arrancar com força cada migalha de informação que o rastreador podia dar. Dois ecos longos se fizeram ouvir, um pouco distantes, e um era acompanhado de dois satélites menores. Don ficou pensando se não tinha chegado tarde demais. Em sua mente, ele podia visualizar a luta mortal ocorrendo na água, a menos de uma milha. Aqueles dois sons mais fracos seriam o inimigo - tanto tubarão como orca - atacando uma baleia, enquanto uma de suas companheiras presenciava aterrorizada e impotente, sem arma de defesa, exceto suas intensas barbatanas.

Agora ele estava perto o suficiente para poder observar. A câmera de TV na proa do submarino 5 forçava através da escuridão, mas a princípio, não pôde mostrar nada, exceto a cerração do plâncton. Depois, uma imensa e indistinta figura começou a se formar no centro da tela, com dois companheiros menores embaixo dela, Don estava vendo, com a maior precisão, mas com a distância limitada da luz comum, o que o rastreador do sonar já lhe tinha informado.

Quase que imediatamente, ele percebeu seu engano. Os dois satélites eram filhotes e não tubarões. Era a primeira vez que ele tinha encontrado uma baleia com gêmeos; embora os nascimentos múltiplos não fossem desconhecidos, uma fêmea podia amamentar apenas dois filhotes de uma vez e, geralmente, somente o mais forte sobreviveria. Ele ficou desapontado; este erro tinha lhe custado vários minutos e ele devia recomear a busca.

Então ouviu-se a frenética batida no casco, significando perigo. Não era fácil assustar Benj, e Don o tranquilizou, enquanto girava o Submarino 5 para que a câmera

pudesse sondar as águas túrgidas. Automaticamente, ele tinha se virado na direção do quarto som na tela do sonar - o eco que ele tinha suposto ser, pelo seu tamanho, o de outra baleia adulta. E ele viu que, finalmente, havia chegado ao lugar certo.

- Jesus! - exclamou em voz baixa. - Eu não sabia que eles eram deste tamanho. - Ele tinha visto tubarões maiores antes, mas tinham sido todos vegetarianos inofensivos. Este, ele podia dizer num relance, era um tubarão da Groenlândia, o assassino dos mares do norte. Supunha-se que ele atingia até dez metros de comprimento, mas este espécime era maior do que o Submarino 5. Ele media doze metros do focinho à cauda, e quando Don o localizou, ele já estava investindo contra a vítima. Assim como os covardes, ele tinha iniciado seu ataque a um dos filhotes.

Don gritou para Benj e Susan, e os viu correndo para a frente, para o seu campo de visão. Ele pensou de repente por que os bôtos tinham tal aversão desmesurada contra os tubarões; depois tirou suas mãos do controle quando o piloto automático travou no alvo. Serpenteando e girando tão agilmente como qualquer outra criatura marinha de seu tamanho, o Submarino 5 começou a fechar o cerco sobre o tubarão, deixando Don livre para se concentrar no seu armamento.

O assassino tinha estado tão absorto em sua presa que Benj o apanhou completamente desprevenido, atingindo-o bem atrás do olho esquerdo. Deve ter sido um golpe doloroso; um focinho duro como o ferro, com um quarto de tonelada de músculos movendo-se a cinquenta milhas por hora é algo que não provoca risos nem mesmo no maior peixe. O tubarão virou-se rapidamente numa curva fechada impossível, e Don quase caiu de seu assento quando o submarino seguiu bruscamente num novo curso. Se isto continuasse, ele acharia difícil usar seu arpão. Mas, pelo menos, o assassino estava ocupado demais agora para atacar suas futuras vítimas.

Benj e Susan estavam investindo contra o gigante como cães mordendo os calcanhares de um urso zangado. Eles eram ágeis demais para serem apanhados naquelas mandíbulas ferozes, e Don se espantou com a coordenação com que eles trabalhavam. Quando um deles tinha que subir à superfície para respirar, o outro resistia por um minuto até que o ataque pudesse ser recommençado com toda força.

O tubarão parecia não ter percebido que um adversário muito mais perigoso o estava cercando por todos os lados, e os bôtos, para ele, eram uma simples distração. Don ficou muito satisfeito com aquilo; a operação seguinte ia ser mais difícil, a não ser que ele pudesse manter um curso constante de pelo menos quinze segundos. Numa emergência, ele podia usar o pequeno torpedo-foguete para matar. Se estivesse sozinho e deparasse com um bando de tubarões, ele certamente teria feito assim. Mas o torpedo estava sujo e havia um jeito melhor. Ele preferia a técnica do espadim, àquela da granada de mão.

Agora ele estava a apenas quinze metros de distância, e aproximando-se rapidamente. Nunca poderia haver uma oportunidade melhor. Ele tocou o botão de lançamento.

De debaixo da barriga do submarino, algo parecido com uma arraia lançou-se para frente. Don tinha medido a velocidade de seu próprio aparelho; não havia necessidade de se aproximar mais agora. O pequeno hidrofólio em forma de seta, com alguns centímetros de diâmetro, podia se mover muito mais rápido do que seu navio e atingiria o alvo em segundos. À medida que avançava, desenrolava rapidamente a pequena linha do cabo de comando, como se tivesse uma aranha subaquática na sua linha. Por aquele cabo passava a energia que impulsionava o arpão, e os sinais que o guiavam até o alvo. Don tinha ignorado completamente seu próprio navio muito maior, no esforço de guiar este míssil subaquático. Ele respondeu ao seu toque tão rapidamente, que ele sentiu que estava controlando algum corcel feroz e sensível.

O tubarão percebeu o perigo a menos de um segundo do impacto. A semelhança do arpão com uma arraia comum o confundiu, como os projetistas tinham planejado. Antes que o minúsculo cérebro compreendesse que nenhuma arraia agia daquela maneira, o míssil o atingiu. A seta hipodérmica de aço, lançada por um cartucho explosivo, atravessou a pele calejada do tubarão, e o enorme peixe começou a se debater num frenesi de terror. Don recuou rapidamente, porque um golpe daquela cauda o sacudiria como uma ervilha numa lata e poderia, até mesmo, danificar o submarino. Não havia mais nada a fazer, exceto falar ao microfone e chamar seus cães de caça.

O assassino condenado estava tentando curvar seu corpo para que pudesse se livrar do dardo envenenado. Don tinha agora enrolado o arpão dentro de seu esconderijo, satisfeito por ter recuperado o míssil intacto. Ele ficou olhando sem sentir pena, enquanto o enorme peixe sucumbia à paralisia.

Suas forças estavam diminuindo. Ele nadava, desorientado, para frente e para trás, e uma vez Don teve que desviar para o lado rapidamente para evitar uma colisão. Quando ele perdeu o controle da flutuação, subiu à superfície. Don não se deu ao trabalho de seguir; aquilo podia esperar até que ele tivesse resolvido um assunto mais importante.

Ele achou a fêmea e seus dois filhotes a menos de uma milha de distância, e examinou-os cuidadosamente. Não estavam feridos, então não havia necessidade de chamar o veterinário em seu submarino altamente especializado e manobrado por dois homens, que podia tratar de qualquer crise cetológica, desde uma dor de estômago a uma cesariana. Don anotou o número da mãe, marcado bem atrás das barbatanas. Os filhotes, como era óbvio pelo seu tamanho, eram desta estação e ainda não tinham sido marcados.

Don ficou observando por um instante. Eles não estavam mais alarmados e uma olhada no sonar tinha mostrado que a escola inteira tinha cessado sua fuga provocada pelo pânico. Ele se indagou como é que elas sabiam o que tinha acontecido; muito se tinha aprendido sobre a comunicação entre as baleias, mas muita coisa era ainda um mistério.

- Espero que aprecie o que fiz por você, minha senhora ele - murmurou. Depois, considerando que aquelas cinquenta toneladas de amor materno eram uma visão que inspirava respeito, ativou seus tanques e emergiu.

Estava calmo, então ele abriu a câmara de compressão e colocou sua cabeça do lado de fora da pequena torre cônica. A água estava apenas a alguns centímetros abaixo de seu queixo, e de vez em quando uma onda fazia um grande esforço para afundá-lo. O perigo disto acontecer era mínimo, porque ele ajustou a escotilha tão hermeticamente, que se transformou num tampão bastante eficaz.

A quinze metros de distância, um montículo comprido de cor azulada, parecendo um bote virado de borco, estava rolando na superfície. Don olhou para ele pensativamente e fez alguns cálculos mentais. Um animal deste tamanho devia ser valioso; com alguma sorte, havia uma chance de um bônus duplo. Dentro de alguns minutos ele faria seu relatório pelo rádio, mas no momento, era agradável sorver o ar fresco do Atlântico e sentir o céu aberto sobre sua cabeça.

Um raio cinzento disparou das profundezas do oceano e caiu violentamente sobre a superfície da água, molhando Don completamente. Era apenas a maneira simples de Benj atrair a atenção para si mesmo; um momento depois o boto tinha nadado até à torre cônica, para que Don pudesse alcançá-lo e fazer um agrado em sua cabeça. Os olhos grandes e inteligentes olharam fixo nos seus; era pura imaginação, ou um senso de humor quase humano também estava escondido bem lá no fundo?

Susan, como de costume, circulou timidamente à distância até que o ciúme a dominou e deu cabeçadas em Benj, tirando-o do caminho. Don distribuiu carícias imparcialmente, e desculpou-se por não ter nada para lhes dar. Ele prometeu compensar o esquecimento tão logo retornasse ao Herman Melville.

- Eu também darei um outro mergulho com vocês - prometeu - contanto que vocês se comportem da próxima vez- - Ele esfregou pensativamente a grande contusão provocada pela brincadeira de Benj e se perguntou se ele não estava ficando um pouco velho para brincadeiras brutas como esta.

- Está na hora de ir para casa - disse Don firmemente, deslizando para dentro da cabina e batendo a escotilha. Ele percebeu de repente que estava muito faminto e que seria melhor providenciar algo para comer, pois não tinha tomado o café da manhã. Não havia muitos homens sobre a terra merecedores do direito de comer sua refeição matinal. Ele tinha economizado para a humanidade mais toneladas de carne, óleo e leite, do que se poderia imaginar.

Von Burley era um guerreiro feliz, voltando para casa de uma batalha que o homem sempre teria de lutar. Ele estava mantendo encurralado o espectro da fome que todos os tempos passados tinham enfrentado, mas que nunca mais ameaçaria o mundo enquanto as grandes fazendas de plâncton colhessem suas milhões de toneladas de proteínas e os rebanhos de baleias obedecessem a seus novos mestres. O homem tinha de voltar ao mar após anos de exílio; até que os oceanos se congelassem, ele nunca mais morreria de fome.

Don olhou para o explorador quando estabeleceu o rumo. Ele sorriu quando viu os dois ecos acompanhando a luz central que assinalava seu navio. - Fiquem por perto - disse. - Nós mamíferos, devemos nos manter unidos. - Depois, quando o piloto automático assumiu o comando, ele recostou-se em sua cadeira.

E agora Benj e Susan ouviam o ruído mais peculiar, aumentando e diminuindo, contra o barulho das turbinas, e que tinha se filtrado através das espessas paredes do Submarino 5, e somente os ouvidos sensíveis dos bôtos o teriam detectado. Mas embora fossem animais inteligentes, não se poderia esperar que entendessem porque Don Burley estava anunciando, numa voz desafinada, que estava Se Dirigindo para o Último Rodeio.

SE EU TE ESQUECESSE, OH TERRA...

...If I forget Thee, Oh, Earth..., 1953). Future Combined with Science Fiction Stories, September 1951.

Este conto, que já foi publicado muitas vezes, escrevi no Natal de 1951.

Em outro Natal, dezessete anos mais tarde, os tripulantes da Apolo 8 foram os primeiros homens que, da lua, viram a Terra nascer.

Esperemos que ninguém jamais contemple o nascer da Terra como a que viu o menino deste conto premonitório.

Quando Marvin tinha dez anos de idade, seu pai o conduziu pelos longos corredores cheios de eco que atravessavam os departamentos de Governo e Administração, até que atingiram, por fim, os mais elevados de todos os níveis e se acharam entre a vegetação em rápido crescimento das Fazendas. Marvin gostava daquilo: era divertido ver essas plantas grandes, esguias, escorregando numa avidez quase visível para a luz do Sol, que se filtrava através das cúpulas de vidro para encontrá-las. O cheiro de vida estava por toda a parte, despertando anseios inexprimíveis em seu coração: ele não estava mais respirando o ar seco e frio dos níveis residenciais, purgados de todos os odores, a não ser um fraco mas penetrante cheiro de ozônio. Queira permanecer ali por algum tempo, mas o pai não o deixaria. Seguiram adiante, até que alcançaram a entrada do Observatório, que ele nunca visitara. Mas também não se detiveram ali, e com uma sensação de crescente entusiasmo Marvin percebeu que apenas uma meta ainda podia estar faltando. Pela primeira vez em sua vida ele estava indo para o "Lado de Fora".

Havia uma dúzia de veículos de superfície, com grandes pneumáticos e cabines pressurizadas, todos na ampla câmara de manutenção. Seu pai devia estar sendo aguardado, pois imediatamente foram conduzidos para um pequeno carro de exploração que os esperava junto da enorme porta circular de uma câmara de compressão. Tenso de expectativa, Marvin instalou-se na estreita cabine, enquanto o pai ligava o motor e checava os controles. A porta interna da câmara deslizou, se abriu, e em seguida fechou-se atrás deles: ele ouviu o barulho das grandes bombas de ar sumindo lentamente, enquanto a pressão caía a zero. Depois, o sinal "Vácuo" lampejou na sua frente, a porta externa fendeu-se em duas partes deixando-os passar. Ante Marvin se estendeu a Terra na qual ele nunca pisara. Ele a vira em fotos, evidentemente: contemplara uma centena de vezes sua imagem nos vídeos de tevê. Mas agora ela se achava por toda a parte à sua volta, queimando sob o Sol

escaldante que se arrastava tão lentamente pelo céu negro retinto. Voltou os olhos para o poente, longe do esplendor ofuscante do Sol... e havia as estrelas, assim como lhe tinham contado, mas ele nunca acreditara de todo. Contemplou-as atentamente para um longo tempo, maravilhado de que nada pudesse ser tão brilhante e, contudo, tão pequeno. Eram pontos intensamente cintilantes e de súbito lembrou-se de uns versos que lera uma vez num dos livros do pai:

*Pisca, pisca, estrelinha,
Como eu queria saber o que és.*

Bem, ele sabia o que eram as estrelas. Quem quer que tenha feito aquela pergunta devia ter sido muito estúpido. E o que pretendia dizer com "piscar"? Pode-se ver num relance que todas as estrelas brilham com a mesma luz, firme, invariável. Ele abandonou o problema e voltou a atenção para a paisagem ao redor.

Corriam através de uma planície a quase cem milhas por hora, os grandes pneumáticos soltando pequenos jatos de poeira. Não havia sinal da Colônia: nos poucos minutos em que estivera observando as estrelas, suas cúpulas e torres de rádio tinham caído além do horizonte. Havia contudo outras indicações da presença do homem, pois cerca de uma milha à sua frente Marvin podia ver umas estruturas de forma curiosa, agrupadas em volta da entrada da galeria de uma mina. De vez em quando, um jato de vapor surgia de uma chaminé atarracada e logo se dispersava.

Num instante já tinham ultrapassado a mina: o pai dirigia com perícia nervosa e descuidada, como se (era um estranho pensamento para a mente de uma criança) estivesse tentando escapar de alguma coisa. Alcançaram em alguns minutos a orla do platô em que a Colônia fora construída. Ali, o solo caía abruptamente numa encosta em vertiginosa descida, cujos declives mais longínquos se perdiam na sombra. Mais à frente, tão longe quanto a vista podia alcançar, havia um pedregoso e agreste deserto de crateras, cadeias de montanhas e ravinas. Os cumes das montanhas, captando o Sol baixo, ardiam como ilhas de fogo num mar de escuridão. E acima delas as estrelas brilhavam, inalteráveis como sempre.

Não era possível que ainda houvesse caminho adiante. E contudo havia. Marvin cerrou as mãos quando o carro enfiou pela encosta e começou a longa descida. Então percebeu a trilha pouco visível, que se prolongava para baixo costeando as montanhas, e relaxou um pouco. Outros homens, assim parecia, já tinham seguido antes por aquele caminho.

A noite caiu de forma impressionantemente abrupta quando cruzaram a linha de sombra e o Sol ficou abaixo do topo do platô. O par de faróis foi ativado, lançando tiras azuis e brancas nas rochas em frente, de modo que quase não foi preciso moderar a velocidade. Durante horas eles atravessaram vales e passaram por sopés de montanhas cujos picos pareciam chegar às estrelas. Emergiam às vezes, por um momento, em plena luz do Sol, sempre que escalavam áreas mais altas.

Agora havia uma planície acidentada e poeirenta à direita, enquanto à esquerda, plataformas e planaltos, numa fileira de milhas e milhas que se erguia em direção aos céus, formavam um paredão de montanhas marchando distância afora, até que seus picos sumissem de vista debaixo do horizonte do mundo. A princípio não houve vestígios de que os homens já tivessem explorado essa região, mas logo em seguida passaram pela carcaça de um foguete espatifado e perto dele um túmulo de pedras

encimado por uma cruz de metal.

A Marvin parecia que as montanhas se estendiam eternamente; mas por fim, muitas horas mais tarde, a cordilheira terminou num promontório muito alto e escarpado, que se elevava asperamente de um grupo de pequenas colinas. Desceram até um vale pouco profundo, encerrado na curva de um grande arco, voltado para o lado oposto das montanhas - e enquanto isso, Marvin lentamente percebia que algo muito estranho estava acontecendo na região à frente.

Agora o Sol estava baixo atrás das colinas, no lado direito: o vale adiante deles devia estar em total escuridão. Estava contudo inundado por uma radiância branca, gélida, que se aproximava derramando-se pelos penhascos sob os quais iam rodando. Então, subitamente, alcançaram a planura aberta e a fonte da luminosidade surgiu em todo o esplendor.

Estava muito tranquilo no interior da pequena cabine, agora que os motores tinham parado. O único som vinha do sussurrar fraco do mecanismo que os supria de oxigênio e de um ocasional crepitar metálico quando as paredes externas do veículo irradiavam calor. Mas absolutamente nenhum calor vinha da grande meia-lua prateada que flutuava baixo por sobre o horizonte e cuja superfície era toda inundada com luz em profusão. Era tão brilhante que se passaram minutos antes que Marvin fosse capaz de aceitar o desafio e olhar com firmeza para o seu clarão, mas por fim pôde discernir os perfis dos continentes, a orla enevoadada da atmosfera e as ilhas brancas de nuvem. E mesmo a essa distância pôde ver a cintilação da luz do Sol sobre o gelo polar.

Era bonito, era um apelo que lhe chegava ao coração através do abismo do espaço. Lá, naquela brilhante meia-lua, estavam todas as maravilhas que nunca conhecera: as tonalidades dos céus ao crepúsculo, a bulha do mar em praias de seixos, o rufar de chuva caindo, a bênção serena da neve. Estas coisas e mil outras deviam ter sido sua legítima herança, mas conhecia-as somente dos livros e teipes antigos, por isso o pensamento o enchia da angústia do exílio.

Por que eles não podiam voltar? Parecia ser tão pacífico sob aqueles contornos de nuvens em movimento! Marvin, então, a vista não mais ofuscada pelo brilho, viu que a parte do disco que devia estar na escuridão reluzia debilmente numa fosforescência maligna: e ele lembrou-se. Estava contemplando a pira funerária de um mundo - as consequências radioativas de Armagedon. Pelo espaço de um quarto de um milhão de milhas, a incandescência de átomos mortíferos ainda era visível, lembrança perene do passado ruinoso. Ainda demoraria séculos para que o fulgor mortal desaparecesse das rochas e a vida pudesse voltar outra vez para ocupar este mundo vazio e silencioso.

E então o pai começou a falar, contando a Marvin a história que, para ele, até aquele momento, não tivera maior significado do que os contos de fada que lhe eram contados antigamente. Houve muitas coisas que não pôde compreender: era impossível imaginar o resplandecente e multicolorido padrão de vida sobre o planeta. Nem poderia entender as forças que afinal o destruíram, deixando a Colônia, preservada por seu isolamento, como único sobrevivente. Pôde, entretanto, compartilhar a agonia daqueles últimos dias, quando finalmente a Colônia tomara consciência de que nunca mais as naves de abastecimento viriam chamejando por entre as estrelas, com presentes do lar terrestre. Uma a uma as estações de rádio deixaram de chamar, no globo ensombrecido as luzes das cidades foram se obscurecendo e morreram. Por fim, eles ficaram sozinhos, como jamais no passado os homens ficaram sozinhos, conduzindo nas mãos o futuro da espécie.

Depois se tinham seguido os anos de desespero, e a longa batalha onde a vitória

durante muito tempo fora duvidosa: sobreviver neste mundo ameaçador, hostil. Essa batalha fora ganha, embora parcialmente: o pequeno oásis de vida estava a salvo dos piores efeitos de uma natureza inclemente. Mas a não ser que houvesse uma meta, um futuro pelo qual pudessem trabalhar, a Colônia perderia a vontade de viver e nem máquinas, engenhosidade ou ciência seriam capazes de salvá-la.

Finalmente, então, Marvin entendeu a finalidade desta peregrinação. Ele nunca caminharia ao lado dos rios, daquele mundo perdido e lendário, nem ouviria o trovão rugindo sobre suas colinas de contornos suaves. Um dia, contudo - quanto tempo à frente? -, os filhos de seus filhos voltariam a reclamar sua herança. Os ventos e as chuvas expulsariam o veneno das terras calcinadas e o carregariam para o mar, e nas profundezas do mar ele perderia seu caráter tóxico até que não mais pudesse causar males às coisas vivas. Então as grandes naves que ainda estavam à espera, ali, naquelas planícies silenciosas e poeirentas, poderiam erguer-se mais uma vez no espaço, ao longo da rota que levava para casa.

Este era o sonho: um dia - Marvin compreendeu num súbito lampejo de discernimento - ele o transmitiria a seu próprio filho, aqui, neste mesmo ponto, com as montanhas atrás de si e a luz prateada do céu fluindo para o rosto.

Não olhou para trás quando começaram a viagem de regresso.. Não poderia suportar a visão do gélido esplendor da Terra em meia-lua, desaparecendo por entre as rochas à sua volta, enquanto ele ia se reunir de novo ao seu povo, no longo exílio.

O Céu Impiedoso

The Cruel Sky, 1962. The Wind from the Sun.

Não me importa que cruces os mares, que sulques com segurança o céu cruel, ou que construas magníficos palácios de ladrilhos ou de metal...

James Elroy Flecher - A um poeta dentro de mil anos.

Escrevi este conto em 1966, certamente quando estava sonhando com o 2001, ideia que em grande parte dominou minha vida de 1964 até 1968. Acabo de relê-lo com sentimentos bastantes confusos, pois agora acontece que me pareço bastante com o meu “Dr. Elwin”.

A frase “um dos mais famosos cientistas do mundo e, sem dúvida, o deficiente mais famoso” também pode aplicar-se perfeitamente ao Doutor Stephen Hawking, cuja obra se refere também ao campo da gravitação. Em julho de 1988, passei três horas em um estúdio de televisão de Londres com o Doutor Hawking (e, via satélite, com o Doutor Sagan). Para mim, aquele encontro foi uma experiência tanto emocional como intelectual, já que me haviam dito recentemente que padecia da mesma doença incurável do Doutor Howking (ALS, mais conhecida nos Estados Unidos como enfermidade de Lou Gehring). Assim, não podia ter demasiadas esperanças de ver muito dos anos noventa. Por fortuna (vejam o prólogo de “Em Mar de Ouro”), o diagnóstico é agora menos ameaçador. Mas tenho um interesse mais que casual nas cadeiras de roda motorizadas. E o que ainda seria melhor é que alguém quisesse inventar a “Lewie” descrita neste relato. Mesmo antes da locomoção incomodar, já invejava o Big Bad Barão flutuante de Dune.

Não tomem demasiado a sério meu ataque contra a teoria geral da relatividade; mas quisera que os escritores que zombam do princípio de equivalência de Jasen, claro que é somente para pequeníssimos volumes do espaço.

Agora, me sinto um pouco culpado de eliminar um dos mais raros e belos animais do mundo. Poderia ter sido um Yeti, afinal de contas; este também pode ser raro, mas, por consenso geral, certamente não é belo.

Lá pela meia-noite o píncaro do Everest estava apenas a cem metros, pirâmide de neve pálida e fantástica à luz da lua nascente. Não havia nuvens no céu e o vento que soprara durante dias se havia reduzido a quase zero. Devia ser realmente muito raro esse ambiente de calma e tranquilidade no ponto mais elevado da Terra; tinham escolhido bem a ocasião.

Talvez bem demais, pensou George Harper; a escalada fora de uma facilidade

quase decepcionante. O único problema deles tinha sido deixar o hotel sem serem notados. A gerência era contra essas excursões noturnas ao alto da montanha, quando não autorizadas. Podiam ocorrer acidentes que seriam prejudiciais ao negócio.

Mas o Dr. Elwin estava resolvido a fazer a escalada à sua maneira e tinha a melhor das razões para isso, embora nunca falasse no assunto. A presença de um dos mais famosos cientistas mundiais - e certamente o aleijado mais famoso do mundo - no Hotel Everest durante o auge da temporada de turismo já havia causado muita surpresa bem-educada. Harper satisfizera em parte a curiosidade geral insinuando que eles estavam trabalhando em medições de gravidade, o que era, pelo menos, uma parte da verdade. Mas uma parte da verdade que, a estas horas, tinha-se reduzido a quase nada.

Quem quer que visse Jules Elwin agora, demandando a passo firme o nível dos oito mil oitocentos e cinquenta metros com vinte e três quilos de equipamento às costas, jamais teria adivinhado que as suas pernas eram quase imprestáveis. Nascera vítima do desastre da talidomida em 1961, que deixara mais de dez mil crianças parcialmente deformadas pelo mundo afora. Elwin era um dos que tinham tido sorte. Seus braços eram perfeitamente normais e tinham sido fortalecidos pelo exercício até se tornarem mais possantes que os da maioria dos homens. As pernas, porém, eram meros fiapos de carne e osso. Com o auxílio de braçadeiras podia pôr-se em pé e até esboçar alguns passos vacilantes, mas nunca poderia caminhar realmente. Apesar disso, estava agora a sessenta metros do cume do Everest...

Um poster de turismo fora o começo de tudo, mais de três anos atrás. Como programador-assistente de computadores, na Divisão de Física Aplicada, George Harper só conhecia o Dr. Elwin de vista e reputação. Mesmo para os que trabalhavam em contato direto com ele, o brilhante diretor de pesquisas da *Astrotech* era uma personalidade algo remota, isolada do homem comum pelo seu corpo e pelo seu espírito. Não gostavam nem desgostavam dele, e embora fosse admirado e inspirasse piedade, certamente não era invejado.

Harper, que se formara há poucos meses apenas, duvidava que o doutor tivesse conhecimento sequer da sua existência, a não ser como um nome numa ficha de organização. Havia outros dez programadores na divisão, todos mais antigos do que ele, e a maioria nunca trocara mais que uma dúzia de palavras com o diretor de pesquisas. Quando Harper foi indicado por cooptação para levar um dos arquivos classificados ao gabinete do Dr. Elwin, esperou entrar e sair sem outra conversa que não fosse uma troca de formalidades polidas.

E por pouco não foi o que aconteceu. Mas no momento em que se ia retirando estacou diante do magnífico panorama dos picos do Himalaia que cobria a metade de uma parede. Tinha sido colocado num lugar onde o Dr. Elwin pudesse vê-lo sempre que levantava os olhos da sua escrivaninha, e mostrava uma cena que Harper conhecia muito bem, pois ele próprio a havia fotografado, como turista maravilhado e um pouco ofegante, juntando as suas pegadas às centenas de outras que marcavam a neve da coroa do Everest.

Lá estava a alva cordilheira de Kanchenjunga, erguendo-se entre as nuvens a cerca de cem milhas de distância. Quase em linha com ela, porém muito mais próximos, os picos gêmeos de Makalu; e ainda mais próxima, dominando todo o primeiro plano, a massa majestosa do Lhotse, vizinho e rival do Everest. Para além, a oeste, descendo vales tão imensos que a vista não lhes podia avaliar a escala, viam-se os rios de gelo entremesclados que eram os glaciares de Khumbu e Rongbuk. Desta altura, os seus torcicolos gelados não pareciam maiores do que os sulcos de

um campo lavrado; mas aquelas relheiras e gilvazes de gelo duro como ferro mediam centenas de pés de profundidade.

Estava Harper ainda absorvendo o espetacular panorama quando ouviu às suas costas a voz do Dr. Elwin.

- O senhor parece interessado. Já estive lá?

- Já, doutor. Meus pais me levaram lá depois que terminei o colégio. Ficamos uma semana no hotel e pensávamos ter de voltar antes que limpasse o tempo, mas no último dia o vento parou de soprar e, entre uns vinte, subimos até o cume. Estivemos lá uma hora, tirando fotografias uns dos outros.

O Dr. Elwin pareceu digerir estas informações durante um tempo bastante longo. Por fim disse, numa voz que perdera a sua qualidade remota e tinha agora um sensível tom de alvoroço:

- Sente, senhor... hã... Harper. Eu gostaria de ouvir mais.

Voltando para a cadeira em frente da enorme e desimpedida escrivaninha do diretor, George Harper sentia-se um tanto intrigado. O que ele tinha feito não era absolutamente inusitado; cada ano, milhares de pessoas hospedavam-se no Hotel Everest e mais ou menos uma quarta parte dessas pessoas escalava o cume da montanha. Ainda no ano anterior, realizara-se uma festa de homenagem, cercada de muita publicidade, ao décimo milésimo turista que subira ao teto do mundo. Alguns cínicos tinham tecido comentários sobre a extraordinária coincidência de ter sido esse Número 10000 justamente uma estrelinha de vídeo bastante conhecida.

Harper nada tinha que dizer ao Dr. Elwin que este não pudesse descobrir com a mesma facilidade numa dúzia de outras fontes - folhetos de turismo, por exemplo. Entretanto, nenhum cientista jovem e ambicioso teria deixado escapar essa oportunidade de produzir boa impressão num homem que tinha tantos poderes para ajudá-lo na sua carreira. Harper não era um calculador frio, nem tinha pendor para envolver-se na política de repartição, mas sabia reconhecer uma boa chance quando esta se lhe apresentava. - Bem, doutor - começou ele, falando devagar a princípio, pois era necessário pôr em ordem os seus pensamentos e lembranças -, o jato deixa o viajante numa cidadezinha chamada Narnchi, a uns trinta quilômetros da montanha. Depois, o ônibus o leva por uma estrada espetacular até o hotel, acima da geleira de Khumbu. Está situado a uma altitude de cinco mil e quinhentos metros e tem aposentos pressurizados para quem quer que sinta dificuldade em respirar. Há, naturalmente, um grupo médico para atender os hóspedes, e a gerência não aceita aqueles que não estejam em boas condições físicas. É preciso ficar no hotel pelo menos dois dias, fazendo uma dieta especial, antes de se conseguir permissão para subir mais alto.

"Do hotel não se pode ver o cume propriamente dito porque se está muito perto da montanha e ele parece erguer-se bem acima da cabeça da gente. Mas a vista é fantástica. Pode-se ver o Lhotse e meia dúzia de outros picos. E às vezes chega a dar medo, especialmente à noite. Em geral, ouve-se uivar o vento em algum lugar muito acima, e há estranhos ruídos produzidos pelo gelo em movimento. É fácil imaginar que existam monstros rondando lá no alto das montanhas...

"Não há muito que fazer no hotel, salvo descansar, contemplar a paisagem e esperar que os médicos nos deem permissão de seguir adiante. Nos velhos tempos, uma pessoa podia levar semanas aclimatando-se à atmosfera rarefeita; agora, fazem a contagem de glóbulos vermelhos subir ao nível desejado em quarenta e oito horas. Mesmo assim, metade dos visitantes, mais ou menos - principalmente os mais velhos -, concluem que aquela altura é suficiente para eles.

"O que acontece depois depende da experiência que se tenha e de quanto se

esteja disposto a gastar. Alguns alpinistas experimentados contratam guias e escalam o cume por conta própria, usando o equipamento padrão para escaladas. Isso não é muito difícil hoje em dia, e existem abrigos em vários pontos estratégicos. A maioria desses grupos conseguem chegar lá. Mas o tempo sempre é uma incógnita e todos os anos morrem algumas pessoas.

"O turista médio escolhe a maneira mais fácil. Nenhuma aeronave tem permissão de pousar no próprio Everest, salvo em casos de emergência, mas há um paradoro próximo à crista de Nuptse e um serviço de helicóptero do hotel até lá. Do paradoro ao cume são apenas cinco quilômetros, indo-se pela lombada meridional - uma ascensão fácil para quem esteja em boas condições e tenha alguma experiência de alpinismo. Há quem possa se aguentar sem oxigênio, embora isso não seja recomendado. Quanto a mim, conservei a máscara até chegar ao cume, então tirei-a e descobri que podia respirar sem muita dificuldade."

- Usou filtros ou cilindros de gás?

- Oh sim, filtros moleculares... Hoje em dia pode-se ter toda a confiança neles. Aumentam em mais de cem por cento a concentração de oxigênio. Simplificaram enormemente as ascensões a grandes altitudes. Ninguém mais carrega gás comprimido.

- Quanto tempo durou a ascensão?

- Um dia inteiro. Partimos pouco antes do amanhecer e ao cair da noite estávamos de volta. Isso teria sido uma surpresa para os alpinistas dos velhos tempos. Mas está claro que partimos bem jantados e dormidos, e viajávamos com pouca bagagem. Não há verdadeiros problemas do paradoro para cima e em todos os lugares perigosos foram feitos degraus. Como já disse, é fácil para qualquer pessoa em boas condições.

No mesmo instante em que repetiu estas palavras, Harper arrependeu-se de não ter cortado a língua com os dentes. Era incrível que pudesse ter esquecido a quem falava, mas a maravilha e a excitação daquela escalada do teto do mundo lhe viera tão vivida à lembrança que, por um momento, foi como se estivesse de novo naquele pico solitário e fustigado pelo vento. O único ponto da Terra a que o Dr. Elwin jamais poderia ir...

Entretanto, o cientista pareceu não ter reparado - ou então estava tão acostumado a essas indiscrições involuntárias que já não se aborrecia com elas. Por que ele está tão interessado no Everest? perguntava-se Harper. Talvez por causa da própria inacessibilidade: o Everest simbolizava tudo que lhe fora negado pelo acidente de nascimento.

E contudo agora, apenas três anos mais tarde, George Harper deteve-se a uns escassos trinta metros do cume e recolheu a corda de náilon quando o doutor veio ter com ele. Embora nunca tivessem dito nada sobre o assunto, Harper sabia que o cientista queria ser o primeiro a chegar lá em cima. Merecia essa honra e o moço nada faria para roubá-la dele.

- Tudo em ordem? - perguntou Harper. A pergunta era dispensável, mas ele sentia uma necessidade premente de desafiar a grande solidão que os cercava agora. Era como se fossem os únicos homens do mundo; em parte alguma, nesse deserto de picos brancos, se via qualquer sinal de existência da raça humana.

Elwin não respondeu, mas limitou-se a sacudir a cabeça distraidamente enquanto passava adiante do seu companheiro, os olhos brilhantes fixos no cume. Caminhava de maneira curiosa, com as pernas duras, e seus pés quase não deixavam marcas na neve. E enquanto caminhava, um débil mas inconfundível queixume de mecanismo elétrico partia da volumosa mochila que carregava às costas.

Em verdade, essa mochila o estava carregando - ou, pelo menos, três quartas partes dele. O Dr. Elwin, que nesse momento se abeirava da sua meta outrora inatingível, pesava, com todo o seu equipamento, nada mais que vinte e cinco quilos. E se isso ainda fosse excessivo, bastava-lhe girar um disco e não pesaria absolutamente nada.

Ali, entre os picos do Himalaia banhados de luar, estava o maior segredo do século XXI. No mundo inteiro só havia cinco desses modelos experimentais de Levitador Elwin, e dois deles se achavam ali no Everest.

Embora tivesse tido notícias do invento havia dois anos e compreendesse em parte a sua teoria básica, os lewies - como não tardaram a ser batizados no laboratório - ainda pareciam a Harper uma obra de bruxaria. As suas fontes de força armazenavam energia suficiente para elevar cento e vinte quilos de peso a uma distância vertical de dez milhas, o que dava um amplo fator de segurança a essa missão. O ciclo de subida e descida podia ser repetido quase indefinidamente, acompanhando as reações das unidades ao campo gravitacional da Terra. Na subida, a bateria descarregava; na descida, tornava a carregar-se. Como não há processo mecânico que possua uma eficiência total, ocorria uma pequena perda de energia a cada ciclo, mas esta podia ser repetida pelo menos umas cem vezes antes de se exaurirem as unidades.

Galgar a montanha com a maior parte do seu peso neutralizado fora uma experiência excitante para eles. A tração vertical do arnês dava-lhes a impressão de estarem pendurados a balões invisíveis, cuja fluatuabilidade podia ser ajustada à vontade. Precisavam ter um certo peso para poderem movimentar-se no solo, e depois de alguma experimentação tinham-se fixado em vinte e cinco por cento. Nessas condições, era tão fácil subir uma encosta ininterrupta como caminhar normalmente em terreno plano.

Por várias vezes tinham reduzido o seu peso quase a zero para galgarem de mão em mão superfícies verticais de rocha. Essa fora a mais estranha de todas as experiências que tiveram, exigindo uma confiança total no seu equipamento. Ficar suspenso no ar, sem nenhuma sustentação aparente a não ser uma caixa de mecanismos eletrônicos a zumbir suavemente, requeria um considerável esforço de vontade. Mas depois de alguns minutos a sensação de poder e liberdade vencia todo medo; pois ali, em verdade, estava a realização de um dos mais antigos sonhos do homem.

Poucas semanas atrás, um empregado da biblioteca encontrara um verso de um poema do começo do século XX que descrevia com perfeição a proeza que agora estavam realizando: "To ride secure the cruel Sky", montar sem perigo o céu impiedoso. Nem os próprios pássaros jamais se haviam libertado tão completamente da terceira dimensão; essa era a verdadeira conquista do espaço. O levitador iria franquear à exploração humana as montanhas e píncaros do mundo como, cinquenta anos atrás, o pulmão subaquático havia franqueado os mares. Depois que estas unidades tivessem passado vitoriosamente pelos testes e fossem produzidas em massa, a baixo preço, a civilização humana mudaria em todos os seus aspectos. Os transportes seriam revolucionados. As viagens espaciais não seriam mais dispendiosas do que a aviação comum; e toda a humanidade voaria. O que acontecera um século antes com a invenção do automóvel era apenas um fraco prenuncio das pasmosas mudanças sociais e políticas que estavam por vir agora.

Mas Harper tinha certeza de que o Dr. Elwin não estava pensando em nenhuma dessas coisas no seu solitário momento de triunfo. Mais tarde receberia os aplausos do mundo (e talvez as suas pragas); contudo, isso não significaria tanto para ele

como estar ali, no ponto mais alto da Terra. Era uma legítima vitória da mente sobre a matéria, uma demonstração do poder da inteligência sobre um corpo frágil e inválido. Tudo o mais seria anticlímax. Quando Harper foi reunir-se ao cientista no alto da pirâmide trancada e coberta de neve, os dois homens apertaram-se as mãos com uma formalidade um tanto rígida, que a ocasião parecia impor. Nada disseram, porém; a exultação do seu feito e o panorama de picos que se estendia até onde a vista alcançava lhes tinham roubado as palavras.

Abandonando-se ao suporte flutuante do seu arnês, Harper percorreu lentamente com os olhos o círculo do céu. À proporção que os ia reconhecendo pronunciava mentalmente os nomes dos gigantes em redor: Makalu, Lhotse, Baruntse, Cho Oyu, Kanchenjunga... Mesmo agora, vintenas desses picos nunca tinham sido escalados. Bem, os lewies não tardariam a se encarregar disso.

Muitos, é claro, desaprovavam. Mas no século XX também houvera alpinistas que qualificavam de "trapaça" o uso do oxigênio. Custava acreditar que, mesmo depois de semanas de aclimação, os homens tentassem alcançar essas alturas sem quaisquer recursos artificiais. Harper lembrava-se de Mallory e Irvine, cujos corpos continuavam desaparecidos, talvez dentro de um raio de uma milha do lugar onde ele se achava.

O Dr. Elwin, às suas costas, concertou a garganta.

- Vamos, George - disse tranquilamente, a voz abafada pelo filtro de oxigênio. - Devemos estar de volta antes que comecem a nos procurar.

Com um silencioso adeus a todos aqueles que haviam estado ali antes deles, deixaram o pico e começaram a descer a suave ladeira. A noite, que até agora tinha estado clara e cintilante, ia se fazendo mais escura; algumas nuvens altas deslizavam tão rápidas sobre a face da Lua que a luz desta se acendia e apagava de um modo que dificultava a visão do caminho. Harper não gostou desse aspecto do céu e começou a modificar mentalmente os planos que ambos haviam traçado. Talvez fosse preferível rumarem para a cabana da lombada meridional em vez de procurarem alcançar o paradoro. Nada disse, porém, ao Dr. Elwin, pois não queria provocar falsos alarmas.

Iam agora por uma aguda aresta de rocha, com a escuridão completa de um lado, e do outro um lençol de neve a alvejar vagamente. Harper não pôde deixar de pensar que seria terrível ser colhido por uma tempestade num lugar como aquele.

Mal tinha formulado esse pensamento quando o vendaval os alcançou. Vinda aparentemente de parte alguma, salteou-os uma rajada ululante, como se a montanha tivesse concentrado as forças para esse momento. Não havia tempo para fazer nada; mesmo que eles tivessem o seu peso normal, o vento os teria carregado. Em questão de segundos, arremessou-os sobre aquela treva vazia, povoada apenas por sombras.

Era impossível avaliar as profundidades naquele lugar. Harper forçou-se a olhar para baixo e não pôde ver nada. Embora o vento parecesse carregá-lo numa linha quase horizontal, sabia que devia estar caindo. Seu peso residual o estaria levando para baixo a um quarto da velocidade normal. Mas seria mais que suficiente; se caíssem mil e duzentos metros, que consolo lhes traria o fato de parecerem apenas trezentos?

Ainda não tivera tempo para sentir medo - isso viria mais tarde, se sobrevivesse -, e sua maior preocupação, bastante absurda, era que o dispendioso levitador fosse danificado. Esquecera completamente o seu companheiro, pois em tais crises a mente só pode comportar um pensamento de cada vez. O repentino puxão na corda de náilon encheu-o de alarma e perplexidade. Viu, então, o Dr. Elwin girando

lentamente em torno dele, na extremidade da corda, como um planeta em volta de um sol.

Esse espetáculo o fez voltar ao senso da realidade e à consciência do que era preciso fazer. Sua paralisia durara, provavelmente, apenas uma fração de segundo. Gritou em direção perpendicular ao vento:

- Doutor! Use a força ascensional de emergência! Enquanto falava, procurou o selo da sua unidade de controle, arrancou-o e apertou o botão.

Imediatamente a mochila começou a zumbir como uma colmeia de abelhas enfurecidas. Harper sentiu o arnês puxar o seu corpo, procurando arrastá-lo para o céu, longe da morte invisível lá embaixo. A simples aritmética do campo gravitacional da Terra fulgurou no seu cérebro, como escrita em letras de fogo. Um quilowatt podia erguer cem quilogramas a um metro por segundo, e as mochilas podiam converter energia a uma taxa máxima de dez quilowatts - embora não fosse possível mantê-la durante mais de um minuto. Por conseguinte, levando em conta a sua redução inicial de peso, subiria a muito mais de trinta metros por segundo.

Houve um violento puxão na corda quando esta se esticou. O Dr. Elwin demorara a apertar o botão de emergência, mas finalmente também ele estava subindo. Seria agora uma corrida entre a força ascensional das suas unidades e o vento que os arrastava para a face gelada do Lhotse, agora a uns escassos trezentos metros de distância. Aquele paredão de rocha estriada de neve agigantava-se acima deles, banhado pelo luar, como uma onda congelada de pedra. Impossível calcular com exatidão a velocidade com que se moviam, mas por certo não seria inferior a oitenta quilômetros por hora. Mesmo que sobrevivessem ao choque, não era de esperar que escapassem sem ferimentos graves; e, naquele lugar, estar ferido equivalia a estar morto.

Então, exatamente quando a colisão parecia inevitável, a corrente de ar desviou-se subitamente para cima, arrastando-os consigo. Safaram-se da crista rochosa por uma confortável diferença de quinze metros. Parecia um milagre, mas, após um aturdido momento de reflexão, Harper compreendeu que o que os tinha salvo fora um simples fenômeno de aerodinâmica. O vento tinha que subir para contornar a montanha; no lado oposto, voltaria a descer. Mas isso já não tinha importância, pois o céu diante deles estava vazio.

Os dois homens, agora, moviam-se tranquilamente sob as nuvens desfeitas. Se bem que a sua velocidade não tivesse diminuído, o rugido do vento aquietara-se de repente, pois viajavam com ele no vazio. Podiam até conversar comodamente através dos dez metros de espaço que ainda os separavam.

- Dr. Elwin - chamou Harper -, o senhor está bem?

- Sim, George - respondeu o cientista com uma calma perfeita. - Que fazemos agora?

- Precisamos parar de subir. Se formos mais alto não poderemos respirar, mesmo com os filtros.

- Você tem razão. Vamos estabelecer o equilíbrio. O zumbido furioso das mochilas baixou para um queixume apenas audível de eletricidade quando eles cortaram os circuitos de emergência. Durante alguns minutos estiveram saltando como ioiôs na sua corda de náilon, primeiro um em cima e depois o outro, até que conseguiram estabilizar-se. Então começaram a derivar, levados pelo vento, a pouco menos de nove mil metros de altitude. A não ser que os lewies falhassem - o que era bem possível, dado o excesso de carga -, eles estavam a salvo de qualquer perigo imediato.

Suas atribulações começariam quando tentassem voltar a terra.

Homem nenhum, em toda a história, jamais havia saudado aurora tão estranha. Embora estivessem cansados e entanguidos de frio, e o ar tênue e seco lhes rasgasse as gargantas a cada inspiração, esqueceram todos esses desconfortos quando a primeira e vaga claridade se espalhou ao longo do recortado horizonte oriental. As estrelas empalideceram uma a uma; a última a apagar-se, poucos minutos antes de raiar o sol, foi a mais brilhante de todas as estações espaciais - a Pacífico Número 3, pairando a trinta e cinco mil quilômetros acima do Havaí. Depois o sol se ergueu acima de um mar de picos sem nome e o dia nasceu sobre o Himalaia.

Era como observar o nascer do sol na Lua. A princípio, só as montanhas mais altas captaram os raios oblíquos, enquanto os vales circundantes continuavam inundados por sombras de nanquim. Mas, lentamente, a linha de luz foi descendo as falhas rochosas e porções cada vez maiores dessa região áspera e rebarbativa acolheram o novo dia.

Agora, quando se olhava com bastante atenção, era possível divisar sinais de vida humana. Havia umas poucas estradas estreitas, magros penachos de fumo elevando-se de aldeias solitárias, lampejos de sol refletido por telhados de mosteiros. O mundo despertava lá embaixo, ignorando por completo os dois espectadores que pairavam tão magicamente quatro mil e quinhentos metros acima dele.

O vento devia ter mudado várias vezes de direção durante a noite e Harper não fazia a menor ideia de onde se encontravam. Não conseguia identificar nenhum ponto de referência. Podiam estar em qualquer parte dentro de uma faixa de oitocentos quilômetros de comprimento, abrangendo territórios do Nepal e do Tibete.

O problema imediato era escolher um lugar de pouso - e isso sem tardança, pois estavam sendo levados rapidamente na direção de uma floresta de picos e geleiras onde não podiam esperar ajuda. O vento os arrastava em direção nordeste, para os lados da China. Se passassem por cima das montanhas e descessem ali, podiam transcorrer semanas antes de poderem entrar em contato com um dos Centros de Socorro à Fome das Nações Unidas e encontrarem o caminho de volta. Podiam até correr algum risco pessoal se baixassem do céu numa área cuja população era exclusivamente camponesa, analfabeta e supersticiosa.

- Convém descermos logo - disse Harper. - O aspecto daquelas montanhas não me agrada.

Suas palavras pareceram completamente perdidas no vazio que os rodeava. Embora o Dr. Elwin estivesse a poucos metros dele, era fácil imaginar que seu companheiro não podia ouvir nada do que ele dizia. Mas afinal o doutor sacudiu a cabeça, aquiescendo quase de mau grado.

- Receio que você tenha razão... mas não estou muito seguro de que seja possível, com este vento. Lembre-se de que não podemos descer tão depressa como subimos.

Isso era bem verdade; as fontes de força só podiam ser carregadas a um décimo de sua taxa de descarga. Se perdessem altitude e acumulassem energia gravitacional com excessiva rapidez, dar-se-ia o superaquecimento das pilhas, que provavelmente explodiriam. Os sobressaltados tibetanos (ou nepaleses?) pensariam que um grande meteorito havia explodido no seu céu. E ninguém jamais saberia que fim tinham levado o Dr. Jules Elwin e o seu jovem e promissor assistente.

Mil e quinhentos metros acima do solo. Agora, Harper esperava a explosão a qualquer momento. Iam descendo depressa, mas não suficientemente depressa; dentro em pouco teriam que desacelerar para não caírem com excessiva velocidade. E o pior era que tinham errado egregiamente ao estimar a velocidade do ar ao nível do solo. Aquele infernal, imprevisível vento voltara a soprar rijo. Podiam ver

serpentinhas de neve, arrancadas às serranias expostas, ondular lá embaixo como bandeiras fantásticas. Enquanto se moviam levados pelo vento não tinham consciência da força deste; agora, deviam realizar mais uma vez a perigosa transição entre rocha compacta e céu macio e acolhedor.

A corrente espiralada de ar puxava-os para a boca de um canyon. Não havia possibilidade de se elevarem acima dele. Estavam amarrados e teriam de escolher o melhor lugar de pouso que pudessem encontrar.

O canyon ia-se afunilando num ritmo assustador. Agora, pouco mais era do que uma fenda vertical cujas paredes de rocha corriam aos olhos dos dois homens a cinquenta ou sessenta quilômetros por hora. De tempos a tempos, pequenos remoinhos os atiravam para a direita, depois para a esquerda; muitas vezes livraram-se de colidir por uma questão de poucos metros. Em dada ocasião, quando passavam pouco acima de uma plataforma coberta por espessa camada de neve, Harper foi tentado a puxar o desengate instantâneo que atiraria fora o levitador. Mas isso seria saltar da frigideira para a fogueira; poderiam pousar incólumes em solo firme para descobrir que estavam emparedados a sabe Deus quantas milhas de qualquer possibilidade de socorro.

E contudo, mesmo nesse momento de perigo renovado, ele sentiu muito pouco medo. Aquilo se parecia com um sonho emocionante - um sonho de que não tardaria a despertar para dar consigo comodamente aconchegado na sua cama. Essa aventura fantástica não podia estar acontecendo realmente a ele...

- George! - gritou o doutor. - Esta é a nossa oportunidade... se conseguirmos nos safar daquele macacão!

Não tinham mais que alguns segundos para agir. Ambos começaram imediatamente a manobrar com a corda de náilon, fazendo-a pender numa grande barriga entre eles, com a parte mais baixa a apenas um metro do solo, que ia numa corrida desabalada. Um grande pedrouço, com perto de seis metros de altura, assomava exatamente na linha de voo; atrás dele, um largo lençol de neve era uma promessa de pouso razoavelmente suave.

A corda escorregou nas curvas inferiores do macacão, parecendo que ia safar-se, mas de repente prendeu-se numa saliência. Harper sentiu o empuxo repentino e foi arremessado em volta do obstáculo como uma pedra na extremidade de uma funda.

"Nunca imaginei que a neve pudesse ser tão dura", disse ele a si mesmo. Em seguida houve uma breve e brilhante explosão de luz, depois nada.

Estava de novo na universidade, na sala de conferências. Um dos professores falava numa voz que lhe era familiar, mas apesar disso parecia deslocada ali. Sonolento e sem vontade Harper desenrolou a lista dos nomes de seus instrutores na faculdade. Não, certamente não era nenhum deles. No entanto, conhecia tão bem aquela voz, e indubitavelmente ela estava falando para alguém.

- ... ainda muito moço quando compreendi que havia algo de errado na teoria da gravitação de Einstein. Em particular, parecia haver uma falácia na base do princípio de equivalência. De acordo com esse princípio, não há meio de distinguir entre os efeitos produzidos pela gravitação e os da aceleração.

"Mas isso é evidentemente falso. Pode-se criar uma aceleração uniforme, mas um campo gravitacional uniforme é impossível, dado que ele obedece à lei do inverso dos quadrados e, por conseguinte, pode variar mesmo em distâncias muito pequenas. De modo que é fácil imaginar testes para estabelecer distinção entre os dois casos e isso fez com que eu me perguntasse se..."

Estas palavras, pronunciadas em voz baixa, não deixaram mais impressão no espírito de Harper do que se tivessem sido ditas numa língua estrangeira. Percebia

vagamente que devia compreender tudo isso, mas dava muito trabalho procurar o significado. De qualquer modo, o primeiro problema era saber onde estava.

A menos que a sua visão tivesse sido afetada, estava numa escuridão completa. Pestanejou, e esse esforço lhe provocou uma dor tão lancinante na cabeça que soltou um grito.

- George! Você está bem?

Pois claro! Aquela tinha sido a voz do Dr. Elwin, falando baixinho ali na escuridão. Mas falando a quem?

- Tenho uma dor de cabeça horrível. E também me dói o lado quando procuro me mover. Que foi que aconteceu? Por que está escuro?

- Você sofreu uma concussão... e acho que quebrou uma costela. Não fale se não for necessário. Você passou todo o dia inconsciente. Já é noite de novo, e estamos debaixo da barraca. Estou poupando as nossas baterias.

Por pouco não foi ofuscado pela luz da lanterna quando o Dr. Elwin a acendeu. Viu em torno de si as paredes de lona da pequenina barraca e comentou de si para si que era uma sorte terem trazido um equipamento completo de alpinismo, para o caso de ficarem retidos no Everest. Mas talvez isso só servisse para prolongar a agonia... Surpreendeu-se de que o cientista aleijado tivesse conseguido, sem ajuda de ninguém, desembarcar todo o equipamento, armar a barraca e arrastá-lo para dentro. Tudo estava corretamente arrumado: o estojo de urgência, as latas de alimentos concentrados, os cantis de água, as pequenas botijas vermelhas de gás para o fogão portátil. Só faltavam as volumosas unidades do levitador; provavelmente tinham ficado lá fora para deixar mais espaço.

- O senhor estava falando com alguém quando acordei - disse Harper. - Ou teria sido um sonho?

Embora a luz indireta refletida pelas paredes da barraca tornasse difícil ler a expressão do outro, ele pôde perceber o embaraço de Elwin. Imediatamente compreendeu o porquê e arrependeu-se de ter feito a pergunta.

O cientista não acreditava que eles sobrevivessem. Estivera gravando as suas notas, para o caso de serem encontrados um dia os cadáveres dos dois homens. Harper perguntou-se, desoladamente, se ele teria acabado de gravar o seu testamento.

Antes que Elwin pudesse responder, foi logo mudando de assunto.

- Chamou o serviço de salvamento?

- Tenho tentado de meia em meia hora, mas receio que estejamos sendo barrados pelas montanhas. Posso ouvi-los, mas eles não nos recebem.

O Dr. Elwin apanhou o pequeno registrador-transceptor, que havia retirado do lugar normal, no seu pulso, e ligou-o.

- Aqui é o Posto de Salvamento 4 - disse uma voz mecânica e semi-apagada. - Estamos escutando agora.

Elwin aproveitou a pausa de cinco segundos para apertar o botão SOS e ficou à espera.

- Aqui é o Posto de Salvamento 4, escutando agora. Esperaram durante um minuto inteiro, mas ninguém acusou recepção do chamado. Bem, pensou sobriamente Harper, é tarde demais para começarmos a culpar um ao outro agora. Por várias vezes, quando estavam sendo arrastados vento acima das montanhas, tinham discutido sobre se deviam chamar o serviço mundial de salvamento, mas decidiram contra tal medida, em parte porque parecia desnecessária enquanto se achavam no ar e em parte por causa da inevitável publicidade que isso causaria. Era fácil ser judicioso depois do fato consumado: quem teria sonhado que eles pousariam num

dos poucos lugares que não podiam comunicar-se com o serviço pelo rádio?

O Dr. Elwin desligou o transceptor e o silêncio reinou na barraca. O único som que se ouvia era o fraco queixume do vento lá fora, ao longo das muralhas de rocha, dupla armadilha em que tinham sido apanhados - sem possibilidade de fuga nem de comunicação.

- Não se preocupe - disse ele afinal. - Quando amanhecer pensaremos numa saída. Até lá nada podemos fazer senão tratar do nosso conforto. Tome, pois, um pouco desta sopa quente.

Várias horas depois, a dor de cabeça já não incomodava Harper. Embora suspeitasse que tinha realmente quebrado uma costela, encontrara uma posição que era confortável enquanto ele não se mexesse e sentia-se quase em paz com o mundo.

Tinha passado por fases sucessivas de desespero, raiva contra o Dr. Elwin e auto-recriminação por se haver envolvido numa aventura tão louca. Agora estava novamente calmo, embora o seu cérebro, sempre em busca de um meio de escapar dali, mantivesse uma atividade que não permitia o sono.

Fora da barraca, o vento tinha cessado quase de todo e a noite era muito silenciosa. A escuridão já não era completa, pois a lua havia nascido. Se bem que os seus raios diretos jamais os alcançariam naquele lugar, devia haver alguma luz refletida pelas neves lá em cima. Harper podia distinguir uma claridade mortíça, no próprio limiar da visão, filtrada pelas paredes translúcidas da tenda térmica.

Em primeiro lugar, dizia ele a si mesmo, não corremos nenhum perigo imediato. Os alimentos durarão pelo menos uma semana; não falta neve para ser derretida e nos fornecer água potável. Dentro de um ou dois dias, se a minha costela se comportar, poderemos partir de novo - desta vez, espero, com melhores resultados.

De algum lugar não muito distante veio um curioso baque surdo e macio que intrigou Harper até este chegar a compreender que uma massa de neve devia ter caído ali perto. A noite era tão silenciosa que ele quase imaginava ouvir as batidas do seu próprio coração; o ressonar do seu companheiro adormecido parecia extraordinariamente ruidoso.

Estranho como se deixava distrair por trivialidades! Tornou a concentrar-se no problema da sobrevivência. Mesmo que não estivesse em condições de mover-se, o doutor poderia tentar a fuga sozinho. Era uma situação, aquela, em que um homem teria tanta possibilidade de sucesso quanto dois.

Novo baque semelhante ao primeiro, desta vez um pouco mais forte. Era um pouco esquisito, pensou Harper distraidamente, que a neve se movesse na fria quietude da noite. Esperou que não houvesse perigo de um deslizamento; como não tivera tempo para um exame claro do local onde haviam pousado, não podia avaliar o risco. Perguntou a si mesmo se não seria bom acordar o doutor, que devia ter inspecionado o terreno antes de armar a barraca. Depois, fatalisticamente, decidiu não fazê-lo; se de fato estavam na iminência de uma avalanche, não poderiam fazer grande coisa para escapar.

Volta ao problema número um. Havia uma solução interessante, que merecia ser examinada. Podiam amarrar o transceptor a um dos lewies e fazer subir tudo. O sinal seria apanhado assim que a unidade deixasse o canyon, e o serviço de salvamento os encontraria dentro de poucas horas - ou, na pior das hipóteses, dentro de poucos dias.

É claro que isso importaria em sacrificar um dos

s, e, se a tentativa não desse resultado, os dois homens se veriam em pior situação que antes. Mas assim mesmo... Que era aquilo? Já não se tratava de uma

massa de neve caindo. Era um débil mas inconfundível clique, como um entrechoque de seixos. E os seixos não se movem sozinhos.

Você está imaginando coisas, disse Harper a si mesmo. A ir até lá de alguém, ou alguma coisa, andar vagando alta noite num dos desfiladeiros do Himalaia era completamente ridícula. Mas de repente a sua garganta secou e ele sentiu arrepiarem-se-lhe os cabelos da nuca. Tinha ouvido alguma coisa e não havia argumentos que valessem contra isso.

Diabos levem os roncoss do doutor! Eram tão ruidosos que se tornava difícil concentrar-se nos sons lá de fora. Significaria aquilo que o seu companheiro, apesar de profundamente adormecido, fora avisado pelo seu subconsciente, sempre alerta? Lá estava ele de novo com as suas fantasias ...

Clique.

Talvez estivesse um pouco mais perto. Mas certamente o ruído vinha de outra direção. Dir-se-ia que alguma coisa, movendo-se com um silêncio fantástico, porém não completo, rodeava lentamente a barraca.

Nesse momento, George Harper desejou com todo o fervor nunca ter ouvido falar no Abominável Homem das Neves. É verdade que pouco sabia a respeito dele, mas esse pouco já era demais.

Lembrou-se de que o Yeti, como o chamavam os nepaleses, era um persistente mito do Himalaia havia mais de cem anos. Perigoso monstro, maior do que um homem, nunca tinha sido capturado, fotografado ou mesmo descrito por testemunhas fidedignas. A maioria dos ocidentais tinham plena certeza de que isso era pura fantasia, e a escassa evidência de pegadas na neve e pedaços de pele conservados em obscuros mosteiros não lograva convencê-los. No entanto, os nativos das tribos montanhesas é que deviam saber. E agora Harper receava que eles tivessem razão.

Então, como nada mais acontecesse durante longos segundos, os seus receios começaram a dissipar-se. Talvez a sua imaginação superexcitada lhe estivesse pregando peças; naquelas circunstâncias isso não seria de surpreender. Com um deliberado e resolutos esforço de vontade, concentrou-se mais uma vez no problema de se salvarem. Estava fazendo considerável progresso quando alguma coisa se chocou contra a barraca.

Só o fato de ter os músculos da garganta paralisados de puro medo impediu-o de lançar um berro. Estava completamente incapacitado de mover-se. Então ouviu o Dr. Elwin remexer-se sonolento na escuridão ao seu lado.

- Que é? - resmungou o cientista. - Você está bem?

Harper sentiu o seu companheiro virar-se para o outro lado e compreendeu que ele estava procurando a lanterna. Quis cochichar: "Pelo amor de Deus, não faça barulho!", mas nenhuma palavra saiu por entre os seus lábios ressequidos. Ouviu-se um clique e o feixe de luz da lanterna formou um círculo brilhante na parede da barraca.

Essa parede, agora, fazia bojo para dentro como se um grande peso se apoiasse nela. E no centro desse bojo via-se um desenho absolutamente inconfundível: a marca deformada de uma mão ou pata. Estava a uns sessenta centímetros apenas do chão. A criatura lá fora, fosse lá o que fosse, parecia estar ajoelhada, manuseando o tecido da barraca.

A luz devia tê-la irritado, pois a marca desapareceu abruptamente e a parede da barraca tornou a esticar-se, reassumindo a sua posição normal. Ouviu-se um rosnado baixo, ameaçador, depois se fez silêncio por muito tempo.

Harper notou que estava respirando de novo. Tinha esperado ver, a qualquer

momento, a barraca rasgar-se e algum monstro inimaginável saltar lá de fora sobre eles. Ao invés disso, formando quase um anticlímax, ouviu-se apenas o débil e distante lamento de uma rajada de vento passageira nas montanhas lá em cima. Harper pôs-se a tiritar incontrolavelmente, o que não tinha nada que ver com a temperatura, pois no pequeno mundo isolado dos dois homens reinava uma tepidez muito confortável.

Ouviu-se então um som familiar - quase amigo, mesmo. Era o tinido metálico de uma lata vazia batendo numa pedra, e de certo modo isso relaxou um pouco a tensão. Pela primeira vez Harper pôde falar, ou pelo menos cochichar.

- Ele encontrou as vasilhas com a nossa comida.

Talvez nos deixe agora em paz.

Como que em resposta, houve um rosnado baixo que parecia exprimir cólera ou desapontamento, depois um golpe e um estardalhaço de latas que rolavam para longe na escuridão. Harper lembrou-se subitamente de que todos os víveres estavam dentro da barraca; lá fora, só as latas vazias de que se tinham desembaraçado. Esse pensamento não era muito confortador. Lamentou que não tivessem, como os nativos supersticiosos, deixado uma oferenda para os deuses ou demônios das montanhas.

O que aconteceu em seguida foi tão repentino, tão completamente inesperado, que tudo acabou antes de ele ter tido tempo para reagir. Houve o som de alguma coisa batendo de encontro à rocha, depois o conhecido queixume elétrico, e um grunhido de susto.

Por fim, um grito estridente de raiva e frustração, de fazer gelar o sangue nas veias, converteu-se rapidamente em puro terror e se foi apagando com uma velocidade cada vez maior, subindo no céu vazio.

Esse som evanescente despertou no cérebro de Harper a única memória apropriada. Certa vez tinha visto um filme dos começos do século XX sobre a história da aeronáutica, e nesse filme havia uma medonha sequência mostrando o lançamento de um dirigível. Alguns dos integrantes da tripulação de terra, que não tinham largado no momento preciso os cabos de amarração, foram arrastados para cima pela aeronave e ficaram pendurados, completamente inertes. Depois, um a um, foram soltando os cabos e caindo no solo.

Harper esperou um baque distante que não se concretizou. Então compreendeu o que o doutor dizia e repetia sem parar:

- Eu deixei as duas unidades presas uma à outra. Eu deixei as duas unidades presas uma à outra.

O estado de choque de Harper era ainda muito intenso para que essa informação catastrófica o perturbasse. O que ele experimentou, ao invés, foi uma sensação de desapontamento, desinteressada e admiravelmente científica.

Jamais poderia saber que criatura era aquela que havia rondado a barraca nas horas ermas que precedem a alvorada do Himalaia.

Pelo fim da tarde, um helicóptero de salvamento, pilotado por um incrédulo sikh, ainda a se perguntar se tudo aquilo não seria uma complicada pilhéria, desceu de nariz para baixo às profundezas do canyon. Quando a máquina pousou, esparramando neve, o Dr. Elwin já abanava furiosamente com um dos braços, enquanto se agarrava com o outro à armação da barraca.

Ao reconhecer o cientista aleijado, o piloto do helicóptero experimentou uma sensação de terror quase supersticioso. Então a notícia devia ser verdadeira! Não havia outro modo possível de Elwin ter chegado àquele lugar. E isso significava que tudo quanto voava nos céus e acima dos céus da Terra tinha-se tornado, a partir

desse momento, tão obsoleto como um carro de bois.

- Graças a Deus que nos encontrou - disse o doutor com sincera gratidão. - Como foi que veio tão depressa?

- O senhor pode agradecer às redes rastreadoras de radar e aos telescópios das estações meteorológicas orbitais. Teríamos vindo aqui antes, mas no começo pensamos que fosse uma brincadeira de mau gosto.

- Não compreendo.

- Que teria dito o senhor, doutor, se alguém informasse sobre uma onça-do-himalaia, motíssima, toda enredada numa confusão de correias e caixas e mantendo uma altitude constante de vinte e sete mil metros?

Dentro da barraca, George Harper desatou a rir a despeito da dor que isso lhe causava. O doutor enfiou a cabeça na portinhola e perguntou, ansioso:

- Que foi que houve?

- Nada... ui! Só estava me perguntando como vamos fazer descer o pobre bruto antes que se torne uma ameaça para a navegação.

- Oh, alguém vai subir até lá com outro lewie e apertará os botões. Talvez convenha estabelecer um radio-controle em todas as unidades ...

A voz do Dr. Elwin apagou-se no meio da frase. Já o seu espírito estava longe dali, perdido em sonhos que transformariam a face de muitos mundos.

Dentro em pouco ele desceria das montanhas, novo Moisés levando consigo as leis de uma nova civilização.

Porque ele restituiria aos homens a liberdade perdida havia tanto tempo, quando os primeiros anfíbios deixaram a sua morada sem peso, embaixo das ondas.

A batalha de um bilhão de anos contra a força da gravidade estava terminada.

Novembro de 1966.

O Parasita

The Parasite, 1953. Avon Science Fiction and Fantasy Reader, April 1953.

Este é um feio conto sobre uma feia ideia. Pertence à mesma categoria de “O Outro Tigre”. Escrevi ambos no princípio dos anos cinquenta.

Espero que ambos sejam contos de fantasia e não de ficção científica. Mas, quem sabe que poderes poderão ter nossos remotos descendentes, ou que vícios poderão cultivar para passar os espantosos bilhões de anos antes do fim do tempo?

- Não podes fazer nada, - disse Connolly – absolutamente nada. Por que tens que me seguir?

Estava de pé, de costas para Pearson, contemplando a tranquila água azul que seguia para a Itália. À esquerda, detrás da frota de pesca ancorada, o sol estava se pondo com um esplendor mediterrâneo, pintando de vermelho a terra e o céu. Mas nenhum daqueles homens se dava conta da beleza que os rodeava.

Pearson se levantou e saiu do sombreado alpendre do pequeno café para a oblíqua luz do sol. Reuniu-se com Connolly junto à parede do penhasco, porém teve o cuidado de não aproximar-se muito. Mesmo em tempos normais, Connolly não gostava que o tocassem Sua obsessão, fosse o que fosse, o faria agora duplamente sensível.

- Escuta Roy. - disse Pearson em tom urgente – Temos sido amigos há vinte anos, e devias saber que desta vez não te deixarei em apuros. Além disso...

- Já sei. Prometeste a Ruth.

- E por que não haveria de fazê-lo? Afinal de contas é tua esposa. Tem direito de saber o que se passa. - Fez uma pausa, escolhendo cuidadosamente as palavras – Está preocupada, Roy. Muito mais preocupada do que se tratasse de outra mulher.

Esteve a ponto de acrescentar o termo “outra vez”, mas decidiu não fazê-lo.

Connolly amassou o cigarro na parede de granito. Depois jogou o filtro branco ao mar, que caiu dando voltas até as águas, a trinta metros abaixo deles. Voltou o rosto para seu amigo.

- Sinto muito, Jack. - respondeu e, por um momento, revelou a personalidade familiar que, segundo sabia Pearson, devia estar presa em alguma parte, dentro do desconhecido que estava ao seu lado – Sei que estás tentando me ajudar e te agradeço. Mas preferiria que não houvesses me seguido. Só piorará as coisas.

- Convince-me disto e eu vou embora.

Connolly suspirou.

- Não poderia convencer-te mais que àquele psiquiatra a quem me persuadiste ir ver. Pobre Curtis! Era um homem muito bem intencionado. Gostaria de apresentar-lhe minhas desculpas.

- Eu não sou psiquiatra e não estou tentando te curar, se me permite a expressão. Se gostas de ser com és, isto é contigo. Mas acredito que deverias dizer-nos o que se passou, para que possamos fazer nossos planos.

- Para que me digam que estou louco?

Pearson encolheu os ombros. Se perguntou se Connolly podia ver, através da sua fingida indiferença, a preocupação real que estava tentando ocultar. Agora que todos os procedimentos pareciam haver fracassado, a atitude de "francamente, não me importa" era a única que podia adotar.

- Não estava pensando nisto. Há alguns detalhes práticos para resolver. Queres ficar indefinidamente aqui? Não podes viver sem dinheiro, nem sequer em Syrene.

- Posso alojar-me na vila de Clifford Rawnsley todo o tempo que quiser. Já sabes que era amigo do meu pai. Agora a casa está vazia, à exceção da criadagem, e esta não me preocupa.

Connolly afastou-se do parapeito em que se apoiava.

- Vou subir o monte antes que anoiteça. - disse.

O tom tinha sido brusco, mas Pearson sabia que não era de despedida. Podia segui-lo se quisesse. E isto lhe deu a primeira satisfação desde que havia localizado Connolly. Era um pequeno triunfo, mas necessário.

Não se falaram durante a subida. O certo é que Pearson só tinha fôlego para subir. Connolly caminhava rápido, como se tentasse deliberadamente ficar esgotado. A ilha ia se afundando atrás deles, as vilas brancas resplandeciam como fantasmas nos vales sombrios, os pequenos barcos de pesca, terminado o trabalho do dia, descansavam no porto. E o mar estava escurecendo.

Quando Pearson alcançou seu amigo, Connolly estava sentado diante do santuário que os devotos insulares haviam construído no ponto mais alto de Syrene. Em pleno dia, o lugar era frequentado pelos turistas, que se fotografavam ou contemplavam boquiabertos a beleza de que somente tinham ouvido falar e que se estendia sob eles. Mas agora o local estava deserto.

Connolly respirava fatigadamente devido ao esforço, mas suas feições estavam relaxadas e, no momento, parecia tranquilo. A sombra que havia toldado sua mente havia se levantado. Ele voltou-se para Pearson com uma expressão que lembrava seu antigo e contagioso sorriso.

- O exercício te aborrece, Jack. Estou espantado.

- E quem é esse exercício? - disse Pearson - Lembre que ainda não nos apresentou.

Connolly sorriu ante a mostra de humor do seu amigo. E então o seu rosto se pôs grave de repente.

- Diz, Jack. - começou - Acreditas que tenho uma imaginação super desenvolvida?

- Não. É mais ou menos normal. Tu és menos imaginativo que eu, claro.

Connolly assentiu lentamente com a cabeça.

- É verdade, Jack, e isto deveria ajudar-te a acreditar em mim, porque estou certo de que eu nunca teria podido inventar a criatura que me obceca. Existe realmente, não sofro de alucinações paranoicas ou como queira chamar o Doutor Curtis.

«Lembras de Maude White? Tudo começou com ela. Eu a conheci em uma das festas de David Trescott, há um mês e meio. Acabava de discutir com Ruth e estava farto. Nós dois estávamos em uma situação difícil e, estando eu na cidade, ela veio se encontrar comigo.

Pearson sorriu para si mesmo. Pobre Roy! Era sempre a mesma história, embora ele nunca parecesse se dar conta. Cada aventura era diferente para ele, mas não para os demais. Era o eterno Don Juan, sempre procurando e sempre se decepcionando, porque o que procurava só poderia encontrar no berço ou na tumba, mas nunca entre os dois.

- Suponho que rirás do que me impressionou tanto, parece muito trivial, mas assim mesmo me assustou mais que tudo na vida. Simplesmente fui ao salão do bar e preparei as bebidas, como havia feito infinitas vezes. Só quando estendi um copo para Maude, me dei conta de que havia enchido três. O incidente era tão natural, que a princípio não reconheci o que significava. Depois olhei como um louco ao redor da hospedaria, para ver onde estava o outro homem..., sabia também, de alguma forma, que não era um homem. Claro, ele não estava ali. Não estava em parte alguma do mundo: estava escondido no mais profundo do meu próprio cérebro...

A noite estava muito silenciosa, sem outro ruído além de uma suave música de fita que subia em espiral para as estrelas, de algum café do povoado lá em baixo. A luz da Lua nascente resplandecia sobre o mar. No alto, os braços do crucifixo se perfilavam contra a escuridão. Vênus, brilhante farol na fronteira do crepúsculo, seguia o Sol para Oeste.

Pearson esperou, deixando que Connolly tomasse tempo. Parecia lúcido e bastante razoável, por muito estranha que fosse a história que contava. Seu rosto estava absolutamente tranquilo à lua da Lua, embora pudesse ser a calma que vem após a aceitação da derrota.

- Depois daquilo, a primeira coisa de que me recordo é que estava deitado na cama, enquanto Maude limpava meu rosto com uma esponja. Estava muito assustada; eu havia desmaiado e ao cair sofri um corte profundo na fronte. Havia muito sangue por todas as partes, mas isto não importava. O que realmente me aterrorizava era a ideia de que havia ficado louco. Parece curioso, agora me horroriza mais estar são.

«Ele estava ali quando despertei, e havia estado ali antes. De alguma forma me liberei de Maude (não foi fácil) e tratei de averiguar o que havia sucedido. Diz, Jack, tu acreditas em telepatia?

A pergunta brusca pegou Pearson desprevenido.

- Nunca pensei muito nisto, mas as provas parecem bastante convincentes. Estás sugerindo que outra pessoa está lendo tua mente?

- Não é assim tão simples. O que estou te contando agora eu descobri pouco a pouco, geralmente quando estava sonhando ou quando me achava um pouco bêbado. Podes pensar que isto invalida a prova, mas não creio. A princípio, foi a única forma em que eu podia passar pela barreira que me separa de Omega..., mais tarde te direi porque o chamo assim. Mas agora não há obstáculo algum: sei que ele está sempre ali, esperando que eu baixe a guarda. De noite e de dia, bêbado ou sereno, estou consciente da sua presença. Em ocasiões como esta, ele permanece quieto, observando-me pelo canto do olho. Minha única esperança é que canse de esperar e que vá em busca de outra vítima.

A voz de Connolly, tranquila até agora, entrou em colapso.

- Imagina o horror daquela descoberta: o fato de saber que cada ação, cada ideia ou cada desejo que passa na tua mente está sendo observado e compartilhado por outro ser. Claro, isto significou pra mim o fim de toda uma vida normal. Tive que deixar Ruth sem poder dar-lhe uma razão. Então, para piorar as coisas, Maude começou a me perseguir. Não me deixava em paz e me bombardeava com cartas e chamadas telefônicas. Era um inferno. Não podia lutar contra os dois e, por isto, fugi. Pensei

que em Syrene ele encontrasse bastantes coisas interessantes para que deixasse de me molestar.

- Agora compreendo. - disse Pearson a meia voz - É isto o que ele procura. Uma espécie de voyeur telepático que já não se contenta somente em observar...

- Acho que estás brincando comigo, - respondeu Connolly, sem ressentimentos - Mas não importa. Passou-se muito tempo antes que eu me desse conta de qual era o jogo. Uma vez passada a primeira impressão, tratei de analisar a coisa racionalmente. Pensei no que havia precedido o momento do primeiro reconhecimento e afinal me dei conta de que não havia sido uma súbita invasão da minha mente. Ele havia estado comigo há anos, conhecendo-me, como tu me conheces. Mas nunca havia ficado de todo tranquilo com uma mulher, nem sequer quando fazia amor, e agora sei a razão. Omega estivera sempre ali, compartilhando minhas emoções, refocilando-se com paixões que já não pode experimentar em seu corpo.

«A única maneira de conservar algum controle era contra atacando, tentando chegar às vias de fato com ele e tentando compreender o que era. Afinal consegui. Está muito distante e seu poder deve ter algum limite. Talvez o primeiro contato tivesse sido accidental, ainda não estou certo disto.

«Suponho que o que te contei até agora, Jack, é bastante difícil de acreditar, mas não é nada comparado ao que vou te dizer. Em todo caso, lembra que estás de acordo de que não sou um homem imaginativo, assim vê se podes encontrar uma falha no relato.

«Não sei se já leste alguma vez que a telepatia é, de alguma maneira, independente do tempo. Eu sei que é. Omega não pertence à nossa época: está em algum lugar do futuro a uma distância incomensurável de nós. Durante um tempo pensei que devia ser um dos últimos homens, e por isto lhe pus aquele nome. Mas agora estou certo. Talvez pertença a uma era em que há diversas raças humanas diferentes, esparsas por todo o universo. Algumas ainda no auge e outras em plena decadência. Seu povo, onde quer que esteja, alcançou as alturas e caiu dela para profundezas que nem os animais conheceram. Tudo nele respira maldade, Jack, a maldade substancial que a maioria de nós nunca chegará a conhecer. Contudo, às vezes me compadeço dele, porque sei o que o transformou no que ele é.

«Jack, já te perguntaste alguma vez o que fará a raça humana quando a ciência já tiver descoberto tudo, quando não houver mais mundo por explorar, quando todas as estrelas já tiverem revelado seus segredos? Omega é uma das respostas. Espero que não seja a única, porque se assim fosse, todos nossos esforços haveriam sido em vão. Espero que ele e sua raça sejam um câncer isolado em um universo ainda são, mas posso não estar certo.

«Mimaram seus corpos até torná-los inúteis e descobriram seu erro tarde demais. Talvez pensassem, como alguns homens, que poderiam viver só com a inteligência. E talvez sejam imortais, esta é sua verdadeira perdição. Ao longo do tempo, suas mentes vêm corroendo seus débeis corpos, buscando alívio ao seu tédio insuportável. Enfim encontraram a única maneira de conseguir isto: enviando suas mentes a uma era anterior e mais viril e convertendo-se em parasitas das emoções dos outros.

«Me pergunto quantos serão. Talvez isto explique todos os casos que costumamos chamar de possessão. Como terão saqueado o passado para saciar sua fome! Consegues imaginá-los voando como corvos ao redor do Império Romano em decadência, disputando as mentes de Nero, Calígula e Tibério? Talvez Omega não conseguiu desfrutar aqueles grandes prêmios. Ou talvez não tem muito entre o que escolher e tem que apoderar-se de qualquer mente com que possa estabelecer contacto em qualquer tempo, passando dela para a seguinte, na primeira oportunidade.

«Naturalmente, tudo isto eu descobri após muito tempo. Acredito que ele se regozija mais ao saber que eu sei da sua presença. Creia que me ajuda deliberadamente, rompendo seu próprio lado da barreira. Porque finalmente pude vê-lo.

Connolly interrompeu-se. Pearson olhou ao seu redor e viu que já não estavam sozinhos em cima do monte. Um jovem casal de mãos dadas subia pela estrada em direção ao crucifixo. Ambos tinham a beleza física tão comum entre os insulares. Não reparavam na noite que os envolvia nem nos espectadores, e passaram junto de nós sem o menor sinal de ter-nos visto. Um sorriso amargo pintou-se nos lábios de Connolly, enquanto ele os via se afastarem.

- Suponho que eu deveria me envergonhar, mas pensava que o melhor que ele faria era me deixar e ir atrás daquele rapaz. Mas ele não quis. Ainda me nego a fazer o seu jogo, ficar para ver o que acontece.

- Estavas a ponto de me dizer como ele é. - disse Pearson, contrariado pela interrupção.

Connolly acendeu um cigarro e o aspirou profundamente antes de responder.

- Podes imaginar uma casa sem paredes? Ele está em um espaço vazio, em forma de ovo, rodeado de uma névoa azul que parece estar sempre girando e se contorcendo, mas nunca muda de posição. Não há entrada nem saída, nem gravidade, ao menos que tenha aprendido a desafiá-la. Porque ele flutua no centro e ao ser redor há um círculo de curtos cilindros ocos que giram lentamente no ar. Creio que devem ser algum tipo de máquinas submissas à sua vontade. E uma vez havia um oval grande suspenso ao seu lado, com braços humanos e muito bem formados. Só podia ser um robô. Mas as mãos e os dedos pareciam vivos. Apalpavam e davam massagens, tratando-o como se fosse uma criança. Era horrível...

«Já viste alguma vez os lêmures, o tarso espectral? Parece bastante com ele: um pesadelo disfarçado de homem, com grandes olhos malignos. E o mais estranho é que contradiz o que pensávamos da evolução: está coberto de uma fina camada de pelo tão azul como a sua morada. Sempre que o vejo, está na mesma posição: encolhido e virado para cima, como uma criança adormecida. Creio que suas pernas devem estar completamente atrofiadas e, talvez, também os braços. Só seu cérebro ainda está ativo, caçando suas presas ao longo dos séculos.

«E agora já sabes que nem tu nem ninguém podem fazer nada. Os psiquiatras poderiam curar-me se eu estivesse louco, mas a ciência que possa com Omega ainda não foi inventada.

Connolly fez uma pausa e sorriu com ironia.

- Precisamente porque estou são é que sei que não vais me acreditar. Então não há um terreno comum no qual possamos nos encontrar.

Pearson levantou-se da pedra em que se achava sentado, com um ligeiro tremor. A noite estava esfriando, mas não era nada em comparação com o sentimento de impotência interior que havia se apoderado dele, enquanto Connolly lhe falava.

- Vou ser franco, Roy. - disse, falando lentamente – Não acredito, claro. Mas se tu acreditas em Omega, isto é real para ti. E eu o aceitarei nesta base e lutarei contigo contra ele.

- Pode ser um jogo perigoso. Sabemos por acaso do que é capaz de fazer se ele se sentir encurralado?

- Correrei o risco. - respondeu Pearson, pondo-se a andar encosta abaixo.

Connolly o seguiu sem discutir.

- E agora, me diz, que pensas fazer?

- Relaxar. Evitar as emoções. E, sobretudo, manter-me distante das mulheres. De Ruth, de Maude, de todas elas. Isto tem sido o mais difícil. Não é fácil romper com

os hábitos de toda uma vida.

- Nisto eu acredito. - disse Pearson um pouco seco – E tens tido êxito até agora?

- Um êxito total. Olha, o próprio afã de Omega vai contra seus fins, infundindo-me uma espécie de repugnância e de desprezo a mim mesmo quando penso em sexo. E pensar que eu condenava os hipócritas durante toda minha vida. E agora me converti em um deles...!

Aí está a resposta, disse Pearson para si mesmo, com súbita inspiração. Nunca tinha acreditado, mas o passado de Connolly afinal havia agido contra ele. Omega não era mais que um símbolo da consciência, uma personificação da culpa. Quando Connolly se desse conta disto, deixaria de ficar obcecado. Quanto à natureza notavelmente detalhada da alucinação, era outro exemplo dos truques de que é capaz a mente humana para enganar-se a si mesma. Tinha que haver alguma razão que explicasse porque a obsessão havia tomado esta forma, mas isto não tinha tanta importância.

Pearson explicou isto a Connolly com certa prolixidade, enquanto se aproximavam do povoado. Ele o escutava com tanta paciência que Pearson teve a desagradável impressão de que agora Connolly estava brincando com ele, mas continuou sério até o final. Quando terminou, Connolly lançou um sorriso curto e nada divertido.

- Tua interpretação é tão lógica como a minha, mas nenhum de nós poderá convencer ao outro. Se tu tiveres razão, com o tempo voltarei a ser "normal". Não posso rebater esta possibilidade, simplesmente não creio nela. Tu não podes imaginar quão real Omega é para mim. Mais real que tu, porque se fecho os olhos, tu desapareces e, em troca, ele continua presente. Quisera saber o que está esperando! Deixei para trás minha antiga vida, e ele sabe que não voltarei a ela enquanto estiver aqui. Então que vai ganhar ficando? - voltou-se para Pearson com ansiedade febril – Isto é o que mais me espanta, Jack Ele deve saber qual será meu futuro; toda minha vida deve ser como um livro que ele pode abrir onde quiser Por conseguinte, tenho que passar por alguma experiência que ele está desejando saborear. Às vezes..., às vezes me pergunto se será minha morte.

Encontravam-se entre as casas das cercanias do povoado e diante deles começava a vida noturna de Syrene. E por já não estarem sós, produziu-se uma mudança sutil na atitude de Connolly. Em cima da montanha tinha se mostrado em sua maneira normal, mais amigável e disposto a falar. Mas agora, ao ver a multidão despreocupada e feliz, pareceu encolher-se dentro de si mesmo. Ficou atrás enquanto Pearson avançava e, após um pouco tempo, negou-se a seguir adiante.

- Que se passa? - perguntou-lhe Pearson – suponho que virás para o hotel e cearás comigo, certo?

Connolly sacudiu a cabeça.

- Não posso. - disse – encontraria muita gente.

Era uma observação assombrosa por parte de um homem a quem sempre haviam encantado as pessoas e as festas. Demonstrava sobretudo quanto havia mudado. E antes que Pearson houvesse pensado em uma resposta adequada, rodou sobre seus calcanhares e entrou em uma rua lateral. Aborrecido e contrariado, Pearson começou a segui-lo, porém em seguida achou que seria inútil.

Naquela noite, mandou um longo telegrama a Ruth, tranquilizando-a o melhor que pôde. Depois, como se sentia cansado, foi para a cama. Mas, durante uma hora não conseguiu dormir. Seu corpo estava esgotado, mas o cérebro continuava ativo. Permaneceu deitado na cama, observando o movimento de um raio de lua nos desenhos da parede, marcando a passagem do tempo tão inexoravelmente como na era distante a que Connolly havia acessado. Claro, isto era pura fantasia. Mas, apesar da

sua vontade, Pearson começava a aceitar Omega como uma ameaça real e viva. E, em certo sentido, Omega era real. Tão real como outras abstrações mentais: o ego e a mente subconsciente.

Pearson se perguntou se Connolly havia agido bem em voltar a Syrene. Em tempos de crise emocional, (tinham acontecido outras, mas nenhuma tão importante como esta) a reação de Connolly era sempre a mesma: voltava mais uma vez à adorável ilha onde seus encantadores e inúteis pais o haviam gerado e onde havia passado sua juventude. Pearson sabia muito bem que agora ele estava procurando a alegria que só havia conhecido durante um período da sua vida, e que em vão havia tentado encontrar nos braços de Ruth e das outras mulheres que não haviam podido resistir-lhe.

Pearson não pretendia criticar o seu desditado amigo. Nunca julgava ninguém. Se limitava a observar com amável e vivo interesse, que não podia chamar-se tolerância, porque a tolerância implicava no relaxamento de normas que nunca havia seguido.

Depois de uma noite inquieta, Pearson caiu enfim em um sono tão profundo, que despertou uma hora mais tarde que de costume. Fez o desjejum no quarto e depois desceu à recepção para ver se havia alguma resposta de Ruth. Alguem havia chegado à noite: havia duas malas, evidentemente inglesas, em um local do vestibulo, esperando que o moço se encarregasse delas. Pearson olhou as etiquetas por simples curiosidade, para ver quem poderia ser seu compatriota. Então ficou rígido, olhou rapidamente ao ser redor e depois dirigiu-se à toda pressa para o recepcionista.

- Esta dama inglesa, - disse ansiosamente – quando chegou?
- Faz uma hora signor, no barco da manhã.
- E está aqui?

O recepcionista pareceu um pouco indeciso, mas capitulou amavelmente.

- Não, signor. Tinha muita pressa e me perguntou onde poderia encontrar o senhor Connolly. Eu disse. Suponho que fiz bem.

Pearson se maldisse consigo mesmo. Era um incrível golpe de má sorte, algo contra o qual nunca havia sonhado em proteger-se. Maude White era uma mulher ainda mais resoluta do que Connolly havia insinuado. Havia conseguido averiguar para onde ele havia fugido. E o orgulho ou o desejo, ou ambas as coisas, a haviam impulsionado a segui-lo. Não era de se estranhar que houvesse vindo a este hotel, pois era uma escolha quase inevitável para os ingleses que visitavam Syrene.

Enquanto subia a estrada para a vila, Pearson lutou contra um crescente sentimento de inutilidade. Não tinha a menor ideia do que faria quando se encontrasse com Connolly e Maude antes que chegasse à vila, talvez podesse convencê-la de que Connolly estava enfermo e de que sua intervenção só poderia ser prejudicial. Contudo, isto era verdade? Era muito possível que já tivesse tido lugar uma comovedora reconciliação e que nenhum dos dois tivesse o menor desejo de vê-lo.

Quando Pearson cruzou o portão e se deteve para recobrar o fôlego, estavam conversando no bem cuidado jardim da vila. Connolly estava sentado em uma cadeira de ferro forjado, à sombra de uma palmeira, enquanto Maude passeava para cima e para baixo, a poucos metros de distância. Falava rapidamente. Pearson não podia distinguir suas palavras, mas era evidente pelo seu tom de voz, que estava suplicando a Connolly. Era uma situação embaraçosa. Enquanto Pearson ainda estava se perguntando se deveria seguir adiante, Connolly levantou a vista e o descobriu. Seu rosto era uma máscara completamente inexpressiva, não demonstrava satisfação ou ressentimento.

Maude virou-se completamente para ver quem era o intruso e Pearson pôde ver seu rosto pela primeira vez. Era uma mulher formosa, porém o desespero e a cólera haviam deformado suas feições até convertê-la em uma personagem de tragédia grega. Sofria não só a amargura de ver-se desdenhada, como também a angústia de não saber porque.

A chegada de Pearson deve ter atuado fulminantemente nas suas emoções reprimidas. De imediato, ela voltou-lhe as costas e enfrentou Connolly, que continuava observando-a com os olhos apagados.

No momento, Pearson não pôde ver o que ela estava fazendo, depois gritou horro-
rizado:

- Cuidado, Roy!

Connolly moveu-se com surpreendente rapidez, como se houvesse saído repentinamente do transe. Agarrou a mão de Maude e, após uma breve luta, afastou-se dela, olhando com assombro algo que levava na mão. A mulher permaneceu imóvel, paralisada pelo medo e pela vergonha, apertando os lábios e os nós dos dedos.

Connolly segurou com força a pistola com a mão direita e a acariciou amorosamente com a esquerda. Maude lançou um gemido afogado.

- Eu só queria te assustar, Roy! Te juro!

- Está bem, querida. - tranquilizou-a Connolly – Acredito em você, não se preocupe.

Sua voz era perfeitamente natural. Voltou-se para Pearson e lhe dirigiu um dos seus velhos sorrisos infantis.

- Então, era isto que ele estava esperando, Jack. - disse – Não vou decepcioná-lo.

- Não! - gritou Pearson, pálido de terror – Para, Roy, pelo amor de Deus!

Mas Connolly fez caso omisso da súplica do seu amigo e voltou a pistola contra a cabeça. Naquele momento, Pearson soube por fim com terrível clareza, que Omega era real e que já estaria procurando um novo ser em quem alojar-se.

Não viu o brilho do tiro da pistola nem ouviu a débil mas clara detonação. O mundo que conhecia havia sido apagado da sua vista. E agora estava rodeado pelas sombras fixas mas arrepiantes do habitáculo azul. Olhando do seu centro (como haviam olhado a tantos outros ao longo de milênios) haviam dois olhos grandes e sem pálpebras. No momento estavam saciados...., mas somente no momento.

Os próximos Inquilinos

The Next Tenants, 1957. Tales from the White Hart

Escrevi esta narrativa em 1954, como parte da série projetada para completar o “Contos da Taberna”. Eu vivia então em Coral Gables, Miami, e havia visto o primeiro teste da bomba H pela televisão. Não resta dúvida de que era um bom tema de inspiração para o relato...

Também lembro que a primeira obra de ficção científica que tentei, “Retirada da Terra” (Amateur Science Fiction Stories, março, 1938; re-editada em “The Best of Arthur C. Clarke”, 1937-1955, Sphere Books, 1976) se referia aos cupins:

“... E nos longos séculos anteriores ao nascimento do homem, os alienígenas não tinham ficado ociosos, haviam coberto a metade do planeta com suas cidades, enchendo-as de cegos e fantásticos escravos, e embora o homem conhecesse estas cidades, porque frequentemente lhes haviam causado problemas sem fim, nunca suspeitou que ao ser redor, nos trópicos, uma antiga civilização se preparava para o dia em que se aventuraria novamente nos mares do espaço para recobrar sua herança perdida...”

E, retrocedendo ainda mais neste esforço de meio século, suspeito que meu interesse por essas surpreendentes criaturas inspirou “The Raid on The Termites”, de Paul Ernst, em Astounding Stories (junho, 1932). Para mais informações sobre isto, leia-se o capítulo 11 de “Beyond the Vanishing Point”, em Astounding Days: A Science Fictional Autobiography.

- O número de cientistas loucos que desejam conquistar o mundo - disse Harry Puvis olhando pensativamente para seu chope - tem sido vergonhosamente exagerado. Na verdade, só me lembro de ter conhecido um.

- Então não pode ter havido muitos outros - comentou Bill Temple ligeiramente sarcástico. - Não é o tipo de coisa fácil de esquecer.

- Creio que não - replicou Harry com aquele ar de indiscutível inocência que tanto desconcerta seus críticos. - E, por falar nisto, esse cientista não era realmente louco apesar de não haver dúvidas de que estava partindo para conquistar o mundo. Ou, para ser mais preciso, para deixar que o mundo fosse conquistado.

- E por quem? - perguntou George Whitley. - Pelos marcianos? Ou talvez pelos tão nossos conhecidos homenzinhos verdes de Vênus?

- Nenhum deles. Estava colaborando com alguém muito mais próximo. Vocês

saberão com quem, quando eu lhes disser que ele era um mirmecologista.

- Um mirme-o-quê? - perguntou George.
- Deixem o homem continuar com a história - disse Drew do outro lado do balcão.
- Já passa das dez e, se não conseguir, nesta semana, botar vocês todos para fora na hora de fechar, perco minha licença.

- Muito obrigado - falou Harry muito digno, passando-lhe o copo para reabastecimento. - Tudo aconteceu cerca de dois anos atrás, quando eu estava numa missão no Pacífico. Era uma missão bem secreta, mas em vista do que ocorreu posteriormente, não há mal em falar. Éramos três cientistas desembarcados num certo atol do Pacífico, a menos de mil e seiscentos quilômetros de Bikini para, no prazo de uma semana, instalar certos equipamentos detectores. Eram destinados, é claro, a ficarem de olho em nossos queridos amigos e aliados quando comessem a brincar com reações termonucleares, isto é, a catar as migalhas da mesa da C.E.A., (Comissão de Energia Atômica - N. do E.), se deixassem alguma. Naturalmente os russos estavam fazendo a mesma coisa e quando, ocasionalmente, dávamos de cara uns com os outros, ambos os lados fingiam não haver ninguém ali além de nós mesmos.

Supunha-se que aquele atol fosse desabitado, mas isto foi um engano considerável. Na verdade tinha uma população de várias centenas de milhões...

- O quê?! - arquejaram todos.
- ...Várias centenas de milhões - continuou Purvis calmamente - entre os quais havia apenas um humano. Esbarrei com ele quando, certo dia, resolvi dar um passeio terra adentro para ver a paisagem.
- Terra adentro? - perguntou George Whitley. - Pensei que você tinha dito que era um atol. Como pode um anel de coral. ..
- Era um atol bem amplo - disse Harry firme. - Além do mais, quem é que está contando a história?

Esperou, desafiador, durante um minuto, até conseguir centrar novamente as atenções.

- Lá estava eu então, subindo um encantador curso de rio sob as palmas dos coqueiros, quando, para minha surpresa, deparei com uma roda hidráulica, e das mais modernas, movendo um gerador. Se fosse sensato, teria voltado e contado a meus companheiros, mas não pude resistir ao desafio e fazer um reconhecimento por minha conta. Lembrei-me que supunha-se haver ainda por ali tropas japonesas que não sabiam que a guerra tinha acabado, mas esta explicação me pareceu pouco plausível.

Fui seguindo os fios colina acima e, do outro lado, vi um prédio baixo, caiado, no meio de uma grande clareira e, nesta, alguns montes irregulares de terra ligados entre si por uma rede de fios elétricos. Era uma das cenas mais perturbadoras que jamais vira e fiquei ali em pé, olhando, por uns bons dez minutos, tentando imaginar o que podia ser. Quanto mais eu olhava, menos sentido fazia.

Estava decidindo o que fazer, quando um homem alto, de cabelos brancos, saiu do prédio e foi até um dos montes. Carregava uma espécie de aparelho e tinha um par de fones pendurado no pescoço, o que me fez imaginar que estivesse usando um contador Geiger. Só então descobri o que eram aqueles montes altos. Eram termitídeos... Os arranha-céus onde vivem as chamadas formigas brancas e que, proporcionalmente aos seus construtores, são bem mais altos que o Empire State Building.

Fiquei olhando com muito interesse, mas completamente confuso, o velho cientista

inserir seu aparelho na base do termitídeo, ouvir atentamente um instante e voltar para o edifício. A esta altura, estava tão curioso que resolvi revelar minha presença. Qualquer pesquisa que estivesse em andamento naquele lugar obviamente não tinha nada a ver com política internacional, e se alguém tinha alguma coisa a esconder era eu. Mais tarde vocês poderão avaliar como eu estava equivocado.

Gritei para chamar a atenção e corri colina abaixo acenando. O desconhecido parou e ficou olhando enquanto me aproximava, sem parecer surpreso. Quando cheguei mais perto, vi que ele tinha um bigode caído, o que lhe dava uma ligeira aparência oriental. Era muito empertigado para os sessenta anos que aparentava, e apesar de estar vestindo apenas calções, seu ar era tão digno que fiquei bastante encabulado com minha chegada barulhenta.

"Bom dia" - disse eu desculpando-me. - "Não sabia que havia mais alguém nesta ilha. Estou aqui numa... ahnn... expedição científica."

Quando ouviu isso, os olhos do estranho brilharam. "Ah" - disse num inglês quase perfeito. - "Um colega cientista! Estou muito satisfeito em conhecê-lo. Vamos entrar."

Eu o segui com prazer (estava bastante suado depois daquela corrida) e descobri que o prédio não passava de um grande laboratório. Num canto estava a cama e um par de cadeiras e, ao lado, um fogão e uma dessas bacias de armar que os excursionistas usam. Esses pareciam ser todos os apetrechos domésticos. Tudo, porém, estava limpo e arrumado. Meu amigo desconhecido podia ser um eremita mas acreditava em manter as aparências.

Eu me apresentei e, como esperava, ele prontamente fez o mesmo. Era o Professor Takato, biólogo de uma das principais Universidades japonesas. Afora o bigode que já mencionei, não parecia muito japonês. Com seu porte ereto e digno, lembrava mais um velho coronel do Kentucky que conheci.

Depois de me ter servido um vinho estranho mas reanimador, sentamo-nos e conversamos umas duas horas. Como a maioria dos cientistas, ficava feliz em encontrar alguém que pudesse apreciar o seu trabalho. É verdade que meus interesses estavam mais na física e na química do que na biologia, mas fiquei fascinado com a pesquisa do Professor Takato.

Não acredito que vocês entendam muito de térmitas e por isso vou lhes expor alguns fatos bem interessantes. Elas estão entre os insetos gregários mais altamente evoluídos e vivem em enormes colônias na região tropical. Não toleram o frio e, estranhamente, tampouco podem suportar a luz direta do sol. Quando querem ir de um lugar para outro, constroem pequenos caminhos cobertos. Parece que têm meios desconhecidos e quase instantâneos para se comunicarem e, apesar das térmitas individualmente serem desamparadas e estúpidas, uma colônia comporta-se como um animal inteligente. Alguns escritores têm feito comparações entre um termitídeo e o corpo humano. Este também é composto de células vivas individuais que, juntas, formam uma entidade muito mais elevada que as unidades básicas. É comum as térmitas serem chamadas de formigas brancas, mas esta designação é totalmente incorreta, porque absolutamente não são formigas, mas uma espécie bem diferente de inseto. Ou será que deveria dizer *genus*? Sou muito impreciso nessas coisas...

Perdoem a pequena dissertação mas, depois de ouvir Takato durante algum tempo, eu mesmo comecei a ficar bastante entusiasmado com térmitas. Vocês sabiam, por exemplo, que elas não apenas cultivam jardins, como também criam vacas - vacas-inseto, é claro - e as ordenham? Sim, senhores, são uns diabinhos muito sofisticados, se bem que façam tudo por instinto.

Está na hora de contar a vocês alguma coisa sobre o professor. Ele estava na ilha havia muitos anos e, embora no momento vivesse sozinho, já tivera uma boa

quantidade de assistentes que traziam equipamento do Japão e o ajudavam em seu trabalho. Sua primeira grande realização foi fazer com as térmitas o que Von Frische havia feito com as abelhas: aprendeu sua linguagem. Era muito mais complexa que o sistema de comunicação que as abelhas usam, o qual, como é possível que vocês saibam, baseia-se na dança. Descobri que a rede de fios ligando os termitídeos ao laboratório não apenas capacitava o Professor Takato a ouvir as térmitas falando entre si, como também permitia que falasse com elas. Isto não é tão fantástico como parece, se entendermos o verbo falar em seu sentido mais amplo. Nós falamos com um grande número de animais, mas absolutamente não usamos todas as vezes a nossa voz. Quando atiramos um pedaço de pau para nosso cão ir buscar, é uma forma de falar com ele: uma linguagem por sinais. Descobri que o professor tinha desenvolvido uma espécie de código entendido pelas térmitas, mas não sei até que ponto ia sua eficiência na transmissão de ideias

Voltei todos os dias, sempre que tinha tempo, e no fim de uma semana éramos amigos íntimos. Pode parecer estranho que eu conseguisse esconder essas visitas dos meus colegas, mas a ilha era bem grande e todos nós excursionávamos muito. Eu sentia que, de certa forma, o Professor Takato era minha propriedade, e não queria expô-lo à curiosidade de meus companheiros. Eles eram uns sujeitos rústicos, formados por alguma universidade *provinciana* como Oxford ou Cambridge.

Fico satisfeito em dizer que fui capaz de dar um pouco de ajuda ao professor, consertando seu rádio e pondo em ordem parte de sua aparelhagem eletrônica. Ele usava muito os detectores radiativos para seguir a pista de térmitas isoladas. Na verdade, era o que estava fazendo com um contador Geiger quando o encontrei pela primeira vez.

Quatro ou cinco dias depois de nos conhecermos, seus mostradores desandaram e o equipamento que tínhamos montado começou a gravar. Takato adivinhou o que tinha acontecido. Nunca me perguntara o que, exatamente, eu estava fazendo nas ilhas, mas acho que desconfiava. Quando o cumprimentei, ligou seus contadores e me deixou ouvir o metralhar da radiação. Tinha caído um pouco de poeira radiativa, nada de perigoso, mas o suficiente para botar todos os detectores a funcionar.

"Acho" - disse ele mansamente - "que vocês, físicos, estão se divertindo novamente com seus brinquedinhos. E desta vez, com uns bem grandes."

"Receio que o senhor tenha razão" - respondi. Não teríamos certeza até que as leituras tivessem sido analisadas, mas tudo levava a crer que Teller e seu grupo tinham começado a reação de hidrogênio. - "Não falta muito para fazermos as primeiras bombas atômicas parecerem buscapés molhados."

"Minha família" - disse impassível o Professor Takato - "estava em Nagasaki."

Não havia muito a ser dito depois disso, e foi com alívio que o ouvi continuar acrescentando: "Já passou pela sua cabeça quem vai governar quando estivermos liquidados?"

"Suas térmitas?" - perguntei, tentando ser engraçado. Pareceu hesitar um pouco e depois disse em voz baixa: "Venha. Ainda não lhe mostrei tudo."

Conduziu-me até um canto do laboratório, onde uma parte do equipamento jazia sob uma camada de poeira. Ali, o professor descobriu uma aparelhagem bem estranha. À primeira vista, parecia um daqueles manipuladores usados para o manejo à distância de materiais perigosamente radiativos. Havia pegadores pantográficos que executavam movimentos com barras e alavancas, e tudo parecia convergir para uma pequena caixa alguns centímetros, num dos lados.

"Que é isto?" - perguntei.

"É um micromanipulador. Foi aperfeiçoado pelos franceses para trabalhos

biológicos. Existem poucos no mundo."

Aí, eu me lembrei. Por intermédio daqueles dispositivos, e usando engrenagens redutoras apropriadas, poder-se-iam realizar operações inacreditavelmente delicadas. A gente movia o dedo um centímetro e o instrumento que estávamos controlando movia-se um milésimo de centímetro. Os cientistas franceses, que tinham desenvolvido essa técnica, haviam construído pequenas forjas onde podiam fabricar minúsculos escalpelos e pinças de vidro fundido. Trabalhando o tempo todo com microscópios, puderam dissecar células isoladas. Remover o apêndice de uma térmita (na possibilidade altamente duvidosa do inseto possuir um) seria brincadeira de criança com tal instrumento.

"Não sou muito habilidoso com o manipulador" - confessou Takato. - "É sempre um de meus assistentes que trabalha com ele. Nunca mostrei isso a ninguém, mas você tem sido de muita ajuda. Venha, por favor."

Saímos do laboratório e fomos andando pelas avenidas de montes altos e duros como cimento. Não tinham todos o mesmo estilo arquitetônico porque existem muitas espécies diferentes de térmitas e algumas nem mesmo constroem montes. Eu me sentia como um gigante andando em Manhattan, pois aqueles montes eram arranha-céus, cada um com sua abundante população. Havia uma cabana de metal (nunca de madeira: as térmitas a liquidariam num instante!) ao lado de um dos montes e constatei, ao entrarmos, que a luz do sol havia sido eliminada. O Professor girou uma chave e uma pálida luminescência vermelha me permitiu divisar uma grande variedade de equipamento ótico.

"Elas odeiam a luz" - disse. - "E é um problema observá-las. A solução foi usar infravermelho. Este é um conversor de imagens do tipo usado na guerra, em operações noturnas. Você sabia da existência destas coisas?"

"Claro" - respondi. - "Eram colocados nos rifles dos franco-atiradores para que tivessem pontaria perfeita no escuro. Coisinhas muito engenhosas. Estou satisfeito por o senhor ter descoberto um uso civilizado para elas."

Levou muito tempo para o professor encontrar o que queria. Parecia que estava dirigindo uma espécie de arranjo periscópio, sondando os corredores da cidade das térmitas. De repente, ele disse: "Rápido, antes que sumam!"

Avancei e ocupei seu lugar. Levei pouco mais de um segundo para focalizar corretamente, e um pouco mais ainda para decifrar a escala da cena que estava vendo. Eram seis térmitas, muito ampliadas, movendo-se rapidamente pelo meu campo de visão. Estavam viajando em grupo, formando pares como os cães do Alasca. A analogia é excelente pois estavam rebocando um trenó...

Fiquei tão espantado que nem cheguei a reparar qual era a carga que levavam. Quando desapareceram da vista, virei-me para o Professor Takato. Meus olhos já tinham se acostumado ao fraco clarão vermelho e podia vê-lo bem.

"Então é isto o que o senhor vem construindo com seu micromanipulador! É fantástico! Eu nunca teria acreditado..."

"Isso não é nada" - replicou o Professor. - "Pulgas amestradas puxam um carrinho de um lado para o outro. Ainda não lhe contei o mais importante. Fizemos apenas uns poucos trenós daqueles. O que você viu foi construído por elas mesmas."

Esperou enquanto aquilo penetrava em meu cérebro. Demorou um pouco. Continuou depois, sossegadamente mas com um entusiasmo reprimido na voz: "Lembre-se de que as térmitas, enquanto indivíduos, praticamente não têm inteligência, mas a colônia, como um todo, pertence a uma classe muito elevada de organismos. E um organismo imortal, se excetuarmos acidentes. Atingiu o estágio instintivo em que se encontra, e nele estacionou milhões de anos antes de aparecer

o homem, e nunca poderá, sem ajuda, escapar da sua presente perfeição estéril. Encontra-se num beco sem saída, e isso porque não tinha ferramentas, nem um modo eficaz de controlar a natureza. Eu lhes dei a alavanca para aumentar sua força e agora o trenó para aperfeiçoar sua eficiência. Tenho pensado na roda, mas é melhor deixá-la para um estágio posterior. Não seria muito útil agora. Os resultados excederam minhas expectativas: comecei apenas com este termitídeo e agora todos eles têm as mesmas ferramentas. Ensinares uns aos outros e isso prova que podem cooperar entre si. É verdade que há guerras, mas nunca quando têm comida suficiente para todos, como é o caso aqui.

"A questão é que não se pode julgar um termitídeo por padrões humanos. Meu objetivo é dar uma sacudida em sua cultura rígida e estática, tirá-la do buraco em que está atolada há tantos milhões de anos. Eu lhes darei mais ferramentas, mais técnicas novas e espero, antes de morrer, vê-las começar a inventar coisas sozinhas."

"Por que está fazendo isso?" - perguntei, sabendo que havia ali mais que simples curiosidade científica.

"Porque não acredito na sobrevivência do homem, mas espero preservar algumas de suas descobertas. Se nossa espécie é um beco sem saída, acredito que se deva dar uma mãozinha a outra raça."

"Sabe por que escolhi esta ilha? Para que os resultados de minha experiência permanecessem isolados. Minha super-térmita, se conseguir chegar a tal, terá que ficar aqui até atingir um grau muito elevado de desenvolvimento. Para falar a verdade, até estar em condições de atravessar o Pacífico..."

"Existe ainda outra possibilidade. O homem não tem rival neste planeta. Penso que ter um lhe faria bem. Pode ser sua salvação."

Eu não tinha nada a dizer. Aquela olhadela nos prognósticos do Professor tinha sido um tanto opressiva, mas em vista do que eu acabara de testemunhar, a coisa parecia bastante convincente. Eu sabia que o Professor Takato não estava louco. Era um visionário e havia um desapego sublime em suas perspectivas, que eram, no entanto, baseadas nos alicerces firmes de conquistas científicas.

Não que fosse hostil à espécie humana: ele a lamentava. Acreditava simplesmente que a humanidade tinha dado sua última cartada, e queria ver se conseguia salvar alguma coisa das ruínas. Eu não podia censurá-lo por isto.

Devemos ter ficado um longo tempo naquela cabana conjecturando os futuros possíveis. Lembro-me de ter sugerido que talvez pudesse chegar a haver algum tipo de entendimento mútuo, visto que duas culturas tão díspares como Homem e Térmita não teriam necessariamente pontos conflitantes. No fundo eu não podia acreditar nisso e, se chegasse a haver um choque, não estou certo de quem venceria. De que valeriam as armas do homem contra um adversário inteligente que podia devastar todos os campos de trigo e colheitas de arroz do mundo?

Quando saímos da cabana, estava quase na hora do crepúsculo e só então o Professor fez sua revelação final.

"Em algumas semanas" - disse - "vou dar o maior de todos os passos."

"E qual vai ser?" - perguntei.

"Você não adivinha? Vou lhes dar o fogo."

Estas palavras provocaram qualquer coisa em minha espinha. Senti um calafrio que nada tinha a ver com o anoitecer. O glorioso pôr de sol que se entrevia pelas palmas dos coqueiros parecia simbólico e, de repente, percebi que este simbolismo era ainda mais profundo do que pensara.

Aquele ocaso foi um dos mais lindos que já presenciei e era, em parte, obra do homem. Lá em cima, na estratosfera, a poeira de uma ilha que morrera naquele dia

começava a envolver a Terra. Minha raça tinha dado um grande passo para a frente, mas será que isto importava agora?

Vou lhes dar o fogo. De alguma forma nunca duvidei do sucesso do Professor e quando o obtivesse, as forças que minha raça acabara de libertar não a salvariam...

O hidroavião veio-nos apanhar no dia seguinte e nunca mais vi Takato. Ainda está lá e eu o considero o homem mais importante do mundo. Enquanto nossos políticos se atracam, ele nos está tornando obsoletos.

Vocês acham que alguém deveria detê-lo? Ainda pode estar em tempo. Tenho pensado muito a este respeito mas, até agora, não me ocorreu uma razão realmente convincente para interferir. Uma ou duas vezes quase me decidi, mas aí peguei o jornal e vi as manchetes.

Acho que devemos dar uma oportunidade a elas. Não vejo como poderiam se sair pior que nós.

A Saída de Saturno

Saturn Rising, 1961. The Magazine of Fantasy and Science Fiction, March 1961.

Este conto me traz vívidas recordações da primeira vez em que vi os anéis de Saturno, quando fui evacuado, com meus colegas do Departamento de Finanças e Contas de Sua Majestade, para Coluyn Bay, no norte de Gales, durante os primeiros meses da segunda Guerra Mundial.

Eu havia comprado um antiquado telescópio de pouco mais de dois centímetros de abertura a um cadete naval de um centro de instrução local, que provavelmente andava necessitado de dinheiro (não que eu estivesse com sobra no meu salário do Serviço Civil, de umas cinco libras por semana). O instrumento, bastante estropiado, consistia em um tubo de latão que deslizava dentro de outro. Extraí o tubo interior (que continha as lentes e o ocular) e o substituí por uma lente de foco curto, aumentando consideravelmente com isto o poder de ampliação. Através deste tosco instrumento, contemplei pela primeira vez Saturno e seus anéis e, como qualquer observador desde Galileu, fiquei extasiado ante um dos espetáculos mais esmagadores do céu. Eu não imaginava, quando escrevi este conto em 1960, que dentro de dois decênios as missões do Voyager, coroadas por êxitos fantásticos, revelariam que os anéis de Saturno eram mais complicados e mais lindos do que alguém jamais houvera sonhado.

O conto ficou antiquado, devido às descobertas científicas das três últimas décadas. Agora sabemos, por exemplo, que Titan não tem uma atmosfera composta principalmente de metano, e sim de nitrogênio. (A isto se refere o tema principal da minha novela “Regresso a Titan”, que se passa também em Titan. Bom, não se pode acertar sempre: agora a história se desenrola em um universo ligeiramente paralelo. Veja-se a nota em “A Muralha das Trevas”).

Há outro erro que talvez devesse ter corrigido então. Mesmo se pudesse observar Saturno a partir da superfície de Titan, (coisa que provavelmente a neblina da atmosfera impediria), nunca poderia vê-lo “nascer”. Quase que com toda certeza, Titan, como nossa Lua, tem sua rotação freada de tal forma que sempre tem a mesma face voltada para o planeta. Por conseguinte, Saturno permanece fixo no céu de Titan, como a Terra, no céu da Lua.

Mas isto não é problema: construiremos nosso hotel em órbita que, em todo caso, é uma ideia muito melhor. Da superfície de Titan, os anéis apareceriam sempre de lado, de forma que seriam vistos simplesmente como uma estreita faixa luminosa. Só sendo observados a partir de um órbita inclinada, poderiam ser apreciados em todo seu esplendor.

Além disso, suspeito que as condições na superfície de Titan fariam com que a Antártida parecesse como Hawai.

Sim, é certo. Conheci Morris Pearlman quando eu tinha uns vinte e oito anos. Nessa época conheci milhares de pessoas, de presidentes para baixo.

Quando voltamos de Saturno todo mundo queria nos ver e quase a metade da tripulação saiu em excursão de conferências. Sempre gostei de falar (não me digam que não o notaram), mas alguns de meus colegas disseram que preferiam ir a Plutão antes que enfrentar outra audiência. Alguns o fizeram.

Meu território era o Meio Oeste e a primeira vez que topei com o senhor Pearlman, - ninguém o chamava de outra forma; ao menos nunca o chamavam "Morris" -, foi em Chicago. A agência sempre me registrava em hotéis bons, mas não muito luxuosos. Isso me agradava; preferia os lugares onde podia ir e vir conforme meu desejo, sem cruzar com um montão de lacaios com libré, e onde podia colocar algo racional sem que me fizessem sentir um vagabundo. Já vejo que sorriem sarcasticamente; bom, então eu era somente um moço, e mudaram tantas coisas...

Passou-se já muito tempo, mas devo haver estado fazendo conferências na Universidade. De toda forma, recordo minha desilusão porque não puderam me mostrar o lugar onde Fermi ativou a primeira pilha atômica. Disseram que esse edifício tinha sido derrubado quarenta anos antes e só ficara uma placa para marcar o lugar. Olhei-a por um momento, pensando em tudo o que tinha ocorrido desde aquele longínquo dia de 1942. Eu tinha nascido, entre outras coisas; e o poder atômico me tinha levado até Saturno e trazido de volta. Isso era possivelmente algo que Fermi & Cia nunca tinham pensado quando construíram sua primeira grade de urânio e grafite.

Eu estava tomando o café da manhã na cafeteria quando um homem miúdo, de meia-idade, sentou-se no outro lado da mesa. Disse bom dia cortesmente e logo teve uma surpresa ao me reconhecer. (Ele tinha planejado o encontro, é obvio, mas naquele momento não me dei conta.)

- Que prazer! - disse. - Ontem à noite estive na sua conferência. Como o invejei! - Sorri algo forçadamente; nunca sou muito sociável durante o café da manhã e tinha aprendido a estar em guarda contra os maníacos, os chatos e os entusiastas que pareciam me considerar sua legítima presa. - O senhor Pearlman não era um chato, embora por certo fosse um entusiasta, e suponho que poderíamos chamá-lo maníaco.

Tinha a aparência de qualquer homem de negócios medianamente próspero, e supus que era um hóspede como eu mesmo. Que tivesse assistido a minha conferência não era surpreendente: foi aberta ao público e, é obvio, com muita publicidade na imprensa e rádio.

- Desde a infância - disse meu não convidado companheiro - Saturno me fascinou. Sei exatamente quando e como começou tudo. Devia ter uns dez anos quando conheci aquelas maravilhosas pinturas do Chesley Bonestell, mostrando como se veria o planeta de suas nove luas. Suponho que você as terá visto.

- Acredito que sim - respondi. - Embora tenham quase meio século, ninguém as superou. Havia um par delas a bordo do *Endeavor* penduradas ao lado dos planos. Frequentemente olhava os quadros e depois os comparava com o original.

- Então sabe como me sentia, lá na década de cinquenta. Costumava me sentar durante horas tratando de apreender o fato que este objeto incrível, com seus anéis de prata girando ao redor, não era o sonho de um artista, mas sim realmente existia;

que era um mundo dez vezes maior que a Terra. Nessa época não imaginei que poderia ver essa maravilha com meus próprios olhos; pensei que só os astrônomos, com seus gigantescos telescópios, poderiam ver esse espetáculo. Mas então, aos quinze anos, fiz outro descobrimento, tão emocionante que quase não pude acreditar.

- Que descobrimento? - perguntei. Tinha-me reconciliado já com a ideia de compartilhar o café da manhã; meu companheiro parecia uma pessoa bastante inofensiva e havia algo de simpático em seu óbvio entusiasmo.

- Descobri que até um parvo podia construir um poderoso telescópio astronômico em sua própria cozinha, por uns poucos dólares e com o trabalho de um par de semanas. Foi uma revelação: assim como milhares de outros moços, tirei da biblioteca pública um exemplar de "Construa seu Telescópio", de Ingall, e segui adiante. Me diga: você construiu alguma vez um telescópio?

- Não; sou engenheiro, não astrônomo. Não saberia como começar.

- É incrivelmente simples, se se seguirem as instruções. Começa-se com dois discos de vidro, de uma polegada de espessura. Os meus eu comprei por cinquenta centavos a um fornecedor de navios; eram cristais que já não serviam porque estavam estilhaçados nas bordas. Então se prende um disco a uma superfície plana e firme. Eu usei um velho barril colocado de pé. Depois terá que comprar diversos graus de pó de esmeril, do mais grosso e arenoso até o mais fino que existe. Coloca um pingo do pó mais grosso entre ambos os discos e começa a esfregar o superior para diante e para trás com movimentos regulares. Ao fazer isso se vai rodando lentamente. Vê o que acontece? O pó de esmeril cava o disco superior, que se transforma em uma superfície côncava e esférica. De vez em quando terá que trocar o pó por um grau mais fino, e fazer algumas prova ópticas simples para ver se a curva está bem. Depois se troca o esmeril por colcotar, até que finalmente se obtém uma superfície tão suave e polida que parece incrível que a tenha feito a gente mesmo. Agora só fica um passo, embora seja algo mais complexo. Ainda terá que chapear o espelho e convertê-lo em um bom refletor. Isso significa conseguir alguns produtos químicos na farmácia, e fazer exatamente o que diz o livro. Ainda recordo o prazer que senti quando o filme de prata começou a estender-se como por arte de magia sobre a cara de meu pequeno espelho. Não era um espelho perfeito, mas era bastante bom, e eu não o teria trocado por nada do que havia em Monte Pombal.

Ele continuou:

- Fixei-o no extremo de uma tábua; não havia necessidade de preocupar-se com um tubo telescópico, embora tenha posto meio metro de cartão ao redor do espelho, para que não entrasse luz. Como ocular, utilizei uma pequena lente de aumento que consegui em uma loja de sucata por uns poucos centavos. No total não acredito que o telescópio me tenha custado mais de cinco dólares, embora isso fosse muito dinheiro para mim quando menino. Vivíamos então em um hotel arruinado que minha família possuía na Terceira Avenida. Logo depois de armar o telescópio, subi ao teto e o testei, entre a selva de antenas de TV que cobria cada edifício naqueles dias. Demorei um momento para alinhar o espelho e o ocular, mas não tinha cometido nenhum engano, e funcionou. Como instrumento óptico, provavelmente fosse desastroso (depois de tudo era minha primeira prova), mas aumentava pelo menos cinquenta vezes, e logo que pude esperar até a queda da noite para prová-lo nas estrelas.

Tinha sido cuidadoso no calendário e sabia que Saturno estava alto no este logo depois do pôr-do-sol. Assim que escureceu, estive novamente no teto, com meu louco artefato de madeira e vidro escorado entre duas chaminés. Era fim do outono,

mas não notei o frio, pois o céu estava cheio de estrelas... e eram todas minhas. Tomei o tempo necessário para estabelecer a distância focal com a maior exatidão possível, utilizando a primeira estrela que entrou no campo. Então comecei a perseguir Saturno e não demorei para descobrir quão difícil é localizar algo em um telescópio de reflexão que não está corretamente montado. Mas logo o planeta atravessou rapidamente o campo de visão; movi o instrumento para ali e para lá umas poucas polegadas e ali estava.

Era diminuto, mas perfeito. Acredito que não respirei durante um momento; apenas podia acreditar no que viam meus olhos. Logo depois de todos os desenhos, ali estava a realidade. Parecia um brinquedo pendurando no espaço, com os anéis ligeiramente abertos e inclinados para mim. "Parece tão artificial... como um adorno de uma árvore de Natal!" Havia uma só estrela brilhante a seu lado, e soube que era Titã.

Pearlman fez uma pausa e durante um momento devemos ter compartilhado os mesmos pensamentos. Pois, para ambos, Titã já não era simplesmente a lua maior de Saturno, um ponto luminoso conhecido só pelos astrônomos. Era o feroz mundo hostil sobre o qual tinha aterrissado o *Endeavor* e onde três de meus companheiros da tripulação jaziam em suas tumbas solitárias, mais longe de seus lares do que tinha descansado jamais morto algum da Humanidade.

- Não sei quanto tempo olhei, forçando os olhos e movendo o telescópio através do céu, enquanto Saturno subia sobre a cidade. Estava a um bilhão de quilômetros de Nova Iorque; mas logo voltei para a realidade de Nova Iorque. Já lhe falei de nosso hotel; pertencia a minha mãe, mas o dirigia meu pai, e não muito bem. Tinha perdido dinheiro durante anos e ao longo de toda a minha infância atravessamos contínuas crises financeiras. Assim não culpo meu pai por beber; devia ter estado meio louco de preocupação a maior parte do tempo. E eu tinha esquecido completamente que devia ajudar o empregado na recepção... De modo que papai veio me buscar, sumido em suas próprias preocupações e sem saber nada de meus sonhos. Encontrou-me observando as estrelas no teto. Não era um homem cruel; não teria podido compreender o estudo e a paciência e os cuidados com que construí meu pequeno telescópio, nem as maravilhas que este me mostrou no curto tempo que o utilizei. Já não o odeio, mas recordarei toda minha vida o som de meu primeiro e último espelho quando se fez em pedaços contra a alvenaria.

Não havia nada que eu pudesse dizer. Fazia tempo que meu ressentimento inicial por esta interrupção se transformara em curiosidade. Já pressentia que havia muito mais nessa história que o que tinha escutado até então e notei outra coisa. A garçonete nos tratava com exagerada deferência... e só um pouco dessa deferência estava dirigida a mim.

Meu acompanhante brincou com o açúcar enquanto eu esperava em pormenorizado silêncio. Sentia então que havia algum laço entre nós, embora não soubesse exatamente no que consistia.

- Nunca construí outro telescópio - disse. - Algo mais se rompeu, além desse espelho: algo em meu coração. De toda forma, eu estava muito ocupado. Ocorreram duas coisas que transformaram minha vida. Papai nos abandonou, me deixando como cabeça de família. E demoliram o elevador da Terceira Avenida.

Deve ter notado minha perplexidade, porque me sorriu por cima da mesa.

- Oh, não sabe. Mas, quando eu era menino, havia uma via de trem elevada que corria em cima da Terceira. Fazia com que toda a zona fosse suja e ruidosa; a

Avenida era um bairro baixo, cheio de bares, casas de penhores e hotéis baratos como o nosso. Tudo isso mudou com o desaparecimento da via elevada. Os preços dos imóveis subiram e de repente nos encontramos na prosperidade. Papai voltou rapidamente, mas era muito tarde: eu dirigia o negócio. Logo comecei a me mover em toda a cidade; depois em todo o país. Já não era um distraído buscador de estrelas e dei a papai um de meus hotéis menores, onde não podia fazer muito dano. Fazem quarenta anos que vi Saturno, mas nunca esqueci esse espetáculo único, e ontem à noite suas fotografias me recordaram tudo. Somente queria lhe dizer o quanto estou agradecido.

Procurou algo na carteira e tirou um cartão.

- Espero que me busque quando vier outra vez à cidade; pode estar certo que não faltarei se der mais conferências. Boa sorte e lamento haver abusado de seu tempo

E se foi, antes que eu pudesse dizer uma palavra. Olhei o cartão, guardei-a no bolso e terminei o café da manhã, algo pensativo.

Quando assinei o cheque, no caminho da cafeteria, perguntei:

- Quem era esse cavalheiro sentado a minha mesa? O chefe?

A encarregada me olhou como se eu fosse um retardado mental.

- Suponho que poderia chamá-lo assim, senhor - respondeu. - É obvio que este hotel lhe pertence, mas nunca o vi antes por aqui. Sempre fica no Ambassador quando está em Chicago.

- E aquele também lhe pertence? - perguntei, sem muita ironia, pois já suspeitava a resposta.

- Claro que sim. Também... - e disse rapidamente toda uma enxurrada de hotéis, incluindo os dois maiores de Nova Iorque.

Eu estava impressionado e também achei graça, pois era claro que o senhor Pearlman tinha ido ali com a deliberada intenção de me encontrar. Parecia uma forma indireta de fazê-lo; naquela época eu não sabia nada de seu notório acanhamento e reserva. Desde o principio, comigo, ele nunca foi tímido.

Depois o esqueci durante cinco anos. (Oh, deveria dizer que quando pedi a conta me disseram que não havia.) Nesses cinco anos fiz a segunda viagem.

Desta vez sabíamos o que esperar e não íamos para o desconhecido. Não havia mais preocupações pelo combustível, pois tudo o que necessitávamos aguardava em Titã; só tínhamos que comprimir sua atmosfera de metano dentro dos tanques e tínhamos incluído isso em nossos planos. Visitamos as nove luas, uma depois da outra; e depois entramos nos anéis...

Embora houvesse pouco perigo, era uma experiência que destroçava os nervos. Como vocês sabem, o sistema de anéis é muito fino: só uns trinta quilômetros de largura. Descemos lenta e cautelosamente logo depois de ajustamos ao seu movimento, de modo que íamos exatamente à mesma velocidade que o anel. Era como subir em um carrossel de duzentos e sessenta mil quilômetros de diâmetro...

Mas um carrossel fantasmagórico, pois os anéis não são sólidos e se pode olhar através deles. De perto são quase invisíveis; os trilhões de partículas que os formam estão tão separados, que a única coisa que se vê perto de uma, são ocasionais partes pequenas, flutuando lentamente. É só ao olhar ao longe, que os incontáveis fragmentos se fundem em uma superfície contínua, como uma chuva de granizo que girasse ao redor de Saturno para sempre.

Essa frase não é minha, mas é boa. Pois quando levamos a comporta de ar à primeira parte do genuíno anel de Saturno, derreteu-se em poucos minutos,

convertendo-se em um atoleiro de água barrosa. Algumas pessoas pensam que a magia desaparece ao saber que os anéis são, noventa por cento, simples gelo. Mas essa atitude é estúpida; seriam igualmente maravilhosos, e igualmente formosos, se fossem de diamante.

Quando voltei para a Terra, no primeiro ano do novo século, saí em outra excursão de conferências; uma excursão curta, pois agora tinha uma família, e queria vê-la o mais possível. Desta vez me encontrei com o senhor Pearlman em Nova Iorque, enquanto falava em Columbia e mostrava nosso filme "Explorando Saturno". (Um título enganoso, já que o mais perto que estivemos do planeta foi a uns trinta mil quilômetros. Ninguém sonhava, naqueles dias, que os homens desceriam alguma vez na turbulenta lama gelada que é a superfície de Saturno.)

O senhor Pearlman me esperava logo depois da conferência. Não o reconheci, pois tinha visto algo assim como um milhão de pessoas logo depois de nosso último encontro. Mas quando me deu seu nome, tudo voltou tão claramente que compreendi que devia ter deixado uma profunda impressão em minha mente.

De alguma forma me separou da multidão; embora lhe desagradasse encontrar alguém em meio da massa, tinha a extraordinária arte de dominar qualquer grupo quando era necessário, e logo desaparecer antes que suas vítimas soubessem o que tinha acontecido. Até que o vi em ação muitas vezes, nunca soube exatamente como o fazia.

De toda forma, meia hora depois estávamos desfrutando de uma soberba janta em um restaurante exclusivo (dele, é obvio). Foi uma comida maravilhosa, especialmente depois do frango e sorvete da excursão, mas me fez pagá-la. Metaforicamente, quero dizer.

As experiências e as fotos recolhidas por ambas as expedições a Saturno estavam ao alcance de todo mundo, em centenas de informes e livros e artigos populares. O senhor Pearlman parecia ter lido todo o material que não fosse muito técnico; o que queria de mim era algo diferente. Mesmo então pensei que seu interesse era o de um homem solitário, envelhecido, que tentava recapturar um sonho perdido na juventude. Tinha razão; mas essa era só uma parte da verdade.

Estava atrás de algo que todos os informes e artigos não puderam transmitir. O que se sentia ao despertar de manhã, e ver esse grande globo dourado com seus etéreos cinturões de nuvens dominando o espaço? E os anéis mesmos, no que faziam pensar quando estavam tão perto que enchiam o céu de lado a lado?

- Você quer um poeta - disse - não um engenheiro. Mas lhe direi isto: por mais tempo que olhe para Saturno, e voe ao redor e entre suas luas, nunca pode acreditar nele. Frequentemente a gente se surpreende pensando: tudo isto é um sonho: algo assim não pode ser real. Vai à escotilha mais próxima... e ali está, lhe tirando o fôlego. Deve recordar que, além da nossa proximidade, podíamos olhar os anéis de ângulos muito vantajosos, completamente impossíveis da Terra, onde sempre os vemos voltados para o Sol. Voávamos sob sua sombra e então já não cintilavam como prata; eram uma débil bruma, uma ponte de fumaça entre as estrelas. E na maior parte do tempo podíamos ver a sombra de Saturno caindo ao largo dos anéis, eclipsando-os tão completamente que parecia como se lhes tivessem tirado uma grande dentada. Também acontecia o inverso: no lado diurno do planeta sempre estavam as sombras dos anéis correndo como uma fita poeirenta paralela e não muito longínqua ao Equador.

- Além disso - continuei - embora fizéssemos isto só umas poucas vezes, podíamos nos elevar sobre qualquer dos polos do planeta e olhar de cima esse maravilhoso sistema. Então observávamos que, em lugar dos quatro visíveis da Terra, havia pelo

menos uma dúzia de anéis entrecruzados. Quando vimos isso, nosso comandante fez uma observação que nunca esqueci: "Aqui" disse, e não havia rabugice em suas palavras, "é onde os anjos estacionam suas auréolas."

Tudo isto, e muito mais, o contei ao senhor Pearlman nesse restaurante pequeno, mas oh-tão-carro ao sul do Central Park. Quando terminei pareceu muito agradecido, embora não falasse durante vários minutos. Depois disse, tão casualmente como quando se pergunta o horário do próximo trem na estação local:

- Qual seria o melhor satélite para um centro turístico?

Quando compreendi o que ele acabava de dizer, quase me engasguei com o brandy de cem anos. Então respondi, muito paciente e cortesmente (depois de tudo tinha sido um jantar delicioso):

- Escute, senhor Pearlman Você sabe tão bem como eu que Saturno está a quase quinhentos milhões de quilômetros da Terra; muito mais, na realidade, quando estamos em lados opostos do Sol. Alguém calculou que nossas passagens de ida e volta chegavam a sete milhões e meio de dólares por pessoa. E pode me acreditar, não havia comodidades de primeira classe no Endeavor I ou II. De toda forma, por mais dinheiro que tenha, ninguém pode comprar uma passagem para Saturno. Só os cientistas e as tripulações espaciais viajarão para lá, durante todo o tempo que se possa imaginar.

Pude ver que minhas palavras não tinham efeito algum; o senhor Pearlman sorriu, simplesmente, como se soubesse algum segredo.

- O que você diz é certo agora - respondeu. - Mas estudei história. E compreendo as pessoas: esse é meu negócio. Permita-me lhe recordar alguns feitos: Há dois ou três séculos, quase todos os grandes centros turísticos mundiais e lugares formosos estavam tão longe da civilização como hoje está Saturno. O que sabia Napoleão, por exemplo, do Grande Canion, das Cataratas de Vitória, do Havaí ou do Monte Everest? E olhe o Polo Sul; chegaram a ele pela primeira vez quando meu pai era um moço. Mas há um hotel ali já faz uma geração.

- Agora - continuou - tudo começa de novo. Você pode apreciar somente os problemas e as dificuldades porque está demasiado perto dessas coisas. Sejam quais forem, o homem as superará, como sempre tem feito no passado. Pois em qualquer lugar que haja algo estranho ou bonito, as pessoas quererão vê-lo. Os anéis de Saturno são o maior espetáculo de todo o universo conhecido: sempre pensei assim e agora você me convenceu. Hoje em dia custa uma fortuna chegar a eles e os homens que vão devem arriscar suas vidas. O mesmo fizeram os primeiros homens que voaram; mas agora há um milhão de passageiros no ar a cada segundo do dia e da noite. O mesmo ocorrerá com o espaço. Não ocorrerá em dez anos, nem em vinte possivelmente. Mas vinte e cinco anos foi tudo o que precisou, recorde, para que comessem os primeiros voos comerciais para a Lua. Não acredito que com Saturno se passe tanto tempo... Não estarei aqui para vê-lo. Mas quando ocorrer quero que as pessoas me recordem. Assim..., onde deveríamos construir?

Ainda pensava que esse homem estava louco, mas pelo menos começava a compreender suas motivações. E não havia nenhuma razão para não lhe seguir a corrente, de modo que pensei cuidadosamente no assunto.

- Mimas está muito perto - disse - e o mesmo passa com Enceladus e Tétis - Não me importa confessar que me custou pronunciar todos esses nomes depois de tanto brandy. - Saturno simplesmente enche o céu e você pensa que está a ponto de cair em cima. Além disso, as luas não são suficientemente sólidas; são só enormes bolas de neve. Dione e Rhea são melhores: de ambas se tem uma vista magnífica. Mas todas essas luas interiores são tão pequenas... até Rhea, que tem só mil e seiscentos

quilômetros de diâmetro e as outras são muito menores. Não acredito que se possa discutir: terá que ser Titã. Esse é um satélite à medida do homem, muito maior que nossa lua, e quase tão grande como Marte. Há uma gravidade razoável, além disso (quase um quinto da terrestre), de modo que seus convidados não andarão flutuando por todo o lugar. E sempre será um importante ponto para a carga de combustível, por causa da atmosfera de metano, que deveria ser um fator importante em seus cálculos. Cada nave que saia para Saturno aterrissará ali.

- E as luas exteriores?

- Oh, Hipérion, Japetus e Febe estão muito afastadas. De Febe quase não se vêem os anéis! Esqueça-as. Fique com Titã. Embora a temperatura seja de noventa graus abaixo de zero, e a neve de amônia não seja a mais agradável para esquiar.

Escutou-me com muita atenção e se pensou que eu estava rindo de suas noções não práticas e anti-científicas, não o demonstrou. Logo nos separamos. Não recordo mais nada desse jantar, e logo devem ter passado quinze anos até que voltamos a nos encontrar. Não necessitou de mim em todo esse tempo; mas quando lhe fiz falta, chamou-me.

Agora vejo o que estive esperando: foi mais previdente que eu. Não podia adivinhar, é óbvio, que o foguete seguiria o caminho do motor a vapor em menos de um século; mas sabia que algo melhor surgiria, e acredito que financiou os primeiros trabalhos do Saunderson sobre o *Impulso da Para-gravidade*. Mas apenas entrou em contato comigo quando começaram a construir pilhas de fusão que podiam esquentar duzentos quilômetros quadrados de um mundo tão frio como Plutão.

Era um homem muito velho, e moribundo. Falaram-me como era rico e quase não pude acreditar. Não, até que me mostrou os elaborados planos e os belos modelos que seus peritos tinham preparado com tão notável falta de publicidade.

Permaneceu sentado na cadeira de rodas como uma múmia enrugada, observando meu rosto, enquanto eu estudava os modelos e os planos. Em um dado momento, me disse:

- Capitão, tenho um trabalho para você...

E aqui estou. É o mesmo que dirigir uma espaçonave, é óbvio. Muitos dos problemas técnicos são idênticos. E a esta altura sou muito velho para comandar uma nave, de modo que estou muito agradecido ao senhor Pearlman.

Soou o gongo. Se as damas estiverem preparadas, sugiro que vamos jantar, atravessando a Sala de Observação. Mesmo depois de todos estes anos eu gosto de olhar a saída de Saturno. E esta noite ele estará quase cheio.

O Homem que Arava o Mar

The Man Who Ploughed the Sea, 1957. Tales from the White Hart.

Como em “Os próximos inquilinos”, escrevi esta narrativa expressamente para “Contos da Taberna” e na mesma época e no mesmo lugar (Miami, 1954), quando ainda estava sob a influência do meu primeiro contacto com o mundo dos recifes de coral. Mais tarde, naquele mesmo ano, partiria para o mais imponente de todos: O Great Barrier Reef, na Austrália.

Gostaria de dedicar este conto aos meus velhos amigos da Flórida, em especial à família do meu anfitrião, submarinista de escafandro autônomo, o falecido Doutor George Grisinger.

Apesar do tempo transcorrido, muitos dos temas deste relato são incrivelmente atuais. Há poucos anos me surpreendeu ler em um jornal científico a descrição de um aparelho transportado por barco... para extrair urânio da água do mar. Enviei uma cópia do conto aos inventores e me desculpei por ter usurpado sua patente.

Este conto deveria ser lido em conjunto com “Em Mar de Ouro”, que trata do mesmo tema. Mas houve um acontecimento ulterior: a descoberta das chaminés geotérmicas em metade do oceano, onde brota, no fundo do mar, água super quente e carregada de minerais. Este é um local onde temos que procurar metais valiosos e não no oceano aberto.

Há ouro naquelas chaminés...

As aventuras de Harry Purvis tinham uma espécie de lógica maluca que fazia com que fossem convincentes pela sua própria improbabilidade. Quando suas histórias emergiam, complicadas mas certinhas dentro do esquadro, a gente se perdia numa espécie de admiração confusa. Lógico, pensávamos, ninguém teria a desfaçatez de inventar aquilo. Esses absurdos só acontecem na vida real, nunca em ficção. Era assim que a crítica ficava desarmada ou, pelo menos, confundida, até Drew gritar - Hora de fechar, cavalheiros, por favooooor! e nos atirar lá fora para o mundo frio e cruel.

Reflitam, por exemplo, na inverossímil cadeia de acontecimentos que envolveu Harry na aventura que vou contar. Se ele quisesse inventar a história toda, claro que daria um jeito de torná-la mais simples. Do ponto de vida artístico, não havia a menor necessidade de começar por ir a Boston para chegar a um encontro marcado ao largo da costa da Flórida...

Parece que Harry passava muito tempo nos Estados Unidos, pois tem tantos amigos lá quanto na Inglaterra. Às vezes ele os traz ao *Gamo Branco* e, às vezes,

eles conseguem sair pelas próprias pernas. Frequentemente porém, sucumbem à ilusão de que o chope que é tépido é também inócuo. (Estou sendo injusto com Drew: seu chope não é tépido e, se você insistir, ele lhe dará, grátis, um pedaço de gelo grande como um selo do correio.)

Esta saga especial de Harry começou, como mencionei, em Boston, Massachusetts. Ele estava hospedado na casa de um próspero advogado da Nova Inglaterra quando, uma manhã, seu anfitrião disse naquele jeito largado dos americanos:

- Vamos dar um pulo até minha casa na Flórida. Preciso pegar um pouco de sol.
- Ótimo - respondeu Harry, que não conhecia a Flórida. Trinta minutos depois, para grande surpresa sua, viu-se viajando para o sul a toda velocidade num Jaguar cupê vermelho.

A viagem em si já era uma epopeia digna de um relatório completo. De Boston a Miami são uns míseros 2.509 quilômetros, número este que, segundo Harry, agora está gravado em seu coração. Cobriram a distância em 30 horas, frequentemente ao som de sirenes de polícia, sempre decrescentes, enquanto as frustradas patrulhas rodoviárias iam ficando para trás. De tempos em tempos, deliberações táticas implicavam em manobras evasivas, através de estradas secundárias. O rádio do Jaguar ficava sintonizado em todas as frequências da polícia de modo a estarem sempre bem prevenidos contra qualquer interceptação em andamento. Umas duas vezes, por um triz não conseguiam ultrapassar a tempo as barreiras estaduais, e Harry ficava imaginando o que os clientes de seu hospedeiro pensariam, se soubessem a força do impulso psicológico que obviamente o estava afastando deles. Também perguntava a si mesmo se chegaria a ver a Flórida ou se continuariam naquela velocidade ao longo da US 1 até se atirarem no oceano em Key West.

Finalmente chegaram ao ponto final, sessenta quilômetros ao sul de Miami, na altura das Keys - aquela comprida e fina tira de ilhas ancoradas na ponta sul da Flórida. Subitamente, o Jaguar fez uma curva num ângulo impossível, abandonou a estrada e seguiu abrindo caminho por uma trilha desigual através da vegetação do pântano. A estrada terminava numa ampla clareira à beira-mar, completamente equipada com iate de 12 metros, ancoradouro, piscina e uma casa de campo moderna. Era um esconderijo bem gostosinho, e Harry o avaliou em mais de cem mil dólares.

Caiu na cama direto e não viu muito onde estava até o dia seguinte. Após um lapso de tempo que lhe pareceu demasiadamente curto, foi despertado por um som semelhante ao de uma fábrica de caldeiras em plena atividade. Tomou banho e vestiu-se em câmara lenta, e estava quase normal quando deixou seu quarto. Como parecia não haver ninguém em casa, saiu para investigar.

A essa altura, já tinha aprendido a não se surpreender com coisa alguma. Portanto, apenas levantou ligeiramente as sobancelhas quando viu seu anfitrião trabalhando no ancoradouro, endireitando o leme de um submarino pequeno e evidentemente de construção caseira. A pequena embarcação media cerca de 6 metros e tinha uma torre de comando com grandes janelas de observação e o nome Pompano impresso na proa.

Harry refletiu um pouco, e concluiu que não havia nada realmente extraordinário em tudo isso. A Flórida recebe cerca de cinco milhões de visitantes todos os anos e a maioria deles está decidida a sair pelo mar a fora ou a cair dentro dele. Acontecia que seu hospedeiro estava entre os afortunados que se davam ao luxo de ter passatempos em grande estilo.

Harry ficou olhando o Pompano até um pensamento inquietante abater-se sobre

ele.

- George - disse ele - você não está pensando que vou submergir nessa coisa!

- Claro que estou, ora essa - respondeu George, dando uma martelada final no leme. - Você está preocupado com o quê? Já saí com ele uma porção de vezes. É tão seguro como ficar em casa. Não vamos descer mais de seis metros.

- Há circunstâncias - retorquiu Harry - em que eu acharia suficientes uns meros dois metros de água. E já mencionei minha claustrofobia? Sempre me pega firme nesta época do ano.

- Bobagem! - disse George. - Você vai se esquecer de tudo isso quando estivermos lá fora nos recifes.

Deu um passo para trás para apreciar seu trabalho e disse com um suspiro satisfeito:

- Parece bom agora. Vamos tomar café.

Nos trinta minutos seguintes, Harry aprendeu um bocado sobre o Pompano. George o tinha desenhado e construído com as próprias mãos. Com seu pequeno mas poderoso motor Diesel podia fazer oito quilômetros por hora, completamente submerso. O ar para a tripulação e para a máquina era fornecido por um tubo respiradouro, portanto não havia preocupação com motores elétricos e suprimento adicional de ar. O comprimento do respiradouro limitava o mergulho a sete metros e meio, mas isto não chegava a ser um defeito naquelas águas rasas.

- Acrescentei uma porção de novidades e ele - disse George, entusiasmado. - Aquelas janelas, por exemplo, veja só o tamanho delas. Proporcionam uma visão perfeita e são bem seguras. Usei o velho princípio do aqualung para manter a pressão do ar, dentro do Pompano, exatamente igual à da água, assim não há tensão sobre o casco nem sobre as portas.

- E o que acontece - perguntou Harry - se você ficar preso lá no fundo?

- Abro a porta e saio, é claro. Na cabine há um par de aqualungs de reserva e uma balsa inflável com rádio à prova d'água, portanto se a gente se meter em encrenca é só pedir socorro. Não se preocupe, pensei em tudo.

- Famosas últimas palavras - murmurou Harry. Chegou, porém, à conclusão de que, depois da corrida de Boston até ali, indubitavelmente seu corpo estava "fechado" e o mar, provavelmente, era um lugar muito mais seguro que a US 1 com George no volante.

Examinou detidamente os dispositivos de escape antes de zarparem e ficou muito feliz ao constatar que o pequeno barco parecia muito bem desenhado e construído. Não era nada inusitado o fato de um advogado ter produzido uma obra de engenharia marítima tão bem feita, em seu tempo livre. De há muito Harry tinha descoberto que um grande número de americanos se dedica a seus passatempos tanto como a suas profissões.

Zarpavam para fora da enseada com o motor em marcha lenta, mantendo-se dentro do canal demarcado até se afastarem bem da costa. O mar estava calmo, e enquanto a praia se afastava, a água ia ficando cada vez mais transparente. Iam deixando para trás o véu de coral pulverizado que enevoava as águas costeiras onde as ondas ficavam incessantemente retalhando a terra. Trinta minutos depois estavam nos recifes, visíveis abaixo deles como uma colcha de retalhos sobre a qual peixes multicoloridos piruetavam de um lado para o outro. George fechou as comportas, abriu as válvulas dos tanques de imersão e gritou alegremente:

- Lá vamos nós!

O enrugado véu de seda levantou-se e passou pela janela, distorcendo toda a visão por um momento, e, de repente, lá estavam eles, não mais estrangeiros e sim

cidadãos naturalizados do mundo das águas. Flutuavam sobre um vale atapetado de areia branca e rodeado de pequenas colinas de coral. O vale em si era estéril, mas as colinas à sua volta estavam pululando com coisas que cresciam, coisas que rastejavam e coisas que nadavam. Peixes ofuscantes como anúncios em neon passeavam preguiçosamente entre animais que pareciam árvores. Além de incrivelmente belo, parecia ser também um mundo de paz. Não havia pressa, nenhum sinal da luta pela sobrevivência. Harry sabia muito bem que aquilo era uma ilusão mas, durante todo o tempo em que estiveram submersos, não viu um peixe atacando outro. Mencionou isto a George, que comentou:

- É, isso é uma coisa engraçada nos peixes. Parecem ter os horários das refeições bem definidos. A gente pode ver barracudas nadando pelos arredores mas, se não tocar a sineta do jantar, os outros peixes nem vão ligar para elas.

Uma arraia, parecendo uma fantástica borboleta negra, como que batia asas pela areia, equilibrando-se com sua longa cauda de chicote. As sensíveis antenas de uma lagosta acenavam cautelosamente de uma fenda no coral. Seus gestos exploradores lembravam a Harry um soldado verificando se havia franco-atiradores, com seu capacete na ponta de um galho. Havia tanta vida e de tantos tipos diferentes, todos agrupados naquele pequeno espaço, que levaria anos de estudo para identificá-los a todos.

O Pompano ia cruzando vagarosamente o vale enquanto George falava.

- Eu costumava fazer isto com o aqualung - disse ele - quando um dia fiquei imaginando como seria bom sentar-me confortavelmente enquanto uma máquina ia me carregando. Assim eu poderia ficar o dia todo, trazer uma refeição comigo, usar minhas câmeras e não dar a menor bola se um tubarão viesse sorratamente para cima de mim. Lá está uma alga, você já viu na vida um azul tão brilhante? Ainda por cima, poderia trazer meus amigos para verem isso aqui embaixo e conversar com eles. Uma das grandes desvantagens do equipamento de mergulho comum é esta: a gente fica surda e muda e tem que se comunicar por sinais. Veja aqueles peixes-anjo, um dia ainda vou instalar uma rede para pegar alguns. Olha como eles desaparecem quando se assustam! Outro motivo pelo qual construí o Pompano foi para procurar navios naufragados. Há centenas nesta área, é um verdadeiro cemitério. O Santa Margarita está apenas a oitenta quilômetros daqui, em Biscayne Bay. Naufragou em 1595 com sete milhões de dólares em barras de ouro a bordo. Há também a ninharia de sessenta e cinco milhões ao largo de Long Cay, onde catorze galeões afundaram em 1715. O problema, claro, é que a maior parte desses destroços se encontra esmagada e coberta por coral, de maneira que não adianta muito quando são localizados. Mas é divertido tentar.

Harry já começara a apreciar a psicologia de seu amigo. Dificilmente podia haver melhor maneira de escapar de um escritório de advocacia na Nova Inglaterra. George era um romântico reprimido. Pensando bem, não tão reprimido.

Passearam a esmo, alegremente, por algumas horas, sempre debaixo d'água. Esta nunca passava de doze metros de profundidade. Lá para as tantas, desceram num trecho deslumbrante de coral despedaçado e fizeram uma pausa para sanduíches de patê de fígado e cervejas.

- Uma vez tomei um refrigerante aqui embaixo - disse George. - Quando subi, o gás dentro de mim se expandiu e foi uma sensação muito engraçada. Qualquer dia tenho que tentar com champanha.

Harry estava se perguntando o que fazer com os cascos vazios, quando o Pompano pareceu entrar em eclipse à medida que uma sombra escura deslizava sobre ele. Olhando para cima, pela janela de observação, viu um navio movendo-se

vagarosamente uns seis metros acima de suas cabeças. Não havia perigo de colisão, pois tinham descido o respiradouro exatamente por este motivo e estavam subsistindo de sua reserva de ar. Harry nunca tinha visto um navio por baixo e preparou-se para acrescentar a nova experiência às muitas que tinha tido naquele dia.

Ficou bem vaidoso do fato de que, apesar de sua ignorância em assuntos náuticos, tinha sido tão ligeiro quanto George em assinalar o que havia de diferente na embarcação singrando lá em cima. Ao invés do eixo e da hélice normais, este navio tinha um comprido túnel correndo ao longo de sua quilha. Quando passou sobre eles, o Pompano foi sacudido por uma súbita torrente.

- Com os diabos! disse George agarrando os controles. - Isso está parecendo um sistema de propulsão a jato. Já era tempo de alguém experimentar um. Vamos dar uma espiada.

Levantou o periscópio e descobriu que o navio passando lentamente por eles era o Valency, (Valency - valência, conceito usado em química - N. do E.), de Nova Orleans.

- Que nome estranho - disse. - Que será que significa?

- Eu diria - respondeu Harry - que significa que o proprietário é um químico, se não soubesse muito bem que químico algum jamais ganharia dinheiro suficiente para comprar um navio como esse.

- Vou segui-lo - decidiu George. - Está fazendo apenas cinco nós e gostaria de ver como aquele troço funciona.

Elevou o respiradouro, pôs o motor a funcionar e saiu em perseguição. Depois de breve caçada, o Pompano chegou a cinquenta metros do Valency e Harry se sentiu como um comandante de submarino prestes a lançar um torpedo. Daquela distância, não poderiam errar.

Na verdade, quase acertaram em cheio. O Valency, de repente, diminuiu a marcha até parar e, antes de George perceber o que estava se passando, viu-se ao lado dele.

- O barbeiro não fez sinal! - queixou-se sem muita lógica.

Um minuto depois, ficou evidente que a manobra não fora feita por acaso.

Um laço caiu elegantemente sobre o respiradouro do Pompano e eles foram eficientemente fiscados. Não havia remédio a não ser emergir humildemente e torcer pelo melhor.

Felizmente, seus captos eram homens razoáveis e capazes de reconhecer a verdade quando a ouviam. Quinze minutos depois de subirem a bordo do Valency, um comissário de bordo uniformizado servia bebidas a George e Harry que, sentados na ponte, ouviam atentamente as teorias do Dr. Gilbert Romano.

Ambos ainda estavam um pouco intimidados por se encontrarem na presença do Dr. Romano. Era, mais ou menos, como ser apresentado a um Rockefeller em pessoa, ou ser recebido por um Du Pont em pleno exercício de seu reinado.

O Doutor era um fenômeno virtualmente desconhecido na Europa e raro mesmo nos Estados Unidos: o grande cientista que se tornara um homem de negócios maior ainda. Estava agora com quase oitenta anos e acabara de ser aposentado, depois de muita briga, da presidência da enorme firma de engenharia química que fundara.

Harry nos contou que é muito divertido observar as sutis distinções sociais que diferenças em riqueza podem provocar, mesmo no país mais democrático. Pelos padrões de Harry, George era um homem muito rico: sua renda girava em torno de cem mil dólares anuais. O Dr. Romano, porém, se situava numa escala de valores completamente diferente e tinha que ser tratado de maneira correspondente, com

uma espécie de respeito amistoso que nada tinha a ver com subserviência. O Doutor, por sua vez, estava totalmente à vontade. Não havia nada nele que denunciasses sua fortuna, se é que se pode ignorar trivialidades como iates transoceânicos de cinquenta metros.

O fato de George tratar pelo primeiro nome os homens de negócios conhecidos do Doutor ajudou a derreter o gelo e a confirmar a pureza de suas intenções. Harry passou uma meia hora aborrecida enquanto os negócios de metade dos Estados Unidos eram discutidos em termos de o que Bill de Tal fez em Pittsburgh, com quem Joe dos Anzóis se deparou no Clube dos Banqueiros em Houston e de como Clyde Não-sei-de-que estava jogando golfe em Augusta, justamente enquanto Ike estava por lá. Era um vislumbre de um mundo misterioso onde um poderio imenso era manejado por homens que pareciam, todos, ter frequentado os mesmos colégios ou, pelo menos, pertencer aos mesmos clubes. Logo Harry percebeu que George não estava prestando homenagem ao Dr. Romano por uma simples questão de cortesia. George era um advogado esperto demais para deixar passar em brancas nuvens aquela oportunidade de conquistar uma certa simpatia. Parecia ter esquecido todos os propósitos originais da expedição.

Harry teve que esperar por uma pausa conveniente do diálogo para trazer à tona o assunto que realmente lhe interessava. Quando o Dr. Romano notou que falava a outro cientista, imediatamente abandonou as finanças e aí foi a vez de George ser posto de lado.

O que intrigava Harry era por que um químico ilustre se interessaria pela propulsão marítima. Sendo um homem de ação, provocou o assunto com o Doutor. Por um momento, o cientista pareceu meio embaraçado e Harry ia pedir desculpas por sua indiscrição, o que, para ele, seria uma façanha extraordinária, mas, antes de poder fazê-lo, o Dr. Romano pediu licença e se afastou, desaparecendo na ponte de comando.

Voltou com uma expressão satisfeita cinco minutos depois e continuou como se nada tivesse acontecido.

- Uma pergunta muito natural, Mr. Purvis - falou, sorrindo. - Também a teria feito. Mas o senhor não espera que eu responda, não é?

- Hum... era apenas uma vaga esperança - confessou Harry.

- Então vou surpreendê-lo. Na verdade, vou surpreendê-lo duplamente. Não só vou lhe responder, como vou lhe provar que não estou tão interessado assim em propulsão marítima. As saliências no fundo de meu navio, que vocês estavam inspecionando tão interessados, realmente contêm as hélices, mas também contêm muitas outras coisas.

- Deixem-me dar-lhes - continuou o Dr. Romano, animando-se com o assunto - algumas estatísticas elementares sobre o oceano. Aqui podemos ver um bocado dele, muitos quilômetros quadrados. Vocês sabem que cada quilômetro cúbico de água do mar contém cem milhões de toneladas de minerais?

- Para ser franco, não - respondeu George. - É um lado impressionante.

- Ele me impressiona há muito tempo - disse o Doutor. - Lá vamos nós escavando a terra à procura de metais e produtos químicos quando todos os elementos que existem podem ser encontrados na água do mar. Na verdade, o oceano é uma espécie de mina universal inesgotável. Podemos saquear a terra, mas jamais consumiremos o mar.

- Vocês sabem, os homens já estão explorando os minérios do mar. Há anos que a Dow Chemicals extrai dele a bromina. Cada quilômetro cúbico contém cerca de duzentas mil toneladas. Mais recentemente, começamos a trabalhar os três milhões e

meio de toneladas de magnésio por quilômetro cúbico. Mas essas coisas são meramente um começo.

- O grande problema de ordem prática é a baixa concentração da maioria dos elementos encontrados no mar. Cerca de 99% do total se compõem dos primeiros sete elementos e é no 1% restante que estão todos os metais úteis, exceto magnésio.

- Toda vida me preocupei em resolver esse problema e a resposta veio durante a guerra. Não sei se você está familiarizado com as técnicas usadas no campo da energia atômica para retirar quantidades minúsculas de isótopos dos salmões. Alguns destes métodos ainda não foram revelados.

- O senhor está falando de resinas de intercâmbio de íons? - arriscou Harry.

- Bem... algo parecido. Minha firma aperfeiçoou várias dessas técnicas para atender a contratos com a CE.A. e logo vi que teriam mais aplicações. Botei alguns de meus jovens gênios para trabalhar e eles se saíram com o que chamamos de uma peneira molecular. A expressão descreve bem: à sua maneira, a coisa é uma peneira e podemos ajustá-la para selecionar qualquer coisa que quisermos. Funciona com base em teorias mecânico-ondulatórias muito avançadas, mas o que realmente faz é de uma simplicidade fantástica. Escolhemos qualquer componente da água do mar que quisermos e sintonizamos a peneira para retirá-lo. Com várias unidades trabalhando em série podemos retirar um elemento depois do outro. O grau de eficiência é bem alto e o consumo de força insignificante.

- Já sei! - berrou George. - Você está extraíndo ouro da água do mar!

- Ora! - bufou o Dr. Romano com desprezo tolerante. - Tenho mais o que fazer com o meu tempo. De qualquer modo já há muito ouro por aí. Estou procurando os metais comercialmente úteis... aqueles que serão tão escassos e tão desesperadamente necessários à humanidade daqui a duas gerações. E, para falar a verdade, mesmo com a minha peneira, não valeria a pena sair atrás de ouro. Só há dezesseis quilos desse troço em cada quilômetro cúbico.

- E urânio? - perguntou Harry. - Ou é mais escasso ainda?

- Gostaria que você não tivesse feito esta pergunta - replicou o Dr. Romano com uma jovialidade que desmentia a observação. - Mas como poderá encontrar a resposta em qualquer biblioteca, não há mal em lhe contar que urânio é duzentas vezes mais comum que ouro. Mais de seis toneladas por quilômetro cúbico, uma proporção que é, digamos, excepcionalmente interessante. Portanto, por que se incomodar com ouro?

- Por que, não é? - repetiu George.

- Continuando - disse o Dr. Romano - mesmo com a peneira molecular, ainda temos os problemas de processar volumes imensos de água do mar. Há várias maneiras de enfrentar esse problema. Construindo gigantescas bombas de sucção, por exemplo. Mas sempre gostei de matar dois coelhos com uma só cajadada e, outro dia, andei fazendo uns poucos cálculos com resultados surpreendentes. Descobri que, cada vez que o Queen Mary cruza o Atlântico, suas hélices mastigam mais ou menos um sexto de quilômetro cúbico de água. Em outras palavras, dez milhões de toneladas de minerais. Ou, no caso que você tão indiscretamente mencionou... quase seiscentos quilos de urânio em cada viagem pelo Atlântico. Dá para pensar, não é?

- Assim, pareceu-me que tudo que precisávamos para criar uma usina móvel de alto rendimento era botar as hélices de qualquer embarcação dentro de um tubo, o que iria forçar o curso de água deslocada a passar por uma de minhas peneiras. Claro que há uma certa perda de força propulsora, mas nossa unidade experimental

funciona muito bem. Não navegamos tão rápido como antes, mas quanto mais navegamos, mais dinheiro ganhamos com nossa mineração. Não acham que as companhias de navegação vão achar isso muito atraente? Mas isto, é claro, é meramente incidental. Olho para o futuro e penso na construção de usinas de extração flutuantes que cruzarão o oceano de um lado para o outro até terem suas caixas-d'água cheias de qualquer coisa que se quiser. Quando esse dia chegar, então seremos capazes de parar de dilacerar a terra e estarão terminadas todas as nossas carências de matéria-prima. De qualquer maneira, tudo volta para o mar finalmente e uma vez aberto o baú do tesouro, estaremos prontos para a eternidade.

A não ser pelo suave tinido do gelo nos copos, fez-se silêncio no convés por um momento enquanto os convidados do Dr. Romano meditavam sobre essa perspectiva deslumbrante. Então Harry foi atacado por uma inquietação repentina.

- Provavelmente esta é uma das invenções mais importantes de que já ouvi falar - disse. - E é por isso que acho estranho o senhor ter confiado em nós tão plenamente.

O velho cientista deu uma gargalhada gostosa.

- Não se preocupe com isto, meu rapaz - tranquilizou Harry. - Já me comuniquei com Washington e fiz alguns amigos investigá-los.

Harry pestanejou por um minuto antes de compreender como aquilo tinha sido feito. Lembrou-se do rápido desaparecimento do Dr. Romano e podia imaginar o que tinha acontecido. Washington teria sido alcançada pelo rádio, algum senador teria telefonado para a Embaixada, o representante do Ministro da Fazenda teria feito sua parte e... em cinco minutos o Doutor estava de posse da resposta que queria. É, os americanos eram muito eficientes... aqueles que podiam se dar a este luxo..

Mais ou menos nessa hora, Harry tomou conhecimento do fato de não estarem mais sozinhos. Um iate muito maior e mais impressionante que o Valency dirigia-se para eles e, em poucos minutos, Harry pôde ler seu nome: Sea Spray. Um nome assim, pensou, era mais indicado para velas ondulantes que diesel pulsantes, mas não havia dúvida que o Spray era uma criatura muito bonita. Entendia perfeitamente os indissimulados olhares de cobiça que George e o Dr. Romano exibiam abertamente.

O mar estava tão calmo que os dois iates puderam ficar lado a lado, e, tão logo fizeram contato, um homem enérgico, queimado do sol, com seus quarenta e muitos anos, saltou no convés do Valency. Dirigiu-se a passos largos até o Dr. Romano, apertou sua mão vigorosamente e disse:

- Muito bem, seu velho sem-vergonha, que é que você anda tramando? - e olhou com ar interrogativo para o resto do pessoal.

O Doutor fez as apresentações. Havia sido abordados pelo Professor Scott McKenzie, que estava passeando em seu iate, vindo de Key Largo.

Ah, não!, lamentou-se Harry consigo mesmo. Isto é demais! O máximo que posso tolerar é um cientista milionário por dia.

Mas não havia como fugir da coisa. É verdade que McKenzie raramente era visto nos círculos acadêmicos, mas nem por isso deixara de ser um Professor genuíno, catedrático de geofísica numa universidade do Texas. Dedicava, porém, noventa por cento do seu tempo ao trabalho para grandes companhias de petróleo e à direção de uma firma de consultoria de sua propriedade. Ele parecia ter feito com que suas balanças de torção, (Instrumento para medir forças infinitesimais, como a atração ou repulsão eletrostática ou magnética, pela torção de um fio ou filamento (N. do E.), e sismógrafos se pagassem muito bem. Na verdade, apesar de ser muito mais moço que o Dr. Romano, tinha ainda muito mais dinheiro, por estar num ramo industrial de

expansão mais rápida. Harry seria capaz de jurar que as peculiares leis tributárias do Soberano Estado do Texas também tinham alguma coisa a ver com o negócio.

Era uma coincidência muito improvável aqueles magnatas da ciência se encontrarem por acaso e Harry ficou aguardando para ver qual era a patifaria em andamento. Durante algum tempo, a conversa girou em torno de amenidades, mas era óbvio que o Professor McKenzie estava extremamente curioso sobre os dois convidados do Doutor. Não demorou muito e deu uma desculpa qualquer para pular de volta a seu iate, e Harry gemeu interiormente. Duas investigações diferentes no espaço de meia hora e a Embaixada ia começar a ficar intrigada com ele e em que estaria metido. Dava até para o FBI desconfiar e aí, como é que iria passar pela alfândega os vinte e quatro pares de meias de náilon prometidas?

Harry achou fascinante estudar o relacionamento entre os dois cientistas. Pareciam dois galos de briga, rodeando-se, estudando-se e procurando uma posição estratégica. Romano tratava o homem mais moço com uma aspereza manifesta que, segundo Harry suspeitava, escondia uma admiração invejosa. Era evidente que o Dr. Romano era um conservador quase fanático e desaprovava profundamente as atividades de McKenzie e seus empregadores.

- Vocês não passam de uma quadrilha de ladrões - disse em certo momento. - Vocês estão saqueando os recursos naturais deste planeta, sem ligar a mínima para a próxima geração.

- E o que - respondeu McKenzie sem ser muito original - a próxima geração já fez por nós?

As fintas continuaram por quase uma hora e muito do que se passava estava completamente fora do alcance de Harry. Ele se perguntava por que era permitido a ele e a George assistirem a tudo aquilo e, depois de algum tempo, começou a apreciar a técnica do Dr. Romano. O homem era um oportunista de gênio. Estava satisfeito em mantê-los por perto, já que tinham aparecido, só para preocupar o Professor McKenzie e fazê-lo ficar tentado adivinhar que outras coisas estavam sendo tramadas.

Foi deixando a peneira molecular escapar pouco a pouco, como se não fosse realmente importante e a estivesse mencionando de passagem. O Professor McKenzie, porém, se aferrou a ela imediatamente e quanto mais evasivo Romano ficava, mais insistente se tornava seu adversário. Era evidente que estava sendo deliberadamente modesto, e, apesar do Professor McKenzie saber disso muito bem, não podia se furtar a fazer o jogo do velho cientista.

Dr. Romano vinha discutindo o dispositivo de uma maneira peculiarmente oblíqua, como se fosse um projeto futuro e não um fato consumado. Esboçava suas tremendas possibilidades e explicava como tornaria todas as formas existentes de mineração obsoletas, além de remover, para todo o sempre, o perigo de escassez de metais no mundo.

- Se é tão boa - exclamou logo McKenzie - por que não construiu a coisa?

- Que é que você pensa que estou fazendo aqui em Gulf Stream? - retorquiu o Doutor. - Dê uma espiada nisto aqui.

Abriu um armário embaixo do aparelho de radar e puxou para fora uma pequena barra de metal que jogou para McKenzie. Parecia chumbo e era evidentemente muito pesada. O Professor soprou-a na mão e disse logo:

- Urânio. Você quer dizer.. .

- Exatamente... cada grama. E há muito mais de onde isto veio.

Virou-se para o amigo de Harry e disse:

- George, que tal descer com o Professor no seu submarino para dar uma olhada

na maquinaria? Ele não vai ver muito, mas ficará sabendo que já estamos trabalhando.

McKenzie estava tão absorvido em seus pensamentos que nem reparou numa coisinha como um submarino particular em seu caminho. Voltou à superfície quinze minutos mais tarde tendo visto apenas o suficiente para estimular seu apetite.

- A primeira coisa que quero saber - disse a Romano -- é por que você está me mostrando isto. É a maior coisa que jamais apareceu... por que sua própria firma não a está trabalhando?

Romano deu uma pequena fungada de nojo.

- Você sabe que tive uma briga com a Diretoria - disse. - De qualquer maneira, aquele monte de velhos fracassados não têm categoria para manipular uma coisa grande como esta. Detesto ter que admitir, mas seus piratas do Texas são os homens para o serviço.

- Isto é um empreendimento particular seu?

- É. A companhia não sabe nada sobre ele e já meti meio milhão de meu próprio dinheiro no negócio. Tem sido uma espécie de passatempo. Senti que alguém tinha de reparar os danos que estão sendo causados, o estupro dos continentes por gente como...

- Está bem, já ouvimos isto antes. Ainda assim você quer dá-lo a nós?

- Quem falou em dar?

Houve um silêncio significativo, e, então, McKenzie disse, cautelosamente:

- Claro que não há necessidade de dizer que estaremos interessados, muito interessados. Se você nos der as estimativas de eficiência, taxa de extração e todas as demais estatísticas relevantes (não há necessidade de detalhes técnicos, se não quiser), então poderemos falar de negócios. Não posso realmente falar por meus sócios, mas estou certo de que poderão levantar o suficiente para cobrir qualquer proposta...

- Scott - disse Romano permitindo pela primeira vez à sua voz um cansaço que refletia a idade - não estou interessado em fazer negócio com seus sócios. Não tenho tempo para regatear com os rapazes que mandam, seus advogados e os advogados dos meus advogados. Venho fazendo este tipo de coisa há cinquenta anos e, pode acreditar, estou cansado. Esta é a minha invenção. Foi feito com o meu dinheiro e todo o equipamento está instalado em meu navio. Quero uma transação pessoal, direta, com você. Daí em diante, você pode tomar conta.

McKenzie piscou.

- Não estou em condições de efetuar um negócio grande como este - protestou. - Claro, eu aprecio a oferta, mas se isso faz o que você diz, vale bilhões. E sou apenas um pobre, porém honesto milionário.

- Não estou mais interessado em dinheiro. Que vou fazer com ele na minha idade? Não, Scott, há apenas uma coisa que eu quero agora e a quero imediatamente, neste minuto. Dê-me o Sea Spray e pode levar meu processo.

- Você está maluco! Ora, mesmo com a inflação, você pode construir o Spray por menos de um milhão. E seu processo deve valer...

- Não estou discutindo, Scott. O que você diz é verdade, mas sou um velho apressado e ia levar um ano para me construírem um navio como o seu. Eu o quero desde que você o mostrou em Miami. Minha proposta é que você fique com o Valency e todos seus equipamentos, registros e arquivos. Levará apenas uma hora para trocar nossas coisas pessoais. Temos um advogado aqui que pode fazer tudo legalmente. E então vou me dirigir para o Caribe, descer entre as ilhas e cruzar o Pacífico.

- Você já tinha tudo planejado? - perguntou McKenzie com uma admiração reverente.

- Sim. É pegar ou largar.

- Nunca ouvi uma proposta tão maluca em toda minha vida - disse McKenzie um tanto petulante. - Claro que pego. Sei reconhecer uma velha mula teimosa quando vejo uma.

A hora seguinte foi de uma atividade frenética. Tripulantes suados corriam de um lado para o outro com malas e embrulhos, enquanto o Dr. Romano ficava sentado, feliz no meio do tumulto que criara, um sorriso de beatitude na velha face enrugada. George e o Professor McKenzie mergulharam numa confabulação legal e emergiram com um documento que o Dr. Romano assinou quase sem olhar.

Coisas inesperadas começaram a surgir do Sea Spray como um lindo casaco de mink mutante e uma linda loura não-mutante.

- Olá, Sylvia - cumprimentou educadamente o Dr. Romano. - Receio que você vá achar os alojamentos aqui meio apertados. O Professor não mencionou sua presença a bordo. Não se preocupe, nós não a mencionaremos também. Não no contrato. Um acordo entre cavalheiros, está bem? Seria uma pena aborrecer Mrs. McKenzie.

- Não sei o que você quer dizer! - retorquiu Sylvia, amuada. - Alguém tem que datilografar para o Professor.

- E você o faz muito mal, minha querida - disse McKenzie, ajudando-a a saltar a balaustrada com a verdadeira cortesia sulista.

Harry não pôde deixar de admirar sua compostura numa situação tão embaraçosa e não tinha a menor ideia se ele mesmo teria se saído tão bem. E como gostaria de ter uma oportunidade para descobrir.

Por fim o caos foi se acalmando, a torrente de caixas e embrulhos reduziu-se a um gotejar. Dr. Romano apertou as mãos de todo mundo, agradeceu a George e a Harry por sua assistência, correu para a ponte do Sea Spray e, dez minutos mais tarde, estava a meio caminho do horizonte.

Harry estava se perguntando se já não era hora de partirem também - antes de mais nada, nem tinham chegado a explicar ao Professor McKenzie o que estavam fazendo ali - quando o radiotelefone começou a tocar. Era o Dr. Romano.

- Provavelmente esqueceu-se da escova de dentes - disse George.

Não foi tão banal assim. Felizmente o alto-falante estava ligado. Escutar sem querer foi-lhes praticamente imposto, sem precisar nenhum dos esforços que tornam a coisa tão embaraçosa para um cavalheiro.

- Escute aqui, Scott - disse Romano - acho que lhe devo algumas explicações.

- Se você me passou para trás, eu o processarei por cada tostão.. .

- Ah, não é bem assim. Mas realmente eu o pressionei. Mesmo sendo perfeitamente verdadeiro tudo que eu disse. Não fique muito zangado comigo, você fez um grande negócio. Mas vai levar muito tempo para chegar a tirar algum dinheiro dele e, antes disso, ainda vai ter que investir alguns milhões seus na coisa. Você sabe, a eficiência tem que ser potencializada por cerca de três ordens de magnitude antes de ter valor comercial real. Aquela barra de urânio me custou cerca de dois mil dólares. Agora, não perca a cabeça: a coisa pode ser feita. Tenho certeza disto. Dr. Kendall é o homem que você precisa. Ele fez todo o trabalho básico. Contrate-o por qualquer preço, tire-o da minha gente custe o que custar. Você é um garoto teimoso e sei que vai terminar o serviço que agora está em suas mãos. É por isto que eu queria que fosse você a tê-lo. Justiça poética, também. Você poderá pagar um pouco os danos que causou à Terra. É lamentável que isso vá fazer de você um bilionário, mas não posso evitá-lo.

- Espere aí, não desligue. Eu mesmo teria terminado o trabalho se tivesse tempo, mas vai levar, pelo menos, mais uns três anos. E os médicos disseram que só tenho mais seis meses. Não estava brincando quando disse que tinha pressa. Fico satisfeito em ter fechado negócio com você sem ter que mencionar isto, mas pode acreditar que o teria usado como arma se fosse necessário. Uma coisa a mais, quando você conseguir botar o processo para funcionar... batize-o com meu nome, sim? Terminei. Não adianta telefonar para mim. Não atenderei, e sei muito bem que você não pode me alcançar.

O Professor McKenzie ficou impassível.

- Imaginei que fosse alguma coisa assim - disse, sem se dirigir a ninguém em particular.

Então sentou-se, tirou do bolso uma complicada régua de cálculo e desligou-se do mundo. Mal olhou para cima quando George e Harry, sentindo-se muito inferiorizados, despediram-se polidamente e se foram em silêncio para o submarino.

- Com tantas coisas que acontecem hoje em dia - concluiu Harry Purvis - ainda não sei o resultado final desse encontro. Imagino que o Professor McKenzie tenha esbarrado em alguns obstáculos, ou já teríamos ouvido boatos sobre o processo. Mas não tenho a menor dúvida de que, mais cedo ou mais tarde, ele será aperfeiçoado. Portanto, preparem-se para vender suas ações de minas. ..

- Quanto ao Dr. Romano, ele não estava brincando mesmo, apesar dos médicos terem exagerado em suas estimativas. Durou ainda um ano inteiro, e acho que o Sea Spray ajudou muito. Seus funerais foram no meio do Pacífico e acabou de me ocorrer que o velho teria apreciado isso. contei para vocês que ele era um conservador fanático e é irônico pensar que talvez neste momento alguns de seus átomos estejam passando por sua peneira molecular...

- Estou vendo alguns olhares incrédulos, mas isso é um fato comprovado. Se vocês pegarem um copo d'água, derramarem no oceano, misturarem bem e então tornarem a encher o copo com água do mar, lá estarão muitas moléculas da água original do copo. Portanto... - deu um horrendo sorrisinho entredentes - é apenas uma questão de tempo para, não apenas o Dr. Romano, mas todos nós, contribuímos um pouco para a peneira. E com isto em mente, cavalheiros, eu lhes desejo a todos meu muito cordial boa noite.

A MURALHA DAS TREVAS

The Wall of Darkness, 1949. Super Science Stories, July 1949.

A primeira frase de “A Muralha das Trevas” foi citada recentemente em um documento de Cosmologia, porque alguns físicos teóricos acreditam agora que é literalmente correto. O conto (reimpresso agora na minha coleção “The Other Side of the Sky”), reflete minha antiga curiosidade sobre dimensões mais altas e a natureza do espaço e do tempo, embora que há tempo perdi a esperança de acompanhar as teorias modernas neste campo.

A “Muralha das Trevas” se fundamenta realmente em duas ideias Primeira: a fita de Moebius, por simples que pareça, contém mais do que se vê à primeira vista. Segunda: o universo é ainda mais estranho do que possamos imaginar. (Hipótese de Haldane).

Poucas horas de pois de escrever isto, tropecei com esta passagem em Sky & Telescope: «As leis da física de baixa energia e mesmo a dimensionalidade do espaço-tempo, podem ser diferentes em cada um destes mini-universos. O campo quantum que dá origem ao Universo não é uniforme em uma escala microscópica, se parece mais com uma espuma não homogênea e “caótica” de espaço-tempo.» (The Self Reproducing Universe, por Eugene F. Mallove, setembro 1988, págs. 253-56)

Compreendem o que quero dizer?

Muitos e estranhos são os universos que deslizam como bolhas de espuma sobre o rio do tempo. Alguns, muito poucos, movem-se contra a corrente ou transversalmente a ela; e em menor número ainda são aqueles que jazem para sempre além de seu alcance, sem nada conhecerem do futuro ou do passado. O minúsculo cosmo de *Shervane* não era um desses e sua estranheza era de ordem diferente. Ele continha apenas um único mundo, o planeta da raça de *Shervane* - e uma única estrela, o grande sol *Trilorne*, que trazia a luz e a vida.

Shervane nada conhecia a respeito da noite, pois *Trilorne* estava sempre alto acima do horizonte, descendo para junto dele apenas durante os longos meses do inverno. Era verdade que, além das fronteiras da *Terra das Sombras*, havia uma estação durante a qual *Trilorne* desaparecia abaixo da borda do mundo e vinha a escuridão na qual nada podia viver. Mesmo então, a escuridão não era absoluta, muito embora não houvesse estrelas para abrandá-la.

Sozinho em seu pequenino cosmo, com a mesma face eternamente voltada para seu solitário sol, o mundo de *Shervane* era o último e mais estranho gracejo do

Criador de Estrelas.

Ainda assim, enquanto olhava através das terras de seu pai, os pensamentos ocupando a mente de *Shervane* eram aqueles que qualquer criança humana poderia ter. Ele sentia espanto, curiosidade e um pouco de temor, embora acima de tudo existisse o desejo de partir para o grande mundo à sua frente. Ainda era muito jovem para fazer tais coisas, mas a antiga casa ficava no ponto mais elevado daquelas vastas redondezas, e ele podia olhar muito longe sobre a terra que um dia seria sua. Quando se voltava para o norte, com *Trilorne* brilhando em cheio sobre seu rosto, podia ver, a muitos quilômetros de distância, a longa linha de montanhas que se curvavam para a direita, subindo cada vez mais, até desaparecerem às suas costas na direção da *Terra das Sombras*. Um dia, quando fosse mais velho, atravessaria aquelas montanhas, ao longo do desfiladeiro que levava às grandes terras do leste.

À sua esquerda se encontrava o oceano, apenas alguns quilômetros distante, e às vezes *Shervane* podia ouvir o estrondo das ondas que lutavam e tombavam sobre o suave declive das areias. Ninguém sabia até onde o oceano se estendia. Navios haviam partido através dele, velejando para o norte, enquanto *Trilorne* se elevava cada vez mais alto no céu e o calor de seus raios se tornava cada vez mais intenso. Muito antes de o grande sol alcançar o zênite, eles haviam sido forçados a retroceder. Se as míticas *Terras do Fogo* realmente existiam, nenhum homem poderia ter a esperança de alcançar suas praias ardentes... a menos que as lendas fossem verdadeiras. Uma vez, diziam elas, existiram barcos de metal muito rápidos que podiam cruzar o oceano a despeito do calor de *Trilorne* e assim atingir as terras do outro lado do mundo. Agora, essas terras só poderiam ser alcançadas numa tediosa jornada, sobre terra e mar, que seria apenas ligeiramente encurtada viajando-se tão para o norte quanto alguém pudesse ousar.

Os lugares habitados do mundo de *Shervane* encontravam-se todos no estreito cinturão entre o calor escaldante e o frio insuportável. Em todas essas terras, o extremo norte era uma região inalcançável, ferida pela fúria de *Trilorne*. E ao sul de todas elas jazia a vasta e escura *Terra das Sombras*, onde *Trilorne* nunca era mais do que um pálido disco no horizonte, frequentemente nem sendo visível.

Essas coisas *Shervane* aprendeu durante os anos de sua infância, no tempo em que não desejava deixar as amplas terras entre as montanhas e o mar. Desde a aurora das eras, seus ancestrais e as raças que os haviam precedido trabalharam para tornar essas terras as mais belas do mundo. Se haviam falhado, era por margem muito estreita. Havia jardins que brilhavam com estranhas flores, havia regatos que fluíam suavemente por entre rochas cobertas de musgo até se perderem nas águas puras de um mar sem marés. Havia campos de cereais que sussurravam continuamente ao vento, como se gerações de sementes ainda não nascidas estivessem falando uma com a outra. Nos largos prados e debaixo das árvores, o gado manso vagueava sem destino, mugindo tolamente. E havia o casarão com salões enormes e corredores intermináveis, realmente grande, mas ainda maior na mente de uma criança. Esse era o mundo no qual *Shervane* passara muitos anos, o mundo que ele conhecia e amava. Por enquanto, o que se encontrasse além das fronteiras não preocupava sua mente.

Mas o universo de *Shervane* não era um daqueles livres do domínio do tempo. A colheita amadureceu e foi recolhida aos celeiros, *Trilorne* oscilou lentamente, descrevendo seu pequeno arco no céu, e com o passar das estações a mente e o corpo de *Shervane* se desenvolveram. Suas terras agora pareciam menores, as montanhas, mais próximas, enquanto o mar se encontrava a apenas uma breve

caminhada a partir do casarão. Começou a aprender a respeito do mundo no qual vivia e a se preparar para o papel que deveria desempenhar em seu ajustamento.

Algumas dessas coisas ele aprendeu com seu pai, *Sherval*, mas a maior parte lhe foi ensinada por *Grayle*, que viera das montanhas no tempo do pai de seu pai e se tornara tutor de três gerações da família de *Shervane*. Gostava de *Grayle*, embora o velho lhe ensinasse muitas coisas que não desejava aprender, e os anos de sua infância se passaram de modo bem agradável, até chegar a ocasião de atravessar as montanhas e conhecer as terras que se encontravam além. Em outras eras, sua família viera dos grandes países do leste e desde então, a cada geração, o filho mais velho fazia sua peregrinação, de modo a passar um ano da juventude entre seus primos. Era um costume sábio, já que muito do conhecimento do passado ainda permanecia além das montanhas e lá o visitante poderia encontrar homens de outras terras e estudar seus costumes.

Na última primavera antes da partida de seu filho, *Sherval* reuniu três de seus servos e alguns animais, que por conveniência chamaremos de cavalos, e levou *Shervane* para conhecer as partes da terra que ele nunca visitara antes. Eles cavalgaram para oeste até o mar e seguiram ao longo da costa durante muitos dias, até *Trilorne* encontrar-se visivelmente mais próximo do horizonte. Continuaram então para o sul, suas sombras encompridando-se diante deles, e voltaram-se para o leste apenas quando os raios do sol já pareciam ter perdido toda a sua força. Estavam agora bem dentro dos limites da *Terra das Sombras* e não seria sensato avançar mais para o sul antes que o verão estivesse no ápice.

Shervane cavalgava ao lado do pai, observando a mudança da paisagem com toda a ávida curiosidade de um garoto que vê uma nova terra pela primeira vez. O pai falava a respeito do solo, descrevendo as colheitas que poderiam ser desenvolvidas ali, e aquelas que falhariam em caso de tentativa. A atenção de *Shervane*, entretanto, dirigia-se para outro lugar: ele olhava através da desolação da Terra das Sombras, imaginando até onde ela se estenderia e que mistérios poderia conter.

- Pai - disse ele -, se alguém andasse para o sul, atravessando a *Terra das Sombras* em linha reta, poderia chegar ao outro lado do mundo?

Seu pai sorriu.

- Os homens têm feito essa pergunta há séculos - respondeu ele -, mas existem duas razões pelas quais nunca conhecerão a resposta.

- E quais são?

- A primeira, é claro, é a escuridão e o frio. Mesmo aqui, nada pode viver durante o inverno. Mas existe uma razão melhor, embora eu perceba que *Grayle* não lhe falou a respeito.

- Acho que não, pelo menos não me lembro.

Sherval não respondeu logo em seguida. Ergueu-se nos estribos e observou as terras ao sul.

- Houve época em que conheci este lugar muito bem - disse ele a *Shervane*. - Venha, eu tenho alguma coisa para lhe mostrar.

Deixaram a trilha que haviam percorrido e durante várias horas cavalgaram uma vez mais com as costas voltadas para o sol. A terra se elevava lentamente agora e *Shervane* percebeu que galgavam um grande espinhaço rochoso a apontar, como um punhal, para o coração da *Terra das Sombras*. Dentro em pouco atingiram uma encosta demasiado íngreme para os cavalos e foram obrigados a desmontar, deixando os animais aos cuidados dos servos.

- Existe uma passagem ao redor - explicou *Sherval*. - Mas para nós é mais rápido subir do que levar os cavalos pelo outro lado.

A elevação, embora íngreme, era pequena, e eles chegaram ao cume em poucos minutos. A princípio, *Shervane* não viu nada que já não tivesse encontrado antes. Havia apenas aquela mesma vastidão ondulada que parecia tornar-se mais escura e ameaçadora quanto mais aumentava sua distância em relação a *Trilorne*.

Ele voltou-se para o pai um pouco confuso, mas *Shervan* apontou para o extremo sul e traçou uma linha cuidadosa ao longo do horizonte.

- Não é fácil de ver - disse calmamente. - Meu pai mostrou-a para mim deste mesmo ponto, muitos anos antes de você nascer.

Shervane olhou para o crepúsculo. O céu ao sul era tão escuro a ponto de ser quase preto, descendo para encontrar o limite do mundo. Mas não inteiramente, pois ao longo do horizonte, numa grande curva a separar céu e terra, sem no entanto pertencer a nenhum dos dois, havia uma faixa de escuridão profunda, negra como a noite, que *Shervane* jamais conhecera.

Ele olhou para aquilo com firmeza durante um longo tempo e talvez algum indício do futuro se tenha infiltrado em sua alma, pois a terra enegrecida pareceu subitamente viva e aguardando. Quando afinal afastou os olhos, sabia que nada voltaria a ser o mesmo, embora ainda fosse muito jovem para reconhecer o desafio em si mesmo.

E assim, pela primeira vez em sua vida, *Shervane* viu a Muralha.

No início da primavera, ele disse adeus ao seu povo e, com um servo, partiu para as montanhas, em direção às vastas terras do mundo ocidental. Lá ele encontrou homens que compartilhavam com ele os mesmos ancestrais e lá estudou a história de sua raça, as artes que haviam surgido nos tempos remotos e as ciências que haviam governado as vidas dos homens. Nos locais de aprendizado, fez amizade com rapazes que tinham vindo de terras ainda mais para o leste. Poucos dentre estes ele veria novamente, mas um deles estava destinado a representar em sua vida um papel maior do que jamais teria imaginado. O pai de *Brayldon* era um famoso arquiteto, mas o filho pretendia eclipsá-lo. Ele estava sempre viajando de um lugar para outro, sempre aprendendo, observando, fazendo perguntas. Embora fosse apenas alguns anos mais velho do que *Shervane*, seu conhecimento do mundo era infinitamente maior, ou assim parecia ao mais jovem.

Entre eles, o mundo se dividia em peças, e eles o reconstruíam de acordo com seus desejos. *Brayldon* sonhava com cidades cujas largas avenidas e torres imponentes deixariam envergonhadas as maravilhas do passado, enquanto os interesses de *Shervane* se voltavam mais para as pessoas que habitariam essas cidades e o modo como ordenariam suas vidas.

Frequentemente falavam da Muralha, que *Brayldon* conhecia das histórias de seu próprio povo, embora ele mesmo nunca a houvesse visto. E *Shervane* descobriu que ela se encontrava bem ao sul de todos os países, qual uma grande barreira em torno da *Terra das Sombras*. No auge do verão, podia ser alcançada, embora com grande dificuldade, mas em parte alguma havia modo de ultrapassá-la e ninguém sabia o que se encontrava além dela. Através do mundo inteiro, sem se interromper nem mesmo quando atingia uma altura cem vezes maior que a de um homem, ela circundava o mar invernal que banhava as praias da *Terra das Sombras*. Viajantes haviam pisado naquelas praias solitárias, escassamente aquecidas pelos últimos raios de *Trilorne*, e tinham visto como a sombra negra da Muralha marchava mar adentro, desdenhando as ondas a seus pés. E nas praias de além-mar, outros viajantes tinham-na visto surgir de dentro do oceano, para ultrapassá-los em sua jornada ao redor do mundo.

- Um de meus tios - contou *Brayldon* - certa vez alcançou a Muralha, quando era jovem. Ele fez isso para ganhar uma aposta e cavalgou durante dez dias antes de chegar à sua base. Creio que ela o assustou, de tão imensa e tão fria. Ele não era capaz de dizer se era feita de metal ou pedra, e quando ele gritava, não havia nenhum eco, sua voz se apagava rapidamente como se a Muralha estivesse absorvendo os sons. Minha gente acredita que ela é o fim do mundo e que não existe nada além.

- Se isso fosse verdade - ponderou *Shervane* com lógica irrefutável -, então o oceano ter-se-ia derramado sobre a orla antes que a Muralha fosse construída.

- Não se *Kyrone* a houvesse construído quando Ele fez o mundo.

Shervane não concordava.

- Meu povo acredita que ela foi feita pelo homem, talvez um trabalho dos engenheiros da primeira dinastia, que fizeram tantas coisas maravilhosas. Se eles realmente possuíam navios capazes de alcançar as *Terras do Fogo*, e até mesmo navios que podiam voar, então podem ter tido sabedoria suficiente para construir a Muralha.

Brayldon encolheu os ombros.

- Eles deviam ter uma razão muito boa. Nunca saberemos a resposta; assim, por que se preocupar?

Esse conselho eminentemente prático, como *Shervane* já descobrira, era tudo o que o homem comum poderia lhe dar. Apenas os filósofos se interessavam por questões não-esclarecidas: para a maioria das pessoas, o enigma da Muralha era como o enigma da existência, algo que raramente ocupava suas mentes. E todos os filósofos que ele encontrou lhe deram respostas diferentes.

O primeiro foi *Grayle*, a quem ele interrogara ao retornar da *Terra das Sombras*. O velho olhara para ele calmamente e dissera:

- Só existe uma coisa além da muralha, assim me ensinaram, e essa coisa é a loucura.

Depois fora *Artex*, tão velho que quase não podia ouvir as perguntas que *Shervane*, nervoso, lhe fazia. Ele olhou para o rapaz, através de pálpebras que pareciam demasiado cansadas para se abrirem completamente, e respondeu depois de um longo tempo:

- *Kyrone* construiu a Muralha no terceiro dia da criação do mundo. O que jaz além da Muralha, nós descobriremos ao morrer, já que é para lá que vão as almas de todos os mortos.

E no entanto *Irgan*, que vivia na mesma cidade, contradissera completamente tudo isso:

- Apenas a memória pode responder à sua pergunta, meu filho, pois é atrás da Muralha que se encontra a terra onde vivemos antes de nascer.

Em quem poderia acreditar? A verdade era que ninguém sabia, e se esse conhecimento existira algum dia, já se perdera eras atrás.

Embora essa investigação tenha fracassado, *Shervane* aprendeu muitas coisas em seu ano de estudos. Com o retorno da primavera ele disse adeus a *Brayldon* e aos outros amigos, que conhecera por tão pouco tempo, partindo pela antiga estrada que o levaria de volta à sua terra. Uma vez mais ele realizou a perigosa travessia do grande desfiladeiro entre as montanhas, onde paredões de gelo se erguiam ameaçadoramente contra o céu. Chegou ao ponto em que a estrada descia para onde havia calor e água corrente, onde a respiração não mais lutava contra o ar congelante. Aqui, na última elevação da estrada, antes da descida para o vale, a visão atingia uma grande distância, até o remoto reluzir do oceano. Lá, quase

perdida entre as névoas da borda do mundo, *Shervane* podia ver a linha de sombras que era sua terra.

Ele desceu pela grande faixa de pedra até chegar à ponte que os homens haviam construído sobre a catarata, nos tempos remotos em que o único caminho além desse fora destruído por um terremoto. Mas a ponte se fora: as tempestades e avalanches do princípio da primavera haviam arrastado uma das poderosas pilastras e o lindo arco de metal se reduzira a uma ruína retorcida em meio à espuma e aos borrifos da água, 300 metros abaixo. O verão chegaria e se passaria antes que a estrada pudesse ser reaberta ao trânsito. Enquanto *Shervane* retornava com tristeza, já sabia que outro ano iria terminar sem que pudesse ver seu lar novamente.

Parou por vários minutos na última curva da estrada, olhando de volta para aquelas terras, agora inalcançáveis, que continham todas as coisas que amava. Entretanto, a névoa havia-se fechado sobre elas e ele não viu mais nada. Resolutamente, percorreu de volta a estrada até que as terras planas desapareceram e as montanhas o envolveram uma vez mais.

Brayldon ainda se encontrava na cidade quando *Shervane* retornou. Ele ficou surpreso e satisfeito por ver novamente o amigo e ambos discutiram o que deveriam fazer no ano que tinham pela frente. Os primos de *Shervane*, que se tinham afeiçoado ao visitante, não lamentaram tornar a vê-lo. Todavia, a amável sugestão que fizeram, para que devotasse outro ano aos estudos, não foi bem recebida.

O plano de *Shervane* amadureceu lentamente, enfrentando considerável oposição. Até mesmo *Brayldon* não estava muito entusiasmado no início e muita discussão foi necessária antes que ele se dispusesse a cooperar. Depois disso, o acordo de todos os outros que realmente importavam foi apenas uma questão de tempo.

O verão se aproximava quando os dois jovens partiram em direção ao país de *Brayldon*. Cavalgavam rapidamente, pois a jornada era longa e devia terminar antes que *Trilorne* iniciasse sua queda invernal. Quando chegaram às terras que *Brayldon* conhecia, fizeram certas indagações que provocaram muitos acenos negativos de cabeças. Entretanto, as respostas que conseguiram eram precisas e logo a *Terra das Sombras* os envolvia. Pouco depois, *Shervane* via a Muralha pela segunda vez em sua vida.

Não parecia muito distante, elevando-se a partir da planície solitária e desolada, quando começaram a se aproximar. Mas tiveram de cavalgar interminavelmente através da planície antes que a Muralha parecesse um pouquinho mais próxima. Chegaram quase à sua base sem perceberem que já estavam próximos, de vez que não havia maneira de julgar sua distância até que fosse possível estender a mão e tocá-la.

Quando *Shervane* olhou para cima, em direção àquela monstruosa chapa de ébano que tanto perturbara sua mente, ela lhe pareceu suspensa e prestes a esmagá-lo sob seu peso. Com dificuldade, ele afastou os olhos da visão hipnótica e se aproximou para examinar o material de que era constituída.

Era verdade, como lhe dissera *Brayldon*, que ela era fria ao toque. Na verdade, mais fria do que deveria ser, mesmo nessa terra faminta de luz solar. Não parecia nem dura nem macia, já que sua textura iludia o tato de um modo difícil de analisar. *Shervane* tinha a impressão de que alguma coisa impedia o verdadeiro contato com aquela superfície, mas não era capaz de ver nenhum espaço vazio entre seus dedos e a Muralha, ao comprimi-los contra ela. O mais estranho de tudo era o silêncio misterioso de que falara o tio de *Brayldon*: cada palavra era abafada e todos os sons desapareciam com uma rapidez fora do normal.

Brayldon descarregara algumas ferramentas e instrumentos das mochilas dos

animais de carga e começava a examinar a superfície da Muralha. Logo descobriu que nenhuma perfuratriz ou cortadeira poderia marcá-la de modo algum, e daí a pouco chegou à conclusão que *Shervane* já alcançara: a Muralha não era apenas dura, era também inabordável.

Por fim, pegou com desgosto uma régua de metal perfeitamente retilínea e pressionou sua borda contra a Muralha. Enquanto *Shervane* segurava um espelho, para refletir a luz fraca de *Trilorne* ao longo da linha de contato, *Brayldon* observou a régua pelo outro lado. Era como havia pensado: um fio de luz infinitamente estreito aparecia, contínuo, entre as duas superfícies.

Brayldon olhou para o amigo, pensativo.

- *Shervane*, não acredito que a Muralha seja feita do tipo de matéria que conhecemos.

- Então, talvez as lendas sejam verdadeiras - respondeu o outro -, quando dizem que ela nunca foi construída, mas criada tal como a vemos agora.

- Eu também acho - continuou *Brayldon*. - Os engenheiros da Primeira Dinastia possuíam tais poderes. Existem alguns prédios muito antigos em minha terra que parecem ter sido feitos em uma única operação, de uma substância que não mostra qualquer erosão pelo tempo. Se fosse negra em vez de colorida, se pareceria muito com o material da Muralha.

Colocou de lado suas ferramentas, agora inúteis, e começou a instalar um simples teodolito portátil.

- Se não podemos fazer mais nada - disse ele com um sorriso amarelo -, então pelo menos podemos descobrir exatamente qual a sua altura.

Quando olharam para trás, para obterem sua última visão da Muralha, *Shervane* perguntou a si mesmo se voltaria a vê-la. Nada mais havia que pudesse aprender e, no futuro, devia esquecer o sonho tolo de que algum dia seria capaz de conhecer o seu segredo. Talvez não houvesse segredo algum. Talvez, além da Muralha, a *Terra das Sombras* se estendesse ao longo da curvatura do mundo até tornar a encontrar a mesma barreira. Isso certamente parecia o mais provável, mas, se assim fosse, por que motivo a Muralha fora construída, e por que raça?

Quase com raiva, afastou esses pensamentos cavalgando em direção à luz de *Trilorne* e pensando num futuro no qual a Muralha não desempenharia papel maior do que na vida de qualquer outro homem.

E assim dois anos se passaram antes que *Shervane* pudesse retornar ao seu lar. Em dois anos, especialmente quando se é jovem, muito pode ser esquecido, e mesmo aquelas coisas mais próximas ao coração perdem sua nitidez de modo a não serem mais recordadas com clareza. Quando *Shervane* atravessou novamente os últimos contrafortes das montanhas, vendo-se uma vez mais no país de sua infância, a alegria do retorno ao lar confundia-se com uma estranha tristeza. Tantas coisas haviam sido esquecidas, coisas que ele um dia julgara que guardaria para sempre em sua mente.

A notícia de sua volta havia chegado antes dele, e ele logo percebeu, bem adiante, uma linha de cavalos galopando pela estrada. Avançou avidamente, imaginando que *Shervane* estaria entre eles para saudá-lo, e foi com algum desapontamento que viu *Grayle* liderando o grupo.

Shervane parou enquanto o velho cavalgava até se posicionar ao seu lado. Então, *Grayle* colocou a mão sobre seu ombro, embora por um momento mantivesse o rosto virado, sem poder falar.

Dentro em pouco, *Shervane* descobriu que as tormentas do ano anterior tinham

destruído muito mais do que a antiga ponte, pois um relâmpago havia transformado sua própria casa em ruínas. Anos antes do tempo previsto, todas as terras que *Sherval* possuía passaram para seu filho. E muito mais que isso, de fato, pois toda a família estava reunida no casarão de acordo com o costume anual, quando o fogo desceu dos céus sobre eles. Num único instante, tudo entre as montanhas e o mar passara para *Shervane*, que agora era o homem mais rico que essa região conhecia há gerações. E no entanto todas essas coisas ele daria se pudesse olhar uma vez mais nos olhos cinzentos e calmos do pai, que não veria mais.

Trilorne erguera-se e descera nos céus muitas vezes desde que *Shervane* abandonara sua infância na estrada diante das montanhas. A terra florescera com a passagem dos anos e as possessões que se tinham tornado suas de modo tão inesperado aumentaram de valor. Ele cuidara muito bem delas e agora tinha tempo, uma vez mais, para sonhar. Mais que isso, possuía a fortuna para transformar os sonhos em realidade.

Frequentemente chegavam, através das montanhas, histórias a respeito do trabalho que *Brayldon* realizava no leste e, embora os dois amigos nunca mais se tivessem encontrado desde a juventude, eles trocavam mensagens regularmente. *Brayldon* realizara suas ambições: não apenas projetara os dois maiores prédios erguidos desde a Antiguidade, mas toda uma nova cidade fora planejada por ele, muito embora não lhe fosse possível terminá-la em vida. Ao ouvir essas coisas, *Shervane* lembrava-se das aspirações de sua juventude, e sua mente recuava através dos anos, de volta ao dia em que haviam olhado, juntos, para a majestosa Muralha. Por um longo tempo, lutara com seus pensamentos, temendo reviver velhas aspirações que poderiam não ser satisfeitas. Afinal, tomou sua decisão e escreveu para *Brayldon*, já que não haveria utilidade na riqueza ou no poder se não pudessem ser usados para moldar os sonhos de uma pessoa.

Depois, *Shervane* esperou, perguntando a si mesmo se *Brayldon* teria esquecido o passado durante os anos em que lhe viera a fama. Não teve de esperar muito tempo: *Brayldon* não poderia vir imediatamente porque tinha grandes trabalhos para completar, mas, quando os terminasse, se reuniria ao velho amigo. *Shervane* lançara um desafio que fazia jus a suas habilidades - um desafio que, se ele pudesse enfrentar com êxito, iria trazer-lhe mais satisfação do que qualquer coisa que já tinha feito.

No início do verão seguinte, ele veio, e *Shervane* o encontrou na estrada embaixo da ponte. Eles eram garotos na última vez que se separaram, agora se aproximavam da meia-idade. No entanto, quando trocaram saudações, era como se os anos tivessem desaparecido, e cada um se sentiu secretamente feliz ao ver quão pouco o tempo mudara o amigo de quem se lembrava.

Passaram muitos dias conferenciando e discutindo os planos que *Brayldon* delineara. O trabalho era imenso e levaria muitos anos para ser terminado, mas era possível para um homem com a riqueza de *Shervane*. Antes de dar sua aprovação final, este levou o amigo para ver *Grayle*.

O velho vivia já há alguns anos na pequena casa que *Shervane* lhe construíra. Há muito tempo que não desempenhava nenhuma parte ativa na vida das grandes propriedades, mas seus conselhos eram sempre bem recebidos, quando necessários, e invariavelmente sábios.

Grayle já sabia por que *Brayldon* viera a essa terra, e não expressou qualquer surpresa quando o arquiteto desenrolou seus esboços. O desenho maior mostrava a elevação da Muralha com uma grande escadaria subindo ao longo de sua face, desde

a planície abaixo. Em seis intervalos, igualmente espaçados, a rampa, em sua lenta ascensão, nivelara-se em amplas plataformas, a última das quais se encontrava a pouca distância abaixo do topo da Muralha. Saltando da escadaria, numa vintena de pontos, havia arcobotantes que, aos olhos de *Grayle*, pareciam muito frágeis e delgados para o trabalho que deveriam realizar. Então percebeu que a grande rampa seria amplamente auto-sustentada e, de um lado, todo o peso lateral seria suportado pela própria Muralha.

Ele observou o desenho em silêncio por algum tempo e então falou baixinho:

- Você sempre conseguiu o que queria, *Shervane*. Eu devia ter imaginado que isto acabaria acontecendo.

- Então acha que é uma boa ideia? - indagou *Shervane*. Nunca contrariara um conselho do velho e estava ansioso por tê-lo agora. Como de hábito, *Grayle* foi direto ao ponto.

- Quanto é que vai custar? - indagou ele. *Brayldon* lhe disse e, por um momento, houve um silêncio embaraçoso.

- Isso inclui - acrescentou o arquiteto rapidamente - a construção de uma boa estrada através da *Terra das Sombras* e o estabelecimento de uma pequena vila para os trabalhadores. A escadaria em si é constituída de um milhão de blocos idênticos que podem ser encaixados para formar uma estrutura rígida. Deveremos prepará-los, espero, com os minerais que podem ser encontrados na *Terra das Sombras*.

Deu um suspiro.

- Eu teria preferido construí-la com barras de metal unidas, mas isso iria custar ainda mais, já que todo o material teria de ser trazido pelo caminho das montanhas.

Grayle examinou o desenho com mais cuidado.

- Por que ela se interrompe antes do topo?

Brayldon olhou para *Shervane*, que respondeu à pergunta sem o menor embaraço.

- Desejo ser o único a fazer a subida final. O último estágio será através de uma máquina elevadora situada na plataforma mais alta. Pode haver perigo e é por isso que vou sozinho.

Essa não era a única razão, mas era suficientemente boa. Atrás da Muralha, *Grayle* dissera uma vez, encontrava-se a loucura. Se assim fosse, ninguém mais precisaria encará-la.

Grayle estava falando uma vez mais, em sua voz calma e sonolenta:

- Nesse caso, o que você faz não será nem bom, nem mau, já que apenas lhe diz respeito. Se a Muralha foi construída para manter alguma coisa fora do nosso mundo, ela ainda será intransponível pelo outro lado.

Brayldon assentiu.

- Nós também pensamos nisso - disse ele com um toque de orgulho. - Se houver necessidade, a rampa poderá ser destruída num instante por meio de explosivos colocados em pontos selecionados.

- Isso é bom - replicou o velho. - Embora eu não creia nessas histórias, é bom estar preparado. Quando o trabalho estiver terminado, ainda espero estar aqui. E agora devo me lembrar do que ouvi a respeito da Muralha quando era jovem como você, *Shervane*, quando pela primeira vez me perguntou a respeito dela.

Antes que o inverno chegasse, a estrada para a Muralha já fora demarcada e as fundações da cidade temporária tinham sido estabelecidas. A maior parte dos materiais de que *Brayldon* necessitava não era difícil de encontrar, já que a *Terra das Sombras* era rica em minerais. Ele também examinara a Muralha, escolhendo o ponto para sua escadaria. Quando *Trilorne* começou a descer para junto do horizonte,

Brayldon sentiu-se satisfeito com o trabalho realizado.

No verão seguinte, os primeiros milhares de blocos de concreto haviam sido manufaturados e testados, para satisfação de *Brayldon*. Antes que o inverno viesse novamente, miríades foram produzidas e parte das fundações estava construída. Deixando um assistente de confiança encarregado da produção, *Brayldon* podia retornar agora ao seu trabalho interrompido. Quando um número suficiente de blocos estivesse pronto, ele voltaria para supervisionar a construção. Até então, sua orientação não se faria necessária.

Duas ou três vezes a cada ano, *Shervane* cavalgava até a Muralha para observar as pilhas de armazenagem crescendo e se tornando grandes pirâmides. Quatro anos depois, *Brayldon* voltou com ele.

Camada por camada, as linhas de pedra começaram a galgar os flancos da Muralha e os delgados suportes principiaram a arquear no espaço. A princípio, a escadaria progredia lentamente, mas, à medida que seu topo se estreitava, o avanço se tornava cada vez mais rápido. Durante um terço de cada ano, o trabalho tinha de ser abandonado, e vinham os meses de ansiedade, durante o longo inverno, quando *Shervane* permanecia nas fronteiras da *Terra das Sombras*, ouvindo as tempestades que passavam trovejando rumo à reverberante escuridão. Mas a construção de *Brayldon* era boa e a cada primavera a obra ressurgia intocada, como se pudesse permanecer por mais tempo do que a própria Muralha.

As últimas pedras foram colocadas sete anos após o início da construção. Colocando-se a mais de um quilometro e meio de distância, de modo a poder ver toda a estrutura, *Shervane* se recordava com admiração de como tudo isso pudera emergir de apenas alguns esboços que *Brayldon* lhe mostrara anos atrás. Ao fazê-lo, conhecia um pouco da emoção do artista ao ver seus sonhos se tornarem realidade e lembrava-se também do dia em que, ainda menino, ao lado do pai, vira pela primeira vez a Muralha distante, erguendo-se de encontro ao céu crepuscular da *Terra das Sombras*.

Havia parapeitos em torno da plataforma superior, mas *Shervane* preferia não se aproximar das bordas. O solo estava a uma distância vertiginosa e ele tentava esquecer a altura ajudando *Brayldon* e os trabalhadores na tarefa de instalar a grua simples que o elevaria através dos últimos seis metros. Quando tudo estava pronto, ele subiu no mecanismo e voltou-se para o amigo com toda a confiança que podia reunir.

- Vou demorar somente alguns minutos disse com uma pretensa negligência.
- Não importa o que encontre, retornarei imediatamente.

Difícilmente teria imaginado quão pequena seria sua margem de escolha.

Grayle estava agora quase cego e não conheceria outra primavera. Mas ainda assim reconheceu os passos que se aproximavam e saudou *Brayldon* pelo nome antes que o visitante pudesse falar.

- Alegra-me que tenha vindo - disse ele. - Tenho pensado em tudo que me contou e acredito conhecer a verdade, afinal. Talvez já tenha imaginado por si mesmo.

- Não - respondeu *Brayldon*. - Tenho medo de pensar nisso.

O velho deixou escapar um ligeiro sorriso.

- Por que alguém deveria temer uma coisa meramente por ser estranha? A Muralha é maravilhosa, sim, mas não há nada terrível a respeito dela... para aqueles que puderem encarar seu segredo sem hesitação.

"Quando eu era menino, *Brayldon*, meu velho mestre me disse uma vez que o tempo jamais destrói a verdade; apenas pode ocultá-la em meio a lendas. E ele

estava certo. De todas as fábulas que tenho reunido a respeito da Muralha, posso selecionar agora aquelas que são parcialmente história.

"Há muito tempo, quando a Primeira Dinastia atingia seu ápice, *Trilorne* era mais quente do que é agora e a *Terra das Sombras* era fértil e habitada... como talvez as *Terras do Fogo* serão um dia, quando *Trilorne* estiver velho e fraco. Os homens podiam ir para o sul se o desejassem, pois não havia Muralha para barrar-lhes o caminho. E muitos devem tê-lo feito, procurando novas terras para colonizar. O que aconteceu com *Shervane* deve ter-lhes acontecido também, e isso deve ter arruinado muitas mentes. Tantas que os cientistas da Primeira Dinastia ergueram a Muralha para evitar que a loucura se propagasse através das terras. Não posso acreditar que isso seja verdade, mas a lenda diz que a Muralha foi feita num único dia, sem nenhum trabalho, a partir de uma nuvem que circundou o mundo.

Grayle mergulhou em devaneios e por um momento *Brayldon* preferiu não incomodá-lo. Sua mente encontrava-se bem distante no passado, visualizando o mundo como um globo perfeito a flutuar no espaço, enquanto os antigos lançavam aquela faixa de escuridão em torno do equador. Falsa como fosse a imagem, em seu detalhe mais importante, ele jamais poderia apagá-la de todo de sua mente.

Enquanto os últimos centímetros da Muralha se moviam lentamente, passando diante de seus olhos, *Shervane* precisava reunir toda a sua coragem para não gritar, pedindo para ser abaixado. Lembrava-se de certas histórias terríveis, que certa vez rejeitara com riso, já que ele vinha de uma raça singularmente livre de superstições. Mas e se apesar de tudo aquelas histórias fossem verdadeiras? E se a Muralha tivesse sido construída para manter alguma espécie de horror afastada do mundo?

Tentou esquecer tais pensamentos e descobriu não ser difícil fazê-lo, após ultrapassar o topo da Muralha. A princípio, foi incapaz de interpretar a imagem registrada por seus olhos. Depois compreendeu estar vendo uma superfície negra e contínua, cuja largura lhe era possível calcular.

A pequena plataforma parou e ele notou, com semiconsciente admiração, como haviam sido precisos os cálculos de *Brayldon*. Então, com uma última palavra tranquilizadora para o grupo abaixo, ele subiu na Muralha e começou a caminhar decididamente para a frente.

Parecia, no início, que a planície à sua frente era infinita, já que não podia distinguir onde ela encontrava o céu. Mas caminhou sem hesitação, mantendo as costas voltadas para *Trilorne*. Desejava poder usar sua própria sombra como guia, mas ela se perdia na escuridão profunda sob seus pés.

Havia alguma coisa errada: estava ficando cada vez mais escuro a cada passo que dava. Espantado, ele se voltou e percebeu que o disco de *Trilorne* tornara-se agora pálido e obscurecido, como se fosse visto através de um vidro escuro. Com um medo crescente ele percebeu que isso não era tudo o que acontecera: *Trilorne* tornara-se menor do que aquele sol que conhecera por toda a vida.

Sacudiu a cabeça num gesto aborrecido de desafio. Essas coisas eram tolices, devia estar a imaginá-las. De fato, eram tão contrárias a todo senso comum que, de algum modo, não mais se sentia assustado, e voltou a caminhar resolutamente para a frente, permitindo-se um único olhar para o sol às suas costas.

Quando *Trilorne* diminuiu até se tornar um ponto e a escuridão o envolveu por todos os lados, era hora de abandonar a arrogância. Um homem sábio teria voltado naquele ponto. *Shervane* teve uma súbita visão de pesadelo, imaginando-se perdido nesse eterno crepúsculo entre a terra e o céu, incapaz de encontrar o caminho de volta à segurança. Então, lembrou-se de que, enquanto pudesse ver *Trilorne*, não

estaria em perigo de perder-se.

Um pouco incerto agora, ele continuou seu caminho, olhando com frequência para trás, em direção àquela luz fraca que o guiava. *Trilorne* desaparecera, mas ainda restava um brilho fraco no céu para marcar a sua posição. Pouco depois, já não precisava dessa ajuda, pois bem adiante uma segunda luz começava a aparecer no céu.

De início, era apenas o mais fraco de todos os brilhos e, ao certificar-se de sua existência, *Shervane* percebeu que *Trilorne* já desaparecera. Entretanto, sentia-se mais confiante agora e, enquanto caminhava para a frente, o retorno da luz ajudava a dominar seus temores.

Quando notou que realmente se aproximava de outro sol, quando pôde afirmar sem nenhuma dúvida que ele se expandia, tal como momentos atrás vira *Trilorne* se contrair, *Shervane* teve de dominar todo o assombro, contendo-o nas profundezas de sua mente. Iria apenas observar e registrar. Depois haveria tempo para entender essas coisas. Que seu mundo pudesse possuir dois sóis, um brilhando de cada lado, não era, apesar de tudo, algo além da imaginação.

Agora, afinal, podia ver fracamente, através da escuridão, a linha de ébano que marcava a extremidade da borda da Muralha. Logo seria o primeiro homem em milhares de anos, talvez em toda a eternidade, a olhar para as terras que ela separava de seu mundo. Seriam tão belas quanto as suas, e nelas haveria gente que ele se sentisse feliz em saudar?

Mas o fato de eles estarem à sua espera e daquele modo era algo além de seus sonhos.

Grayle estendeu a mão em direção à escrivaninha ao lado e tateou procurando uma folha grande de papel que se encontrava sobre ela. *Brayldon* observava em silêncio e o velho continuou:

- Como é frequente ouvirmos discussões a respeito do tamanho do universo e se ele tem algum tipo de limite, não conseguimos imaginar nenhum fim para o espaço, e no entanto nossas mentes se rebelam ante a ideia do infinito. Alguns filósofos têm imaginado o espaço como limitado por uma curvatura em dimensão mais elevada. Suponho que conheça a teoria. Ela pode ser verdadeira para outros universos, se eles de fato existem, mas com relação ao nosso a verdade é mais sutil.

"Ao longo da linha da Muralha, *Brayldon*, o nosso universo chega ao seu final, e no entanto não o faz. Não havia fronteira, nada para impedir alguém de ir adiante antes que a Muralha fosse construída. A Muralha em si é meramente uma barreira feita pelo homem, compartilhando as propriedades do espaço no qual jaz. Essas propriedades sempre estiveram lá e a Muralha nada acrescentou a elas.

Ele segurou a folha de papel na direção de *Brayldon* e lentamente a fez girar.

- Aqui - disse ele. - Isto é uma simples folha de papel. Ela tem dois lados, é claro. Você seria capaz de imaginar uma que não tivesse?

Brayldon olhou, surpreso.

- Isso é impossível... grotesco!

- Será que é? - disse *Grayle* suavemente. Levou a mão à escrivaninha uma vez mais e seus dedos procuraram nos recessos. Daí a pouco retirou uma tira de papel longa e flexível e voltou os olhos vazios na direção de *Brayldon*, que aguardava em silêncio.

- Não podemos igualar os intelectos da Primeira Dinastia, mas o que suas mentes podiam abarcar diretamente nós podemos abordar por intermédio de uma analogia. Este truque simples, que parece tão trivial, pode ajudá-lo a vislumbrar a verdade.

Grayle correu os dedos ao longo da fita de papel e então juntou as duas extremidades para criar um laço circular.

- Aqui temos uma forma perfeitamente familiar a você. A seção de um cilindro. Percorro o lado de dentro com o meu dedo, assim... e agora faço o mesmo pelo lado de fora. As duas superfícies são absolutamente distintas: você só pode passar de uma para outra ao mover-se através da espessura da fita. Concorde?

- É claro - respondeu *Brayldon* intrigado -, mas o que isso prova?

- Nada - disse *Grayle*. - Mas agora observe...

Este sol, pensou *Shervane*, era um gêmeo idêntico de *Trilorne*. A escuridão desaparecera completamente e não havia mais aquela sensação, que não tentaria entender, de caminhar sobre uma planície infinita.

Movia-se lentamente agora, pois não tinha o menor desejo de chegar subitamente à borda daquele vertiginoso precipício. Dentro em pouco, já podia distinguir um horizonte distante, formado por colinas baixas, tão nuas e sem vida quanto aquelas que deixara para trás. Isso não o desapontava muito, já que um primeiro vislumbre de sua própria terra não teria sido mais atraente.

E assim ele caminhou em frente, e daí a pouco, quando uma mão gelada se abateu sobre seu coração, ele não parou, como um homem de menos coragem teria feito. Sem hesitar, observou aquela paisagem chocantemente familiar erguer-se ao seu redor, até poder ver a planície onde sua jornada começara, a grande escadaria e, por fim, a própria face ansiosa de *Brayldon*, esperando por ele.

Novamente *Grayle* uniu as duas extremidades da fita, mas dessa vez dera-lhe uma meia torção, de modo a que a fita parecesse enroscada. Estendeu-a para *Brayldon*.

- Percorra o lado com o dedo agora - disse calmamente.

Brayldon não o fez: podia perceber o significado na demonstração do velho.

- Compreendo - disse ele. - Você não tem mais duas superfícies distintas. Elas agora formam uma folha única e contínua. Uma superfície de um lado só. Algo que à primeira vista parece completamente impossível.

- Sim - respondeu *Grayle*. - Achei que ia entender. Uma superfície de um lado só. Talvez compreenda agora por que esse símbolo, do laço torcido, é tão comum nas antigas religiões, embora seu significado tenha sido completamente perdido. É claro que não passa de uma analogia tosca e simples. Um exemplo em duas dimensões do que deve ocorrer realmente em três. Mas é tão próximo da verdade quanto nossas mentes jamais poderão chegar.

Houve um longo e meditativo silêncio. Depois, *Grayle* suspirou e voltou-se para *Brayldon*, como se ainda pudesse ver-lhe a face.

- Por que voltou antes de *Shervane*? - indagou ele, apesar de já saber muito bem a resposta.

- Nós tínhamos de fazê-lo - disse *Brayldon* com tristeza. - Mas eu não queria ver o meu trabalho destruído.

Grayle acenou com simpatia.

- Eu posso compreender.

Shervane percorreu com os olhos a longa carreira de degraus onde ninguém caminharia outra vez. Não sentia arrependimento. Havia se esforçado e ninguém poderia ter feito mais. A vitória possível fora sua.

Lentamente, ergueu a mão, dando o sinal. A Muralha engoliu a explosão como havia absorvido todos os outros sons, mas a lenta graciosidade com que as longas

camadas de alvenaria se curvaram e caíram era algo de que se lembraria durante toda a vida.

E por um momento ele teve a súbita e tocante visão de uma outra escadaria, observada por outro *Shervane*, tombando em idênticas ruínas do outro lado da Muralha.

Mas isso, percebeu, era um pensamento tolo: ninguém sabia melhor do que ele que a Muralha não possuía um outro lado.

O Leão de Comarre

The Lion of Comarre, 1968. Thrilling Wonder Stories, August 1949.

Escrevi “O Leão de Comarre” em junho de 1945. Foi aceito rapidamente (e pago) por meu primeiro editor britânico, Walter Gillings; por desgracia não tive oportunidade utilizá-lo. Três anos mais tarde, meu novo agente, Scott Meredith, vendeu-o à Thrilling Wonder Stories, que o publicou em agosto de 1949. Então eu o perdi de vista até que foi publicado em 1968 com “O Cair da Noite”, por Harcourt Brace. Foi uma combinação adequada, porque os dois contos têm muito em comum: em ambos os casos, o protagonista é um jovem rechaçado por um meio demasiadamente utópico e que vai em busca de novidades e aventuras.

Lembrem-se que este conto foi escrito antes do explosivo alvorecer da era do computador; ao relê-lo, achei graça ao ver que eu havia situado a primeira máquina pensante no século XXVI. Claro, em 1945 ainda não me havia ocorrido imaginar que somente quarenta anos mais tarde haveriam empresas que venderiam artigos rotulados, talvez prematuramente, como «inteligência artificial».

Não tenho a menor dúvida de que o verdadeiro artigo estará no mercado no curso do próximo século. Enquanto isso, há uma grande oferta de estupidez artificial a preços razoáveis...

Me alegrou também, descobrir que no velho livreto onde registrei meus escritos de aprendiz, há, depois de O Leão de Comarre, um ensaio propondo o emprego de satélites geo-estacionários para a teledifusão mundial.

Que terá acontecido com aquela louca ideia?

1. Rebelião

No final do século XXIV, havia começado a refluir, por fim, a grande maré da ciência. Estava chegando ao seu fim a longa série de inventos que haviam dado forma e moldado o mundo durante quase mil anos. Tudo havia sido descoberto. Os grandes sonhos do passado haviam sido convertido em realidade.

A civilização estava completamente mecanizada, embora a maquinaria quase houvesse desaparecido. Ocultas nos muros das cidades, ou enterradas, as máquinas perfeitas levavam a carga do mundo. Em silêncio, discretamente, os robôs satisfaziam as necessidades dos seus donos, trabalhando com tanta eficácia que sua presença parecia tão natural como a aurora. Ainda havia muito o que aprender no reino da ciência pura e os astrônomos, agora que já não estavam ligados à Terra, tinham trabalho para os próximos mil anos. Mas as ciências físicas e as artes alimentadas por elas haviam deixado de ser a principal preocupação da raça. No ano 2600 as mentes

mais privilegiadas já não seriam encontradas nos laboratórios.

Os homens que todo mundo considerava mais importantes eram os artistas, os filósofos, os legisladores e os estadistas. Os engenheiros e os grandes inventores pertenciam ao passado. Os homens de antanho haviam curado as enfermidades, desaparecidas há muito tempo. Havia feito tão bem o seu trabalho que já não eram necessários.

Teriam que se passar quinhentos anos, antes que o pêndulo oscilasse novamente para trás.

A vista no estúdio era assombrosa, porque a longa e curvada habitação estava a mais de três quilômetros da base da Torre Central. Os outros cinco gigantescos edifícios da cidade se apinhavam abaixo, com suas paredes metálicas resplandecendo com todas as cores do espectro, ao receber os raios do sol da manhã. A um nível mais abaixo, os campos axadrezados das explorações agrícolas automáticas se estendiam até se perderem de vista na névoa do horizonte.

Mas desta vez Richard Peyton II não reparava na beleza do cenário, enquanto passeava irritado entre os grandes blocos de mármore sintético que eram a matéria-prima da sua arte. As grandes massas de pedra artificial e de várias cores dominavam completamente o estúdio. A maioria eram cubos toscamente talhados, mas alguns adquiriam formas de animais, seres humanos e corpos abstratos, aos quais nenhum geômetra se havia atrevido a nomear.

Incomodamente sentado sobre um bloco de dez toneladas de diamante, (o maior que se havia sintetizado) o filho do artista observava seu famoso pai com uma expressão hostil.

- Não me importaria tanto – observou mal humorado Richard Peyton II – se te contentasses em não fazer nada, contanto que o fizesses com graça. Algumas pessoas se destacam nisso e, em geral, fazem com que o mundo seja mais interessante. Mas que queiras estudar engenharia por toda a vida é algo que não posso imaginar.

«Sim, eu sei que te deixamos estudar tecnologia como opção inicial, mas nunca pensamos que levasses tão a sério. Quando eu tinha a tua idade, era apaixonado pela botânica, mas nunca a converti no principal interesse da minha vida. O professor Chandras Ling está pondo ideias na tua cabeça?

Richard Peyton III ficou vermelho.

- E porque ele haveria de fazê-lo? Eu sei qual é minha vocação e ele está de acordo comigo. Já leu seu relatório?

O artista agitou várias folhas de papel no ar, segurando-as entre o indicador e o polegar como um inseto repugnante.

- Eu li – disse friamente. - “Mostra uma extraordinária habilidade mecânica. Fez um trabalho original em investigação sub-eletrônica”, etcétera, etcétera. Eu acreditava que faziam séculos que a raça humana havia superado esses brinquedos. Queres ser um grande mecânico e andar por aí consertando robôs avariados? Isto não é trabalho para um filho meu, para não dizer o neto de um Conselheiro Mundial.

- Gostaria que não metesse meu avô nisso. - replicou Richard Peyton III, com crescente irritação – O fato dele ter sido um homem de Estado não impediu que você fosse artista. Então, porque haveria de esperar que eu fosse uma das duas coisas?

A imensa barba dourada do pai começou a eriçar-se ameaçadoramente.

- Não me importa o que faças, contudo que seja algo de que possamos nos orgulhar. Mas, por que esta loucura por bugigangas? Temos todas as máquinas que necessitamos. O robô foi aperfeiçoado há quinhentos anos, as naves espaciais não mu-

daram mais, pelo menos nestes cinco séculos; creio que nosso atual sistema de comunicações tem quase oitocentos anos de idade. Então, por que mudar o que já é perfeito?

- Isto é uma alegação inadmissível! - replicou o jovem – Um artista dizendo que alguma coisa já é perfeita! Me envergonho de ti, pai!

- Não mudes de assunto. Sabes perfeitamente o que estou querendo dizer. Nossos antepassados desenharam as máquinas que nos dão tudo que necessitamos. Algumas delas poderiam ser um pouco mais eficientes, não há dúvida. Mas por que nos preocuparmos? Podes mencionar uma só invenção importante de que o mundo precise hoje?

- Escuta, pai. - disse pacientemente Richard Peyton III – Estudei tanto história como engenharia. Doze séculos atrás havia gente que afirmava que tudo já havia sido inventado... e isto antes do advento da eletricidade, para não falar na astronáutica. Era que eles não olhavam para a frente; suas mentes estavam presas ao presente.

«Hoje acontece o mesmo. Durante quinhentos anos o mundo tem vivido graças aos cérebros do passado. Estou disposto a reconhecer que algumas vias de desenvolvimento chegaram ao seu fim, mas há dúzias que ainda nem começaram.

«Tecnicamente, o mundo está estancado. A nossa época não é uma idade obscura, porque não esquecemos de nada. Mas não avançamos. Olhe para as viagens espaciais. Faz novecentos anos que chegamos a Plutão. E onde estamos agora? Em Plutão, ainda! Quando vamos começar a cruzar o espaço interestelar?

- E quem quer ir para as estrelas?

O rapaz lançou uma exclamação de irritação e saltou do bloco de diamante.

- Mas que pergunta, nesta era! Há mil anos as pessoas diziam: «Quem quer ir para a lua?» Sim, já sei que é incrível, mas é assim que mostram os antigos livros. Hoje a Lua está a somente quarenta e cinco minutos daqui e pessoas, como Harn Jansen, trabalham na Terra e vivem em Plato City.

«A viagem interplanetária é somente um dado. Um dia se dirá o mesmo da verdadeira viagem espacial. Poderia mencionar dúzias de questões que estão estancadas simplesmente porque o pessoal pensa igual e se contenta com o que tem.

- E por que não?

Peyton agitou um braço, examinando o estúdio.

- Não brinque, pai. Alguma vez já se sentiu satisfeito pelo que fez? Só os animais estão contentes.

O artista caiu na risada.

- Talvez tenha razão. Mas isto não invalida meu argumento. Acredito que usará a vida de um modo errado assim. E teu avô também acha isso. - pareceu um pouco confuso – Na realidade, ele vai descer para a terra sobretudo para te ver.

Peyton pareceu ficar alarmado.

- Escuta, pai, já te disse o que penso. Não quero ter que repeti-lo. Porque nem meu avô nem todo o Conselho Mundial me fará mudar de ideia.

Era uma declaração jactanciosa e Peyton se perguntou se falava realmente a sério. Seu pai ia replicar quando uma grave nota musical vibrou no estúdio. Um segundo mais tarde, uma voz mecânica informou no ar:

- Seu pai vem vê-lo, Senhor Peyton.

Este olhou para seu filho com ar triunfal.

- Talvez devesse ter acrescentado – disse – que teu avô vinha agora. Mas conheço teu costume de desaparecer quando precisam de ti.

O rapaz não respondeu. Observou que seu pai se dirigia à porta. Então um sorriso

se desenhou em seus lábios.

A vidraça do estúdio estava aberta e o jovem saiu para o balcão. Três quilômetros abaixo, a grande pista de concreto resplandecia branca sob o sol, exceto onde estava salpicada pelas sombras diminutas de naves estacionadas. Peyton olhou para trás, na sala. Estava vazia, ainda podia ouvir a voz do seu pai através da porta. Não esperou mais. Colocou uma mão sobre a varanda e soltou para o espaço.

Trinta segundos mais tarde entraram dois personagens no estúdio e olharam surpresos ao seu redor. Richard Peyton, sem número de ordem, era um homem que aparentava sessenta anos, mas esta idade era somente um terço da que na realidade tinha. Vestia o traje púrpura que somente vinte homens na Terra usavam e menos de cem em todo sistema solar. Parecia irradiar autoridade. Em comparação com ele, mesmo seu famoso filho, seguro de si, parecia inquieto e superficial.

- Bom, onde ele está?

- Maldito seja! Fugiu pelo balcão. Ao menos ainda podemos dizer-lhe o que pensamos dele.

Richard Peyton II levantou uma mão e marcou um número de oito cifas em seu comunicador pessoal. A resposta chegou quase no mesmo instante. Uma voz clara, automática, em tom impessoal, repetiu:

- Meu senhor está dormindo. Por favor, não o perturbem. Meu senhor está dormindo. Por favor, não o perturbem...

Richard Peyton II lançou uma maldição, desligou o aparelho e se voltou para seu pai.

- Bem, pense depressa. - disse o velho, com um sorriso – Ele nos venceu. Não podemos agarrá-lo: até que lhe dê vontade de apertar o botão de comunicação. Na minha idade não pretendo segui-lo, claro.

Fez-se silêncio enquanto os dois homens se olhavam com expressões distintas. Depois, quase simultaneamente, puseram-se a rir.

2. A Lenda de Comarre

Peyton caiu como uma pedra durante três quilômetros e meio antes de ligar o neutralizador. Embora dificultasse a respiração, a corrente de ar era estimulante. Caía a menos de duzentos e cinquenta quilômetros por hora, mas a impressão de velocidade crescia pela suave subida do grande edifício a somente uns metros de distância.

O delicado cinto do campo desacelerador o deteve a uns trezentos metros do solo. Caiu suavemente até as linhas dos aparelhos voadores estacionados ao pé da torre. A sua era uma pequena máquina automática de um só assento. Quer dizer, havia sido totalmente automática quando a haviam construído três séculos atrás, mas seu dono atual havia feito tantas modificações ilegais que ninguém mais no mundo teria podido voar nela e sobreviver para contar.

Peyton desconectou o cinturão neutralizador (um aparelho interessante, tecnicamente antiquado, mas que ainda oferecia interessantes possibilidades), e entrou na cabine da sua máquina. Dois minutos mais tarde, as torres da cidade afundavam sob a borda do mundo e as Terras Selvagens corriam abaixo dele a seis mil quilômetros por hora.

Peyton marcou o rumo oeste e quase no mesmo instante achava-se sobre o oceano. Nada poderia fazer, exceto esperar. A nave chegaria automaticamente ao seu destino. Encolheu-se no assento do piloto, ruminando amargas ideias e compadecendo-se de si mesmo.

Achava-se transtornado pelo que estava disposto a confessar. Fazia anos que havia deixado de se preocupar que sua família não compartilhasse seus interesses técnicos, mas a contínua e crescente oposição, que agora havia chegado ao máximo, era algo completamente novo. Não podia compreender.

Dez minutos mais tarde, uma torre branca e solitária elevou-se do oceano, como Excalibur surgindo do lago. A cidade, conhecida no mundo como Scientia e como Campanário do Morcego entre seus mais cínicos habitantes, havia sido construída na ilha oito séculos atrás, longe das grandes extensões de terra. Foi um gesto de independência, pois as últimas manifestações de nacionalismos ainda persistiam naquela época distante.

Peyton desceu sobre a pista de aterrissagem e caminhou para a entrada mais próxima. Nunca deixava de impressioná-lo o rugido das grandes ondas quebrando nas rochas, a cem metros de distância. Deteve-se um momento na entrada, inalando o ar salgado e observando as gaivotas e as aves migratórias que voavam em círculo ao redor da torre. Vinham utilizado este pedacinho de terra como lugar de descanso, desde o tempo em que o homem observava a aurora com olhos perplexos e perguntando-se se era um deus.

O Departamento de Genética ocupava cem andares perto do centro da torre. Peyton havia demorado dez minutos para chegar à Cidade da Ciência. Demorou quase outro tanto para localizar o homem a quem procurava, nos quilômetros cúbicos de escritórios e laboratórios.

Alan Henson II ainda era amigo íntimo de Peyton, tinha deixado a Universidade da Antártida dois anos antes dele e passara a estudar biogenética ao invés de engenharia. Quando Peyton se achava em algum apuro, coisa que acontecia com frequência, a calma e o senso comum do seu amigo eram muito tranquilizadores. Era natural que houvesse voltado agora a Scientia, sobretudo, tendo em vista que Henson o havia chamado com urgência no dia anterior.

O biólogo sentiu prazer e alívio ao ver Peyton, mas suas palavras de boas vindas dissimulavam seu nervosismo.

- Me alegro que tenhas vindo. Tenho algumas notícias que te interessarão. Mas, pareces preocupado, que se passa?

Peyton lhe contou, não sem exagerar um pouco.

Henson guardou uns momentos de silêncio.

- Então já começaram...! - exclamou - Era de se esperar.

- Que queres dizer? - perguntou Peyton, surpreso.

O biólogo abriu uma caixa e tirou um envelope. Extraiu duas folhas de plástico nas quais estavam cortados vários sulcos paralelos de vários comprimentos e estendeu ao seu amigo.

- Sabes o que é isto?

- Parece uma análise de personalidade.

- Exatamente. É o teu

- Isto é muito ilegal, não é?

- Dá no mesmo. A chave está impressa ao longo do pé da folha: vai desde Apreciação Estética até Ingênuo. A última coluna dá teu Quociente Intelectual. Não deixes que te suba à cabeça.

Peyton estudou atentamente a folha. Em uma ocasião ruborizou-se ligeiramente.

- Não vejo como pudeste averiguar.
 - Não te preocupes – Henson piscou – Agora olha esta análise.
- Estendeu-lhe uma segunda folha.
- Mas, é igual...!
 - Não totalmente, mas quase.
 - A quem pertence?
- Henson sentou em sua cadeira e mediu cuidadosamente suas palavras.
- Esta análise, Dick, corresponde a um antepassado teu, por linha direta masculina, de vinte e duas gerações atrás: o grande Rolf Thordarsen.
- Peyton disparou como um foguete.
- O que?!?
 - Não grites. Se alguém entrar, estaremos falando dos nossos velhos tempos na universidade.
 - Mas... Thordarsen!
 - Bem, se remontarmos o passado o suficiente, todos temos antepassados ilustres.
- Mas agora já sabes porque teu avô tem medo de ti.
- Ele deixou para mais tarde. Já terminei minha formação, praticamente.
 - Podemos dar graças por isto. Normalmente, nossas análises remontam a dez gerações, ou a vinte, em casos especiais. É um trabalho tremendo. Há centenas de milhões de fichas na biblioteca da Herança, uma para cada homem e mulher que viveu desde o século XXIII. Esta coincidência foi descoberta acidentalmente, faz coisa de um mês.
 - Foi quando o tumulto começou. Mas ainda não compreendo a que vem tudo isto.
 - Dick, que sabes exatamente do teu famoso antepassado?
 - Suponho que não muito mais que qualquer um. Não sei como nem porque desapareceu, se é isto o que queres me perguntar. Ele não abandonou a Terra?
 - Não. Deixou o mundo, se queres chamar assim, mas não a Terra. Muito poucas pessoas sabem, Dick, mas Rolf Thordarsen foi o homem que construiu *Comarre*.
 - Comarre! - Peyton pronunciou a palavra com os lábios entreabertos, saboreando seu significado e sua surpresa. Afinal existia mesmo. Até isto havia era negado por alguns.
 - Suponho que não sabes muito sobre os Decadentes. - prosseguiu Henson – Os livros de Histórias foram editados com muito cuidado. Mas toda a questão está relacionada com o final da Segunda Era Eletrônica...

A lua artificial que albergava o Conselho Mundial, girava em sua eterna órbita, a trinta mil milhas acima da superfície da Terra. O teto da Câmara do Conselho era uma folha imaculada de *crystalita*. Quando os membros do Conselho celebravam uma reunião, parecia como se não houvesse nada entre eles e a grande esfera que girava abaixo, ao longe.

O simbolismo era profundo. Nenhum mesquinho ponto de vista provinciano poderia sobreviver em semelhante ambiente. Sem dúvida, as mentes dos homens produziam ali suas maiores obras.

Richard Peyton, o velho, havia passado toda sua vida dirigindo os destinos da Terra. Durante quinhentos anos, a raça humana havia estado em paz e não havia precisado de nada do que poderiam proporcionar a arte ou a ciência. Os homens que governavam o planeta podiam ficar orgulhosos do seu trabalho.

Mas o velho estadista estava inquieto. Talvez, mudanças que se avizinhavam já estivessem projetando sombras diante deles. Talvez sentisse, embora fosse no sub-

consciente, que os cinco séculos de tranquilidade estavam chegando ao seu fim.
Pôs em funcionamento sua máquina de escrever e começou a ditar.

Peyton sabia que a Primeira Era Eletrônica havia começado em 1908, há mais de onze séculos, quando De Forest inventou o tríodo*. O mesmo fabuloso século havia visto a chegada do Estado Mundial, o avião, a nave espacial e a energia atômica, e havia testemunhado também a invenção de todos aparelhos termo-iônicos que fizeram possível a civilização que conhecia.

**O Tríodo foi inventado no início do século, e seria o Tetravô dos modernos chips. Era uma válvula (corpo de vidro ou de metal) com 3 terminais. Servia para amplificar (muito modestamente) um sinal qualquer. Seu aperfeiçoamento gerou os pêntodos, com 5 terminais (já amplificava melhor) e posteriormente os transistores de selênio (e depois de silício)*

A Segunda Era Eletrônica havia começado quinhentos anos mais tarde. Ela havia sido posta nas mãos dos Físicos, além dos médicos e psicólogos. Durante quase cinco séculos vinham estudando as correntes elétricas que fluem no cérebro durante os processos de pensamento. A análise havia sido terrivelmente complicada, mas foi levada a termo graças ao esforço de muitas gerações. Deste modo ficou aberto o caminho para as primeiras máquinas capazes de ler a mente humana.

Mas isto era só o princípio. Quando o homem descobriu o mecanismo do seu próprio cérebro, pôde chegar ainda mais longe. Pôde reproduzi-lo, utilizado transistores e redes de circuitos, ao invés de células vivas.

No final do século XXV foram construídas as primeiras máquinas pensantes. Eram muito toscas; necessitavam de cem metros quadrados de equipamento para fazer o trabalho de um centímetro cúbico de cérebro humano. Mas, após dado o primeiro passo, não tardou muito para aperfeiçoar o cérebro mecânico e fazê-lo para uso geral. Só podia realizar o trabalho intelectual de níveis inferiores e carecia das características propriamente humanas, como a iniciativa, a intuição e as diferentes emoções. Mas em circunstâncias que tinham poucas variações e quando suas limitações não eram graves, podia fazer o mesmo que o homem.

A aparição dos cérebros de metal havia provocado uma das grandes crises da civilização humana. Os homens ainda tinham que desempenhar as mais altas funções de governo e de controle da sociedade, toda a grande rotina da administração havia sido assumida pelos robôs. O homem havia conseguido, afinal, a liberdade. Já não tinha que gastar o cérebro projetando complicados planos de transporte, decidindo programas de produções e equilibrando orçamentos. As máquinas, que haviam assumido todo o trabalho manual séculos atrás, haviam prestado sua grande contribuição à sociedade.

O efeito sobre os assuntos humanos foi imenso e os homens reagiram de duas formas ante a nova situação: Uns empregavam sua recém conquistada liberdade perseguindo nobremente o que sempre havia atraído as mentes mais elevadas: a busca da beleza e da verdade, ainda tão esquivas como quando se construiu Acrópolis. Mas haviam outros que pensavam de modo diferente: «Afinal acabou-se para sempre a maldição de Adão. - diziam – Agora podemos construir cidades onde as máquinas suprirão todas nossas necessidades assim que pensarmos nelas... ou mesmo antes, porque os analisadores podem ler mesmo os desejos ocultos no subconsciente. O objetivo do qualquer ser humano é o prazer e a busca da felicidade. O homem tem

direito a isto, porque o conquistou. Estamos fartos desta luta interminável pelo conhecimento e o cego desejo de cruzar o espaço para chegar às estrelas.»

Era o antigo sonho dos Comedores de Lotus, um sonho tão antigo como o homem. Agora, pela primeira vez, podia ser realizado. Durante um tempo, não foram muitos os que o compartilharam. O fogo do Segundo Renascimento ainda não havia começado a extinguir-se. Mas, com o passar dos anos, os *Decadentes* foram conseguindo cada vez mais adeptos para seu modo de pensar. Em lugares escondidos dos planetas interiores, construíram as cidades dos seus sonhos.

Durante um século, floresceram como flores exóticas, até que se extinguiu o fervor quase religioso que havia inspirado seus construtores. Depois desapareceram, uma a uma, do conhecimento humano. Ao morrer, haviam deixado grandes quantidades de fábulas e lendas que haviam sido aumentados com o passar dos séculos.

Só uma daquelas cidades havia sido construída na Terra, e estava envolta em um mistério que o mundo exterior nunca havia resolvido. Por motivos que só ele sabia, o Conselho Mundial havia destruído todo o conhecimento que se tinha do lugar. Sua situação era um mistério. Alguns diziam que estava nas zonas inóspitas do Ártico. Nada se sabia ao certo, exceto seu nome: Comarre.

Henson fez uma pausa em seu relato.

- Até agora não te expliquei nada de novo, nada que não seja do conhecimento comum. O resto da história é um segredo do Conselho Mundial e, talvez, de uma centena de homens de Scientia.

«Como já sabes, Rolf Thordarsen foi o maior gênio mecânico que o mundo já conheceu. Nem mesmo Edson pode comparar-se a ele. Lançou a base dos conhecimentos da engenharia robótica e construiu a primeira máquina pensante.

«Durante vinte anos, seus laboratórios produziram uma série contínua de brilhantes inventos. E então ele desapareceu de repente. Diziam que estava tentando chegar às estrelas. Mas, na realidade, o que aconteceu foi o seguinte:

«Thordarsen acreditava que seus robôs, as máquinas que ainda governavam nossa civilização, eram somente o começo. Dirigiu-se ao Conselho Mundial com certos projetos que teriam mudado a face da sociedade humana. Não sabemos quais eram essas mudanças, mas Thordarsen acreditava que, a menos que fossem adotados, a raça chegaria a um beco sem saída, como muitos de nós achamos que já aconteceu.

«O Conselho rechaçou violentamente seus projetos. Naquela época, o robô apenas havia começado a integrar-se na civilização e a estabilidade estava se restabelecendo lentamente, uma estabilidade que vem se mantendo durante quinhentos anos.

«Thordarsen ficou amargamente decepcionado. Com a habilidade que tinham para atrair os gênios, os Decadentes puseram-se em contato com ele e o convenceram a renunciar ao mundo. Ele era o homem que poderia converter seus sonhos em realidade.

- E ele o fez?

- Ninguém sabe. Mas Comarre foi construída, isto é certo. Nós sabemos onde está e o Conselho Mundial também o sabe. Há coisas que podem ser mantidas em segredo.

Claro, pensou Peyton, mesmo agora desapareciam pessoas e os rumores era que haviam ido em busca da cidade dos seus sonhos. A frase «Comarre existe» havia se integrado a tal ponto à linguagem corrente, que quase se havia esquecido seu significado.

Henson inclinou-se para a frente e falou com um tom cada vez mais sério.

- Esta é a parte mais estranha. O Conselho Mundial poderia destruir Comarre, mas não quis fazê-lo. A crença na existência de Comarre tem sido, sem dúvida, influência

estabilizadora da sociedade. Apesar de todos nossos esforços, ainda existem psicopatas. Não é difícil fazer-lhes insinuações, sob hipnose, sobre Comarre. Pode ser que nunca a encontrem, mas a busca os tornará inofensivos.

«No início, pouco depois da fundação da cidade, o Conselho enviou agentes a Comarre. Nenhum deles jamais regressou. E não houve jogo sujo; eles simplesmente preferiram ficar ali. Isto se sabe com segurança, porque eles enviaram mensagens. Suponho que os Decadentes se deram conta de que o Conselho destruiria a cidade se retivessem seus agentes.

«Vi algumas dessas mensagens. São extraordinárias. Só existe uma qualificação para elas: exaltadas. Sim, Dick, havia algo em Comarre que podia fazer com que um homem esquecesse o mundo exterior, seus amigos, sua família, tudo! Pense no que isto significa.

«Mais tarde, o Conselho fez outra tentativa, quando achava que nenhum dos Decadentes poderia ainda estar vivo. E voltou a tentar há cinquenta anos. Mas até hoje ninguém nunca voltou de Comarre.

Enquanto Richard Peyton falava, o robô analisava suas palavras em grupos fonéticos, inseria a pontuação e enviava automaticamente o texto para os arquivos eletrônicos.

«Cópia para o Presidente e para meu arquivo pessoal.

«Sua nota do dia 22 e nossa conversa desta manhã.

«Vi meu filho, mas R. P. III esquivou-se de mim. Está completamente decidido e seria prejudicial se tentássemos coagi-lo. Enquanto não descobrir que R. T. foi seu antepassado, não haverá perigo. Apesar da similaridade de caracteres, não é provável que tente repetir a obra de R. T.

«Devemos assegurar-nos, antes de tudo, de que nunca localize nem visite Comarre. Se isto acontecesse, ninguém poderia prever as consequências.»

Henson fez uma pausa na sua narrativa, mas seu amigo continuou em silêncio. Estava assombrado demais para interrompê-lo.

- Isto nos trás ao presente a a ti. - prosseguiu Henson – Dick, faz um mês que o Conselho Mundial descobriu tua linhagem. Lamentamos ter dito isto, mas agora é demasiado tarde. Geneticamente, és uma reencarnação de Thordarsen, mas só no sentido científico da palavra. Aconteceu agora uma das mais remotas probabilidades da Natureza, como acontece, a intervalos de muitos séculos, em uma ou outra família.

«Dick, tu poderias continuar o trabalho que Thordarsen se viu obrigado a abandonar, qualquer que fosse ele. Talvez tenha se perdido para sempre, mas se ainda existe algum rastro, está em Comarre. O Conselho Mundial sabe disto. Por isto tenta afastar-te do teu destino.

«Não se amargure por isto. No Conselho há algumas das mentes mais nobres que a raça humana produziu até agora. Não te querem mal nem nunca te farão dano algum, mas estão ansiosos em preservar a estrutura atual da sociedade, que consideram a melhor.

Peyton pôs-se lentamente de pé. Por instante lhe pareceu como se fosse um observador neutro que estudasse, de fora, uma personalidade chamada Richard Peyton III, já que não era um homem e sim um símbolo, uma das chaves do futuro do mundo. Teve que fazer um grande esforço mental pra reidentificar-se.

Seu amigo o estava observando em silêncio.

- Há algo mais que não me disseste, Alan: Como sabes de tudo isto?

- Estava esperando que me perguntasses. - disse Henson com um sorriso – Eu não sou mais que um porta-voz. Me escolheram porque te conheço. Não posso dizer-te quem são os outros, mas entre eles se encontram vários cientistas a quem admiras.

«Sempre existiu uma rivalidade amistosa entre o Conselho e os cientistas que o servem. Mas nos últimos anos nossos pontos de vistas se separaram demais. Muitos de nós acreditamos que nossa era, que o Conselho acha que durará eternamente, é somente um interregno. Consideramos que um período muito longo de estabilidade poderia levar-nos à decadência. Os psicólogos do Conselho confiam em que podem evitar isto.

Os olhos de Peyton brilharam.

- Era isto o que eu estava dizendo! Posso juntar-me a vocês?

- Mais tarde. Primeiro tem que fazer uma tarefa. Olha, nós somos uma espécie de revolucionários. Vamos provocar umas reações sociais. Quando terminarmos, o perigo da decadência social estará afastado por milhares de anos. Tu, Dick, és um dos nossos catalizadores, embora não sejas o único. Claro, - fez uma pausa – ainda que não consigamos nada em Comarre, temos outra carta na manga. Acreditamos que aperfeiçoaremos o voo interestelar dentro de cinquenta anos.

- Finalmente! - exclamou Peyton – E o que eu farei então?

- Apresentaremos os planos ao Conselho e diremos: «Olhem, agora já podeis ir às estrelas. Não é verdade que somos uns bons rapazes?» E o Conselho não terá mais alternativa além de sorrir e começar a desarraigar a civilização. Uma vez conseguida a viagem interestelar, teremos novamente uma sociedade em expansão, e o estancamento será adiado indefinidamente.

- Espero viver para vê-lo. - disse Peyton – E agora, que querem que eu faça?

- Queremos que vás a Comarre, para descobrir o que existe ali. Embora outros tenham fracassado, acreditamos que tu podes triunfar. Já temos tudo planejado.

- E onde está Comarre?

- Na realidade é muito simples. - disse Henson com um sorriso – Só pode estar em um lugar: o único lugar onde as aeronaves não podem ir, onde não vive ninguém, onde todas as viagens são feitas a pé. Na *Grande Reserva*.

O velho desconectou a máquina de escrever. Acima, (ou abaixo, dava no mesmo) a grande meia-lua da Terra eclipsava as estrelas. Em sua eterna circunavegação, a pequena lua havia alcançado a linha divisória entre a luz e a sombra e estava sumindo na noite. A terra cintilante estava lá embaixo, crivada de luzes das cidades.

Esta visão encheu o velho de tristeza. Pensava em sua própria vida que estava chegando ao fim e podia prever o final de uma cultura que ele havia tentado proteger. Afinal de contas, talvez os jovens cientistas tivessem razão. O longo descanso estava terminando e o mundo se movia para novos objetivos que ele nunca veria.

3. O Leão de Comarre

Era noite, quando a nave de Peyton, que voava para Oeste, chegou sobre o oceano Índico. Só se podia ver a linha branca das ondas que batiam contra a costa africana, mas a tela de navegação mostrava todos os detalhes da terra lá embaixo. A noite

agora não oferecia proteção nem salvaguarda, claro, mas significava que nenhum olho humano podia vê-lo. Quanto às máquinas que deveriam estar observando, bem, outros haviam se encarregado delas. Ao que parecia, eram muitos os que pensavam como Henson.

O plano havia sido habilmente concebido. Os detalhes haviam sido elaborados cuidadosamente por pessoas que sem dúvida haviam desfrutado disto. Peyton tinha que aterrissar na extremidade do bosque, o mais próximo possível da barreira de energia. Nem sequer seus desconhecidos amigos poderiam desconectar a barreira sem provocar suspeitas. Afortunadamente, só havia uns trinta quilômetros de terreno bastante descampado até Comarre. Teria que terminar a viagem a pé.

Produziu-se um forte estalido de galhos quando a pequena nave aterrissou no bosque invisível e descansou sobre sua quilha plana. Peyton apagou as débeis luzes da cabine e olhou pela escotilha. Não viu nada. Fez como lhe haviam dito e não abriu a porta. Acomodou-se o melhor possível para esperar a aurora.

Despertou quando a brilhante luz do sol batia em cheio nos seus olhos. Pôs rapidamente o equipamento que lhe haviam dado seus amigos, abriu a porta da cabine e entrou no bosque.

O local da aterrissagem havia sido cuidadosamente escolhido e não era difícil chegar ao campo aberto, a poucos metros dali. Diante dele havia pequenos montes cobertos de erva e pontilhadas de pequenas árvores. A temperatura era suave, ainda era verão e o equador não estava longe. Isto se devia a séculos de controle do clima e aos grandes lagos artificiais que haviam inundado os desertos. Pela primeira vez em sua vida, Peyton experimentava a Natureza, como havia sido antes da existência

Mas, o que parecia mais estranho não era o panorama silvestre. Peyton nunca havia conhecido o silêncio. Sempre tinha estado ouvindo os rumores das máquinas o o distante silvo das rápidas aeronaves de passageiros nas imponentes alturas da atmosfera. Aqui não havia nenhum desses ruídos, porque as máquinas não podiam cruzar a barreira de energia que rodeava a Reserva. Só havia o ruído do vento na erva e os sons quase inaudíveis dos insetos. Peyton achou aquele silêncio enervante e fez o que teria feito a imensa maioria dos homens da sua época: apertou o botão do seu rádio pessoal que tocava música de fundo.

Assim foi caminhando, quilômetro após quilômetro, pelas terras ondulantes da Grande Reserva, a zona mais extensa de território natural que se conservava na superfície do globo. Era fácil caminhar, porque os neutralizadores incorporados ao seu equipamento quase que anulavam o peso deste. Levava consigo o discreto ambiente musical que havia acompanhado as vidas dos homens desde o descobrimento do rádio. Embora só tivesse que girar um disco para por-se em contato com qualquer habitante do planeta, preferia imaginar que estava sozinho no coração da Natureza e, por um instante, sentiu todas as emoções que devem ter experimentado Stanley ou Livingstone quando entraram pela primeira vez nesta mesma terra a mais de mil anos atrás.

Por sorte, Peyton era um bom andarilho e, ao meio-dia havia coberto a metade da distância do seu objetivo. Deteve-se para almoçar em um pequeno bosque de coníferas marcianas importadas, que teriam desconcertado e consternado um explorador dos velhos tempos. Em sua ignorância, Peyton as tinha como autênticas.

Havia esvaziado várias latas de conserva, quando sentiu que algo se movia rapidamente na planície, na direção de onde ele tinha vindo. Estava muito longe para saber o que era, mas quando aquilo aproximou-se mais, levantou-se para observar melhor. Até então não havia visto animais (embora muitos animais tivessem visto) e olhou o recém chegado com interesse.

Peyton nunca havia visto um leão, mas não demorou muito em reconhecer o magnífico animal que se aproximava dando saltos. Há que ser dito, a seu favor, que só olhou uma vez para a árvore que tinha atrás. Manteve-se firmemente em seu lugar. Sabia que no mundo já não haviam animais realmente perigosos. A Reserva era algo entre um vasto laboratório biológico e um parque nacional, visitada todos os anos por milhares de pessoas. Se dava por certo que, se os animais fossem deixados em paz, estes corresponderiam da mesma forma. Em geral, o convênio dava bons resultados.

O animal queria fazer amizade. Trotou na direção de Peyton e começou a roçar-se contra ele e, quando levantou novamente a vista, pareceu prestar muita atenção às latas vazias de comida. Finalmente, voltou-se para Peyton com uma expressão irresistível. Peyton caiu na risada, abriu outra lata e pôs cuidadosamente seu conteúdo sobre uma pedra plana. O leão aceitou o tributo encantado e, enquanto ele comia, Peyton consultou o índice do guia oficial que os seus desconhecidos patrocinadores lhe haviam entregue.

Havia várias páginas sobre os leões, com fotografias, para os visitantes extraterrestres. A informação era tranquilizadora: mil anos de reprodução científica haviam melhorado consideravelmente o rei das selvas. Só haviam sido comidas uma dúzia de pessoas no último século. Em dez casos, investigações posteriores haviam exonerado os leões de toda culpa e, para os outros dois casos, não foi possível chegar a uma conclusão.

Mas o livro não dizia nada sobre a melhor forma de se livrar de leões inoportunos. Tampouco dizia que normalmente eram tão amistosos como este exemplar.

Peyton não era muito bom observador. Passou-se um bom tempo antes que notasse a fina cinta de metal ao redor da pata dianteira do leão. Tinha uma série de números e letras e o selo oficial da Reserva. Não era portanto um animal selvagem. Talvez houvesse passado toda sua juventude entre os homens. Provavelmente, era um dos famosos super-leões que os biólogos haviam criado e que depois haviam posto em liberdade para melhorar a raça. Alguns eram quase tão inteligentes como os cães, segundo o que Peyton havia lido. Logo descobriu que o leão podia compreender muitas palavras simples, sobretudo se se referiam a comida. Mesmo para esta era, tratava-se de um animal esplêndido, um palmo mais alto que seus fracos antepassados de dez séculos atrás.

Quando Peyton recomeçou a viagem, o leão trotou ao seu lado. Não acreditava que sua amizade valesse mais que meio quilo de carne sintética de boi, mas era agradável ter alguém com quem falar, alguém que, ademais, não tentaria contradizê-lo. Depois de pensar bem, decidiu que «Leo» seria um nome adequado para seu novo amigo.

Peyton havia caminhado umas centenas de metros quando se produziu repentinamente um estalido cegante no ar, diante dele. Logo em seguida se deu conta do que era, sobressaltou-se e se deteve, piscando. Leo havia fugido precipitadamente e não se via em parte alguma. Peyton pensou que ele não seria de grande ajuda em caso de emergência. Mais tarde teria que retificar esta opinião.

Quando seus olhos haviam se recobrado da impressão, viu um cartaz multicolor com letras de fogo e pendendo imóvel no ar. Dizia:

AVISO!
VOCÊS ESTÁ SE APROXIMANDO
DE TERRITÓRIO PROIBIDO.

*VOLTE!
É UMA ORDEM DO
CONSELHO MUNDIAL*

Durante um momento, Peyton contemplou pensativo o aviso. Depois olhou ao redor procurando o projetor. Estava em uma caixa de metal, não muito escondida, a um lado da estrada. Abriu-a rapidamente, com as chaves universais que lhe haviam sido entregues pela confiante Comissão de Eletrônicos, quando se graduou.

Depois de uns minutos de inspeção, suspirou aliviado. O projetor era uma simples aparelho automático. Era ativado por qualquer coisa que chegasse pela estrada. Tinha um registro fotográfico, mas tinha sido desconectado. Isto não o surpreendeu, pois qualquer animal que tivesse passado por ali teria feito o aparelho funcionar. Era uma sorte. Isto significava que ninguém saberia que Richard Peyton III havia passado uma vez por este caminho.

Chamou Leo aos gritos, o qual voltou lentamente, bastante envergonhado. O aviso havia desaparecido e Peyton manteve o aparelho desconectado para impedir que ele reaparecesse quando Leo passasse. Então fechou novamente a porta e prosseguiu seu caminho, perguntando-se o que aconteceria agora.

Cem metros adiante, uma voz incorpórea começou a falar-lhe com severidade. Não disse nada de novo, mas ameaçou-o com várias sanções leves, algumas das quais não lhes eram desconhecidas. Era divertido observar a cara de Leo quando ele tentava localizar a origem daquele som. Peyton procurou de novo o projetor e o inspecionou antes de prosseguir. Achou que seria mais seguro abandonar a estrada. Poderiam haver mais aparelhos detectores nela.

Conseguiu convencer Leo, com certa dificuldade, a permanecer na superfície metálica, enquanto ele caminhava pela árida terra que flanqueava a estrada. No meio quilômetro seguinte, o leão ativou outras duas armadilhas eletrônicas. A última parecia haver renunciado à persuasão. Dizia simplesmente:

CUIDADO COM OS LEÕES SELVAGENS

Peyton olhou para Leo e caiu na risada. Leo não viu graça, mas o imitou cortesmente. Atrás deles, a placa automática desvaneceu-se com um último bruxuleio. Peyton se perguntou porque aqueles avisos estariam ali. Talvez para assustar visitantes acidentais. Os que conheciam o objetivo, dificilmente se deixavam dissuadir por eles.

Imediatamente a estrada deu uma volta em ângulo reto..., e ali estava Comarre. Era curioso que estivesse tão impressionado por algo que já estava esperando. Diante dele havia uma clareira imensa na selva, Meio ocupada por uma estrutura metálica negra.

A cidade tinha a forma de terraços em forma de cones com uns oitocentos metros de altura e mil de comprimento. O que pudesse haver sob a terra, era impossível de adivinhar. Deteve-se assombrado pelas dimensões e a raridade do enorme edifício. Depois começou a andar lentamente em sua direção

Como um animal de presa agachado em seu covil, a cidade estava ali esperando. Mesmo agora, que os visitantes eram poucos, estava preparada para recebê-los, fossem quem fossem. Às vezes voltavam atrás ao primeiro aviso, outras ao segundo. Poucos haviam chegado até a entrada antes que sua resolução fraquejasse, mas a maioria, após chegar tão longe, havia entrado de bom grado na cidade.

Peyton chegou à escadaria de mármore que conduzia à alta parede de metal e ao curioso buraco que parecia ser a única entrada. Leo trotava ao seu lado, em silêncio, sem prestar muito atenção ao ambiente.

Peyton deteve-se ao pé da escada e discou um número no seu comunicador. Esperou receber o sinal de recepção e falou lentamente no microfone:

- A mosca está entrando na sala.

Repetiu duas vezes, sentindo-se bastante ridículo. Achou que alguém tinha um perverso senso de humor.

Não houve resposta. Isto era parte do que se havia combinado, Tinha certeza de que a mensagem havia sido recebida, provavelmente em algum laboratório de Scien-tia, já que o número que havia discado era um código do Hemisfério Ocidental.

Peyton abriu a maior lata de carne e estendeu a comida sobre o mármore. Passou os dedos pela juba do leão e torceu-a alegremente.

- Creio que é melhor que fiques aqui, Leo. - disse – Talvez eu fique ausente bastante tempo. Não tente me seguir.

Olhou para trás, do alto da escadaria. Sentiu-se aliviado ao comprovar que o leão não tinha tentado segui-lo. Estava sentado sobre as patas traseiras, olhando-o tristemente. Peyton agitou uma mão e voltou-se.

Não havia porta, mas somente o buraco negro na superfície curva de metal. Era muito estranho e Peyton se perguntou como os construtores esperavam impedir que os animais entrassem. Então algo lhe chamou a atenção naquela abertura. Era muito escura. Embora a parede estivesse na sombra, não havia motivo par que a entrada fosse tão escura. Tirou uma moeda do bolso e a jogou pela abertura. O som que a moeda fez, ao cair, tranquilizou-o e ele deu um passo adiante.

Os circuitos discriminatórios, delicadamente ajustados, não haviam reagido à moeda nem reagiriam a quaisquer animais que tentassem entrar no escuro portal. Mas a presença de uma mente humana havia sido suficiente para acionar as molas. Por uma fração de segundos, a porta através da qual Peyton se movia, vibrou de energia. Depois ficou inerte novamente.

Peyton teve a impressão de que seu pé demorava muito para tocar o chão, mas isto pouco o preocupou. O mais surpreendente foi a passagem instantânea da escuridão para uma súbita luz; do calor bastante sufocante da selva para uma temperatura que parecia quase fria, em comparação com a do exterior. A mudança foi tão brusca que o fez engasgar. Voltou-se com viva inquietação para o arco por onde acabara de passar. Já não estava mais ali. Nunca havia estado ali.

Peyton achava-se sobre uma elevada plataforma de metal, no centro exato de um grande salão circular, com uma dúzia de arcos ogivais em volta da sua circunferência. Teria podido entrar por qualquer um deles se não estivesse a quarenta metros de distância.

Peyton se sentiu presa do pânico. O coração palpitava, e algo diferente acontecia às suas pernas. Com uma tremenda impressão de solidão, sentou-se na plataforma e começou a considerar racionalmente a situação.

4. O Sinal da Papoula

Algo o havia transportado, em um instante, da negra entrada até o centro do salão. Só poderiam haver duas explicações, as duas igualmente fantásticas: Ou algo andava muito no mal no espaço dentro de Comarre, ou seus construtores haviam do-

minado o segredo da transmissão da matéria. Desde que os homens haviam aprendido a enviar sons e imagens por rádio, haviam sonhado em transmitir matéria pelos mesmos meios.

Peyton olhou a plataforma onde se encontrava. Podia facilmente conter equipamentos eletrônico e havia uma protuberância no teto, acima dele. Fosse o que fosse, não podia imaginar uma maneira melhor de intimidar os visitantes inoportunos. Apressou-se a descer da plataforma. Preferia não ficar muito tempo naquele local.

Era inquietante, saber que agora não tinha maneira de sair dali sem a colaboração da máquina que o havia trazido. Decidiu ver as coisas com calma. Quando houvesse terminado sua exploração, conheceria este e os demais segredos de Comarre. Na realidade não era presunção. Entre Peyton e os construtores da cidade havia séculos de pesquisa. Ainda podia encontrar muitas coisas novas para ele, não haveria nada que não pudesse compreender. Escolheu uma das saídas, ao azar, e começou a exploração da cidade.

As máquinas estavam observando, levava tempo. Havia sido construídas com uma finalidade e ainda desempenhavam cegamente sua missão. Muito tempo antes haviam trazido a paz do esquecimento às cansadas mentes dos seus construtores. Ainda poderiam trazer aquele esquecimento a todos que entrassem na cidade de Comarre. Os instrumentos haviam começado suas análises quando Peyton havia chegado do bosque. A dissecação de uma mente humana, com todas suas esperanças, desejos e temores, não era algo que pudesse ser feito rapidamente. Os sintetizadores não entrariam em ação senão dentro de horas. Até então, o visitante seria entretido, enquanto era preparada uma recepção mais hospitaleira.

O escorregadio visitante deu muito trabalho ao pequeno robô, antes que este finalmente o localizasse, pois Peyton passava rapidamente de uma sala a outra em sua exploração pela cidade.

A máquina se deteve no centro de uma pequena sala circular cheia de interruptores magnéticos e iluminada somente com uma lâmpada fluorescente. Segundo seus instrumentos, Peyton estava somente a uns poucos passos de distância, mas suas quatro lentes não podiam ver sinal algum dele. Parou desconectado e permaneceu imóvel e silencioso. Só se ouvia o débil zumbido dos seus motores e, de vez em quando, o rangido de alguma mola.

Peyton observava a máquina com grande interesse, em uma passarela a três metros do chão. Viu um brilhante cilindro metálico em cima de uma grossa placa montada sobre rodinhas. Não tinham nenhum tipo de membro. O cilindro era homogêneo, salvo pelos círculos das lentes e uma série de grades metálicas para os sons. Era divertido observar a perplexidade da máquina, ao debater em sua mente diminuta, duas informações contraditórias. Mesmo sabendo que Peyton tinha que estar na sala, seus olhos indicavam que o lugar estava vazio. Começou a caminhar de um lado para outro em pequenos círculos, até que Peyton se compadeceu dela e desceu da passarela.

A máquina interrompeu imediatamente suas voltas e iniciou sua mensagem de boas vindas:

- Sou A-5. Eu o levarei aonde quiser Por favor, dê-me suas ordens no vocabulário corrente dos robôs.

- Obrigado. - disse – Por favor, leve-me aos quartos.

Embora Peyton agora estivesse certo de que a cidade era completamente automática, ainda restava a possibilidade de que houvesse nela alguma vida humana. Po-

diam haver outros que o ajudassem na sua investigação, embora, talvez, tudo que pudesse esperar era que se não opusessem

Sem acrescentar mais palavras, a pequena máquina girou sobre suas rodas e saiu da sala. O corredor por onde conduziu Peyton terminava em uma porta belamente talhada, que este tentara, em vão, abrir. Pelo visto, A-5 conhecia seu segredo, pois quando se aproximaram, a grossa placa de metal deslizou sem ruído para um lado. O robô seguiu adiante e entrou em uma pequena câmara parecida com uma caixa.

Peyton se perguntou se havia entrado em outro transmissor de matéria, mas rapidamente descobriu que não era mais que um elevador. A julgar pelo tempo que durou a subida, o elevador deve tê-los levado quase até a parte de cima da cidade. Quando as portas se abriram, teve a impressão de achar-se em outro mundo.

Os corredores em que havia estado primeiro, eram cinzas e não estavam decorados. Eram meramente utilitários. Em contraste, os espaçosos vestíbulos e salões estavam decorados quase que com luxo. E século XXVI havia sido um período de decoração florida e multicolor, muito desprezada nos séculos seguintes. Mas os Decadentes haviam se adiantado muito ao seu próprio período. Havia invocado as lembranças da psicologia e da arte para desenhar Comarre.

Poder-se-ia passar toda uma vida, sem terminar de ver todos os murais, as talhas, as pinturas e os complexos tapetes, que pareciam conservar o brilho de quando foram confeccionados. Parecia absurdo que um lugar tão maravilhoso estivesse deserto e oculto ao mundo. Peyton quase esqueceu do seu interesse científico, correndo como uma criança, de uma maravilha a outra.

Havia obras geniais. Talvez tão grandes como as melhores que houvesse conhecido no mundo. Mas era uma genialidade enfermiga e desesperada, como se houvesse perdido a fé em si mesma, embora conservasse uma enorme habilidade técnica. Pela primeira vez, compreendeu porque haviam recebido aquele nome os construtores de Comarre. A arte dos Decadentes repelia e fascinava ao mesmo tempo. Não era maligna, pois estava completamente à margem das normas morais. Talvez, sua característica mais destacada fosse o cansaço e a desilusão.

Após um tempo, Peyton, que nunca havia se considerado muito sensível em questões de arte visual, começou a se sentir envolvido por uma sutil depressão. Mas era completamente incapaz de sobrepor-se a ela. Por fim, voltou-se novamente para o robô.

- Vive gente aqui?
- Sim.
- Onde estão?
- Dormindo.

Parecia uma resposta perfeitamente natural. Peyton se sentia muito cansado. Na última hora havia se esforçado para manter-se desperto, mas algo parecia obrigá-lo a dormir, impondo-se sobre sua vontade. Amanhã teria tempo de sobra para averiguar os segredos que tinha vindo descobrir. No momento, só tinha vontade de dormir.

Seguiu automaticamente o robô, quando este o tirou dos espaçosos salões e o conduziu a um longo corredor flanqueado por portas metálicas, cada uma delas marcada com um sinal, que lhe parecia ser familiar, mas que não conseguia reconhecer. Sua mente sonolenta ainda estava lutando sem muito entusiasmo com o problema, quando a máquina se deteve diante de uma das portas que se abriu sem ruído. A cama, coberta com uma grossa colcha, era irresistível. Peyton dirigiu-se automaticamente para ela, cambaleando. Ao deitar-se para dormir uma centelha de satisfação alertou sua mente. Havia reconhecido o símbolo da porta, embora seu cérebro esti-

vesse demasiado fatigado para compreender seu significado.

Não havia engano nem malevolência no funcionamento da cidade. De maneira impessoal, estava realizando as tarefas para as quais havia sido destinada. Todos os que haviam entrado em Comarre haviam aceito seus dons de bom grado. Este visitante era o primeiro que os havia desdenhado.

Os interrogadores haviam estado preparados durante horas, mas a inquieta e curiosa mente os havia iludido. Não obstante, podiam esperar, como o haviam feito durante os últimos quinhentos anos. E agora, as defesas desta mente estranhamente obstinada estavam sendo derrubadas, enquanto Richard Peyton afundava tranquilamente no sono. Distantes e abaixo, no coração de Comarre, saltou uma mola. Umas correntes complexas, e lentamente flutuantes, começaram a fluir através de uma série de tubos vazios. A consciência que havia sido Richard Peyton III deixou de existir.

Peyton dormiu no mesmo instante. Durante um tempo, caiu em completo esquecimento. Depois voltou a experimentar breves períodos de consciência. E então, como sempre, começou a sonhar.

Era estranho que seu sonho predileto acudisse à sua mente e fosse, agora, mais vívido do que nunca havia sido. Durante toda sua vida havia adorado o mar; em uma ocasião, havia visto a incrível beleza das ilhas do Pacífico da cabine de observação de uma aeronave que voava abaixo. Nunca as havia visitado, mas com frequência havia desejado passar a vida em alguma remota e tranquila ilha, sem se preocupar com o futuro nem com o mundo. Era um sonho que quase todos os homens haviam tido em alguma época de suas vidas, mas Peyton era bastante sensato para dar-se conta de que dois meses de semelhança existência o teriam levado de novo à civilização, meio louco de tédio. Contudo, seus sonhos nunca se haviam preocupado por essas considerações e, mais uma vez, ele jazia ao pé de palmeiras ondulantes, enquanto as ondas batiam no arrecife mais além da laguna que emoldurava o sol com um espelho azul.

O sonho era tão extraordinariamente vívido, que Peyton pensou, mesmo dormindo, que nenhum sonho tinha o direito de ser tão real. Então cessou tão subitamente que parecia que houvesse uma fissura em seus pensamentos. A interrupção o trouxe novamente ao estado consciente. Amargamente decepcionado, permaneceu deitado, durante um momento, com os olhos fechados, tentando recuperar o paraíso perdido. Mas foi em vão. Algo repicava em seu cérebro, impedindo-o de dormir. Além disso, a cama havia se tornado imediatamente muito dura e incômoda. E, com relutância, ele voltou a pensar naquela interrupção.

Peyton sempre havia sido realista e nunca lhe haviam inquietado as dúvidas filosóficas; pelo que sua impressão foi muito maior do que as que teriam experimentado muitas mentes menos inteligentes. Até agora, jamais havia duvidado da sua própria sanidade, mas neste momento a pôs em dúvida, pois o ruído que o havia despertado havia sido, com certeza, o das ondas contra o arrecife. Estava deitado na areia dourada, junto à laguna. Ao seu redor, o vento suspirava entre as palmeiras, acariciando-o com seus cálidos dedos. No momento, Peyton só pôde pensar que ainda estava sonhando. Mas desta vez não cabia dúvida. Quando alguém está tão mentalmente, a realidade nunca pode ser confundida com um sonho. E isto era real, se havia algo real no universo.

Pouco a pouco, sua sensação de assombro começou a desvanecer-se. Pôs-se de pé e a areia desprende-se do seu corpo com um chuvisco de ouro. Resguardando

os olhos contra o sol, olhou ao longo da praia. Não se deteve para perguntar por que acontecia daquele lugar ser tão familiar. Parecia bastante natural, saber que o povoado estava um pouco mais distante, seguindo a margem da baía. Agora se reuniria com seus amigos, dos quais havia se separado durante um tempo em um mundo que estava esquecendo rapidamente. Tinha a vaga recordação de um jovem engenheiro (nem sequer recordava seu nome) que um dia havia aspirado à sabedoria e à fama. Naquela outra vida, havia conhecido bem àquela pessoa, mas agora não poderia explicar-lhe, jamais, quão vãs eram suas ambições.

Começou a passear prazerosamente ao longo da praia, com as últimas e vagas recordações da sua vida anterior desprendendo-se dele a cada passo, como se apagam os detalhes de um sonho à luz do dia.

No outro lado do mundo, três cientistas muito preocupados estavam esperando em um laboratório abandonado, com o olhar preso em um comunicador de múltiplos canais e de desenho insólito. A máquina havia guardado silêncio durante nove horas. Ninguém havia esperado uma mensagem durante as primeiras oito horas, mas neste momento o sinal combinado tinha mais de uma hora de atraso.

Alan Henson pôs-se em pé de um salto, levado por sua impaciência.

- Temos que fazer alguma coisa! Vou chamá-lo.

Os outros cientistas olharam-se inquietos.

- Poderiam localizar a chamada!

- Não, a menos que estivessem nos observando. Mas, ainda assim, não direi nada fora do corrente. Peyton compreenderá... se é que pode responder...

Se Richard Peyton havia conhecido o tempo, agora tinha esquecido este conhecimento. Só o presente era real, pois tanto o passado como o futuro estavam ocultos atrás de uma tela impenetrável, como uma chuva forte que oculta uma grande paisagem. Desfrutando do presente, Peyton se sentia absolutamente satisfeito. Nada restava do espírito inquieto que o havia lançado uma vez, com certa incerteza, a conquistar novos campos de conhecimento. Agora, o conhecimento de nada lhe servia.

Mais tarde, não pôde recordar nada da sua vida na ilha. Havia conhecido muitos companheiros, mas seus nomes e seus rostos haviam sido apagados da sua memória. Amor, paz mental, felicidade: tudo isto foi seu por um breve instante. Contudo, só podia recordar os últimos momentos da sua vida no paraíso. É estranho que tudo terminasse como havia começado.

Novamente estava junto à laguna, mas agora era noite e não se achava só. A Lua, que sempre parecia cheia, estava baixa sobre o oceano e seu londo reflexo de prata se estendia até a borda do mundo. As estrelas, que nunca mudavam de lugar, resplandeciam no céu sem piscar, como joias brilhantes, mais radiantes que os astros esquecidos da Terra. Mas Peyton pensava mais na outra beleza e inclinou-se novamente para a figura que estava sobre a areia, que não era mais dourada que os cabelos estendidos descuidadamente sobre ela.

Então o paraíso tremeu e se dissolveu ao seu redor. Peyton lançou um grito angustiado ao ser-lhe arrebatado tudo que amava. Somente a rapidez da transição salvou sua mente. Depois sentiu-se como deve ter se sentido Adão quando as portas do paraíso se fecharam atrás dele.

Mas o som que o havia tirado daquela situação era o mais vulgar do mundo. Talvez nenhum outro teria podido alcançar sua mente em um lugar tão escondido. Não

era mais que a chamada estridente do seu comunicador, colocado no solo junto à cama, no escuro quarto da cidade de Comarre.

O som extinguiu-se quando esticou automaticamente a mão para apertar o botão do receptor. Deve ter dito algo que satisfizesse o desconhecido que o chamava (quem era Alan Henson?), pois, depois de um instante, o circuito emudeceu. Peyton sentou-se na cama ainda aturdido, segurando a cabeça com as mãos e tentando orientar novamente sua vida.

Não tinha estado sonhando, estava certo disto. Era mais como se houvesse vivido uma segunda vida e agora voltasse à sua antiga existência, como recobrando-se de um ataque de amnésia. Embora continuasse aturdido, na sua mente se formou uma clara convicção: nunca deveria voltar a dormir em Comarre.

A vontade e o caráter de Richard Peyton III retornaram lentamente do seu exílio. Pôs-se em pé cambaleando e saiu do quarto. Novamente encontrou o longo corredor com suas centenas de portas idênticas. Com uma nova compreensão, olhou para o símbolo talhado nelas. Apenas se dava conta de aonde ia. Sua mente estava fixa no problema imediato. Enquanto caminhava, seu cérebro foi se esvaziando e, pouco a pouco, foi compreendendo melhor. No momento era só uma teoria, mas logo a poria à prova.

A mente humana era uma coisa delicada e reclusa, sem contato direto com o mundo, que obtinha todos seus conhecimentos e experiência através dos sentidos corporais. Era possível registrar e armazenar ideias e emoções, do mesmo modo que os homens de uma era anterior haviam gravado o som transmitido por quilômetros de fios de arame. Se aquelas ideias eram projetadas para outra mente, quando o corpo estava inconsciente e com todos os sentidos embotados, aquele cérebro acreditava estar experimentando a realidade. Não podia detectar o erro de modo algum, como não se podia distinguir uma sintonia perfeitamente gravada da interpretação original. Tudo isto se conhecia há séculos, mas os construtores de Comarre haviam utilizado este conhecimento como ninguém o havia feito no mundo até então. Em alguma parte da cidade deviam haver máquinas que podiam analisar todos os pensamentos e desejos dos que entravam nela. Em outro lugar, os criadores da cidade deviam ter armazenado todas as sensações e experiências que podia conceber a mente humana. A partir desta matéria prima, podiam construir os futuros possíveis.

Peyton compreendeu afinal toda a importância do gênio que contribuiu para construir Comarre. As máquinas haviam analisado seus mais profundos pensamentos e construído para ele um mundo fundamentado nos seus desejos subconscientes. Então, quando se havia apresentado a oportunidade, haviam tomado o controle da sua mente e injetado nela tudo o que havia experimentado.

Não era de se estranhar que tudo que havia desejado houvesse sido seu, naquele paraíso meio esquecido. E não era de estranhar que, através dos séculos, tivessem sido tantos os que haviam buscado a paz que somente Comarre poderia lhes dar.

5. O Engenheiro

Enquanto Peyton voltava a ser o de sempre, o som de rodas fez com que olhasse por cima dos ombros. O pequeno robô, que lhe havia servido de guia, regressava. Sem dúvida, as grandes máquinas que o controlavam estavam se perguntando o que havia ocorrido ao homem que tinham ao seu cargo. Peyton esperou, enquanto uma ideia estava se formando lentamente em sua mente.

A-5 começou de novo com sua linguagem programada. Parecia incongruente encontrar uma máquina tão simples em um lugar onde a automatização havia alcançado o último grau de perfeição. Peyton pensou então que talvez o robô fosse tão pouco complicado deliberadamente. Teria sido inútil empregar uma máquina complexa, se outra simples podia servir tão bem..., ou melhor.

Peyton interrompeu o já familiar discurso da máquina. Sabia que todos os robôs deveriam obedecer as ordens dos humanos, a menos que outros homens lhes houvessem dado anteriormente instruções de que não o fizessem. Mesmo os projetistas da cidade, pensou ironicamente, haviam obedecido às desconhecidas e mudas ordens da sua mente subconsciente.

- Conduz-me aos projetores de pensamento. - ordenou.

Como era esperado, o robô se limitou a contestar, sem mover-se:

- Não compreendo.

Peyton animou-se ao ver-se novamente dono da situação.

- Venha aqui e não volte a se mover até que eu ordene

Os setores e relés do robô consideraram as instruções. Não puderam encontrar nenhuma contra ordem. A pequena máquina rodou lentamente para diante. Havia se comprometido, já não podia voltar atrás. Tampouco poderia mover-se novamente até que Peyton ordenasse, ou que algo anulasse suas ordens. A hipnose do robô era um truque muito velho, muito apreciado pelos meninos travessos.

Peyton esvaziou rapidamente a bolsa de ferramentas que os engenheiros sempre levavam consigo: a chave de fenda universal, a chave inglesa extensível, a furadeira automática e, sobretudo, o cinzel atômico, capaz de seccionar as mais espessas placas de metal em poucos segundos. Depois, com a facilidade que se consegue com uma longa prática, começou a trabalhar na incauta máquina.

Afortunadamente, o robô havia sido construído para serviços simples e podia ser aberto sem grande dificuldade. Não havia nada de desconhecido em seus controles e Peyton não demorou muito em descobrir o mecanismo locomotor. Agora, acontecesse o que acontecesse, a máquina não poderia mover-se. Estava paralisada. Depois a cegou e, um a um, foi descobrindo seus outros sentidos elétricos e os inutilizou. Logo, a máquina não era mais que um cilindro cheio de complicados mas danificados aparelhos. Sentiu-se como um menino que abava de danificar um indefeso relógio de parede. Em seguida sentou-se e ficou esperando o que sabia que iria ocorrer. Era falta de consideração de sua parte, sabotar o robô assim tão distante das oficinas principais.

O transporte demorou cerca de quinze minutos em subir das profundezas. Peyton ouviu o ruído das suas rodas ao longe e viu que seus cálculos estavam corretos. A equipe de reparação estava a caminho. O transportador era uma máquina simples, com um par de braços que podiam agarrar e carregar um robô avariado. Parecia cego, embora, sem dúvida, seus sentidos especiais fossem mais que suficientes para sua finalidade. Peyton esperou que a máquina recolhesse o pobre A-5. Então saltou sobre o transportador, mantendo-se fora do alcance dos seus braços mecânicos. Não desejava que o confundisse com outro robô danificado. Por sorte, a grande máquina não prestou atenção nele.

Assim, foi descendo os diversos andares do grande edifício, deixando para trás os quartos, a primeira sala onde havia estado e outros andares inferiores que nunca havia visto. Enquanto descia, as características da cidade iam mudando ao seu redor. Havia desaparecido o luxo e a opulência dos níveis superiores e agora achava-se em uma terra de ninguém de passadiços cinzas que não eram outra coisa senão condutores gigantescos de cabos. Mas estes também terminaram. O transportador pas-

sou por uma série de grandes portas deslisantes e chegou ao seu destino.

As fileiras de painéis de relés e de mecanismos seletores pareciam intermináveis. Peyton esteve tentado a saltar da sua inconsciente montaria, mas esperou para ver os principais painéis de controle. Então, apeou-se do transportador e o viu desaparecer ao longe, para alguma parte ainda mais remota da cidade.

Peyton se perguntou quanto demoraria o super-autômato em reparar o A-5. Sua sabotagem havia sido muito conscienciosa e achou que o mais provável era que a pequena máquina fosse levada para a lixeira. Então, como um homem morto de fome sendo convidado para um banquete, começou a examinar as maravilhas da cidade.

Durante as cinco horas seguintes, só se deteve uma vez para enviar o sinal de rotina aos seus amigos. Desejava poder contar-lhes do seu êxito, mas o risco era muito grande. Depois de prodigiosas pesquisas nos circuitos, havia descoberto as funções das unidades principais e começava a pesquisar os equipamentos secundários. Era exatamente o que havia esperado. Os analisadores e projetores de pensamento estavam no piso imediatamente superior e podiam ser controlados a partir da instalação central. Quanto à sua maneira de funcionar, não tinha a menor ideia; poderiam se passar meses antes que descobrisse seus segredos, mas os havia identificado e acreditava que poderia desligá-los, se fosse necessário.

Um pouco mais tarde, descobriu o monitor de pensamentos. Era uma máquina pequena, bastante parecida a uma antiga central telefônica, mas muito mais complexa. O assento do operador era uma estrutura muito curiosa, isolada do solo e coberta por uma rede de arames e barras de cristal. Era a primeira máquina, dentre todas a que tinha visto, que estava destinada, sem dúvida, ao uso humano direto. Provavelmente os engenheiros a haviam construído para montar o equipamento nos primeiros dias da cidade.

Peyton não teria se atrevido a usar o monitor de pensamento se não houvessem, impressas com detalhes, instruções no seu painel de controle. Depois de alguns testes, conectou os circuitos e aumentou lentamente a força, mantendo o controle de intensidade muito abaixo do sinal vermelho de perigo.

Foi uma boa precaução, pois a sensação que experimentou foi tremenda: ainda conservava sua personalidade, mas as ideias e imagens, totalmente estranhas para ele, se superpunham aos seus próprios pensamentos. Estava contemplando outro mundo através das janelas de uma mente alheia. Era como se seu corpo estivesse em dois lugares ao mesmo tempo, embora as sensações da sua segunda personalidade fossem menos vívidas que as do verdadeiro Richard Peyton III. Agora compreendia o significado da linha de perigo. Se o controle de intensidade de pensamento fosse demasiado alto, provocaria sem dúvida a loucura.

Peyton desligou o aparelho para poder pensar sem interrupções. Agora compreendia o que o robô havia querido dizer quando havia respondido que os outros habitantes da cidade estavam dormindo. Havia outros homens em Comarre, jazendo em transe sob os projetores de pensamento. Sua mente voltou ao longo corredor e às suas centenas de portas metálicas. Durante sua descida havia cruzado muitas galerias parecidas e era evidente que a maior parte da cidade não era mais que uma vasta colmeia de câmaras em que milhares de homens podiam sonhar suas vidas.

Um após outro, foi testando os circuitos do painel. A imensa maioria deles estava parada, mas havia uns cinquenta funcionando e cada um deles transmitia todos os pensamentos, desejos e emoções da mente humana. Agora que estava plenamente consciente, compreendeu como havia se enganado, mas isto pouco lhe serviu de consolo. Podia ver as falhas destes mundos sintéticos, podia observar como eram pa-

ralizadas todas as faculdades críticas da mente, enquanto se vertia nela uma torrente interminável de simples porém vívidas emoções. Agora tudo parecia muito mais simples. Mas não alterava o fato de que este mundo artificial era completamente real para quem o experimentava, tão real, que a dor de abandoná-lo ainda persistia em sua própria mente.

Durante quase uma hora explorou os mundos das cinquenta mentes adormecidas. Era uma investigação fascinante e repulsiva. Naquela hora aprendeu mais sobre o cérebro humano e dos seus sistemas ocultos do que nunca teria podido imaginar. Quanto terminou, permaneceu durante muito tempo, sentado e imóvel em frente aos controles da máquina, analisando seu conhecimento recém descoberto. Havia ganhado muitos anos em sabedoria e sua juventude lhe pareceu então muito distante. Pela primeira vez conheceu diretamente o fato de que os maus e perversos desejos que, às vezes afloravam à superfície da sua própria mente, eram compartilhados por todos os seres humanos. Os construtores de Comarre não haviam se preocupado com o bem ou com o mal e as máquinas haviam sido seus fieis servidores.

Era agradável saber que suas teorias tinham sido corretas. Peyton compreendia agora que havia se livrado por muito pouco. Se voltasse a dormir dentro destas paredes, talvez não despertasse nunca mais. A casualidade o havia salvo uma vez, mas não voltaria a fazê-lo.

Os projetores de pensamento tinham que ser inutilizados de forma a que os robôs não pudessem nunca consertá-los. Embora pudessem consertar avarias normais, lhes seria impossível reparar uma sabotagem deliberada na escala em que Peyton se propunha fazer. Quanto tivesse terminado, Comarre deixaria de ser uma ameaça. Nunca voltaria a aprisionar sua mente nem as dos futuros visitantes que pudessem chegar pelo mesmo caminho. Porém, primeiro tinha que localizar os adormecidos e reanimá-los. Poderia ser uma longa tarefa, mas, por sorte, o lugar onde se achavam as máquinas estava equipado com um aparelho comum de mono-visão. Com ele, poderia ver e ouvir o que se passava em qualquer parte da cidade, focando simplesmente os raios sobre o lugar que fosse necessário.

Demorou um pouco para dominar os controles e a princípio o raio passeou errático por toda a cidade. Peyton se viu olhando para uma série de lugares surpreendentes e, em uma ocasião, viu até o bosque. Perguntou-se se Leo ainda estaria por ali e, com certa dificuldade, localizou a entrada. Sim, ele estava ali tal como o havia visto no dia anterior. A uns poucos metros, o fiel Leo estava deitado olhando para a cidade e com uma expressão preocupada no semblante. Peyton sentiu-se profundamente comovido. Perguntou-se se poderia fazer o leão entrar em Comarre. Seu apoio moral seria valioso e ele já começava a sentir a necessidade de companhia depois das experiências da noite passada.

Percorreu metodicamente o muro da cidade e alegrou-se ao descobrir várias entradas dissimuladas ao nível do solo. Estava se perguntando como sairia dali. Embora pudesse fazer o transmissor de matéria funcionar ao contrário, a perspectiva não era muito atraente. Preferia muito mais o antiquado movimento físico através do espaço. Todas as aberturas estavam fechadas e por um momento se sentiu desconcertado. Então começou a procurar por um robô. Ao cabo de um momento descobriu um gêmeo de A-5 que rodava ao longo de um corredor, realizando alguma misteriosa missão. Sentiu-se aliviado quando ele obedeceu sua ordem sem discutir e abriu a porta.

Peyton dirigiu novamente o raio através das paredes e o focou muito perto de Leo. Então chamou-o a meia voz.

- Leo!

O leão levantou a cabeça, surpreso.

- Olá Leo! Sou eu, Peyton.

O leão, com ar desconcertado, caminhou lentamente em círculo. Depois desistiu e sentou-se indeciso.

Com muita paciência, Peyton conseguiu persuadir Leo a se aproximar da entrada. O leão reconhecia sua voz e parecia disposto a obedecê-lo, mas estava terrivelmente confuso e bastante nervoso. Vacilou um momento na abertura, desconfiando de Comarre e do silencioso robô que o estava esperando.

Peyton insistiu para que Leo seguisse o robô. Repetiu suas instruções com palavras diferentes, até que estivesse certo de que o leão compreenderia. Então falou diretamente à máquina e ordenou que ela guiasse o leão até a câmara de controle. Esperou um momento, observando, para comprovar que Leo o seguia. Depois, com umas palavras de ânimo, abandonou o estranho par.

Foi bastante irritante descobrir que não podia ver no interior de nenhum dos quartos fechados e assinalados com o símbolo da papoula. Ou estavam protegidas contra o raio, ou os controles haviam sido dispostos de forma a que não pudesse empregar o mono-visor para esquadrihar dentro daqueles espaços.

Peyton não desanimou. Os dorminhocos despertariam bruscamente, da mesma forma que ele havia despertado. Depois de olhar em seus mundos privados, sentiu pouca simpatia por eles; somente o sentimento do dever o impulsionava a despertá-los. Não eram dignos de consideração.

Foi assaltado por um terrível pensamento. Que haviam inculcado os projetores em sua própria mente, em resposta aos seus desejos, naquele esquecido idílio de onde havia voltado de tão má vontade? Seus pensamentos ocultos tinham sido tão vergonhosos como os dos outros sonhadores? Era um pensamento incômodo, mas o deixou de lado ao sentar-se novamente diante do painel central. Primeiro desconectaria os circuitos e depois sabotaria os projetores, de forma a que não pudessem ser utilizados novamente. O feitiço de Comarre sobre tantas mentes, seria quebrado para sempre.

Peyton esticou os braços para acionar os múltiplos curto-circuitos. Mas nunca terminou seu movimento. Suavemente, mas com firmeza, quatro braços de metal agarraram seu corpo por trás. Esperneando e debatendo-se, foi levantado no ar, distante dos controles, e levado ao centro da sala. Ali foi baixado novamente e os braços de metal o soltaram.

Mais irritado que alarmado, Peyton voltou-se completamente para encarar seu captor. O robô, o mais complexo que jamais havia visto, estava olhando-o de uns poucos metros de distância. Tinha um pouco mais de dois metros de altura e descansava sobre uma dúzia de grossos pneus. De várias partes do seu corpo metálico se projetavam, em todas as direções, tentáculos, braços, varetas e outros mecanismos difíceis de descrever. Em dois lugares, grupos de membros estavam desmontando ou consertando afanosamente peças de maquinaria, que Peyton reconheceu com uma súbita sensação de culpa.

Peyton observou seu adversário em silêncio. Era sem dúvida um robô de alta geração. Mas havia empregado força física contra ele, e nenhum robô podia fazer isto com um homem, embora se negasse a obedecer ordens. Somente sob controle direto da mente humana poderia um robô cometer semelhante ação. Portanto, havia vida em alguma parte da cidade, uma vida consciente e hostil.

- Quem és? - exclamou Peyton afinal, dirigindo-se, não ao robô, e sim a quem o controlava.

A máquina respondeu de imediato, com uma voz segura e automática, que não parecia com uma mera voz humana amplificada:

- Sou O Engenheiro.
- Então, sai e deixa que eu te veja.
- Já está me vendo.

O tom inumado da voz, tanto como as próprias palavras, transformaram imediatamente a cólera de Peyton em um sentimento de incrédulo assombro. Nenhum ser humano controlava aquela máquina. Era tão automática como os outros robôs da cidade mas, diferentemente deles e de todos os demais robôs que conhecia no mundo, tinha vontade e consciência próprias.

6. O Pesadelo

Enquanto contemplava, com olhos muito abertos, a máquina que estava à frente, Peyton sentiu um calafrio na pele, não por causa do medo, e sim pela intensidade de sua excitação. Sua busca havia sido recompensada: o sonho de quase mil anos estava ali, diante dos seus olhos. Fazia tempo que as máquinas haviam conseguido uma inteligência limitada. Agora, afinal, haviam alcançado o objetivo da própria consciência. Este era o segredo que Thordarsen teria revelado ao mundo, o segredo que o Conselho havia sufocado, por medo das consequências que isto pudesse originar.

A voz fria falou novamente:

- Me alegro que tenha compreendido a verdade. Isto tornará as coisas mais fáceis.
 - Pode ler minha mente? - perguntou Peyton com voz entrecortada.
 - Naturalmente. Tenho estado fazendo isto desde o momento em que chegou.
 - Sim, já imaginava isto. - disse Peyton tristemente – E agora, que pretende fazer comigo?
 - Devo impedir que cause danos a Comarre.
- Peyton achou que isto era bastante razoável.
- Supondo que eu me fosse agora. Estaria de acordo?
 - Sim, Seria uma boa coisa.

Peyton não pode conter o riso. O Engenheiro não era mais que um robô, mesmo parecendo humano. Era incapaz de ter malícia e talvez isto lhe desse vantagem. Devia tentar enganá-lo para que revelasse seus segredos. Mas o robô leu novamente sua mente.

- Não o permitirei. Já aprendeste demais. Deves partir de imediato. Em caso necessário, utilizarei a força.

Peyton decidiu ganhar tempo. Ao menos podia descobrir os limites da inteligência daquela surpreendente máquina.

- Antes que eu me vá, diz-me uma coisa. Por que te chamam O Engenheiro?
- Se acontecem avarias sérias que não podem ser reparadas pelos robôs, eu me encarrego disto. Em caso necessário, eu poderia reconstruir Comarre. Normalmente, quando tudo funciona como é devido, eu fico quieto.

Peyton pensou quão estranha era a ideia de “quietude” para uma mente humana. Achava interessante a distinção que o Engenheiro havia feito entre ele mesmo e “os robôs”. Fez a pergunta obrigatória:

- E se tu mesmo sofreres uma avaria?
- Somos dois. O outro está inativo agora. Cada um pode reparar ao outro. Isto foi necessário uma vez, há trezentos anos.

Era um sistema infalível. Comarre estava a salvo de acidentes durante milhões de anos. Os construtores da cidade haviam montado estes eternos guardiães enquanto

eles próprios iam em busca dos seus sonhos. Não era estranho que Comarre continuasse cumprindo seu estranho objetivo, muito depois da morte dos seus criadores.

Que tragédia, pensou Peyton, que esse gênio tivesse sido mal utilizado! Os segredos do Engenheiro poderiam revolucionar a tecnologia do robô, poderiam dar origem a um mundo novo. Agora que haviam sido construídas as primeiras máquinas inteligentes, haveria algum limite para o que viria depois?

- Não. - disse inesperadamente o Engenheiro – Thordarsen me disse que um dia os robôs seriam mais inteligentes que o homem.

Era estranho que a máquina houvesse pronunciado o nome do seu artífice. Então este havia sido o sonho de Thordarsen...! ainda não acabara de compreender seu alcance. Embora estivesse preparado para compreendê-lo, não conseguia aceitar as conclusões. Afinal de contas, havia um abismo enorme entre o robô e a mente humana.

- Não maior do que a que existe entre o homem e os animais que os precedem, segundo disse uma vez Thordarsen. Tu, homem, não és nada mais que um robô muito complexo. Eu sou mais simples, mas mais eficaz. Isto é tudo.

Peyton considerou com muito cuidado esta afirmação. Se o homem não era mais que um robô complexo, uma máquina composta de células vivas ao invés de fios e tubos de vácuo, um dia poderiam ser fabricados robôs ainda mais complexos. E quando este dia chegasse, a supremacia do homem haveria terminado. As máquinas continuariam sendo suas escravas, mas seriam mais inteligentes que seu amo.

Tudo estava muito tranquilo naquele salão rodeado de estantes de analisadores e painéis de relés. O engenheiro observava Peyton atentamente, com os braços como tentáculos ocupados em seu trabalho de conserto.

Peyton começava a se desesperar. Como era característico nele, a oposição o fazia mais obstinado que nunca. Tinha que descobrir, de alguma maneira, como o Engenheiro era construído. Se não conseguisse, passaria toda a vida tentando igualar o gênio de Thordarsen.

Era inútil. O robô estava fora do seu alcance.

- Não podes fazer planos contra mim. Se tentares escapar por aquela porta, jogarei esta unidade energia em tuas pernas. A esta distância, minha margem de erro é de menos de meio centímetro.

Era impossível iludir os analisadores de pensamento. O plano ainda estaria meio formado na mente de Peyton e o engenheiro já o conheceria.

Peyton e o Engenheiro se surpreenderam igualmente daquela intromissão. Houve um súbito lampejo de ouro avermelhado e meia tonelada de ossos e tendões chocou-se, a uma velocidade de oitenta quilômetros por hora, com o robô.

Produziu-se uma momentânea agitação de tentáculos. Depois, com um fatídico rangido, o Engenheiro caiu ao solo.

Leo, lambendo pensativamente as patas, sentou-se sobre a máquina caída. Não podia compreender totalmente o animal brilhante que tinha estado ameaçando seu amo. Sua pele era mais dura que tudo que havia conhecido desde o desafortunado incidente com um rinoceronte, muitos anos atrás.

- Bom garoto! - gritou Peyton alegremente – Não deixe que ele se levante!

Alguns dos membros maiores do Engenheiro tinham sido quebrado e os tentáculos eram muito débeis para causar dano. Uma vez mais, a bolsa de ferramentas de Peyton foi de um valor incalculável. Quando terminou, o Engenheiro não podia mover-se, embora Peyton não tivesse tocado em nenhum dos seus circuitos neurais. De

certa forma, isto quase teria sido um assassinato.

- Agora podes sair, Leo. - disse, uma vez terminada sua tarefa.

O leão obedeceu de má vontade

- Lamento ter tido que fazer isto, - desculpou-se Peyton, com ironia – mas espero que compreendas meu ponto de vista. Ainda podes falar?

- Sim. - respondeu o Engenheiro – O que vai fazer agora?

Peyton sorriu. Cinco minutos antes, havia sido ele quem havia feito esta pergunta. Perguntou-se quanto tempo demoraria a chegar o irmão gêmeo do Engenheiro. Embora Leo pudesse resolver a situação, caso se tratasse de uma prova de força, o outro robô havia sido advertido e poderia complicar-lhes a vida. Por exemplo, poderia apagar as luzes.

As lâmpadas fluorescentes se apagaram e reinou a escuridão. Leo lançou um grunhido de contrariedade. Peyton, bastante irritado, pegou sua lanterna e acendeu.

- Na realidade, isto pouco importa. - disse – Já podes voltar a acendê-las.

O engenheiro não disse nada, mas os tubos fluorescentes voltaram a acender-se.

Como diabos se podia lutar contra um inimigo que podia ler teus pensamentos e mesmo observar como te preparavas para defender-te? Tinha que evitar qualquer ideia que pudesse provocar uma reação contraproducente para ele, como por exemplo... Deteve-se justamente a tempo. Bloqueou por um instantes seus pensamentos, tentando integrar a função omega de Armstrong em sua cabeça. Depois voltou a por a mente sob controle.

- Escuta. - disse por fim – Farei um trato contigo.

- Que é isto? Não conheço esta palavra.

- Não importa. - respondeu apressadamente Peyton – O que proponho é isto: deixa que eu desperte os homens que estão presos aqui, da-me teus circuitos fundamentais e irei embora sem tocar em nada. Terás cumprido as ordens dos teus construtores e não terá sido causado nenhum dano.

Um ser humano haveria discutido o assunto, mas não o robô. Sua mente demorava talvez um milésimo de segundo para avaliar qualquer situação, por complicada que fosse.

- Muito bem. Leio em tua mente que pensas em cumprir tua palavra. Mas, que significa a palavra «chantagem»?

Peyton enrubesceu.

- Não tem importância. - apressou-se a dizer – Não é nada mais que uma expressão humana vulgar. Suponho que teu..., que teu colega chegará dentro de momentos, certo?

- Ele está esperando lá fora faz um tempo. - respondeu o robô – Queres dizer ao teu cão que fique quieto?

Peyton deu uma risada. Que um robô entendesse de zoologia, seria esperar demais.

- Então..., teu leão. - disse o robô, corrigindo-se ao ler a mente de Peyton.

Este dirigiu umas poucas palavras a Leo e, para estar mais seguro, enredou os dedos na juba do leão.

Antes de ser convidado a fazê-lo, o segundo robô entrou silenciosamente na sala. Leu grunhiu e tentou se soltar, mas Peyton o acalmou.

Engenheiro II era exatamente igual ao seu colega. Enquanto se aproximava dele, já havia penetrado na mente de Peyton, daquela maneira desconcertante a que este não podia acostumar-se.

- Vejo que queres ir ver os que sonham. - disse - Segue-me

Peyton estava cansado de que lhe dessem ordens. Porque os robôs nunca diziam

«por favor»?

- Segue-me, por favor. - disse agora a máquina, enfatizando o menos possível a expressão.

Peyton o seguiu.

Encontrou-se novamente no corredor com centenas de portas com o sinal da papoula... ou em outro corredor parecido. O robô o conduziu a uma porta que não se distinguia das demais e deteve-se diante dela.

A folha metálica deslizou sem ruído e Peyton entrou, não sem certa apreensão, no quarto às escuras.

Havia um homem velho na cama. À primeira vista, parecia morto. Sua respiração era tão lenta que quase não se percebia. Peyton olhou-o fixamente durante um instante e depois disse ao robô:

- Acorda-o.

Em algum lugar nas profundezas da cidade, se deteve a corrente de impulsos através de um projetor de pensamentos. Um universo que nunca havia existido caiu em ruínas. Da cama, dois olhos febris olharam Peyton com o brilho da loucura. Olhavam através dele e mais além, e dos seus lábios brotou uma torrente de palavras confusas que Peyton mal podia entender. O velho gritava, uma e outra vez, nomes que podiam ser de pessoas ou de lugares do mundo dos sonhos do qual havia sido arrancado. Era horrível e patético ao mesmo tempo,

- Basta! - gritou-lhe Peyton – Agora estás de volta à realidade.

Os olhos brilhantes pareceram vê-lo pela primeira vez. O velho sentou-se com um tremendo esforço.

- Quem és? - perguntou com voz temerosa. E então, antes que Peyton pudesse responder, prosseguiu com voz entrecortada: - Isto deve ser um pesadelo... Vai, vai. Deixa que eu desperte!

Dominando sua repulsão, Peyton apoiou uma mão no ombro ossudo.

- Não temas, estás acordado. Não te lembras?

O homem pareceu não ouvi-lo.

- Sim, deve ser um pesadelo... tem que ser! Mas, porque não me acordo? Nyran, Cressidor, onde estás? Não consigo encontrá-los!

Peyton aguentou o máximo possível, mas nada do que fizesse conseguia atrair novamente a atenção do velho. Com o coração aflito, voltou-se para o robô.

- Adormece-o de novo.

7. O Terceiro Renascimento

Pouco a pouco cessou o delírio. O débil corpo ficou imóvel na cama e o rosto enrugado voltou a transformar-se em uma máscara inexpressiva.

- Estão todos loucos como este? - perguntou Peyton.

- Este não está louco.

- Como não está louco? Claro que está!

- Está muitos anos em transe. Suponhamos que fosses para uma terra distante e que mudasses completamente teu estilo de vida, esquecendo o que conhecestes em tua vida anterior. Definitivamente não terias mais lembranças dela do que o que tens da tua primeira infância.

«Se por algum milagre fosses enviado de repente ao tempo anterior, te comportarias exatamente desta maneira. Lembre que sua vida sonhada é completamente real

para ele e que agora já a viveu durante muitos anos.

Isto era verdade. Mas, como o Engenheiro podia ser tão perspicaz? Peyton voltou-se para ele, assombrado, mas, como de costume, não teve necessidade de fazer perguntas.

- Thordarsen me disse isto outro dia, quando ainda estávamos construindo Comarre. Alguns dos que dormiam já estavam em transe há vinte anos.

- Outro dia?

- Tu dirias: faz uns quinhentos anos.

Estas palavras suscitaram uma estranha imagem na mente de Peyton. Pôde imaginar o gênio solitário, trabalhando aqui entre seus robôs, talvez sem nenhum companheiro humano. Todos os demais já se teriam ido em busca dos seus sonhos. Mas Thordarsen teve que ficar até terminar sua obra, pois o desejo de criação ainda o ligava ao mundo. Os dois engenheiros, sua maior obra e, talvez, a façanha eletrônica mais maravilhosa que havia sido produzida no mundo, eram suas últimas obras primas.

Peyton se sentia sobrecarregado. Já que o gênio havia desperdiçado sua vida, decidiu que sua obra pereceria se não fosse entregue ao mundo.

- Todos os sonhadores são como este? - perguntou ao robô.

- Todos, exceto os mais recentes. Estes ainda podem lembrar das suas vidas anteriores.

- Leva-me até um deles.

O quarto em que entraram era idêntico ao anterior, mas o corpo que jazia na cama era o de um homem que não teria mais que quarenta anos.

- A quanto tempo ele está aqui? - perguntou Peyton.

- Chegou há poucas semanas; foi o primeiro visitante que tivemos durante muitos anos, antes que viesses.

- Desperta-o, por favor.

- Os olhos do dorminhoco se abriram muito lentamente. Não havia loucura neles, somente assombro e tristeza. O homem deve ter recordado algo e se sentou. Suas primeiras palavras foram completamente racionais.

- Porque me chamaste? Quem és?

- Acabo de escapar dos projetores de pensamento. - explicou-lhe Peyton - Quero liberar a todos que ainda podem ser salvos.

O homem sorriu amargamente.

- Salvar-me... de que? Eu demorei quarenta anos para fugir do mundo, e agora tu queres arrastar-me de novo para ele... - Vai-te e deixa-me em paz!

Peyton não ia se dar por vencido tão facilmente.

- Acreditas que este mundo de ficção é melhor que a realidade? Não desejas escapar dele?

O homem riu novamente, mas sem sinal de alegria.

- Comarre é a realidade para mim. O mundo nunca me deu nada. Porque haveria de querer voltar para ele? Aqui encontrei a paz e isto é tudo que preciso.

Peyton girou sobre seus calcanhares e saiu do quarto. Viu que o homem se deitava de novo, com um suspiro de alívio. Deu-se conta de que havia sido derrotado. E agora soube porque havia desejado reanimar os outros. Não tinha sido por nenhum sentido de dever, mas por seu próprio objetivo egoísta. Tinha querido convencer-se de que Comarre era o mal. Agora sabia que não era assim. Sempre haveria alguém, mesmo em Utopia, para o qual o mundo não teria nada que oferecer, senão pesares e decepções. Com o passar do tempo, cada vez seriam menos. Nas idades obscuras de mil anos atrás, a maior parte da humanidade havia estado, de algum modo, não

adaptada. Por muito esplêndido que fosse o futuro do mundo, ainda haveriam algumas tragédias. Então, por que haveria de condenar Comarre, se oferecia aos desgraçados sua única esperança de paz? Não faria mais experiências. Sua sólida fé e sua confiança haviam sido gravemente afetadas. E os sonhadores de Comarre não lhe agradeceriam o trabalho que se propôs a fazer.

Voltou-se novamente para o Engenheiro. O desejo de abandonar a cidade havia se intensificado nos últimos minutos, mas o trabalho mais importante ainda estava por ser feito. Como de costume, o robô antecipou-se.

- Tenho o que tu queres. Segue-me por favor.

Ao contrário do que quase havia esperado, o Engenheiro não o conduziu novamente à sala das máquinas, com seu labirinto de equipamento de controle. No final do trajeto, acharam-se a uma maior altura do que Peyton já havia estado, em uma pequena sala circular, a qual, ele imaginou, estaria no topo da cidade. Não havia janelas, exceto se as curiosas placas na parede pudessem ficar transparentes por algum meio secreto. Era um estúdio e Peyton o olhou com veneração, ao compreender quem havia trabalhado nele há muitos séculos. As paredes estavam revestidas de antigos livros de texto que não haviam sido tocados durante quinhentos anos. Parecia como se Thordarsen tivesse saído dali poucas horas antes. Havia mesmo um circuito meio terminado, fixado em uma prancheta contra a parede.

- Quase parece como se o houvessem interrompido. - Disse Peyton, como se falando consigo mesmo.

- E assim foi.

- Que queres dizer? Não se reuniu com os demais quando terminou de construí-los?

Era difícil acreditar que não houvesse a menor emoção na resposta, mas o robô falou no mesmo tom frio em que havia falado até então.

- Quando nos terminou, Thordarsen ainda não se sentia satisfeito. Ele não era como os outros. Com frequência, nos dizia que havia encontrado a felicidade ao construir Comarre. Repetia de vez em quando que ia reunir-se aos demais, mas sempre surgia uma última melhoria que desejava fazer. E assim continuou, até um dia em que o encontramos caído aqui, nesta sala. Havia parado. A palavra que leio em tua mente é «morte», mas eu não tenho ideia do que isto significa.

Peyton guardou silêncio. Parecia-lhe que o final do grande cientista não foi sem nobreza. A amargura que o havia obscurecido sua vida, finalmente havia desaparecido dela. Havia conhecido o prazer da criação. De todos os artistas que tinham vindo para Comarre, ele era o maior. E seu trabalho não havia sido humano.

O robô deslizou em silêncio até uma mesa de aço e enfiou um dos seus tentáculos em uma caixa. Quando o tirou, sustentava um grosso volume encadernado com duas folhas de metal. Estendeu-o para Peyton sem dizer palavra e este o abriu com mãos trêmulas. Continha muitos milhares de páginas escritas em um papel fino mas muito resistente.

Na guarda, figuravam estas palavras, em nítidos caracteres :

Rolf Thordarsen

Notas sobre Sub-eletrônica

Iniciado: Dia 2, Mês 13, 2598

Abaixo, a escrita continuava, muito difícil de decifrar, pelo visto garranchava com uma pressa frenética. Ao lê-lo, Peyton compreendeu por fim, com a rapidez de uma aurora equatorial.

"A quem ler estas palavras:

Eu, Rolf Thordarsen, que não achei compreensão no meu tempo, envio esta mensagem ao futuro. Se Comarre ainda existe, terás visto minha obra e escapado das armadilhas que estendi para seres menos inteligentes. Por conseguinte, tu és a pessoa adequada para levar este conhecimento ao mundo. Entrega-o aos cientistas e diz-lhes que o empreguem com prudência.

Derrubei a barreira entre o homem e a máquina. Agora devem compartilhar o futuro como iguais."

Peyton leu várias vezes a mensagem e sentiu um crescente afeto por seu antepassado morto há tanto tempo. Era um plano brilhante. Desta maneira, e talvez de nenhuma outra, Thordarsen havia podido enviar sua mensagem com segurança ao longo dos séculos, sabendo que somente a receberiam mãos adequadas. Peyton se perguntou se Thordarsen já havia projetado isso ao reunir-se com os Decadentes, ou se havia concebido em um período mais avançado da sua vida. Nunca saberia a resposta.

Olhou novamente para o Engenheiro e pensou em como seria o mundo quando todos os robôs tivessem alcançado a consciência. E olhou ainda mais distante, na névoa do futuro. O robô não teria nenhuma das limitações do homem, nenhuma das suas lamentáveis fraquezas. Não deixaria nunca que as paixões nublassem sua lógica. Não seria nunca arrastado pelo egoísmo nem pela ambição. Seria um complemento para o homem. Peyton recordou as palavras de Thordarsen: «Agora devem compartilhar o futuro como iguais.» Peyton interrompeu seu sonho. Tudo isto, se chegasse a se realizar, demoraria séculos.

Voltou-se para o Engenheiro.

- Vou embora. Mas um dia voltarei.

O robô afastou-se lentamente.

- Fique absolutamente quieto. - ordenou-lhe.

Peyton olhou desconcertado para o Engenheiro. Então observou apressadamente o teto. Ali estava novamente aquela protuberância enigmática sob a qual havia estado quando entrou na cidade.

- Ei! - gritou – Não quero...

Demasiado tarde. Atrás dele estava a tela escura, ainda mais negra que a noite. Ante ele se expandia a clareira, com o bosque em sua margem. Era de tarde e o sol quase tocava as árvores.

Soou de súbito um gemido atrás dele: um assustado leão contemplava o bosque com incredulidade. Leo não havia gostado da transferência.

- Agora tudo terminou, velho amigo. - disse-lhe Peyton, em tom tranquilizador – Não podes censurá-los por quererem livrar-se de nós o mais rápido possível. Afinal de contas, causamos algumas confusões. Vamos, não quero passar a noite no bosque.

No outro lado do mundo, um grupo de cientistas se dispersava pacientemente, sem saber ainda a importância do seu triunfo. Na Torre Central, Richard Peyton II acabara de descobrir que seu filho não havia passado os dois últimos anos com seus primos na América do Sul e estava escrevendo um discursos de boas vindas para o filho pródigo.

Muito alto, sobre a Terra, o Conselho Mundial traçava planos que só seriam anulados pelo advento do Terceiro Renascimento. Mas o causador de todos aqueles trabalhos não sabia de nada disto e no momento pouco lhe importava.

Peyton desceu pausadamente os degraus de mármore da misteriosa entrada que continuava sendo um segredo para ele. Leo o seguia a pouca distância, olhando por cima do ombro e grunhindo em voz baixa de vez em quando. Juntos, empreenderam o regresso pela estrada metálica e a avenida flanqueada por pequenas árvores. Peyton se alegrou de que o sol ainda não se tivesse posto. À noite, este caminho resplandeceria de radioatividade interna e as árvores retorcidas não teriam silhuetas agradáveis contra o céu crivado de estrelas.

Deteve-se um momento na curva da estrada para contemplar a parede curva de metal com sua única abertura negra tão enganadora à vista. Todo seu sentimento de triunfo pareceu desvanecer-se. Sabia que enquanto vivesse, nunca poderia esquecer o que havia atrás daqueles imponentes muros: a doce promessa de paz e infinita felicidade.

No fundo da sua alma, temia que qualquer satisfação, qualquer avanço que pudessem oferecer o mundo exterior, não seria nada em comparação com a bem aventurança gratuita que Comarre presenteava. Por um instante se viu, como em um pesadelo, voltando velho e doente por esta estrada, em busca do esquecimento. Mas encolheu os ombros e afastou esta ideia da mente.

Assim que saiu do planalto, recobrou rapidamente o ânimo. Abriu novamente o precioso livro e folheou suas páginas micro-impressas, embriagado pelas promessas que continha. Fazia séculos que lentas caravanas haviam passado por este caminho, trazendo ouro e marfim para Salomão o Sábio. Mas todos aqueles tesouros não eram nada em comparação com este simples livro. E toda a sabedoria de Salomão não teria podido imaginar a nova civilização da qual esta obra seria a semente.

Peyton começou a cantar, coisa que raras vezes fazia e terrivelmente mal. A canção era muito antiga, tão antiga que procedia de uma era anterior à energia atômica, anterior às viagens interplanetárias e mesmo ao advento da aviação. Se referia ao um certo barbeiro de uma cidade desconhecida chamada Sevilha.

Leo ficou em silêncio todo o tempo que foi possível. Depois, também começou a cantar. O dueto foi um fracasso.

Quando se fez noite, o bosque e todos seus segredos se ocultaram atrás do horizonte. Peyton dormiu bem, voltado para as estrelas e com Leo vigiando ao seu lado.

E desta vez não sonhou.

No Mar de Ouro

On Golden Sea, 1987. Omni.

Não estou certo se este deveria ser considerado um conto ou um artigo inventado. Vou conceder-lhe o benefício da dúvida e assim poderei utilizá-lo para terminar esta antologia. Escrevi-o como reação à montanha de literatura que havia lido sobre a “Iniciativa de Defesa Estratégica” (apelidada, para desgosto de George Lucas, como Guerra nas Estrelas), desde que o presidente Reagan a anunciou em seu famoso discurso de março de 1983. Quanto mais estudava este tema incrivelmente complexo (e deprimente), tão mais confuso eu me sentia, até que afinal decidi que só havia uma forma de tratá-lo: a que utilizo em “No Mar de Ouro”

Foi também uma resposta a um discurso ulterior do presidente Reagan, no qual, para meu regozijo algo mortificado, fui usado em favor do seu projeto predileto ao atribuir-me este dito: «Cada nova ideia passa por três fases. Primeira: É uma loucura; não me faça perder tempo. Segunda: É possível, mas não vale a pena. Terceira: Já disse desde o princípio que era uma boa ideia!» (Sei quem deu esta munição ao presidente: continue a ler...)

“No Mar de Ouro”, que a princípio eu havia intitulado “Iniciativa de Defesa do Orçamento: Uma Breve História”, teve um recorde de publicação incrível. Apareceu pela primeira vez em um jornal de circulação um tanto minoritária: o número de agosto de 1986 de Newsletter, da Junta de Ciência de Defesa do Pentágono, que com certeza vocês não encontrarão na livraria do seu bairro.

A pessoa responsável por esta peça de desinformação de alto nível foi, em 1943, um jovem graduado no Instituto Tecnológico de Massachusetts, que trabalhava no Ground Control Approach Team (veja-se minha única novela que não é de ficção científica, “Clide Path”, mas que teria sido ficção científica se houvesse sido publicada vinte anos antes). Meu colega durante a guerra, Vert Fowler, havia sido promovido, convertendo-se no Doutor Charles A. Fowler, vice-presidente da Mitre Corporation e presidente da Defense Science Board. Apesar dessas responsabilidades, não havia perdido o senso de humor. Quando lhe enviei minha pequena sátira, ele achou que ela alegraria as vidas insípidas dos rapazes da Iniciativa de Defesa Estratégica, até então somente interrompidas por ocasionais raios laser e por explosões de poucos megatons. Em todo caso, deu resultado.

No ano seguinte, no número de maio de 1987, a revista OMNI apresentou a obra a um público bastante numeroso e o conselheiro de ciências da Casa Branca, Doutor George(Jay) A. Keyworth II, foi bombardeado com cópias por todos seus amigos, os quais, por alguma razão obscura, acharam que poderia interessar-lhe...

Por fim nos conhecemos no mês de julho de 1988, no Johns Hopkins Medical Center, de Baltimore, ao qual Jay, para minha profunda gratidão, havia patrocinado minha admissão. Também devo meus agradecimentos ao Doutor Daniel Drachman, diretor da unidade neuromuscular da Johns Hopkins School of Medicine e aos seus

valiosos colegas, por me animarem com a notícia de que meu problema não era a doença de Lou Gehring, mas a bastante menos ameaçadora Síndrome do Pós Pólio. Ainda espero chegar a 2001 em boa forma.

Se voltarei a escrever mais contos reais? Realmente não sei. Não tenho tido vontade de fazê-lo durante mais de uma década e considero que “Encontro com Medusa” é um canto do cisne bastante bom. O certo é que vou estar ocupado durante os próximos anos, com uma trilogia “Rama” muito ambiciosa, com meu colaborador de berço, Gentry Lee e com uma novela própria, cujo título atual é “The Ghost of the Grand Banks”.

Em todo caso, ainda não me creio merecedor do descarado comentário que apareceu recentemente em um ensaio, deplorando o triste estado da moderna ficção científica «desses famosos não-mortos, Clark e Asimov».

Inútil dizer que enviei isto, de bom grado, ao meu amigo transilvano, com este comentário: “Bem, isto é muito melhor que a alternativa”.

Tenho certeza de que o Bom Doutor estará de acordo.

Contra o que opinam muitos dos chamados experts, hoje é inquestionável que a controvertida *Iniciativa de Defesa do Orçamento* da presidenta Kennedy foi uma ideia inteiramente sua e que seu famoso discurso «Cruz do Bem» surpreendeu tanto ao OMB e ao secretário do Tesouro, como a todos os demais. O assessor científico presidencial, Doutor George Keystone («Cops», para os amigos) foi o primeiro a inteirar-se dele. A Senhora Kennedy, grande leitora de ficção histórica, do passado e do futuro, tropeçou com uma obscura novela sobre o Quinto Centenário, na qual se dizia que a água do mar contém consideráveis quantidades de ouro. Com intuição feminina (assim disseram mais tarde seus inimigos), a presidenta viu imediatamente a solução de um dos problemas mais prementes da sua administração.

Era a última de uma longa lista de chefes do executivo que se haviam horrorizado com o progressivo e inexorável déficit orçamentário e duas notícias recentes haviam exacerbado sua preocupação. A primeira era o anúncio de que no ano de 2010 cada cidadão dos Estados Unidos nasceria com um milhão de dólares de dívida. A outra era a difundida informação de que a moeda mais forte do mundo livre era agora o bilhete do metrô de Nova York.

- George, - disse a presidenta – é verdade que há ouro na água do mar? E se assim for, podemos extraí-lo?

O Doutor Keystone prometeu-lhe uma resposta para dali a uma hora. Embora nunca houvesse conseguido que as pessoas se esquecessem de que sua tese doutoral havia versado sobre a um tanto estranha vida sexual do trivit da Patagônia (que, como havia sido dito inúmeras vezes, somente podia interessar a outro trivit patagônio), era sumamente respeitado, tanto em Washington como nos meios acadêmicos. Esta façanha se devia, em grande parte, a que era o expert em computadores mais rápido do Leste. Depois de consultar durante menos de vinte minutos os bancos de dados globais, havia obtido toda a informação de que necessitava a presidenta.

Esta ficou surpresa e até um pouco mortificada, ao descobrir que sua ideia não era original. Já em 1925, o grande cientista alemão Fritz Haber havia tentado pagar as enormes indenizações de guerra impostas à Alemanha, extraindo ouro da água do mar. O projeto havia fracassado, mas, como assinalou o Doutor Keystone, a tecnologia química havia progredido em proporção geométrica desde os tempos de Haber.

E, se os Estados Unidos podiam ir à Lua, por que não poderiam extrair ouro do mar...?

O anúncio da presidenta, de que havia fundado a *Organização para a Iniciativa de Defesa do Orçamento (OIDP)* provocou imediatamente uma enorme quantidade de avalanches de críticas. Apesar dos numerosos requerimentos de Ian Fleming, os meios de difusão apelidaram imediatamente de "Doutor Goldfinger" ao conselheiro de ciências da presidenta e Shirley Bassey saiu do seu retiro com uma nova versão da sua canção mais famosa.

As reações à *"Iniciativa de Defesa do Orçamento"* se dividiram em três categorias principais, que por sua vez dividiram a comunidade científica em grupos terrivelmente belicosos. Primeiro estavam os entusiastas, certos de que a ideia era maravilhosa. Depois os céticos, que argumentavam que era tecnicamente impossível, ou no mínimo tão difícil que o custo superaria o rendimento. E, por último, os que acreditavam que era realmente possível, mas que seria uma má ideia.

Talvez o mais conhecido dos entusiastas fosse o famoso Doutor Raven, do Laboratório *Nevermore*, força impulsora do *"Projeto Excelsior"*. Embora os detalhes fossem absolutamente secretos, sabia-se que a tecnologia incluía a utilização de bombas de hidrogênio para evaporar grandes quantidades de oceano, deixando todo o minério (incluindo o ouro) pronto para seu ulterior processamento.

Inútil dizer que muitos criticavam duramente o projeto, mas o Doutor Raven podia defendê-lo por trás da cortina de fumaça do segredo. Aos que se lamentavam: "O ouro não ficará radioativo?", respondia-lhes alegremente: «E daí? Assim será mais difícil roubá-lo. Além disso, estará enterrado nas câmaras encouraçadas dos bancos, assim pouco importará que seja radioativo.» Mas, talvez seu argumento mais contundente era que se conseguiria um produto derivado do *"Excelsior"*: vários milhões de toneladas de pescado, fervidos no mesmo instante, para alimentar as multidões que morriam de fome no Terceiro Mundo.

Outro surpreendente defensor da *"IDP"* foi o prefeito de Nova York. Ao inteirar-se de que se calculava que o peso total do ouro do oceano era de cinco bilhões de toneladas, no mínimo, o polêmico Fidel Block proclamou: «Pelo menos nossa grande cidade terá as ruas pavimentadas de ouro!». Seus numerosos críticos sugeriram que começasse pelas calçadas, para que os desventurados nova-iorquinos deixassem de desaparecer nas profundezas insondáveis.

As críticas mais amargas foram as da *"União de Economistas Preocupados"*, que informaram que a *"IDP"* poderia ter consequências desastrosas. A menos que se controlasse minunciosamente, a injeção de ouro em grandes quantidades teria efeitos devastadores sobre o sistema monetário mundial. Algo parecido ao pânico já havia afetado o comércio internacional de joalheria; as vendas de alianças de casamento haviam descido a zero, depois do discurso da presidenta.

Mas os protestos mais ruidosos procediam de Moscou. Ante a acusação de que a *"IDP"* era um sutil complô capitalista, o secretário do Tesouro havia replicado, dizendo que a URSS já tinha a maior parte do ouro do mundo em suas caixas fortes, pelo que suas objeções eram simplesmente hipócritas. Ainda estavam discutindo a lógica desta resposta, quando a presidenta aumentou a confusão. Surpreendeu a todo mundo ao anunciar que, quando se houvesse aperfeiçoado a tecnologia da *"IDP"*, os Estados Unidos a compartilharia de bom grado com a União Soviética. Ninguém acreditou.

Havia apenas uma organização profissional que não se inclinara pró ou contra a *"IDP"* (ou, em alguns casos, tanto em um sentido como em outro). Os advogados da

"Direito Internacional" suscitaram um problema que a presidenta havia passado por alto: Quem era realmente dono do ouro do oceano? Cabia aqui presumir que todos os países reclamariam como seu, o conteúdo da água do mar, dentro do limite de duzentas milhas da Zona Econômica. Mas como as correntes marinhas agitavam continuamente este enorme volume de líquido, o ouro não ficaria quieto no mesmo lugar. Em resumo: uma só usina de extração, em qualquer lugar dos oceanos do mundo, poderia levá-lo todo... sem levar em conta as reclamações nacionais. Que pensava fazer os Estados Unidos a respeito? Só brotaram uns débeis rumores de espanto na Casa Branca.

Uma pessoa a que não preocupavam essas críticas – nem nenhuma outras – era o capacitado e ubíquo diretor da "IDP". O General Isaacson havia conseguido uma extraordinária e merecida fama como consertador de erros do Pentágono. Talvez sua façanha mais celebrada tenha sido a desarticulação do sinistro círculo, controlado pela máfia, que havia tentado monopolizar um dos produtos mais lucrativos dos Estados Unidos: os inumeráveis bilhões de rolos de papel higiênico para o serviço militar. Foi este general quem reuniu os meios de difusão e informou sobre o funcionamento da ainda incipiente tecnologia da "IDP". Seu oferecimento de prendedores de gravatas de ouro – bem, chapeados a ouro – a jornalistas e repórteres de televisão foi um golpe genial aclamado por todos. Só depois de ter publicado seus prolixos artigos, foi que se deram conta, os representantes da imprensa, de que o astuto general nunca havia dito que o ouro procedesse realmente do mar. Mas então já era demasiado tarde para retificações.

Atualmente, quatro anos após o discurso da presidenta e ainda dentro do primeiro ano do seu segundo mandato, é impossível predizer o futuro da "IDP". O General Isaacson enviou ao mar uma grande plataforma flutuante que, segundo informou o Newsweek, parecia-se com um porta-aviões que tentava fazer amor com uma refinaria de petróleo.

O Doutor Keystone, alegando que havia terminado com êxito seu trabalho, demitiu-se para ir em busca do mair trivit patagão.

Mas a maior ameaça, segundo revelaram os satélites de reconhecimento dos Estados Unidos, é que a União Soviética está construindo enormes e perfeitos encanamentos em pontos estratégicos da sua costa.